

3 1761 05340108 9



Sousa Viterbo

C E M

ARTIGOS DE JORNAL

insertos no Diario de Noticias de Lisboa
e pela empresa deste jornal publicados em homenagem
ao seu extinto colaborador

COM

UM PREFACIO



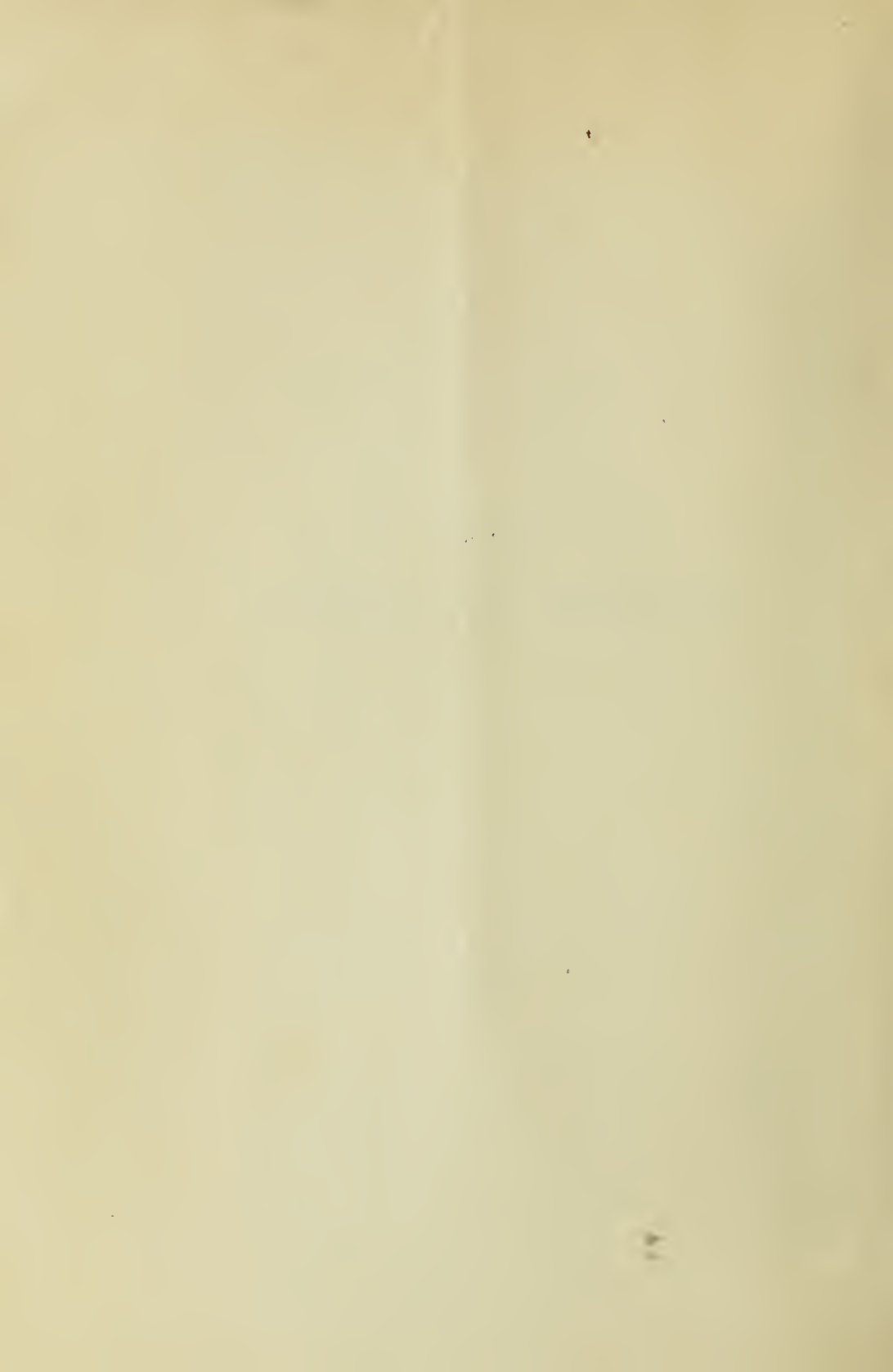
LISBOA

TIPOGRAFIA UNIVERSAL
RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 110
1912



CEM

ARTIGOS DE JORNAL



Sousa Viterbo

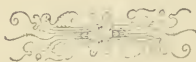
CEM

ARTIGOS DE JORNAL

insertos no Diário de Notícias de Lisboa
e pela empresa deste jornal publicados em homenagem
ao seu extinto colaborador

COM

UM PREFACIO



LISBOA

—
TIPOGRAFIA UNIVERSAL
RUA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 110
1912

AC
75
S65

PREFACIO

O presente volume representa o cumprimento, por parte da empresa do *Diario de Noticias*, de uma promessa feita, por intermédio do director deste jornal, ao pronunciar, na sessão solene da Associação dos Arqueólogos Portugueses, realisada em 31 de dezembro de 1911, o *Elogio* do Dr. Sousa Viterbo.

Neste livro coligiram-se cem artigos modelares, que, segundo ali então disse quem subscreve as linhas que a seguir se reproduzem, «a piedade filial escolheu e reuniu para um volume que constituirá a homenagem especial do *Diario de Noticias* ao seu colaborador extinto.»

No *Elogio* referido uma parte ha em que Sousa Viterbo é apreciado como jornalista e escritor de propaganda das melhores doutrinas sociais.

Não se afigurou descabido reeditar agora aqui esses trechos que mais particularmente dizem respeito á acção que êle exerceu na imprensa periódica portugueza por meio da sua colaboração preciosa no *Diario de Noticias*, em cujas colunas se encontra a sua principal e mais importante obra de jornalista.

Tambem se julgou não ser descabido arquivar neste livro, ainda como nova homenagem a quem de todas era merecedor, o artigo editorial por aquella folha publicado em 30 de dezembro de 1910, referente á morte de Viterbo, occorrida na vespera, e no qual se procurou exprimir a grandeza da lacuna que a sua morte abria no corpo de redacção do *Diario de Noticias* e a profundeza da saudade que deixava em quantos com êle lidaram nos trabalhos daquele jornal.

Trechos do «Elogio» de Sousa Viterbo

*Lido na sessão solene da Associação dos Arqueólogos Portugueses
em 31 de dezembro de 1911*

.....

Sob o tríptico aspecto do poeta, do erudito e do filósofo, ou, por outras palavras, do artista, do investigador e do crítico, deve apreciar-se a individualidade literária de Sousa Viterbo.

A semelhança das funções que na decomposição do espectro solar exercem as facetas dum prisma de cristal conjugadas na mesma acção analítica da luz, também em Viterbo se conjugavam e correlacionavam aquelas três faces distintas do seu talento. De modo tal que, ao analisarem-se-lhe as fulgurações multiformes, reconhece-se que o poeta nunca deixou de doirar, com os revêrberos da sua fantasia, as investigações do erudito ou os raciocínios do filósofo, o artista sempre deu relêvo e colorido ás evocações do historiador e aos juizos do crítico, da mesma forma que, paralelamente, o crítico e o historiador valorizavam os reptos do artista e do poeta com a opulencia dos seus conceitos e a riqueza da sua illustração.

A proficua aliança das frivolidades da poesia com as graves cogitações da sciência já a preconizara o Dr. Antonio Ferreira nos conhecidos versos que tantos outros doutores invocam para desculpa e remissão das suas fragilidades líricas. Camões foi, no seu tempo, um espirito enciclopédico, o que não o impediu de ser simultaneamente o máximo poeta português quer no idílio quer na epopeia, e não sei em que mais admire Garrett ou Herculano, se nas evocações históricas do *Arco de Sant'Anna* ou das *Lendas e Narrativas*, se na *Lyrica de João Minimo* ou na *Harpa do Crente*.

Sousa Viterbo pertencia também a essa privilegiada classe de poetas eruditos e de artistas-filósofos em quem as musas, a sciência e a razão serena coexistem e se harmonizam em perfeito equilibrio de influencia reciproca.

Por isso o idealista ingénuo e crente do *Anjo do Pudor* é tão admirável como o paciente e sábio autor dos *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos seculos XVI e XVII*; o delicado lírico das *Rosas e Nuvens* é o digno émulo do biógrafo de Sá de Miranda ou de Fr. Bartolomeu Ferreira; e o cantor apaixonado das *Harmonias Phantasticas* ombrêia com o propagandista das melhores doutrinas sociais e com o meticoloso decifrador de tantos intrincados problemas de litteratura e de arte.

Nem, sem esse envólucro policromo da poesia e da imaginação que dá aos quadros da história ou da lenda frescura e brilho semelhantes aos que ainda hoje nos deslumbram nos vitrais, nas faianças e nos esmaltes dos séculos áureos, se traçavam páginas palpitantes de vida como as do *Bôbo* e do *Alfageme de Santarem*, ou, voltando áquele de quem falo, como as do *Abadessualo de Lorrão* e das *Judiarias e Mourarias* de Lisboa.

.....

É principalmente em artigos jornalísticos — e nomeadamente na colaboração assídua, durante largos anos, nos editoriais do *Diario de Noticias* — artigos que, reunidos em volumes, formariam um vasto corpo de doutrina do melhor e

mais salutar apostolado — que se encontra a obra do evangelizador e do propagandista. Era ali que êle sem cessar lançava em milhares de cérebros as sementes e os incentivos de tanta aspiração legítima, de tanto ideal generoso, de tanta reivindicação justa.

E, se algum motivo de orgulho devesse ter quem dirigiu ou dirige ainda o periódico onde Sousa Viterbo durante mais de vinte anos cooperou quasi quotidianamente, é o de haver sempre reconhecido que sôbre tantos problemas sociais e tantas questões de interesse geral, nunca o jornal e o jornalista se acharam em conflito de idéas, em antagonismo de convicções ou em desacordo de processos.

Havendo lidado intimamente com Eduardo Coelho na comissão, a que ambos pertenciam, organizadora da Exposição de Arte Ornamental, que em 1880 se realisou em Lisboa e para cujo brilhante êxito ambos poderosamente concorreram, o falecido e glorioso fundador do *Diario de Noticias* teve então ensejo de conhecer de perto o seu compauheiro de trabalho. Tauto na escolha, classificação e colocação dos objectos expostos, como na elaboração de uma importante parte do respectivo catálogo, revelara-se este um profundo conhecedor da matéria.

Convidado nessa época para colaborar no *Diario de Noticias*, veio a ocupar, por morte de Eduardo Coelho, o logar de redactor efectivo dos editoriais daquelle jornal. E pode dizer-se que, á excepção das crónicas de especialidades e dos artigos que, pela natureza do assunto, deviam exprimir a orientação da folha em questões da exclusiva competência da sua direcção, todos os demais, desde meados de 1889, foram devidos á pena de Sousa Viterbo.

Sempre estranho á política — e não direi divorciado, porque nunca se consorciou com ela, nem mesmo quando escrevia em periódicos políticos — considerava o parlamento e a imprensa partidária *duas epidemias* e cuidadosamente evitou portanto deixar-se contagiar por tais morbos. Mas, em compensação, todos os graves problemas de maior interesse público, quer de educação e pedagogia, quer de literatura, de arte e de sciência, quer de carácter económico e social, foram por êle versados com tanto critério e bom senso, como correecção e delicado lavor de fôrma.

Moderado nas apreciações, claro e límpido no raciocínio, primoroso no estílo despido de enfáticos reflexos, uma ou outra vez servindo-se da ironia para castigar defeitos ou corrigir ridículos, Sousa Viterbo era no jornalismo a que deram o nome de *incolor* — porque não se tingia com as côres adoptadas como distintivo, mais de pessoas do que de princípios, de qualquer corifeu político — *the right man in the right place*.

As reivindicações do operariado e do povo trabalhador, a protecção á infancia indigente e á velhice desamparada, as aspirações do feminismo, o valor e o papel social da mulher, a missão do professor e do educador, os deveres do parlamento e dos outros altos poderes do Estado, a hygiene e a estética da habitação rural e urbana, a defeza contra os vandalismos que victimam os nossos monumentos e obras de arte, todos esses assuntos de boa e sã política nacional e patriótica lhe inspiraram artigos modelares, muitos dos quais a piedade filial escolheu e reuniu para um volume que constituirá a homenagem especial do *Diario de Noticias* ao seu ilustre colaborador extinto.

Escrevendo acerca de José Agostinho de Macedo e da classificação por este feita das várias espécies de pateada, Sousa Viterbo notava que o mordaz es-

critor era uma natureza essencialmente *pateante*. Pateara Camões e Bocage e ao escrever a fisiologia das pateadas, aconselhava o publico a applica-las resolutivo.

O contrario poderia dizer-se do benévolo critico e do bondoso jornalista que foi Sousa Viterbo, cuja natureza, ao envés da do atrabiliário egresso, era essencialmente passa-culpas e *palmeante*, se me é permitido dar a réplica ao epíteto que elle applicou ao implacável detractor dos *Lusiadas*.

ALFREDO DA CUNHA.

Artigo editorial do «Diario de Noticias» de 30 de Dezembro de 1910

Morreu Sousa Viterbo!

Que dor pungente e que saudade indizível exprimem para uós estas tres palavras!

Extinguiu-se para sempre o nosso companheiro de tantos annos, um dos mais antigos, dos mais queridos e dos mais activos redactores d'este jornal, aquelle que n'este mesmo logar tão frequentemente fazia scintillar o brilho do seu talento e a magia da sua penna. Medico, poeta, archeologo, historiador, espirito de extrema lucidez e alma da mais crystallina transparencia, poucos teem deixado atrás de si rasto de mais honesto e valioso labor. Ninguem preencheu melhor, com mais probidade, com mais escrupulo, com mais patriotismo, a sua missão na terra.

Seminarista primeiro, medico depois, investigador incansavel n'uma aueia progressiva para a luz da alma, porque a do corpo ha annos se lhe sumira, a sua obra é tão vasta, que custa a acreditar que pertença a um só homem. Não ha um só conhecimento humano que a sua excepcional cerebração não tivesse versado. São d'isso testemunho os artigos editoriaes do *Diario de Noticias*, n'uma importante maioria escriptos por elle. Encyclopedico em sciencia, simples na maneira de expôr, vernaculo na fórma, equilibrado no criterio, cortez na discussão, fazia parte d'essa pleiade de jornalistas e de escriptores de ontem, que cada dia rareiam mais.

N'estes ultimos annos, além da cegueira que lhe cerrara para sempre as visões mais carinhosas, o excesso do trabalho, a que se entregava ainda mais por devoção que por obrigação, aggravara-lhe outras doenças que lhe não permitiam sair de casa, e quasi apenas lhe consentiam transitar da cama para uma poltrona. Mas, se a enfermidade lhe alquebrara o corpo, a alma continuava joven e ardente, entusiastica e generosa. Ler as suas doutrinas dava-nos a illusão de que o cerebro que as concebera e a penna que as explauara eram a de um rapaz no florir da idade, a de um crente que nenhuma contrariedade desiludira.

Francisco Marques de Sousa Viterbo nasceu no Porto a 29 de dezembro de 1845. Passava ontem, portanto, — dia da sua morte — o seu anniversario natalicio! Oriundo de familia modesta, mas honrada, tinham-n'o destinado primeiro para a vida ecclesiastica. Concluiu o curso do seminario, porque o estudo para elle era o maior dos prazeres, sem que, todavia, se lhe modificasse a vocação,

muito differente dos ascetismos e das exigencias theologicas. A sua aspiração constante voltava-se para os problemas da sciencia e da arte, para o que ellas possuem de mais sublime, de mais util e mais seductor para a humanidade. Em 1876 obtinha o seu diploma de medico pela Escola de Lisboa. Serviu por algum tempo na armada, mas ainda ahí não attingira o seu ideal, o sonho apenas esboçado de toda a sua existencia.

Trocou o logar de facultativo pelo de professor de archeologia na Academia de Bellas-Artes. Alcançara o seu objectivo e nelle se celebrou em Portugal e no estrangeiro. Antes de entrar no campo que sempre o seduzira, estreitou-se no Porto como jornalista e como poeta. Na primeira d'essas occupações era tão brilhante e pundonoroso, que as suas doutrinas fizeram escola, e morreu, como soldado na brecha, escrevendo quasi até o ultimo dia da sua existencia.

Como poeta, a sua obra é sentida, inspirada, revelando um estro subtil e delicado.

Não nos é possivel citar de memoria em quantos jornaes collaborou, quantos dirigiu! Era, por assim dizer, esmiuçar o maior numero das folhas periodicas, litterarias, politicas e scientificas de Lisboa e Porto. Depois de volitar de um para outro jornal, assentou os seus arraiaes no *Diario de Noticias*, d'onde nunca mais saiu e onde deixa um vacuo que enluta os corações de todos nós.

A sua tenacidade de investigador estonteia os mais estudiosos e obstinados. Em se lhe apresentando um problema a resolver, por mais intrincado e difficil que fosse, Sousa Viterbo não o abandonava sem o escalpelizar, sem pôr em evidencia toda a verdade. N'esse ponto não se sabe que mais admirar, se a sua paciencia, se a sua erudição. Antes de o patentear ao publico, antes de lhe permittir que corresse mundo, exauria-o em todas as suas phases, desde a origem, da genese, até a conclusão, até o derradeiro argumento.

Em 1906 a Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, tendo á sua frente o presidente sr. Augusto José da Cunha, prestou a Sousa Viterbo uma justissima homenagem. Foi a sua casa entregar-lhe, depois da leitura de uma mensagem honrosissima, a medalha de prata que essa mesma Associação resolvera conferir-lhe pelos serviços prestados á archeologia e á historia da architectura. A este preito associaram-se outras corporações, como a Escola de Bellas-Artes, a Sociedade das Sciencias Medicas, etc.

Finou-se, desapareceu para sempre tão alto espirito, tão illustre sabio, tão leal companheiro, extremo e exemplar chefe de familia, e ao escrevermos estas palavras no mesmo logar de honra deste jornal onde tantas vezes lemos com admiração e enlevo os seus artigos magistraes, sentimos a garganta estrangulada pela mais dolorosa commoção.

As nossas mais respeitosas e sinceras condolencias a sua amavel esposa, a cujos extremos de dedicação ainda ante-ontem lhe ouvimos a elle fazer as mais agradecidas referencias, e áquella que foi o encanto de toda a sua vida, á sr.^a D. Sophia de Sousa Viterbo, a qual para o queridissimo morto não foi só uma filha cheia de carinhos e disvellos, mas ainda uma collaboradora prestimosissima e uma secretaria, que ficará como um symbolo de inexcedivel amor filial.



ARTIGOS SOBRE ARTE



A arte portugueza e as suas manifestações historicas e patrioticas

E' a arte uma das fórmãs mais bellas e apropriadas para perpetuar, para menemonisar por assim dizer, os factos historicos de um povo. Esta proposição é tão axiomática, que não precisa de demonstração comprovativa. Os nossos maiores assim o comprehenderam, mas de uma maneira um pouco vaga, em harmonia com as ideias predominantes, isto é, obedecendo constantemente ao influxo religioso.

Um dos feitos mais notaveis da nossa historia é, sem duvida, a batalha de Aljubarrota, porque é d'este dia memoravel que data o inicio da nossa actividade conquistadora. Os soldados que colheram os louros da victoria em 14 de agosto de 1385, fôram os mesmos que levaram de assalto as muralhas de Ceuta. E' d'esse tronco heroico que se formou a raça audaciosa dos fronteiros de Africa, dos cruzadores do Oceano, dos conquistadores do Oriente.

A batalha de Aljubarrota teve o seu monumento, mas de um character absolutamente religioso. Quem entra no grandioso templo gothico, no qual collaborou o talento architectonico de Matheus Fernandes, sente uma commoção profunda e adivinha que um pensamento sublime, uma ideia cavalheirosa, presidiu áquella composição de uma singeleza e de uma severidade épica. Observa-se, comprehende-se desde logo, que Deus e a patria fôram os dois obreiros espirituaes d'aquella obra magnifica, mas não ha pormenor que indique de um modo directo e positivo a natureza especial do voto. Em parte nenhuma, nem sequer no tumulo do fundador, encontrareis gravado algum dos episodios da grande e redemptora batalha. Foi um esque-

cimento do artista, esquecimento talvez voluntario, porque o pensamento divino absorvia completamente toda a recordação profana.

As considerações que acabamos de fazer ácerca da Batalha podem-se applicar, da mesma fórma, a Belem. Um dia Edgar Quinet, o brilhante estylista francez, entrando na sumptuosa egreja manuelina, imaginou que estava n'um navio de pedra, prompto, com os seus mastros e com os seus galhardetes, à fazer a viagem dos mundos desconhecidos. Effectivamente, a nave do templo, com as suas columnas tão elegantes, como que nos transporta a imaginação ás paragens orientaes. Mas não soubesse primitivamente Edgar Quinet qual tinha sido o motivo da fundação, e a sua phantasia não teria pensado na nau de Vasco da Gama, nem na descoberta da India.

D. Manuel não era, porém, desambicioso de gloria, e por mais de um modo procurou perpetuar a fama do seu reinado. A embaixada enviada a Leão x era uma amostra dos esplendores do Oriente, e uma demonstração magnificente do nosso poderio. O nome portuguez voava então de bôca em bôca, n'uma tradição entusiastica, por todas as côrtes da Europa. D. Manuel tinha o sangue de um principe florentino e como representante genuino da renascença amava as manifestações da arte. O descobrimento da India não ficou sómente assignalado nos arrendilhados calcareos de Belem; pelo menos ha mais dois outros monumentos artisticos, que o commemoram.

Um existe ainda; é a celebre custodia dos Jeronymos, obra insigne do ourives Gil Vicente. Outro perden-se, devorado talvez pelo incendio do terremoto: era a tapeçaria em que estava representada a empreza de Vasco da Gama.

Não tivemos a felicidade da cathedral de Bayeux, que ainda hoje possui os celebres tapetes bordados, em que está delineada a conquista de Inglaterra, pelos normandos.

Nem a pintura nem a esculptura nacional se tem inspirado como fóra para desejar, nos actos do nosso heroismo e por isso a nossa historia não é conhecida lá fóra nem apreciada com o entusiasmo que merece. Confiamos demais nos *Lusiadas*, mas os *Lusiadas* não traduzem as coisas graphicamente, de um modo palpavel, por assim dizer. A Hollanda não possui um poema épico que possa rivalisar com o do nosso sublime cantor, mas em compensação a sua historia está mais generalisada, graças aos trabalhos dos seus artistas eminentes. E citamos de preferencia a Hollanda, porque é o paiz que mais proporcionalmente se póde comparar connosco.

Quando compulsâmos por exemplo, a historia metallica da Hollanda, sentimos um certo pezar de não podermos rivalisarmos com ella

sob este ponto de vista, quando é certo que tínhamos muito que oppôr ás victorias que ella alcançou sobre nossas armas. A guerra do Brasil foi materia inexgottavel para os seus gravadores. Ha uma porção de medalhas commemorativas das suas proezas bellicosas, ao passo que os nossos feitos jazem no escuro. Durou uns poucos de annos essa lucta tenassissima e se por vezes fomos vencidos, a victoria definitiva foi nossa, porque o dominio hollandez nas terras de Santa Cruz foi completamente aniquilado.

A mesma coisa se dá com as contendias que tivemos com os francezes nas mesmas paragens. Elles fôram os vencidos em toda a parte e afinal são elles os que apparecem triumphadores. A conquista do Rio de Janeiro foi transmittida pela gravurá, mas ninguem se lembrou de apresentar o reverso da medalha; a sua reconquista pelos portuguezes.

A França orgulha-se, e com razão, da sua soberba galeria de Versailles, vasto museu ao mesmo tempo artistico e militar, e o portuguez que percorre aquellas esplendidas salas, não deixa de estremecer, quando vê, por exemplo, a esquadra do almirante Roussin forçando a barra de Lisboa.

Conhecem a fabula do leão vencido pelos homens. E' exactamente o caso. Fôssemos nós os pintores e o quadro diria a quem caberia de justiça a corôa dos laureis.

15-12-1890.

Galerias de pintura em Lisboa

DAMIÃO DE GOES

Damião de Goes foi uma das individualidades mais caracteristicas, que produziu o movimento litterario e artistico do seculo XVI em Portugal. Historiador distinctissimo, escriptor aprimorado, musico notavel, o chronista de D. Manuel era digno de emparelhar com as personagens mais em voga do seu tempo. As suas viagens, os seus talentos pozeram n'õ em communicacão intima com alguns dos mais eminentes espiritos da época, que exerciam extraordinaria influencia moral em toda a Europa. As suas relações com Melancthon e outros sectarios do lutheranismo demonstram-nos qual seria a natureza dos seus affectos, e é muito de crêr que elle, se não viesse, a instancias de D. João III, residir para Portugal, seguisse abertamente o movimento da Reforma. Estas circumstancias contribuíram notavelmente para se tornar suspeito ao fanatismo portuguez, e fõram pretexto á sua condemnação inquisitorial. Quem ler attentamente as peças do processo não deixará todavia de pensar como nós que as doutrinas heterodoxas attribuidas a Damião de Goes fõram apenas a mascara com que se encobriu algum trama ou vingança pessoal.

Lopes de Mendonça escreveu um estudo sobre o grande escriptor, servindo-lhe de base o processo, mas não aproveitou tudo convenientemente e deixou escapar alguns pormenores curiosos, que não só illustram a vida de Damião de Goes mas são um subsidio interessantissimo para a historia dos costumes e do movimento artistico da época.

Damião de Goes não era só um homem de letras, um polygrapho, um humanista em toda a extensão da palavra: era tambem um artista. Verdadeiro senhor de Renascença, tinha o gosto apurado para o culto do bello, qualquer que fõsse a sua manifestação esthetica. A sua residencia em Lisboa, nos paços do castello, era uma estalagem, como elle proprio confessou perante o Santo Officio, onde eram recebidos familiarmente os estrangeiros que vinham de fóra e os que residiam em Lisboa, principalmente flamengos. Amigo da boa mesa, banqueteara-os frequentemente, fazia-lhes *bonavira*, e depois de comer cantavam missas e motetes compostos em canto d'orçãõ, o que,

post prandium, não era por certo das musicas mais apropriadas. E' de crêr, porém, que alguma canção profana se misturasse com os canticos religiosos. Dos commensaes que mais frequentavam a casa e assistiam aos concertos, merece a pena mencionar mestre Jacques, francez, que fazia oculos, um Erasmo, flamengo, e o padre Pero Gil, que se fazia acompanhar de um sobrinho, todos elles musicos.

Para mostrar quanto era afamada a hospitalidade de Damião de Goes, e quanto elle se tratava á grande, basta citar o seguinte facto. Em 1565 aportou a Lisboa a esquadra que devia conduzir á Belgica a princeza D. Maria, filha do infante D. Duarte, que se ia casar com o principe de Parma, Alexandre de Farnese. A comitiva era luxuosa e fidalga, d'uma fidalguia opulenta. Presidia-a o conde Charles de Mansfelt, que durante a sua residencia em Lisboa foi obsequiado com quatro banquetes solemnes. O ultimo foi em casa de Damião de Goes, que assim competia com D. Duarte, com D. Constantino de Bragança e com o embaixador. Este episodio suppomos nós que é a primeira vez que se narra em Portugal.

A casa de Damião de Goes era um verdadeiro museu ; era sem duvida a primeira e a principal galeria de Lisboa. A familia real, D. João III, a rainha D. Catharina, a infanta D. Maria, o cardeal infante, diversas vezes fôram admirar os magnificos retabulos, que adornavam as paredes do seu gabinete. Por mais d'uma vez presenteou elle as pessoas reaes, o nuncio, o secretario d'estado, Pero d'Alcaçova, com quadros, com imagens, com livros de horas, um d'elles illuminado pelo celebre Simão de Bruges.

As dadivas para as egrejas, sobretudo para as de Alemquer, sua patria, fôram muitas e valiosissimas. A' igreja da Senhora da Varzea offereceu elle uma imagem de vulto do *Ecce Homo*, muito bem feita e muito devota, vinda de Flandres, a qual foi collocada no altar de Jesus ; um retabulo com a pintura do crucifixo, obra de Quintino Metsys ; e um painel da coroação de Christo, de Jeronymo Bosch. Estes dois nomes dão o valor dos quadros.

A' igreja do Espirito Santo da villa de Alemquer, além de outros objectos, deu uns orgãos e madeira de bordos para se fazer um desvão, *em que benzam o pão, que se dá de bodo por dia de Pentecostes*, e uma mesa muito grande, *em que benzam a carne dos touros que se dá de bodo em dia de Pentecostes*. Que nota curiosissima !

A' casa do Espirito Santo da Alcaçova de Lisboa, um painel de bordos para n'elle se pintar a imagem do bemaventurado Santo Antonio. A' igreja de Nossa Senhora do Castello de Almada, uma vi-

draça grande, de Flandres, em que estava pintada a Anunciação de Nossa Senhora. Ao convento de Alcobaça, na profissão de seu filho, um calice de prata dourada, que custou mais de trinta mil réis. Ao convento de S. Francisco de Alemquer, um relógio de marmore de Genova, grande, que denotava as horas pelo sol. Ao mosteiro de S. Bento, de Xabregas, além de uma singular estante para a livraria, que então se andava fazendo, *um abano de Noruega, de pennas de pavão, muito grande e muito bem feito, para estar no altar do bemaventurado S. Bento para com elle abanarem as moscas á missa*. Particularidade interessantissima, que Lopes de Mendonça deixára escapar conjunctamente com outras.

Resumimos o mais possivel para não fatigar o leitor e por causa da escassez do espaço. Parece-nos, porém, opportuno recommendar á commissão dos monumentos que procure saber se ainda existem alguns dos objectos artisticos dados em presente a diversas egrejas por Damião de Goes, ou qual o destino que elles levaram. Proce-da-se a este inquerito em nome da arte nacional!

Para outra occasião fallaremos de outras galerias e collecções existentes em Lisboa, principalmente no seculo XVIII, antes do terremoto.

1893.

Uma peregrinação patriotica e artistica

A BATALHA

Manda o preceito religioso que o catholico se confesse ao menos uma vez cada anno: a religião da Patria devia impôr a obrigação a todo o cidadão portuguez de fazer ao menos uma vez na vida a ro-magem da Batalha.

Divulgados pela photographia e pelas artes graphicas, o magnifico edificio de D. João I, só se avalia a preceito quando examinado directamente. E' com a mais profunda commoção, é com as lagrimas nos olhos, que se contempla aquella maravilha, aquelle poema archi- tectonico, aquelle sonho de pedra gerado n'uma cabeça extraordinaria- mente artistica.

O monumento da Batalha não tem a situação panorâmica que

avulte e faça destacar a grandeza de suas fórmãs, não está, como o antigo convento da Pena de Cintra, plantado no cume de um monte, d'onde seja avistado a larga distancia e d'onde domine n'um extenso perimetro; mas a Batalha dispensa bem esse enfeite scenico, como diamante de primeira grandeza que mesmo engastado em vil metal, fascina com o seu brilho deslumbrante.

Apenas os seus corucheus começam de apontar, um grito de entusiasmo nos sae expansivo dos labios e logo o conjuncto surpreendente de todo o edificio nos deixa embalado n'um extasi de contemplação intraduzivel. Um fremito divino nos percorre o systema nervoso, e antes de penetrar no adito do templo como que temos de consultar a nossa consciencia a perguntar-lhe se sômos dignos de entrar n'aquelle sanctuario. Parece que um muezzin nos murmura do alto, n'uma voz mysteriosa: «sacode o pó dos teus vestidos, deixa á porta as tuas sandalias, purifica-te no corpo e na alma, porque seria um peccado entrares n'este recinto sem a abstracção no teu espirito de tudo o que é futil e mundano».

A belleza do interior corresponde, se não excede, o aspecto da formosura externa. A nave extensa tem as qualidades especiaes do bello; a grandeza, a simplicidade, a elegancia. O estylo gothico domina triumphal no seu periodo do maximo florescimento esthetico. A robustez allia-se com o donaire; a delicadeza com a força. A rusticidade do gothico primitivo desapareceu, transformou-se, sem se perder nos labyrinthos d'uma ornamentação prodiga, d'uma exuberancia estonteadora. A igreja da Batalha faz-nos lembrar um templo protestante, d'onde foi banida a estatuaria e a pintura. O architecto disse de si para comsigo: hei-de dominar pelo unico esforço da minha arte, sem o auxilio de mais ninguem. E conseguiu-o. Apenas o vidroiro lhe foi coadjuvante e que magnifico effeito não produzem os raios do sol atravessando as vidraças coloridas e dispersando-se, com os reflexos do arco-iris, nas columnas e nas paredes!

Nós estamos affeitos a vêr as nossas igrejas cobertas de talha dourada, forradas d'azulejo, pintalgadas de marmores, museus de estatuas e de quadros, e apesar d'isso não sentimos estranheza que nos falte na Batalha essa luxuriante vegetação artistica. Os santos ficaram á porta: toda a côrte celestial a ornamenta, e por isso não admira que lá dentro as paredes estejam n'úas sem os arrebiques de uma arte, bella sim, mas que perdeu o segredo das crenças arreigadas, das commoções profundas.

A igreja da Batalha é talvez o unico templo portuguez que sahio d'um jacto da mente creadora do artista e que tem sabido conservar

intacta a unidade das suas fórmas geraes. Ha ~~uma~~ ou outra cousa que destôa, accrescentos do seculo XVI ou XVII, um ou outro enxerto do renascimento, mas isso seria facil destruir-se, se não fôra o tal ou qual interesse historico que lhe anda ligado. As obras de restauração, iniciadas com tanto zelo patriotic e tamanho tino artistico por Mousinho de Albuquerque, teem proseguido de um modo geralmente louvavel, embora se tenham commettido alguns vandalismos indesculpaveis, como é o que destruiu as proporções da porta principal. Outras consas nos causaram impressão desfavoravel, devemos confessal-o francamente, e entre ellas avultam o pulpito e o baptisterio, que nos produziu o effeito de um kiosque á entrada do templo. Bem executado, sem duvida, obedecendo ao estylo da época, mas fóra do seu logar, uma verdadeira excrecencia como são verdadeiras excrecencias umas imagens e uns adornos, que apparecem como uma nodoa de azeite na mais fina gravura ingleza. Foi um erro por certo transformar o templo da Batalha n'uma igreja parochial e d'este erro nasceu a creação do baptisterio. Se havia necessidade d'este accessorio, limitassem-se a uma pia monumental como a que existe em Leça do Bailio.

A igreja da Batalha deve ser a parochia do culto nacional e não a parochia do culto sertanejo. A villa da Batalha lá tinha a sua antiga parochia e não foi sem magua e sem indignação que a vimos n'uma completa ruina, restando apenas de pé o bello portico manuelino em frente a um curioso cruzeiro. A Batalha é o pantheon do mestre d'Aviz e dos primeiros reis da dymnastia que elle fundou e deverá ser o pantheon de todas as glorias de Portugal. Uma coisa todavia nos apavora e é que a mediocridade contemporanea se julgue com direito a ir dormir o somno ultimo no leito de marmore onde só deviam repousar os cavalleiros da ala dos namorados, os conquistadores de Ceuta, os fronteiros d'Africa, os iniciadores e os continuadores em fim da nossa epopeia maritima.

A Batalha, na grandeza esbelta das suas columnas, no rendilhado dos seus labores, no fantasioso das suas curvas, exprime a antiga alma portugueza, tão cheia de arrojo, tão cheia de mysticismo, tão cheia de confiança, audaz, devaneadora, guerreira, poetica. Na construcção primitiva reflecte-se o amor da independencia, é o canto sereno do vencedor que tem a consciencia da sua individualidade e do papel glorioso que lhe cabe iniciar. Nas capellas imperfeitas, no arrojado e originalissimo portal manuelino, a arte como que traduziu a alliança do velho e do novo mundo; como que foi o traço de união entre a civilisação do oriente e a civilisação do occidente.

Ao povo portuguez cabe vigiar attentamente pela conservação do seu mais bello e mais significativo monumento. E' preciso que todas as gerações saibam ler, como na biblia nacional, esta pagina da historia e esta pagina da arte!

12-9 1895.

A fabrica de louça de Bordallo Pinheiro

Mal pensavamos nós, ao contemplar a admiravel jarra Beethoven, que aquelle era o derradeiro canto de cisne do poeta da ceramica.

Effectivamente parece não haver a menor duvida a este respeito. Temos presente uma carta de Bordallo Pinheiro, em que elle nos communica, doloridamente, a resolução de fechar a sua fabrica e de despedir os seus operarios.

Estava farto de lutar e sentia-se desanimado. Empenhára ali todas as suas forças, dispendera todo o seu talento, todos os seus recursos, mas tudo se esgotára inutilmente. Conquistára um nome, grangeára fama para a industria portugueza, mas os applausos de extranhos e nacionaes, mas a gloria, por mais estrondeante que fôsse, não lhe ajudavam a pagar a ferida. Era forçoso abandonar os remos, e entregar o barco á fatalidade da corrente. Todos os expedientes estavam exgotados; a lucta não era possivel prolongar-se por mais tempo.

Só quem viu, como nós vimos, Bordallo Pinheiro respirando o ambiente da sua fabrica, é que comprehende a profunda tristeza, a grande magoa, que o devora n'este momento. Bordallo, inquestionavelmente um artista de raça, apesar de ter manifestado admiravelmente os seus dotes no lapis do caricaturista, não tinha encontrado ainda a verdadeira, a providencial orientação do seu genio. A ceramica fôra a estrada que o levára a Jerusalem. Não só como tecnico, mas como espirito creador, elle revelou-se um digno continuador das brilhantes tradições de Luca della Robbia e de Bernardo de Palissy.

A sua fabrica era tudo: o seu gabinete de estudo, a sua officina de trabalho, a sua sala de recepções, o seu *home*, o seu lar, a sua ambição, a sua felicidade. Risonho sempre, com aquelle seu ar finalmente bonacheirão e finamente malicioso, elle enclausurava-se na sua

fabrica e rodeado da sua familia artistica, que eram os seus operarios, não pensava senão em produzir alguns d'aquelles objectos, que faziam o enlevo e a admiração de todos os que os presenciavam depois. Quem ia ás Caldas não podia deixar de visitar o anachoreta da ceramica, tão obsorvido pela sua arte e ao mesmo tempo tão expansivo, tão despreocupado, como quem reconhece despreziosamente a pujança do seu talento e tem a facilidade de improvisar, como n'um *fiat*, as obras primas, que glorificam um artista e marcam uma época.

Ha annos a esta parte que se tem procurado entre nós implantar e desenvolver o ensino artistico industrial, creando escolas nos diversos pontos do paiz. Ou porque á distribuição d'essas escolas não presidiu um criterio desafogado e livre de qualquer pressão politica e local, ou porque a sua organização está em perfeita rebeldia com os nossos habitos e costumes, o que é certo é que por emquanto ellas não tem produzido o resultado que tanto fôra para desejar, e todos os dias lhes estão applicando reformas, que, em vez de remediar, parece que estão agravando o mal.

O systema antigo, usado no tempo do marquez de Pombal, convenientemente modificado e applicado ás circumstancias actuaes, seria por certo muito mais vantajoso. O ensino pratico é preferivel ao theorico, a officina á escola. A fabrica de Bordallo Pinheiro correspondia perfeitamente a este ideal. O eminente artista conseguira com o seu exemplo formar uma porção de operarios habilissimos, que trabalhavam por gosto, com entusiasmo, e que iam desenvolvendo, a par do mestre, n'um impulso natural, as suas faculdades estheticas. Aonde havia um nucleo d'esta ordem para que era necessario sustentar ao lado uma escola industrial puramente theorica? Acaso a «Escola Rainha D. Leonor» tem influido de maneira palpavel no melhoramento dos productos locaes? Pois não era intuito fundir os dois estabelecimentos n'um só, dando-se assim, sem sacrificios para o Estado, elementos de vida a uma fabrica, que tanto honrava o paiz?

Não entraremos na analyse dos motivos por que a fabrica de Bordallo não só não adquiriu elementos de prosperidade mas até não alcançou meios para se conservar, ainda que precariamente. Pouco nos importa saber se a causa está na falta de um rigoroso systema administrativo, ou se na falta de consumo sufficiente. Para nós, o que se nos impõe n'este momento é a triste realidade de um facto. A fabrica de ceramica das Caldas fechou as suas portas e este acontecimento não póde ser de modo nenhum indifferente aos que amam os progressos industriaes do seu paiz. *That is the question!*

Bordallo Pinheiro, na sua quasi infantil ingenuidade, chegou a supôr que a sua jarra Beethoven seria a varinha magica que o viesse salvar mais uma vez, mas enganou-se. Como deve ser cruel para a imaginação de um artista da pujança de Bordallo reconhecer que está deslocado no seu paiz e que este não é o meio apropriado para o desenvolvimento das suas creações!

A jarra Beethoven, admirada por todos, não encontrou todavia quem fizesse d'ella acquisição. O objecto era superior ás exigencias e aos recursos do mercado. O dinheiro dos argentarios não se dissipa n'estas bagatellas.

Se não recearamos passar por indiscretos, se não receacemos offender o melindre do eximio ceramista, editariamos aqui o alvitre que ouvimos a um dos seus admiradores.

Dizia-nos, elle no momento em que admiravamos a maravilhosa peça: — «Isto é um objecto que se devia adquirir por subscrição nacional e offerecel-o ao Museu de Bellas Artes. Bordallo tem innumerous amigos e não seria difficil, em Portugal e no Brasil, alcançar seis ou doze mil subscriptores a taxa fixa de mil réis ou de quinhentos réis. Por esse preço remunerava-se rasoavelmente o trabalho, e prestava-se uma honrosa homenagem ao excepcional artista.»

A idéa parece-nos excellente e crêmos que a sua realisação não seria difficil de effectuar-se.

E crêmos tambem que Bordallo não se poderia offender nem susceptibilisar com este devido *premio de consolação*.

26-10-1893.

Protecção ás obras de arte e da natureza

O utilitarismo é sem duvida a nota predominante da época, mas, a par d'elle é em concorrência com elle, as preoccupações artisticas não são menos intensas, embora seja muito mais restricto o nome daquelles que arvoram o seu estandarte!

Ha um ou dois annos morreu em Inglaterra um notavel escriptor e critico de arte, que procurou por todos os meios ao seu alcance, derramar o gosto do bello, fazendo com que as coisas mais usuaes da vida real tivessem um character idealista, envolvendo o homem numa atmospherá purificadora dos sentidos. Transformar a casa,

ainda a mais modesta, num santuario de belleza, tal era o pensamento desse sonhador generoso, que viu em grande parte realisado o seu sonho. A propaganda de Ruskin não cahiu num terreno maninho.

O progresso material póde realisar-se juntamente com o progresso artistico e com o progresso moral e fazem bem todos aquelles que diligenciam pela sua parte combater esse antagonismo. Póde facilitar-se a vida, podem conseguir-se todas as commodidades, sem que todavia se extinga o prazer das cousas delicadas, sem que o sentimento esthetico se perverta e se aniquile.

E' curioso como o homem, sendo um espirito creador, é ao mesmo tempo um espirito destruidor, não tendo, em grande numero de casos, o menor respeito pela sua propria obra. Nos momentos de allucinação, não ha nada que anesthesie os sens instinctos de vandalismo. O que não fizeram os iconoclastas no periodo mais acceso das guerras religiosas! Quantas obras primas não fôram então convertidas em pó ou reduzidas a fumo! Que terriveis e irreparaveis ruinas não estiveram imminentes ao flamejar do archote dos fanaticos da communa parisiense!

Estes desastres explicam-se e desculpam-se até certo ponto porque são o resultado da epilepsia politica ou de outra qualquer enfermidade fatal da mesma natureza, mas o que não se explica nem ha desculpa é a destruição methodica, paciente, a sangue-frio, por falta de gosto, por uma aberração esthetica, ou por um interesse exclusivamente ganancioso e mesquinho. Contra estes impassiveis demolidores de toda a hora é que precisa estar-se prevenido com todos os cinco sentidos, reagindo energeticamente contra os seus attentados.

A França, com o seu ministerio especial de bellas artes, com a sua commissão de monumentos, não se julga todavia sufficientemente garantida e a sua camara dos deputados acaba de eleger uma commissão encarregada de propôr os meios não só de defender efficazmente as obras da arte, mas egualmente as obras da natureza. Nos considerandos e no relatorio desta proposta ha queixas graves contra os engenheiros, que teem em vista especialmente os effeitos mecanicos e não se importam de sacrificar tudo, comtanto que consigam o fim material a que alvejaram. Para a construcção do lanço de uma estrada ou dum trecho de caminho de ferro, não se olha ao aspecto pittoresco duma collina, duma floresta ou de qualquer outro accidente de terreno. A paysagem fez-se para os poetas não se fez para os engenheiros; é um verso de Virgilio não é uma formula mathematica.

Os proprietarios, pela sua parte, não são mais escrupulosos e en-

tendem que não podem perder o seu dinheiro para simples satisfação de artistas. Que importa que uma floresta fascine os olhos de um Poussin e desafie a palheta de um Corot? Para lenha, para madeira ou para carvão é que a terra a produziu. Machado com ella!

E no entanto a obra da natureza ainda é mais digna de respeito que a obra do homem. Uma arvore solitaria, secular, cheia de seiva, como na primavera, ou cheia de melancolia, como no outomno, não vale menos que a agulha de Cleopatra nos caes do Tamisa, ou que o obelisco de Luqsor, na praça da Concordia, em Paris.

O automobilismo, uma das mais recentes conquistas da mechnica, é tambem um dos mais soberanos protestos contra a elegancia dos luxuosos meios de transporte.

Quer-nos parecer, porém, que tudo se poderá conciliar e que os excessos das modernas sciencias de construcção virão a modificar-se convenientemente, passando sem custo pelo jugo que lhes impõem as artes do bom gosto. A vida não póde ser uma estúpida pagina de escripturação commercial. O materialismo não ha de ser tão grosseiro que só queira impôr-se pela força. O athleta grego procurava sempre a elegancia de forças e era o modelo dos Phidias. Se o materialismo da actualidade se incarnou em Vulcano, o grande mestre forjador, é de saber que o olympico ferreiro tambem se apaixonou da gentileza de Venus!

8-6-1901.

Os museus civicos ou municipaes

A arte tende a democratizar-se e os museus são uma das fórmias mais vulgares d'essa democratisação.

Antigamente, a realeza, a fidalguia e a religião eram os tres factores essenciaes do movimento artistico. A par dos nobres appareciam tambem os banqueiros das republicas italianas e os ricos negociantes de Bruges, de Anvers e dos grandes centros commerciaes da Aillemanha. As corporações mechanicas, tão solidamente organisadas na Flandres, onde a vida industrial era tão florescente, concorriam propicias para animar a palheta, o cinsel, o buril do artista.

Os palacios dos reis e dos nobres, residencias sumptuosas, só davam entrada aos privilegiados e favorecidos da fortuna. A egreja era

o museu por excellencia, onde o povo podia entrar francamente para contentar as aspirações mysticas da alma e satisfazer os sentidos no enlevo das mais bellas cousas.

As cathedraes, como a de Reims, a de Chartres, a de Colonia eram já de per si a mais rica efflorescencia architectonica e denunciavam perfeitamente qual o seu destino e quaes as maravilhas que eram destinadas a conter.

Desde o atrio até ao altar-mór e demais dependencias, não faltavam surpresas. Uma das portas do *Duomo* florentino, cinzeladas em bronze, por Ghiberti, considera-as Miguel Angelo proprias do Paraiso. As artes industriaes, numa santa competencia e numa santa alliança com as bellas artes prodigalisavam por toda a parte os mais finos labores e as mais delicadas concepções. As vidraças, de figuras coloridas, eram enormes paginas illuminadas arrancadas dos *Livros de Horas*, tornadas translucidas e deixando passar mysteriosamente os raios do sol. A pintura deliciava-nos com as imagens suavissimas da Virgem, com as vidas dos santos, com os episodios biblicos, ou assombrou-nos com as visões apocalypticas, com os tormentos do purgatorio e do inferno symbolizando as estrophes do Dante.

A estatuaria manejava por um Donatello, um Luca della Robbia, um Benevenuto Cellini, por um Miguel Angelo, por um Alonso del Cano, dava vida ao marmore, ao barro, á faiança, á madeira, ao marfim e ao metal. A ourivesaria rivalisava com o architecto e com o esculptor, e até com a pintura na riqueza dos seus esmaltes, na baixella e no arsenal do culto. Em dias de festa, as paredes das naves cobriam-se de tapeçarias, ora de assumptos biblicos, ora de assumptos historicos, como a da cathedral de Bayeux. Nas solemnidades mais notaveis os sacerdotes appareciam envoltos em paramentos ricamente bordados, alvejantes as rendas finissimas entre as sedas lyonesas de largas e brilhantes ramagens. E como se tudo isto não bastasse, a musica do orgão e a musica vocal vinha completar o espectaculo e a igreja então, além de museu, era tambem theatro divino, de encanto celestial.

Nos palacios dos reis e da nobreza os objectos artisticos tinham uma disposição mais apropriada que não teem nos museus propriamente ditos. Cada cousa tinha o seu logar e destino especial, mas ao mesmo tempo formavam conjuncto harmonico. Assim quem entrasse numa dessas salas aristocraticas, ficaria extatico ao mesmo tempo na contemplação da pintura do tecto, do lustre de Veneza que delle pendia, dos quadros collocados entre os espelhos ou entre os moveis, sobre os quaes se viam expostos relógios e outros objectos.

Os Museus da actualidade póde dizer-se que são collecções artificiaes, galerias com extensas paredes, onde se penduram os quadros ou se encostam as vitrines com *bibelots*. Mas embora offereçam esse defeito, que todavia se póde em parte remediar, é innegavel que os Museus são um meio poderosissimo de instrucção e um regalo á vista.

Educam, recreiam e ao mesmo tempo moralisam temperando a rudesza dos sentimentos, porque é impossivel que o nosso espirito, no extasis de tantas obras sublimes e que attestam o genio do homem, não se sinta arrebatado, transformado, purificado.

E' pelo comprehenderem assim que em todos os paizes civilisados se procura cada vez mais franquear ao publico os thesouros da arte. E' um ensinamento para todos e um goso especial para as classes menos favorecidas.

A Italia, berço das artes, não se contenta com os museus do Estado e organisa por toda a parte museus municipaes, conhecidos pelo nome de museus civicos, o que não quer dizer que tenham uma feição puramente leiga. Nestes estabelecimentos não entra a politica ou antes a politica dominante é a arte. As municipalidades mais importantes já se teem desempenhado desta tarefa e hoje contam-se uns 150 museus civicos, alguns dos quaes podem rivalisar com os mais notaveis, possuindo preciosidades de primeira ordem.

Em geral aproveita-se para a sua installação uma egreja que deixou de servir ao culto, um convento secularisado, um palacio ou edificio, que deixou de servir ao seu primitivo destino. As entradas são pagas, com excepção de alguns dias gratuitos, e o seu rendimento, que não é insignificante, é applicado unicamente ás despezas de conservação e de acquisição.

Entre nós os Museus de bellas artes propriamente ditos são rarissimos e apenas conhecemos o das Janellas Verdes, em Lisboa, o municipal no Porto e o da Sé Velha de Coimbra, que comprehende todavia só objectos religiosos. Existem ainda outros museus em diversos pontos do paiz, mas quasi todos de character archeologico e pre-historico, o que não quer dizer que não sejam tambem muito valiosos. Isto demonstra a pouca intensidade da cultura artistica em Portugal.

Aos municípios portuguezes offerecemos o exemplo dos municípios italianos, mas são muito capazes de desviar desdenhosamente os olhos e de não prestar a menor attenção ao assumpto.

Pois fazem mal em não se importarem com isto, porque dão assim uma frisantissima prova da sua pouca illustração.

O Museu de Bellas Artes

O governo acaba de adquirir definitivamente o palacio, onde se acha estabelecido o Museu de Bellas Artes.

O edificio, construcção do seculo XVIII, resentindo-se do gosto predominante da época, não tem grandes bellezas architectonicas que o recommendem, sobretudo exteriormente. No interior, porém, além de uma escadaria quasi monumental, tem boas accomodações e salas espaçosas.

Falta-lhe ainda um pavilhão para construir, e para este ponto chamamos a attenção especial do governo, pois é de todo o ponto conveniente que nas salas que ali se edificarem se destine uma, absolutamente apropriada, com toda a segurança, á secção de ourivesaria. Não quer isto dizer que as outras secções sejam de menos importancia, pois um quadro, uma tapeçaria, uma faiança, podem valer tanto como um calix, um relicario, uma cruz, uma custodia ou outro qualquer objecto do culto, ainda que, adornado de esmaltes e pedras preciosas. As peças de ourivesaria, pela qualidade da materia prima, são comtudo mais tentadoras e estão expostas aos assaltos e estragos de qualquer natureza. Conviria portanto construir-se uma especie de *casa forte*, onde os objectos mais preciosos se guardassem com todo o recato, nos momentos de graves commoções politicas, nos periodos de guerra civil ou estranha.

Este é o seguro contra qualquer risco material, mas ha um outro perigo, que urge tambem evitar com toda a cautela—o descaminho ou desaparecimento de qualquer objecto. A' testa da direcção do museu acha-se hoje um homem de toda a confiança, que não deixa de vigiar um momento sobre as peças do thesouro que lhe foi confiado, mas pode vir um dia um successor, menos vigilante ou de menos probidade, que feche os olhos deante de qualquer subtracção, ou que se torne cumplice della. Para evitar, quanto possivel factos desta natureza, conviria que se organisasse um rigoroso inventario em duplicado, ficando um exemplar no museu e outro no ministerio do reino ou na Torre do Tombo.

Este inventario seria necessariamente a base dum *Catalogo geral* que não existe, existindo apenas um *Catalogo de pintura*, e esse mesmo a pedir nova edição, correcta e augmentada. Um museu sem catalogo ou guia indicador, está muito longe de corresponder ao seu fim, dei-

xando a fluctuar no vago e na incerteza o espirito de quem o percorra para estudo ou simples recreio.

E' de crêr que o Museu de Bellas Artes se conserve por muito tempo estacionario, e isto por dois motivos principaes; o primeiro porque é diminutissima a verba destinada a acquisição de obras d'arte e nem mesmo o legado do conde de Valmôr chegará a preencher essa lacuna; em segundo logar, porque se esgotou, ou está quasi exaurida a corrente que fornecia o nosso Museu — os espolios dos extinctos conventos.

Ha todavia objectos, de propriedade nacional, que podem e devem ser ali arrecadados quanto antes, sendo lamentavel a incuria que se nota a este proposito. Vamos recordar alguns. No paço patriarchal, extincto convento de S. Vicente de Fóra, num extenso corredor e no desvão de uma janella, observam-se quatro quadros do seculo xv, que passaram despercebidos a Raczyński e a outros criticos d'arte, e que só ultimamente fôram apontados á curiosidade dos entendidos. Ignora-se o verdadeiro assumpto que tratam, e, sob este ponto de vista, precisam de ser criteriosamente analysados, mas são concepções vigorosas, cheias de figuras, de physionomias energicas, de bellas cabeças, entre as quaes avulta a do infante D. Henrique, tal qual vem na illuminura que adorna o manuscripto da *Chronica de Guiné* de Azurara.

O immenso corredor é uma galeria, de cujas paredes pendem innumerous quadros, onde a mediocridade e a extravagancia imperam, mas é de crêr que ainda ali exista alguma coisa aproveitavel, devendo por conseguinte proceder-se a uma rigorosa selecção.

Outro objecto ainda apontaremos: é a historica e magnificente cruz de oiro esmaltado dada por Filippe I ao convento de Christo de Thomar e hoje em deposito no thesouro da Sé de Lisboa. Não serve ao culto, e por isso, quando não houvessem outras razões, devia ser transferida para o Museu, onde brilharia honrosamente a par do relicario da Madre de Deus.

Pedimos desculpa de fazer estas indicações, que não significam, nem podiam significar, censura para ninguem, antes são méra lembrança, que exprime o desejo e a boa vontade de vêr o nosso Museu cada vez mais enriquecido. E já que o director geral de instrucção publica se mostra tão interessado em favorecer o desenvolvimento das bellas artes, sirvam-lhe estas nossas observações de amoravel incentivo á sua intelligencia e á sua actividade.

Preciosidades artisticas

OS QUADROS DE S. JOÃO DE TAROUÇA

Nada mais difficil do que classificar e authenticar uma obra d'arte, de qualquer natureza que seja, sobretudo se se ignora a sua proveniencia e não existem outros dados que auxiliem a resolução do problema. Assim são frequentes os enganos e mystificações, tomando-se por original o que não passa de uma copia e attribuindo-se a um auctor aquillo que nunca lhe passou pelas mãos. Ainda ha poucos annos em Paris se debateu um pleito interessante entre um perito e a familia de um artista, a qual negava que fôsse d'elle um quadro, cuja paternidade lhe queriam dar. Ora se taes duvidas se suscitam a proposito de auctores contemporaneos, que todos mais ou menos devemos conhecer, o que não será com os auctores antigos, alguns dos quaes distanciados de nós uns poucos de seculos!

Em litteratura verifica-se o mesmo phenomeno. Quantos versos correm em nome de Camões que nunca fizeram vibrar as paredes do seu cerebro! Varnhagen attribuiu ao conde de Barcellos todas as trovas do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, reconhecendo porém mais tarde, em presença de testemunhos irrefutaveis, que elle era resultante da collaboração de muitos trovadores.

Não vimos nós, vivo ainda João de Deus, enxertarem-se na collecção das suas poesias, e como fructo do seu estro, algumas produções que lhe não pertenciam?

Em presença d'estes factos e d'estas considerações, já nos devemos dar por muito satisfeitos quando se determina com algum rigor a época e a escola a que pertence uma obra de arte. Nem todos porém se resignam a curvar-se reverentes diante de uma obra anonyma, embora sublime. Emquanto a não baptisem com o nome d'um grande mestre não ficam satisfeitos, e todavia são bem numerosos os artistas de genio que passaram despercebidos no seu tempo e se descuidaram de legar o seu nome á posteridade, que os vingaria hoje de tão injusto esquecimento. Se houve artistas sedentos de gloria, que, á semilhança de Benevenuto Cellini, seriam capazes de commetter um crime por ciumes e rivalidades do seu officio, outros houve, em contraposição, tão ingenuos e tão modestos, que se contentaram apenas com o ineffavel prazer que lhes dava a execução da arte pela arte.

Mestres ignorados, elles eram talvez tambem os primeiros a ignorar a sua propria valia.

Em Portugal, mais do que em nenhum outro paiz, a difficuldade de descriminar as obras de arte e de designar os seus auctores, sóbe de ponto, não só porque os auctores se descuidaram de as rubricar com o seu nome, mas tambem porque não houve um Vasari, que lhes escrevesse a biographia e registasse os productos. Ninguem saberia, por exemplo, quem burilou a famosa custodia de Belem, sobre a qual aliás alguns escriptores estrangeiros tanto teem phantasiado, se D. Manuel, porventura, não se lembrasse no seu testamento de falar em Gil Vicente.

Uma coisa curiosa se dá na historia da arte portugueza. Umaz vezes apparece o nome do artista, como Francisco de Mattos, o pujante pintor ceramico do seculo XVI, e não apparece nenhum documento que lance um raio de luz sobre a sua existencia, e outras vezes apparece o documento indicando o artista e a sua obra, mas esta já não se encontra. O magnifico quadro *Fons Vitæ*, da Misericordia do Porto, tem torturado a imaginação dos criticos e dos curiosos que nem sequer chegaram ainda a accordo sobre a sua genuína significação historica. E tudo isto se aplanaria, se apparecesse alguma nota documental, que nos revelasse ao menos quem foi que o mandou fazer.

Como este quadro existem muitos outros no nosso paiz, que teem chamado a attenção de muitos estrangeiros, alguns dos quaes, como Robinson, diligenciaram penetrar nos mysterios da *antiga escola portugueza de pintura*. Entre esses quadros avultam os da Sé de Vizeu, um dos quaes, o de S. Pedro, já foi classificado *a oitava maravilha da pintura*.

Entre nós quasi todos os quadros dos fins do seculo XV até á metade do seculo XVI são em geral e indistinctamente attribuidos a Gran Vasco, que parece ter tido a capital da Beira por centro principal da sua actividade. Na corrente destas ideias, os quadros de S. João de Tarouca, de que ha poucos annos se começou a falar, são-lhe tambem attribuidos. Nunca vimos estes quadros e por isso não podemos affirmar se ha entre elles e os de Vizeu alguma relação de affinidade ou se existem differenças, que assignalem outro mestre e porventura outra escola. Achamos todavia que seria de toda a vantagem estabelecer esse confronto debaixo do ponto de vista technico.

Emquanto ao ponto de vista historico, quer-nos parecer que contribuiremos de algum modo para a resolução do problema indicando o nome do artista.

Existe na Torre do Tombo um documento, que até agora passou ignorado dos criticos d'arte, mas que se nos afigura de alta importancia. Não tem data, infelizmente, mas pertence ao reinado de D. João III, anterior talvez a 1540.

E' uma petição ou memorial de Christovão de Figueiredo em favor de um seu filho, muito *bom grammatico e latino*, que desejava fazer entrar como moço da capella do infante D. Henrique. Christovão de Figueiredo é um pintor conhecido, andando empregado com outros nas pinturas da Relação. Para valorisar e reforçar o seu memorial, elle cita os serviços que tem feito, entre os quaes o de ir a S. João de Tarouca, *a vêr e receber as obras que fez Gaspar Vaz pintor e assy foy per vosso mandado a Vizeu a receber outros.*

Que obras seriam estas de Vizeu? Muito provavelmente os quadros da Sé. O que é para sentir é que Christovão de Figueiredo não designe o auctor destas ultimas obras assim como fez a respeito de Tarouca. Releve-se-nos o intercalar aqui por a julgarmos opportuna, outra noticia, que talvez não seja de todo descabida. Em 1515 D. Manuel mandou ao almoxarife de Vizeu que pagasse certa quantia ao pintor Fernão de Trosylhos, que muito provavelmente andaria trabalhando naquella cidade.

Gaspar Vaz é um nome, que, supponmos nós, apparece pela primeira vez na lista dos nossos artistas, cumprindo indagar da sua existencia, e, quando não se alcance mais algum dado biographico, examinar bem a sua obra, dando a ambos o logar que merecem na historia da arte.

Ao governo e ás auctoridades competentes recommendamos todo o cuidado e vigilancia para que os quadros de S. João de Tarouca sejam conservados com todo o recato e não se desencaminhem ou sejam substituidos por outros. Monumentos desta ordem não podem ficar ao abandono ou confiados unicamente ao acaso. Verdade seja que o acaso é muitas vezes a melhor garantia da sua segurança.

15-11-1901.

A photographia e o inventario artistico nacional

De todas as invenções modernas nenhuma se tem popularisado tanto como a photographia, revestindo ao mesmo tempo um caracter utilitario e recreativo.

E' uma profissão e um entretenimento familiar. Participando igualmente da arte e da industria, ella é um dos mais poderosos auxiliares da sciencia.

As suas applicações, n'este campo da actividade humana, são das mais curiosas, das mais variadas e das mais proficuas.

A astronomia serve-se d'ella para penetrar nos mysterios sideraes, surprehendendo a vida dos astros nos seus mais interessantes aspectos. Por meio d'ella um eminente physiologista francez conseguiu estudar, nas suas minuciosas evoluções, o mechanismo do vôo das aves.

De camaradagem com a radioscopia, os apparatus photographicos não tardarão a pôr em evidencia, atravez dos corpos opacos, tudo o que se passa no interior do organismo.

São, com effeito, extraordinarios e relevantissimos os serviços prestados pela photographia. Sem ella, os arrojados viajantes, que teem devassado as regiões desconhecidas e até agora inacessiveis ao progresso, não poderiam ter communicado, com tanta precisão e nitidez, os ignotos specimens da sua flora, da sua fauna, da sua constituição geologica, os panoramas emfim da sua natureza alpestre. A ethnographia, sobretudo, tem-se enriquecido espantosamente, e hoje é facil a um estudioso, no seu gabinete, estudar as feições das variadisimas raças, que povoam o globo, com o simples exame comparado das photographias que as representam.

Sendo a photographia, graças ao espirito creador de Daguerre, uma invenção essencialmente franceza, não admira que ella seja tão cultivada em França, e que os photographos amadores travem lucta de honrosa competência com os seus collegas profissionaes. A machina photographica tem percorrido e explorado a França, reproduzindo com minudencia todas as phases da sua vida publica e domestica, todo o seu passado e todo o seu presente, a sua physionomia historica e artistica, o encanto panoramico dos seus valles e das suas

montanhas, o scenario pittoresco das suas cidades e aldeias. Hoje não ha em França monumento, objecto artistico, ruina poetica, trajos e costumes locaes, sitio ou pedra lendaria, que não tenham sido colhidos e fixados pela chapa photographica.

E' enorme por consequencia a abundancia de recursos desta ordem, com que um estudioso pode instruir-se, documentando o seu trabalho; mas uma difficuldade surge, e é que estes preciosos elementos nem se acham reunidos em centros de consulta, nem estão devidamente catalogados. Disto se queixa a Sociedade de Historia Moderna, de Paris, que, numa das suas ultimas sessões, tratou largamente do assumpto, mostrando a conveniencia de que se formem amplas collecções e catalogos collocando-as methodicamente em estabelecimentos do estado, de modo que o publico as possa ir ali consultar commodamente e sem grande dispendio de tempo. Com isto não se satisfaz por completo o ideal daquella sociedade e recommenda ella que se procurem proporcionar reproducções por preço modico.

Em Portugal, a photographia não tem sido votada ao desprezo, e muita gente lhe consagra o seu culto enthusiastico. Carlos Relvas foi um dos mais ardentes sacerdotes desta religião, e pena é que o preciosissimo peculio de *clichés* que elle nos legou, não esteja depositado em algum estabelecimento publico, na Bibliotheca Nacional, na Escola de Bellas Artes, ou mais apropriadamente no Archivo do Conselho Superior dos Monumentos. Na actualidade, está-se fazendo no Porto uma publicação valiosissima a todos os respeitos, *A arte e a natureza em Portugal*, que já nos tem mimoseado com bellas e interessantes phototypias; mas isto não basta para cabal desempenho do muito que ainda nos resta fazer.

Uma das mais importantes incumbencias do Conselho Superior dos Monumentos é obstar á perda, estrago e disseminação dos objectos artisticos, e para este effeito já o governo o armou com os indispensaveis meios legaes. Mas do pintado ao vivo a distancia é muita, e todas as determinações e regimentos serão inuteis, e até irrisorios, se não se tratar de os pôr logo em pratica. E' o que está succedendo. Deveria formular-se o inventario da riqueza artistica nacional, mas nem se quer se procedeu aos trabalhos preliminares.

A tarefa, bem o sabemos, não é facil; é mesmo dispendiosa, mas poder-se-hia levar a cabo, pouco a pouco e por partes.

O Conselho Superior dos monumentos é numeroso e bem poderia subdividir-se em commissões, cada uma das quaes se encarregasse de investigar e catalogar um certo numero e uma certa ordem de objectos.

Porque não se ha de, por exemplo, formular desde já, a lista dos quadros mais notaveis do paiz, ou pelo menos de Lisboa?

E' bem de vêr que este inventario, embora apreciabilissimo, deixaria de corresponder, em toda a sua plenitude, ao fim desejado se o não acompanhassem representações graphicas dos objectos descriptos. Aqui vem naturalmente invocar o auxilio da photographia, e posto que ella não nos dê, por falta de colorido, toda a belleza esthetica de um quadro, ainda assim fica-se fazendo uma perfeita ideia do objecto representado. Neste caso, porém, o valor da photographia é todo documental. E' um testemunho a attestar a existencia de um objecto, a fixal-o, a impossibilitar de algum modo o seu desvio, a salvar-o e a perpetual-o, emfim, quando porventura algum desastre occasional e imprevisto o arruine ou chegue mesmo a destruir.

Em presença destas breves considerações, que, em mais de um sentido; muito se poderiam alongar, entendemos que o Conselho Superior de Monumentos daria uma prova de tino, de zelo e de amor patriotico, procedendo, quanto antes, na fórmula indicada, ao inventario dos objectos artisticos, formando no seu archivo um deposito de photographias, devidamente dispostas e catalogadas, não só para seu uso, mas, para uso tambem dos estudiosos que as quizessem consultar.

Este programma poderia ter a mais satisfatoria realidade se o Conselho, empenhando nelle os seus bons esforços e a sua iniciativa, appellasse simultaneamente para a illustrada dedicação dos nossos photographos, tanto amadores como profissionaes.

26-3-1903.

As collecções artisticas

O caso da theara do Louvre, sem ser de uma transcendente importancia, foi causa todavia de um sensivel desaire para a sciencia franceza.

Esta nossa ultima phrase, devemos confessal-o, é latitudinaria demais, porque a sciencia franceza, no seu admiravel conjuncto, não póde ter a absoluta responsabilidade de uma falta, em que incorreu apenas uma das suas partes componentes.

A archeologia e a critica artistica é que commetteram o delicto,

se delicto se pôde chamar a mystificação, de que fôram victimas, por não terem empregado mais attento e criterioso exame na aquisição de uma peça a que se attribua tão singular raridade.

Estes erros quando commettidos sem dolo, não são labeu infamante nem vergonhoso para quem os pratica, por isso que se dão com certa frequencia, e sabios de outras nações tão cultas como a França bem se pôdem penitenciar de semelhantes enganos. A sciencia franceza não tem a vaidade de se proclamar infalivel, e longe de ser censuravel, torna-se digna de applauso quando é a primeira a reconhecer que se illudiu, procurando reparar sinceramente o seu equivoco.

O acontecimento produziu um grande abalo em todos os circulos, em que ha mais ou menos interesse pelas coisas d'arte, e se a archeologia franceza passou um mau quarto de hora e se sentiu gravemente offendida no seu amor proprio, deve-se considerar que esse abalo produziu salutar effeito, tornando mais cautelosos os directores dos museus e os especialistas de antiguidades.

Eis aqui uma vantagem e não de pequena monta, mas outro tanto não dirão os fabricantes de falsos objectos artisticos e os que negociam nelles. Esta industria é muito antiga e está muito generalizada, aperfeiçoando-se cada vez mais. São engenhosissimos os processos a que se recorre para satisfazer a monomania dos que só apreciam as obras d'arte pela sua raridade ou pela sua velhice. A este proposito lembra-nos a critica mordente e engraçada, ao mesmo tempo justissima, que se encontra num drama de Echegaray. Um fino amator de bellas artes constroe um palacete deslumbrante e recheia-o das mais bellas produções dos artistas contemporaneos. Um seu amigo antiquario é convidado a visitar este recinto de fadas.

Eil-o que vae atravessando os salões ricamente ornamentados com os mais preciosos moveis, com as mais delicadas pinturas, com as mais finas porcelanas, com os mais correctos e expressivos primores da estatuaria.

O colleccionador de antigualhas admira, mas friamente, sem a menor commoção, todo este panorama estonteador, sem soltar um ah admirativo, sem parar boquiaberto deante de nenhuma das maravilhas que observa, e só no fim exclama pesaroso :

«Que pena que isto só venha a ter valor daqui a alguns seculos!»

A monomania do ferro velho é tão obcecante em alguns individuos que chega-se a julgar meritorio todo o embuste que lhe seja feito pelos ladinos falsarios. Se lhes apresentam um quadro moderno de reconhecido merecimento, perfeitamente authenticado e assignado, mas de auctor ainda pouco em voga, e lhe põem a par um outro, cujo

assumpto mal se reconhece, mas que lhe asseguram ser do pincel de um grande mestre, dão preferencia a este e logo o reverenciam como joia inestimavel. O fanatismo do antigo é como o fanatismo religioso, e succede com muitas obras d'arte o mesmo que succede com certas reliquias de santos, alguns dos quaes teem mais de um craneo e todos elles authenticos.

A fé, n'estes casos, é que nos salva, e sabe Deus quantos museus da Europa apresentarão ao culto dos fieis e dos crentes os idolos de gresseiro barro em vez das divindades de fino ouro !

A falsa theara do Louvre veiu esfriar a devoção e levantar a suspeita. O numero dos incredulos augmenta e é com desconfiança que se observam as obras que os catalogos attribuem aos semi-deuses do bello.

Esta desconfiança, levada ao exaggero, pode ser prejudicialissima, afrouxando o gosto do publico pelas cousas d'arte.

Convem por consequente que os homens competentes empreguem todas as forças para restabelecer a confiança, passando pelo mais rigoroso exame todos os objectos que offereçam duvidas, mostrando com toda a evidencia que o publico que frequenta os museus assiste a um spectaculo real e não a uma sessão de lanterna magica.

No nosso paiz ha alguns exemplos curiosissimos de quanto a monomania artistica pode illusionar os espiritos mais lucidos. Chegou-se a publicar uma obra, escripta com certa erudição e fórma deductiva, que um edificio religioso do norte na sua architectura, nos seus quadros, nas suas imagens e até nos seus azulejos, era devido a um dos maiores genios do Renascimento, quando tudo parece ser obra do seculo xvii.

No Museu Nacional de Bellas Artes, ás Janellas Verdes, ha muitos quadros sem nome de auctor, mas incontestavelmente devidos á antiga escola portugueza de pintura.

Não são contrafacções, póde-se ter a maior certeza emquanto á sua genuidade, mas o que se não póde é attribuil-os a este ou aquelle pincel, como geralmente se faz, pondo-se-lhes a rubrica de Gran-Vasco. Outros ha, porém, adquiridos por compra, ou obtidos por dadia depois da fundação da Academia de Bellas Artes, que não responderão porventura á classificação e cotação que se lhes pretende dar.

O caso da falsa theara do Louvre deve servir de aviso á direcção do nosso museu para que seja o mais escrupulosa e attenta possível na aquisição de objectos por conta do Estado. Infelizmente ella não tem muitas occasiões de ser illudida neste sentido, porque são

limitadissimas as verbas de que dispõe, mas por isso mesmo lhe incumbe o maximo cuidado e criterio nas compras que fizer, afim de que esses recursos se não convertam em desperdicio, nem se encham as salas com produções de escasso ou negativo merecimento.

21-9-1903.

O Museu Nacional e os productos artisticos do Oriente — Os tapetes persas

Nenhum paiz, como o nosso, podera possuir tão brilhante e notavel collecção de objectos de procedencia oriental, se tivesse havido o cuidado de os conservar, não os deixando perder e extraviar por desmazelo e falta de gosto. Só a Inglaterra poderia fazer-nos temerosa concorrencia, como o attesta o seu esplendido museu indiano, mas este foi colligido recentemente, faltando-lhe por conseguinte muitos productos contemporaneos dos primeiros tempos do descobrimento da India.

Effectuada a primeira viagem de Vasco da Gama, Lisboa não tardou em converter-se n'um extraordinario bazar, onde os commerciantes das mais remotas regiões da Europa vinham adquirir toda a especie de mercadorias, os productos da natureza e os productos da industria. Os marinheiros, de volta das suas longas e perigosas navegações, traziam lembranças ás familias, coisas que mais as poderiam impressionar pela sua novidade. Os que vinham do Brasil faziam-se acompanhar de bugios e papagaios. A's vezes até os proprios indigenas nos seus costumes pittorescos, ou na sua nudez natural, serviam de amostra das riquezas ethnographicas, que existiam nas terras até ali desconhecidas.

D. Manuel e os seus successores presenteavam os potentados orientaes com artefactos europeus, recebendo em troca objectos de uma arte e de uma industria bem differentes. No espolio d'aquelle monarcha encontram-se descriptas cimitarras, adagas, cutelos, punhaes e outras armas, algumas das quaes offerecidas por Melicycaz e Crisma. Além de uma perola, dadiva do rei de Ormuz, enumeram-se tambem pannos de seda, pintados e bordados, um jogo de xadrez, porcelanas, cofres, etc. N'este copioso inventario merecem destacar-se *duas velles*

de couro roxo cortidas que diz que são das alimarias em que nasce o almiscar, mandadas por Affonso de Albuquerque.

Para se avaliar quanto Portugal, no seculo xvi, era um thesouro recheado de preciosidades orientaes, basta lêr a relação das peças, que compunham o presente que D. Henrique, cardeal-rei, enviou ao Xerife para resgate da fidalguia portugueza, aprisionada na batalha de Alcacer. E' um deslumbramento!

Fôram tão intimas e frequentes as nossas relações mercantis e industriaes entre Portugal e as partes do Oriente, tão profunda a influencia mutua, que se chegou a formar uma arte indo-portugueza, segundo a classificam os proprios especialistas estrangeiros. A nossa marcenaria copiou muito os moveis orientaes, e ainda hoje possuímos embutidores, que rivalisam, em habilidade e paciencia, com os chinezes. A nossa fidalguia mandava fabricar na China as suas baixellas de porcelana. O sr. Anselmo Braamcamp Freire possui uma travessa com o brazão dos Côrte-Reaes.

No seculo xvii os ceramistas de Lisboa, attingindo um grande movimento de producção, procuravam imitar as faianças indianas.

N'estas condições vê-se bem quanto o nosso museu poderia constituir uma secção destinada ás artes e industrias orientais em geral, e á arte indo portugueza em particular. Não lhe faltariam para isto elementos valiosos, como o relicario da Vidigueira e outras peças de prata; cofres de filigrana e tartaruga; colchas, sedas e bordados; louças e porcelanas; armarios e outros moveis, etc. Deixámos para o fim os *tapetes da Persia*, de que existem uns poucos de exemplares, mas nem todos bem tratados.

Esta materia vem a talhe de fonce, pois se trata de pôr á venda, por parte do ministerio da fazenda, um tapete d'esta especie, que pelas suas dimensões e estado de conservação, é por certo o mais perfeito specimen que existe no nosso paiz. Custa a crêr que nos desfaçamos d'elle, privando-nos do que é bom, para ficar com o mais ordinario.

Não será por um ou dois contos de réis, preço que chegará a alcançar no leilão, que o thesouro resolverá as suas difficuldades.

Ha, porém, um meio de conciliar os interesses da arte com os interesses do fisco. Faça-se uma escolha apurada dos tapetes do museu; fiquem-se com os exemplares que mais se recommendam pela belleza dos seus padrões e dêem-se os outros ao ministerio da fazenda em troca do que se acha exposto no convento de Santa Joanna. Estamos persuadidos que d'este modo não haveria prejuizo para ninguem e que no futuro não nos arrependieramos de perder um obje-

cto que nunca mais se chegaria a alcançar em tão favoráveis condições.

Nós preferimos sempre — e ainda mais com relação a objectos de arte — a qualidade á quantidade, e por isso o nosso alvitre parece-nos aceitavel e até irrecusavel, qualquer que seja o lado por que o encaremos. A selecção, por conseguinte, impõe-se e se o Museu Nacional carece de espaço para apresentar convenientemente as suas collecções, mais um motivo para não amontoar coisas inuteis e só apresentar aquillo que é digno de vêr-se.

A industria das alcatifas e pannos de armar póde dizer-se que deixou de existir entre nós, apesar do seu uso se vulgarisar de dia para dia. Ha um quarto de seculo a esteira ainda fazia concorrência ao tapete, mas hoje póde considerar-se um anachronismo, um vestigio archeologico. Até aos fins do seculo xv, enquanto existiram as communas dos moures, a tapeçaria foi muito exercitada entre nós e quem sabe se alguns d'esses velhos tapetes, que classificamos de orientais, não serão por acaso restos das officinas mouriscas que ainda trabalhavam na encosta da velha Lisboa, nos primeiros annos do reinado de D. Manuel!

E' possivel — e oxalá que esta esperança fôsse uma realidade! — venha a florescer de novo no nosso paiz, como já renascera no tempo de D. João v, e n'este caso bem se calcula o proveito que se poderia tirar dos bellos specimens conservados nas collecções do museu.

7-11-1903.

A educação esthetica do povo portuguez

O homem é o mais feroz inimigo do homem e o mais pertinaz demolidor da sua propria obra.

Não é necessario recorrer aos tempos primitivos, ás épocas mais rudimentares, em que as paixões dominavam quasi por exclusivo, para demonstrar á evidencia esta verdade.

Infelizmente, o que se está passando entre as nações mais cultas não é de modo a contrariar esta doutrina, porque os factos são superiores a qualquer idéa preconcebida.

Não vêmos nós a Allemanha, longe de estacionar nos seus preparativos militares, estar augmentando de dia para dia os seus recur-

sos bellicos? E para quê? Para sustentar a paz, diz ella, como se este eufemismo não encobrisse uma de duas coisas: ou a ambição insofrida de novas conquistas, ou a necessidade de manter o homem sob um continuo jugo de ferro, para que não esteja em permanente revolta.

Esta é a conclusão logica do espectáculo que estamos presenciando, espectáculo que não se poderá prolongar indefinidamente, pois parece já ter attingido os mais excepcionaes limites.

No seculo XVI, quando se ateou nos campos da Europa o incendio da Reforma, quando os sectarios de Luthero e os soldados de Carlos v se degladiavam n'uma luta de exterminio, tanto o protestantismo como o catholicismo praticaram actos d'uma atrocidade inaudita que a historia, por mais benevola que seja, não pôde deixar de condemnar inexoravelmente. Os monumentos mais bellos, os quadros dos mais afamados mestres, as estatuas dos mais primorosos cinzeis, os objectos de mais esbelta estructura, tudo serviu de alvo aos furores dos iconoclastas. Hoje lamentam-se esses destroços vandalicos, que se não pôdem reparar, e que nem sequer se salvaram pela gravura, pelo desenho ou pela penna dos escriptores. E o mais notavel de tudo isto é que nos paizes protestantes, como a Allemanha e a Inglaterra, pagam-se a peso de ouro e recolhem-se com o maior recato nos seus museus as obras primas do catholicismo, sem se reparar ao seu fundo essencialmente religioso. E' que a arte, como se comprehende na actualidade, é cosmopolita e só se faz valer e estimar pelas suas qualidades estheticas, por ser a representação genuina do bello e do sublime.

Apesar do culto votado ás bellas artes, o espirito humano ainda de quando em quando é atormentado pelo nervosismo iconoclasta, por certos desvairamentos epilepticos, que lhe fazem perder as mais rudimentares noções da equidade e do bom senso. Paris, a nova Athenas, o fóco mais brilhante da civilisação moderna, não esteve para passar por um dos mais medonhos cataclismos estheticos de que reza a historia?

Se isto succede em paizes de tão vasta cultura intellectual, que admira que entre nós se commettam egualmente algumas d'essas violencias, alguns d'esses desacatos, de que são victimas objectos puramente inoffensivos?

O governo provisorio da Republica, desejando conservar intacto o thesouro artistico nacional, o patrimonio que nos legaram tantas gerações successivas, já publicou um decreto, regulando por um modo prohibitivo, a safda do nosso paiz de objectos artisticos. Isto é muito,

mas não é bastante, porque é necessario resalvar da destruição, do desleixo, da incuria, da ignorancia ou desconhecimento, e até da paixão puerilmente rancorosa, o que tem alguma significação historica, tradicional e artistica.

Desejariamos vêr concentradas e empenhadas n'esta cruzada patriotica todas as corporações a quem mais ou menos está confiada a guarda e conservação de tão grandioso patrimonio. Ao Conselho Superior dos Monumentos incumbe especialmente essa tarefa, já distribuindo com profusão circulares por todo o paiz, em que se demonstre ao publico quaes são os seus deveres civicos n'este sentido, já enviando delegados seus, a fazer conferencias sobre o assumpto, escolhendo os locaes, onde avultem os monumentos mais dignos de ser admirados e respeitados.

O povo portuguez não é refractario ao bom senso e estamos seriamente convencidos de que elle receberá gostosamente este apostolado do bello e que, devidamente instruido, não tardará a constituir-se o mais vigilante guarda e defensor dos monumentos nacionaes, entidades completamente estranhas ao facciosismo de qualquer casta.

19-5-1911.

Foi o ultimo artigo publicado no *Diario de Noticias*, depois da sua morte.

ARTIGOS SOBRE INDUSTRIAS

As industrias caseiras e populares portuguezas — Adaptação e generalisação das suas fórmias

Geralmente olha-se com pouca consideração, senão com desdém e desprezo, para as manifestações da industria caseira e popular, como productos d'uma civilisação primitiva, proprias de tribus alheias e refractarias aos influxos da civilisação.

Conta-se que n'uma exposição universal a que concorremos se lia este distico: «productos dos indigenas do Algarve,» como quem diz da Zululandia ou de qualquer outra região da mesma capacidade intellectual e progressiva.

O adiantamento enorme que se tem manifestado em quasi todas as industrias, sobretudo depois da applicação do vapor e da electricidade, facilitando e barateando os seus productos, fez com que a industria caseira viesse a perder, quasi em absoluto, a sua importancia, ficando estacionaria, victima d'uma concorrência esmagadora.

No entanto ha certos artefactos, resultantes do trabalho manual, que hão de perdurar indefinidamente, que hão de ser difficilmente substituidos e aos quaes, por diversos motivos, se ha de dar sempre a preferéncia.

Tanto na arte como na industria ha certas fórmias e certos objectos, que attingiram a sua feição definitiva, o seu grau de perfectibilidade, que será difficilimo, senão impossivel, ultrapassar. Assim os oleiros gregos e etruscos deram ao vasilhame de uso commum, ao decorativo e sumptuario, toda a elegancia de linhas que era permittido imaginar. Quem quizer produzir cousa inedita n'este genero cae fatalmente no excentrico e no ridiculo. Os nossos obscuros louceiros, na sua inconsciencia technica, não fazem senão perpetuar, n'uma tradição secular, as maravilhas que lhes legaram os seus antepassados da Grecia e de Roma. A cantara ou bilha, que em muitas das nossas aldeias

as camponezas levam á fonte, seria digna de pousar sobre a cabeça d'uma elegante atheniense.

Indubitavelmente muitas d'essas industrias são estacionarias e im-progressivas, e bom é que assim seja. Alteral-as, modifical-as, seria uma profanação. As varinas e aldeãs do Minho usavam antigamente de umas arrecadas e de uns corações de filigrana, que eram um encanto e que despertavam a cobiça e a curiosidade do estrangeiro. Os ourives do Porto entenderam que deviam aprefeioar estes objectos, *modernisando-os*, e quem passa hoje pela rua das Flôres fica horrorisado com as monstruosidades artisticas que observa nas vitrines das ourivesarias. O mesmo succedeu approximadamente com os moringues e bilhas de Estremoz.

Foi Bordallo Pinheiro, o eximio ceramista, quem mais particularmente se dedicon a demonstrar os effeitos surprehendedentes que podiam resultar da adaptação e generalisação bem entendida de certas fórmias da industria popular. Que partido não tem elle tirado do abano, esse circulo de esteira espetado n'um pau, da alcofa fabricada da mesma materia prima, do typo lendario e já quasi extincto da mulher de capote e lenço, do immoreduro e ideal typo, creação sua, do *Zé povinho*?

E não contente com isto, Bordallo procura sempre dar á sua ornamentação um character nacional servindo-lhe de mina inesgotavel as plantas e os fructos das nossas hortas, as flôres dos nossos campos, os mariscos das nossas praias. Como elle soube, por exemplo, estylisar garbosamente as fórmias do perú, com as suas pennas entufadas, com o seu monco reluzente de coral!

Outro artista que segue triumphante no mesmo caminho é o sr. Leitão com o seu magnifico estabelecimento e officina de ourives ao Chiado. Nada mais interessante que as suas colleções de utensilios de verga reproduzidos em prata com uma delicadeza e com um criterio artistico inexcediveis. A gente admira-se da gentileza das fórmias e da sua variedade. Quasi lhe custa a acreditar que aquillo não seja senão a canastra do peixe que a varina apregoa pelas ruas. E ainda ali não estão todos os utensilios que se fabricam de verga e de outras materias identicas. A cestinha finamente encanastrada das Caldas é um dos objectos mais attrahentes. Faltam ainda alguns typos de cestos redondos, que supomos não devem produzir mau effeito. O barrilinho de ovos molles d'Aveiro parece-nos que poderia equiparar-se e juntar-se a esta colleção, mórmente se o transformassem n'um guarda-frascos ou cousa parecida.

O estrangeiro que passa diante da vitrine da ourivesaria Leitão

deve ficar satisfeito ao examinar aquelles productos, vendo que já pôde levar para o seu paiz uma lembrança da nossa terra, caracteristicamente nacional. Pena é que elles não estejam mais facilmente ao alcance de todas as bolsas. No Porto já se fazem umas imitações, que são mais baratas, mas que deixam muito a desejar no tocante ao esmero e perfeição do fabrico.

A *espadelada* é uma das costumeiras mais pittorescas das nossas provincias do norte, mas tende a desaparecer pela concorrência absorvente do algodão, que restringe cada vez mais a cultura do linho. A espadela, uma especie de cutello de madeira com que elle se bate, tem uma fôrma original e acabamos de a vêr muito curiosamente aproveitada na livraria Ferin, servindo para n'uma das extremidades se pregar um calendario, ornamentando-se o restante da face livre com uma pintura. Modificada no seu tamanho, é de crêr que ainda se lhe possam dar outras applicações.

Fazendo a apologia de certas fôrmas da arte e da industria popular, não aconselhamos de modo nenhum que ellas se reproduzam a *trôxe-môxe*, inconsideradamente, sem criterio. As reproduções dos utensilios de verga pela ourivesaria Leitão são de grande valia porque se lhes deu, além da consagração da fôrma, uma utilidade practica, podendo servir para cestos de pão n'uma mesa de luxo, para flôres cortadas, para bandejinhas de doces, para ter sobre o toucador ao mesmo tempo como adorno e como guarda-joias. Já não manifestaremos o mesmo sentimento pelas produções de outros objectos, como o classico candieiro de azeite de metal amarello, a candeia de lata ou ferro, etc. Ficam sendo apenas recordações mais ou menos interessantes de antigualhas, cujo uso se perdeu e que já são para nós quasi prehistoricas.

Haja, pois, este judicioso criterio, tanto na produção integral dos objectos, como na escolha do que é propriamente decorativo, e a arte e a industria nacional poderão progredir, revestindo-se de uma feição acentuadamente local e caracteristica.

Isto não quer dizer tambem, fique claramente entendido, que nos limitemos aos processos imitativos e que deixemos de procurar a realisação de novas fôrmas.

A judiciosa combinação de uma e outra coisa deverá estar sempre presente aos olhos dos nossos artistas, porque *nihil sub sole novum*, e nada se cria sem ter estudado e meditado a marcha e os processos evolutivos da arte.

Influencia do progresso nas industrias caseiras e domesticas

Os progressos realisados n'este seculo pelos machinismos constantemente aperfeiçoados teem causado uma transformação social mais profunda que as mais violentas revoluções politicas. As grandes fabricas não só aniquilaram as industrias caseiras, mas deram origem aos gravissimos problemas economicos, que assoberbam as nações industriaes por excellencia. A accumulção dos operarios nos centros fabris deu causa á formação do partido socialista, cujo character internacional lhe dá uma força extraordinaria, e o habilita a pôr em pratica as mais audaciosas theorias.

Com a applicação do vapor e da electricidade ás mais variadas e poderosas machinas, as industrias caseiras soffreram o golpe de misericordia, o que em muitos casos foi por certo um facto lamentavel. No nosso paiz a pequena industria tinha um ar patriarchal, familiar, que contribuia para o bem-estar domestico e para a prosperidade de certas povoações. No numero illustrado que o nosso estimavel collega o *Commercio do Porto* distribuiu este anno pelas festas do Natal, ha um conto do sr. Ramalho Ortigão, em que se faz uma pintura pittoresca do movimento que havia antigamente na rua das Hortas no Porto, quando os ferreiros das immediações vinham trazer ás lojas de ferragem, nos seus burrinhos tradicionaes, as ceiras de pregos que elles fabricavam. As pregarias a vapor apagaram as forjas d'esses laboriosos industriaes.

Nas cercanias do Porto havia um grande numero de industrias caseiras que, ou já se extinguiram, ou vão definhando gradualmente. O mais curioso é que o elemento feminino era o que mais se entregava a esses labores. Em Mathosinhos, por exemplo, as mulheres, enquanto os maridos andavam na faina maritima, fabricavam, com as suas agulhas e com os seus bilros, meias, camisollas, rendas. Em outras partes torciam-se linhas, teciam-se fitas, fabricavam-se botões de osso, uma infinidade de pequenos objectos, alguns dos quaes de rudeza primitiva, mas typica. Quem colleccionasse methodicamente todas essas producções da industria caseira, teria feito um admiravel museu ethnologico. Hoje talvez fôsse já um pouco tarde, porém, a coheita ainda seria apreciavel.

Mas é sobretudo na domesticidade que a civilização tem tido a mais activa e por vezes perniciosa influencia. Antigamente, nas provincias do norte sobretudo, a gloria d'uma bôa dona de casa era ter um bom bragal, a arca de castanho cheia de roupa branca, alva de neve, ressendendo ao aroma do feno. As creadas e a patrôa, nas horas que sobejavam do mais especial trabalho domestico, punham a roca á cinta, fiando o linho. Depois era o dobar das meadas, que se punham a córar e se mandavam ás tecedeiras. Quem apresentasse mais teias no fim do anno, mais orgulhosa se mostrava. Hoje a rouparia a vapor veiu annullar toda esta laboriosidade íntima, e raras são as casas, nas cidades e villas da provincia, onde o pessoal domestico se occupa em fiar o linho.

Uma cousa ainda não acabou o progresso : foi a lavadeira aldeã, mas não tardará muito talvez em que vejamos desaparecer esse typo, tão original, tão pittoresco, tão caracteristico do trabalho nacional.

A lavandaria a vapor ainda não matou a lavagem á mão, mas o progresso não deixou de nos pregar das suas, introduzindo a boneca de chloreto de cal, em substituição da bôa e antiga barrela de cinzas de lenha, que dava um bom aspecto á roupa sem lhe prejudicar a solidez e conservação. Qual é a dona de casa que se não lamenta do abandono dos antigos processos, e se não queixa da ruina permanente que soffre o seu bragal!

Felizmente que o uso dos chloretos parece não estar para muito, despontando já no horisonte da industria um novo preparado, que os substituirá com a maxima vantagem. E' sabido que decompondo-se os chloretos por meio de uma corrente electrica obtem-se uma solução particular, que produz todas as virtudes oxidantes, descorantes e desinfectantes do chloreto e dos hyperchloretos sem apresentar os seus inconvenientes.

Esta solução está já tendo vantajosas applicações hygienicas e fabricis e é de esperar que não tarde a ser empregada na lavandaria. E' uma noticia que ha-de regosijar as bôas donas de casa, e uma optima compensação a tanta cousa util que o progresso na sua transformação vertiginosa tem destruido.

A archeologia da industria

Sentimos, não o podemos negar, uma saudosa sympathia pelo passado, porque o passado traz sempre uma recordação carinhosa da nossa infancia ou da nossa mocidade, mas não sômos d'aquelles que amaldiçoam o presente, que descrêem do futuro, e que imaginam que a felicidade ficou para sempre sepultada no tumulto dos nossos avós. A canção do *bon vieux temps* tem o seu eco elegiaco nos recessos da nossa alma, mas o nosso espirito tambem se alvoroça com a canção da alvorada, que desponta todos os dias no horisonte do progresso. O que era bom dos tempos antigos não desapareceu de todo, cristallisou apenas, ficou servindo de base ás camadas successivas da ininterrupta civilisação.

Se déssemos largas ao sentimentalismo do passado, se nos deixássemos arrastar por este pendor archeologico, se levassemos esta doutrina até ás suas ultimas consequencias, teriamos necessariamente de regressar ao estado primitivo, á selvajaria do homem da pedra lascada. Rousseau era partidario d'estes principios, mas o seu paradoxo só era encantador nas paginas do *Emile*, embora reconheçamos que em muitos casos seja necessario, para rejuvenescimento da raça, voltar ao estado natural. Os requintes da civilisação, prejudicando o organismo, quer sob o ponto de vista physico, quer sob o ponto de vista moral, precisam de ser, de quando em quando, convenientemente corrigidos e retemperados.

Os monumentos architectonicos, os monumentos artisticos de qualquer feição, mereceram sempre o respeito dos homens intelligentes de todos os tempos, e o seu estudo constitue um dos mais importantes ramos do saber humano. Os nossos olhos, quando veem estampar-se no horisonte os arcos em ruinas de um aqueducto romano, experimentam uma sensação intraduzivel, mixto de tristeza e de respeito. Atravez d'aquelles vetustos semicirculos de pedra, enegrecidos pelo tempo e engrinaldados selvaticamente pelas parasitarias, como que estamos observando o mysterioso scenario do infinito.

E' pena que já não haja o mesmo espirito e a mesma consideração para monumentos d'outra especie, de character menos material, e cujos vestigios se vão perdendo e extinguindo pouco e pouco, deixando apenas um traço ligeiro na tradição. Referimo-nos ás industrias caseiras, supplantadas tão despoticamente pela omnipotencia da ma-

china. E' certo que o *folk-lore* vae recolhendo todos esses vestigios, mas a sua colheita é realisada por emquanto ainda um pouco ao acaso, mais por diletantismo, que por espirito scientifico.

Deslumbram-nos as maravilhas da industria moderna, mas não podemos occultar a nossa magua diante do desaparecimento de muitas industrias caseiras, que representavam, além da sua feição economica, um poderoso elemento moralizador na familia. Ninguem dirá que o trabalho não seja uma das principaes condições da felicidade domestica, mas essa condição vae desaparecendo gradualmente, e é essa porventura uma das causas que mais actuan na perturbação social, que tão frequentemente presenceamos na actualidade.

Hoje em dia tudo se transformou e até quasi que são inuteis os serões. O tempo, que se gastava em coisas uteis, desperdiça-se agora em mil futilidades, e d'ahi provém a causa principal do fastio do seculo, d'esta doença que ataca os nervos de todas as mulheres ociosas. Fazer meia ou talhar camizas para que? se tudo se vende por preços diminutos!

Quem vivia da sua pequena industria, do seu modesto tear manual, tambem se vê obrigado a desistir d'esse modesto, mas honrado ganha-pão. As aldeias do norte, ainda ha poucos annos tão cheias de pittoresco nos seus costumes tradicionaes, com os seus vestuarios e enfeites de padrões seculares, estão sendo invadidas cruelmente pelo modernismo que desfigura e estraga muita coisa, que desejamos vêr perpetuada.

Bem sabemos que esta perturbação é momentanea o que nos causa dolorosa surpresa, por ser tão rapida, por nos ter colhido quasi de improviso. Estamos atravessando um periodo de grave transformação industrial e social, e sem duvida após elle virá qualquer coisa de mais definitivo, que ponha um termo razoavel a esta excitação phenomenical. Mas emquanto as aguas revoltas não clarificarem, emquanto o lodo que anda á superficie não depositar, convertendo-se, como nas margens do Nilo, em adubo feracissimo, não cause estranheza que gravemos a nossa elegia na lousa do passado, lamentando o aniquilamento do que elle tinha de bom e que ainda não foi razoavelmente substituido por cousa melhor.

A' archeologia e ao *folk-lore* recommendamos todavia que se apressem quanto antes em fazer o inventario de todos os vestigios das antigas industrias, algumas das quaes, nas suas violentas transformações, se vão afidalgando, em vez de se democratisarem. Assim o moleiro como que se envergonha d'esse titulo e dá-lhe por substituto a palavra moageiro. O sapateiro, dispensando este epitheto, que reputa

menos decoroso, adopta de preferencia a pomposa designação de fabricante de calçado. E assim por diante, n'uma orientação, que, além de falsa, nos parece ridícula.

Archivemos, pois, pelo desenho e pela palavra, esses vestígios da nossa antiga actividade, esses brasões modestos, mas gloriosos, do trabalho nacional. Exploremos as nossas antigas officinas, as vetustas construcções onde o operario fabricava modestamente os seus productos, recolhamos os seus pergaminhos, isto é, os seus instrumentos de trabalho e os compromissos das suas corporações, formemos vocabularios da tecnologia actual e da tecnologia em desuso, organisemos museus, onde se leia a historia comparada e progressiva da industria, e, realisando esta empreza, teremos prestado um serviço á patria e um serviço á humanidade!

12-6-1896.

O Natal e as industrias nacionaes

Estamos na semana do Natal e já se nota por toda a parte um ar de festa nos templos da gastronomia e da elegancia; no vasto armazem de viveres do Martins, na sumptuosa ourivesaria Leitão, na rescendente e apetitosa loja do Ferrari, nos graciosos armazens de bijouterias do Barella, do Benard e do Peixe. Em todas as ruas as vitrines apparecem engalanadas com quanto póde desafiar o apetite material ou a curiosidade do espirito. Brinquedos para creanças, joias para mulheres, objectos delicados para os amadores da arte, tentações para todas as edades, iguarias para todos os paladares, deslumbramentos para todas as pupillas.

Infelizmente, em todos estes bazares de luxo, da elegancia, do conforto e até da futilidade, a representação da industria nacional é bem diminuta e mesquinha, para não dizer quasi nulla. A quinqui-lharia ou *bibelotaria* franceza, em concorrência com a allemã, inunda e absorve tudo. Parece que sômos os nababos, a quem o Oriente tributa ainda as suas páreas de Quilôa e de Ormuz e que com o ouro das especiarias pagamos todos os caprichos da phantasia. Como os ricos ociosos levamos o nosso egoismo ao ponto de acreditar que não precisamos de consumir a nossa actividade e que os outros é que se devem fatigar para satisfazer todas as nossas necessidades. Traba-

lhem as abelhas na sua laboriosa officina e fique o zangão a olhar do alto para lhes chupar o mel que nada lhe custou a fabricar !

Esta indolencia, porém, ainda que não pareça, pagamo-la por um preço exorbitante, e a prova real temo-la ahí no grande *deficit* economico que nos assoberba, e nas difficuldades financeiras que nos embaraçam, e tanto nos distanceiam dos povos que marcham na vanguarda da civilisação.

Não são os estranhos que veem depôr a nossos pés os tributos preciosos da sua industria, sômos nós que estamos na dependencia immediata de tudo o que concebe e realisa o seu espirito inventivo, a sua actividade incessante. Nós, com todo o ar de senhores feudaes, é que sômos os escravos ; elles é que nos ditam as leis com a arrogancia e intransigencia que lhes dá a sua indiscutivel superioridade artistica e fabril.

Por este tempo, em França, na Allemanha, na Austria e na Inglaterra, ha uma vertigem de novidades. As artes graphicas, sobretudo, concorrem com surpresas, que chegam a ser maravilhas. O que se dispende de engenho, de graça, de originalidade na ornamentação dos cartões e dos livros de consoada é verdadeiramente extraordinario. O lapis dos mais notaveis artistas desentranha-se em phantasias deliciosas. Não ha processo que não dê o seu contingente, que não entre em lucta, que não procure demonstrar a vantagem que leva sobre os seus concorrentes. Chega a ser esmagadora esta rivalidade, mas é ao mesmo tempo o mais poderoso e o mais admiravel dos estímulos.

Em Portugal tambem se poderia fazer bastante, se houvesse um pouquinho mais de iniciativa e de confiança ; se perdessemos este ar contemplativo de poetas, absortos na serena claridade do céu, e baixassemos um pouco mais os olhos para o mundo pratico. E sem perder nada das nossas qualidades lyricas, da emotividade da nossa alma meridional, antes aproveitando-as convenientemente, poderiamos imprimir alguma cousa de poetico, em harmonia com a doçura do nosso clima, aos productos da arte e da industria portugueza. Sem apagar as feições genuinas e tradicionaes de alguns dos artefactos que fabricamos e que conservam um certo character de originalidade, nós poderiamos todavia modifical-os, amoldal-os ás necessidades do tempo, ás metamorphoses da moda, ás exigencias dos novos processos, à evolução artistica emfim, que é fatal, que obedece á marcha das sciencias, que está em correlação directa com os descobrimentos que se vão effectuando dia a dia.

Assim a nossa ceramica poderia e deveria entrar triumphante

n'este concurso. Bordallo já mais d'uma vez tem dado o exemplo e pena é que a sua influencia vivificadora não seja mais constante e extensiva. Pois póde haver presente mais delicado e valioso, mais caracterisadamente nacional, que uma peça rubricada com o nome do glorioso artista?

As graciosas cestinhas das Caldas, já as de louça, já as de vime, poderiam tambem constituir lindas prendas, se as enfeitassem mais, se, por exemplo, as almofadassem de seda, se, nas de vime, applicassem uma pinturasinha qualquer. Não se tornariam assim elegantes cofresinhos para dôces ou para quaesquer outros objectos?

As nossas fructas seccas — deliciosas que ellas são! — ficam preteridas pelas fructas francezas, que, apesar da sua carestia, attraem mais a vista pela elegancia das suas cartonagens.

Os barrilinhos d'Aveiro poderiam permanecer na sua fórma primitiva, mas ganhariam mais attractivos se uma ligeira pintura, reproduzindo os costumes locaes, lhes quebrasse a monotonia.

Fazemos estas breves indicações, que nos parecem praticaveis e dignas de se aproveitar, mas muitas outras haveria que seria convenientissimo adoptar. Uma cousa que nos impressiona desagradavelmente é vêr que as escolas industriaes, bastante numerosas e disseminadas por tantos pontos do paiz, não tenham exercido mais salutar influencia, determinando uma corrente vivificadora n'este sentido. A's diversas corporações commerciaes e industriaes compete pensar sériamente n'este assumpto, estabelecendo concursos e premios que estimulem a actividade creadora da industria e da arte nacional.

Convençam-se todos que não podemos ficar estacionarios e que para conservar decorosamente a nossa posição politica urge por todos os modos desenvolver as mais variadas fórmas do trabalho. A China enkistou na sabedoria dos seus philosophos e na pericia das suas admiraveis industrias seculares, fechou os olhos á evidencia do progresso, e por isso hoje as grandes potencias da Europa julgam chegado o momento de paraphrasear o *delenda Carthago*, e a China não tardará a entrar na partilha definitiva da cubiça europeia.

Ora não queiramos ser a China do occidente europeu!

23-12-1897.

ARTIGOS SOBRE THEATROS

A religião e o theatro

A prohibição de uma oratoria sagrada que estava em scena no theatro do Principe Real tem levantado na imprensa algum debate sobre a inconveniencia de se exhibirem no palco os factos e as figuras principaes do nosso credo religioso.

O caso não deixa de ser interessante, analysado sobretudo á luz da historia.

O theatro teve uma origem sagrada: foi na festa dos deuses que lhe embalaram o berço. O theatro moderno nasceu das cerimoniaes do christianismo. Os autos, as moralidades, os mysterios, tinham por scenario as naves das cathedraes ou os recintos santificados. O Natal e a Paschoa não offerciam mais encantador attractivo que as representações pastoris, ingenuas e maliciosas ao mesmo tempo, d'uma realidade e d'um sobrenaturalismo surprehendentes.

Ainda outro dia démos aqui noticia do apparecimento, na chancellaria de D. João II, d'um diploma relativo a um escolar de Setubal, que fazia momices ou representações d'um character perfeitamente religioso, em que mettia á bulha a synagoga, mas em que parodiava tambem a igreja e seus representantes. Por isso foi relaxado ao braço da justiça, sendo-lhe a pena commutada por el-rei.

Gil Vicente, o grande creador do theatro portuguez, é que nos fornecerá todavia os mais preciosos elementos para esta brevissima resenha historica. As suas *obras de devoção* formam o principal contingente da sua bagagem dramatica. No *auto da alma*, além d'esta, apparecem o anjo Custodio, a igreja e os seus quatro doutores, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Jeronymo e S. Thomaz. No *auto da Mofina Mendes* figuram a Virgem, S. José, as virtudes e o

anjo Gabriel. No *auto da historia de Deus* travam dialogo os maiores do inferno, os anjos, diversas personagens symbolicas, como o Tempo, o Mundo e a Morte, os prophetas, S. João e finalmente Christo.

No seculo XVII os *autos sacramentaes* e as comedias tiradas do *flos sanctorum* formam a principal verba do riquissimo inventario da litteratura dramatica hespanhola.

Mas para que é invocar o passado, quando o presente justifica com exuberancia as representações scenicas de assumpto sacro? Na Allemanha, na culta e poderosa Allemanha, não concorre de todas as partés do mundo uma perigrinação numerosissima para presenciar a paixão de Christo, desempenhada dramaticamente pelos camponezes de Oberammugan?

Na actualidade, o mysticismo em Paris está tendo extraordinaria voga. O theatro converteu-se n'uma especie de pulpito, onde os actores mais afamados vão fazer leitura dos discursos religiosos dos prédadores mais notaveis. O sermão sobre a esmola, de Massillon, resoou como um grito de guerra soltado pela trombeta apocalyptica do socialismo.

Na *Renaissance* os episodios evangelicos acabam de ser poderosamente evocados pela inspiração poetica do sr. Edmond Rostand. Alguns periodicos como o *Figaro* e o *Temps* mostravam-se apprehensivos sobre o resultado d'esta experiencia audaciosa, mas o talento de Sarah Bernhardt, na Samaritana, e o de Bremont, na figura de Jesus, conseguiram dissipar todas as hesitações e todos os receios, e a grande tragedia do Calvario dominou os espiritos. O exito da *Samaritana* não podia ser mais lisonjeiro.

Mas o que é mais curioso e que vem demonstrar quanto Paris, apesar da sua leviandade e da sua estroinice, obedece ao impulso do sentimentalismo, é que a igreja segue as pisadas do theatro e o aparato scenico contribue para a propaganda religiosa. O cura de Nossa Senhora dos Campos attrae a piedade dos fieis, fazendo desenrolar á sua vista, em quatorze quadros vivos, a *ostentação dos mysterios* da vida de Nosso Senhor Jesus Christo. Dir-se-hia que Paris, por um estranho processo retroactivo, por uma especie de somnambulismo historico, regressou aos dias fervorosos da idade média.

Apesar de todos estes exemplos e de toda esta documentação historica, confessamos que não é sem receio que vêmos levados para o palco os assumptos mais palpitantes e que mais interessam a nossa fé de christãos. O vulto sagrado de Christo, só n'um scenario magestoso, só n'uma oratoria primorosissima, só desempenhado por um ar-

tista de primeira ordem, é que poderia produzir uma impressão séria e commovente. Expôr a figura divina do Redemptor ao riso ou aos dichotes d'um espectador alvar, é sem duvida uma inconveniencia de todo o ponto irreparavel. E quem se póde responsabilisar pelo acatamento, senão sincero, pelo menos delicado, das nossas ou de qualquer plateia?

Se ha espiritos crentes e bem intencionados que se deixam seduzir e apaixonar pela narrativa deliciosa do Evangelho e a procuram reproduzir mais ou menos authenticamente, quantos outros escriptores a interpretariam sob um ponto de vista menos ingenuo e sentimental e feririam assim o que ha de mais intimo e de mais respeitavel na crença religiosa?

N'esta corrente de ideias, parece-nos que andou arrasoadamente a policia, e se em alguma cousa temos a condemnar o seu procedimento é em ter apparecido tarde como os carabineiros de Offenbach. Uma empreza theatral é tão digna de respeito como qualquer outra e os seus interesses não podem estar sujeitos ao capricho. Julgamos portanto indispensavel que se estabeleça uma norma geral para que d'aqui para o futuro se saiba em que lei vivemos.

Podem os assumptos religiosos ser tratados no theatro? No caso affirmativo, quaes as suas condições e a sua latitude?

E' este o modo que nos parece mais sensato e positivo de ser posto o problema. E crêmos que haverá toda a vantagem em adoptar uma resolução definitiva a tal respeito. Antes isso que a incerteza. Boa ou má, é indispensavel que todos saibam a lei por que se devem governar.

21-4-1897.

Vicissitudes do theatro nacional

Nós não temos a cabeça epica, dizia Voltaire a respeito dos seus compatriotas, n'uma phrase que tinha mais de espirituosa que de verdadeira. Effectivamente o grande seculo de Luiz XIV se podia orgulhar-se com os nomes gloriosos de um Corneille, de um Racine e de um Molière, que tanto lustre deram á litteratura dramatica, não podia ostentar da mesma sorte o nome de um poeta heroico, que podesse hombrear com o de Camões, o sublime cantor dos *Lusiadas*,

com o de Tasso que immortalizou Godofredo de Bouillon, na sua *Jerusalem Libertada*, ou com o de Milton, o biblico poeta do *Paraiso Perdido*. Em compensação, a litteratura medieval franceza produziu uma admiravel serie de *cantos de gesta*, de poemas cavalheirosos, que deram á França um indisputavel logar de honra na poesia epica.

O auctor da *Henriade*, querendo com este poema substituir a lacuna que suppunha existente na litteratura do seu paiz, padeceu um equivoco na sua memoria e com este equivoco padeceu correlativamente a justiça da critica litteraria.

A phrase de Voltaire, convenientemente paraphraseada, poder-se-hia applicar ao nosso theatro — *nós não temos cabeça dramatica*. Não diremos que ella se possa afirmar em absoluto, mas parece-nos que se aproxima bastante da verdade. Tirante Gil Vicente, que é uma figura realmente singular, e em cujas obras se encontram trechos verdadeiramente geniaes, nós não temos nada que se possa comparar a Shakspeare e a Molière, nem tão pouco a Lope de Vega e a Calderon, cuja fertilidade foi assombrosa. A litteratura dramatica hespanhola é sem contestação muito superior á nossa em todos os sentidos. No seculo XVII alguns engenhos portuguezes competiram com os melhores talentos do reino visinho, mas esses mesmos escreveram as suas composições no idioma de Moreto e de Cervantes.

Apesar da nossa pobreza relativa, ainda assim o campo não é tão safaro, que não dê algumas espigas de benção. A mentalidade portugueza tem aptidões para tudo e não é na litteratura dramatica que ella apparece com o seu signal negativo. O talento não falta, o que falta é o estimulo, e mais que tudo o espirito de sequencia. A tradição dramatica tem tido entre nós grandes soluções de continuidade e o que importa é restabelece-la, reconstitui-la, ou antes creal-a de novo e impulsional-a. Para isso o essencial é ligar intimamente a arte e a litteratura dramatica. Sem uma bôa escola de interpretes, não é possivel o desenvolvimento do espirito litterario. O palco, mais que o livro, é a atmospheria onde elle melhor respira e melhor se altea.

O theatro francez é intensa e extensamente cultivado, porque não lhe faltam, para assim dizer, os viveiros, as estações procreatoras e reproductoras. A *Comédie Française* não é só uma escola de artistas, é mais do que isso, é um museu animado da litteratura dramatica. A tradição n'aquelle fóco esplendido, radica-se e os grandes mestres, expostos ali ao publico, servem de guia e de incentivo aos que se iniciam no genero. E' uma consolação saber-se que não só se recebe o estipendio dos vivos, o applauso dos contemporaneos, mas que ainda

no futuro continuará essa apothese e que as gerações vindouras saudarão com enthusiasmo o nome que se tornou illustre.

Entre nós apparecem de quando em quando, não raro, talentos promettedores e que as platéas corôam phreneticas n'uma noite de gloria. Mas essa apothese quasi sempre é ephemera ou mentirosa, mais artificial que verdadeira, mais benevola que justa, porque nas noites seguintes a frequencia dos espectadores é a mais cruel das contraprovas. Não sabemos como explicar este phenomeno, que deve ser o mais triste dos desenganos para os que sonharam com uma carreira triumphal. E' por isso que vêmos estreias auspiciosas e não assistimos ao desabrochar de uma organização incontestavelmente vigorosa. E' por isso que entre nós não ha, como em França, o auctor dramatico de profissão, e quasi todos elles são apenas curiosos que empregam as suas horas vagas em escrever para o theatro como se escrevessem noticias para um jornal, na mira d'um pequeno lucro, que chega apenas para satisfazer algumas despezas eventuaes.

Garrett procurou por todos os modos levantar-nos d'esta decadencia, mas o cadaver ficou apenas meio galvanizado. No entanto niuguem comprehendeu como elle o que era necessario fazer para o renascimento dramatico. Occupou-se de tudo, tanto da parte espirital como da parte material, mas os obstaculos que encontrou, se o não desanimaram em vida, vieram mais tarde embaraçar a sua obra de gigante. Não contente em ter levantado um edificio proprio, um templo condigno da arte, elle organisou o corpo sacerdotal que n'elle funcionasse e tudo o mais que era indispensavel para sustentar o culto e alimentar o fogo sagrado.

E não contente com isto, deu o mais valioso exemplo, escrevendo dramas, que são as mais bellas joias do nosso repertorio. O *Frei Luiz de Sousa* pôde dizer-se o modelo da tragedia em prosa e uma das mais commoventes peças que se tem escripto em qualquer lingua. A sua simplicidade tragica attinge as raias do sublime.

É uma cousa curiosa como Garrett escolheu de preferencia o campo historico para exploração dos seus trabalhos dramaticos, e como n'este ponto tem sido seguido por todos ou quasi todos os que teem vindo após elle. Dir-se-hia que não possuímos o instincto de observação ou que a nossa sociedade não fornece elementos bastantes para a elaboração da comedia. E no entanto bastaria uma noite de S. Carlos, um perpassar de olhos pela sala e pelos camarotes para dar assumptos de sobra a um fino analysador dos ridiculos da nossa burguezia engalanada com falsos adereços aristocraticos.

Não é, por certo, a critica um elemento gerador do talento, mas

póde servir-lhe de guia e de contrapeso, apontando-lhe os defeitos a par das bellezas, ensinando ao publico a fazer essa discriminação sincera. Mas exercerá porventura a critica entre nós essa missão proficua, ou limitar-se-ha apenas a soltar o seu oraculo mais ou menos propicio, mais ou menos agourento e fatal, segundo a influencia dos conventiculos ou conforme as amizades e antipathias pessoaes?

Como quer que seja, uma longa serie de circumstancias concorre para o abatimento da nossa litteratura dramatica, e á imprensa occorre o dever de debellar essas contrariedades, empregando todos os esforços para que o theatro occupe entre nós um logar de primasia como uma das manifestações mais bellas da arte e do sentimento popular.

O theatro é o espelho mais nitido e que mais caracteristicamente representa a vitalidade cerebral d'um povo, o grau de adiantamento da sua civilisação.

10-1-1899.

O futuro do theatro

O seculo XIX expira sem que legue ao seculo XX os moldes da nova fôrma dramatica tão anciosamente esperada pelos reformadores do theatro. Atravessamos um periodo de decadencia — todos o reconhecem mas ninguem descobre o Moysés que com a sua vara fira a rocha d'onde brote o jorro, que venha saciar os sequiosos da novidade. Ha uma especie de canção, de desalento, e um ou outro, que tente abrir novo caminho, cae desfallecido, ou por que não tem as forças sufficientes para a marcha, ou porque é de brilho illusorio a estrella por onde procura orientar-se.

As casas de spectaculo de Paris estão preparando os seus programas para a epoca da exposiçãõ; mas por emquanto nenhuma d'ellas conta com alguma novidade excepcional. A *Comédie Française* ensaia a *Patria* de Sardou e *Carlota Corday* de Ponsard, uma peça historica e uma tragedia já muito conhecidas e que não teem nada de notavel a recommendal-as. A França não dará por certo aos olhos dos estrangeiros que a visitarem por essa occasião a mais lisonjeira ideia do estado de moralidade dos seus costumes, se porventura os regular com as peças ultimamente mais em voga, e que apenas se recommendam pela sua audacia em affrontar o pudor.

Os iniciadores da nova era dramatica desejam que se opere uma revolução semelhante áquella que Wagner operou na scena lyrica. A litteratura dramatica deve ser, segundo o seu ideal, uma especie de religião, e o theatro um templo, não um templo catholico, cheio de imagens e quadros, mas um templo protestante, em cujas paredes nuas avulta apenas a cruz. O olhar do espectador não deve ser distraído por cousa nenhuma, estranha á peça, que o fascine e estonteie, antes deve concentrar-se inteiramente no palco, n'uma inquebrantavel attenção scenica.

Ora esta maneira de pensar é digna de todo o respeito e indica uma elevada maneira de considerar as cousas, mas não se accommodava facilmente á generalidade do publico, cujo temperamento não se sujeitava a taes imposições. Para os povos do norte ainda se comprehende que convenha semelhante esthetica, mas para os povos meridionaes a cousa muda muito de figura. Quem está affeito á claridade da atmospherá, ao deslumbramento do sol, não se affaz á obscuridade e muito menos ás trevas. O theatro grego, ao ar livre, fazendo lembrar uma arena, teria mais razão de ser. O espectador peninsular não vae ao theatro simplesmente pelo amor da arte, vae para vêr e para ser visto; vae para gosar o aspecto da sala; para se aquecer e illuminar ao clarão dos olhos femininos. Tirem-lhe este attractivo magnetico e elle preferirá ficar em casa, ouvindo a peça por meio do telephonio.

A maioria do publico vae ao theatro não para se instruir ou moralisar, mas para se distrair, para gosar um bocado, para desopilar o baço, para esquecer os enfados, tristezas e inquietações da vida. Para apoquentações — dizem elles na sua philosophia pratica — bem bastam as que vão por casa. No entanto o theatro, como uma escala musical, tem sons para todos os gostos e para todos os sentimentos. Ha organismos delicados que se aborrecem da risota continua e que acham um certo refrigerio no espectaculo das cousas suavemente tristes, de scismadora melancolia. Shakspeare, um dos mais geniaes talentos dramaticos que tem apparecido, compoz para deleite de todas as imaginações. Elle fére todas as cordas da sensibilidade, desde o pathetico mais vehemente até ao comico mais rizivel. Nas suas tragedias e nas suas peças historicas apresenta o bello horrivel e dá-nos todas as vibrações dolorosas do coração humano. A figura delicada de Desdemona embate-se na paixão violenta do Mouro de Veneza. Falstaff é a gargantuice em pessoa, uma pansa ambulante, que aspira todavia ao amor. O *Sonho de uma noite de verão* leva-nos da realidade ao mundo das maravilhas.

Victor Hugo ampliou, exaggerando-o, o systema de Shakspeare, apresentando no mesmo drama, e até na mesma personagem, o mais violento dos contrastes; não só o contraste physico, mas o contraste moral. Triboulet não é só a antithese de Francisco I; é a antithese de si proprio, a monstruosidade physica dominada pela belleza moral.

O theatro de Ibsen tem sido ultimamente escolhido como incentivo de renovação dramatica, mas por maior que seja a admiração que nos desperte, parece-nos que é um modelo perigoso para as litteraturas meridionaes e que precisa de ser convenientemente modificado para que as nossas plateias o acceitem do bom grado.

Moliére, o mais humano dos auctores dramaticos, ha de ser sempre o mestre auréolado e querido, porque ninguem melhor do que elle comprehendeu o celebrado aphorismo — *ridendo castigat mores*. O theatro não ha de ser uma pedantesca escola de philosophia, mas o que não póde ser de modo nenhum é uma escola pratica de pornographia, uma escola dissolvente, um estímulo de immoralidade. Contra isso é que não ha espirito medianamente sensato e medianamente instruido que não proteste vigorosamente.

24-1-1900

O direito de patear

Tem-se discutido ultimamente com grande enthusiasmo, na imprensa parisiense, a questão de saber se assiste ou não, a quem compra um bilhete de theatro, o direito de patentear em publico e no proprio logar o seu descontentamento.

Antes de mais nada, convém advertir que em França o espectador não mostra o seu desagrado da mesma maneira que em Portugal. Lá assobia-se; aqui, bate-se com os pés ou pateia-se. Qual dos dois systemas seja o mais delicado, que o decida quem quizer, mas não nos parece que a vantagem esteja da nossa parte.

A questão, já se vê, não tem sido nem será jamais resolvida terminante e positivamente. Fala-se em direito, mas esse direito, não tem a menor fôrma de legalidade; é puramente convencional, consuetudinário, filho da tradição secular. Não está marcado em nenhum codigo e não nos parece que a auctoridade ou a policia possa intervir se não com o fim de manter a ordem, não permitindo que os espectadores pacificos ou indifferentes sejam perturbados no seu goso.

E' sem duvida, um costume que nos veio dos gregos e dos romanos, sobretudo dos circos ou colyseus, onde a vozearia dos espectadores constituiria o principal attractivo da turbulenta festa.

O direito de patear ha de accentuar-se ou modificar-se segundo a marcha evolutiva dos costumes. A educação, quanto mais delicada fôr, tanto mais ha de influir para resolver o problema. A pateada, em grande numero de casos, não passa de um acto de indelicadeza e até não raro, é um acto de revoltante injustiça. Não se diga que a pateada é uma das manifestações mais impulsivas e naturaes da critica. O pateante é um anonymo, sem a responsabilidade do acto que pratica. A pateada é uma sentença condemnatoria sem a assignatura dos juizes que a proferem. Wagner e Berlioz, o auctor do *Tannhauser* e o auctor da *Condemnação de Fausto* fôram assobiados, sendo necessario que a posteridade os desfornasse do ultraje, que a ignorancia, a malevolencia ou o despeito lhes tinham inflingido.

O silencio, a frieza do espectador seriam, em nosso entender, a maneira mais fina e até mais severa de se manifestar o desagrado. Não ha artista, lyrico ou dramatico, que não fique profundamente impressionado em frente da impassibilidade de uma plateia. Para muitos faz o effeito de um capacete de gelo. Artistas de grande merecimento succumbem deante da indifferença do publico, e até não dispensam uma *claque* especial para que lhes sirva de estimulo. Ir mais além póde parecer demonstração de ruim sentimento, ou resultado das pequeninas conspirações de bastidores. Ainda não se nos varreu da memoria a tristissima impressão de uma tremenda pateada a que assistimos ha annos no Gymnasio. Era noite de beneficio de um actor de merecimento, e nem esta circumstancia obstou a que a tempestade se desencadeasse inclemente. Não se respeitou cousa alguma e até no meio de um dos actos uma das actrizes que estava em scena, aliás querida das platéas, chegou a ter um ataque de nervos. Foi isto uma lição? Sim, uma lição de descortezia da parte de quem a deu.

Ha casos porém — reconhecemo-lo — em que a pateada se torna desculpavel e, até certo ponto, necessaria. E' quando um empresario abusa da boa fé do publico e não ha outro expediente para se lhe applicar um correctivo. O espectador burlado, precisa de tirar a sua desforra, e, por emquanto, não se conhece outro meio mais expedito.

Os que defendem a pateada dizem que, no caso d'ella ser prohibida, tambem não devem ser permittidos os applausos. O argumento cae por terra, porque não ha aqui paridade. O applauso é o extremo opposto da reprovação. Isto não quer dizer que elle não seja por vezes artificial e importuno e até imprudente, provocando a reacção.

Quãdo elle sae expontaneo, despertado pela faisca do talento, é impossivel contel-o, mas não será difficil regularisal-o em outras occasiões, não permittindo que o espectáculo seja interrompido com manifesto incommodo da maioria dos espectadores.

Houve entre nós um escriptor, de poderosas faculdades intellectuaes, mas de character atrabiliario, que escreveu a physiologia das *Pateadas*, classificando-as por esta ordem: *simples, mixta, redonda, comprida, real, picada, rival*.

Chamava-se esse escriptor José Agostinho de Macedo, e aconselhava ao publico, no seu livro, que applicasse resolutamente as pateadas para cura radicalissima de todos os males que então affectavam o theatro, tanto na parte scenica, como na parte litteraria.

Estava-lhe na massa do sangue. Era uma natureza essencialmente pateante. Pateou Camões, pateou Bocage. Se o seu papel não é dos mais sympathicos, o seu conselho tambem não nos parece dos mais acceitaveis.

19-2-1903.

ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO



Educação musical do povo portuguez

Ninguem dirá que o povo portuguez não tem gosto pela musica, tão sentimental, tão amoroso, tão poetico, como elle é.

Quem diz poesia, diz musica, e sendo as nossas populações campestres tão cheias de talento de improvisação poetica, seria realmente para extranhar que o povo portuguez não fôsse tambem, para assim dizer, um povo cantante.

E essa qualidade possui-a indubitavelmente. Verifica-o qualquer viajante, por mais ligeiro e futil que seja o seu espirito de observação. E' sobretudo nas provincias do norte, na verdura sombria dos pinheiros alegrada com o verde mais claro dos pampanos e dos milharaes, que se nota exuberante este phenomeno. Se passaes na linha ferrea, ouvireis no fundo dos campos a voz fresca das mulheres, que andam sachando ou empregadas em outros mistéres da afanosa vida agricola, cuja rudeza ellas assim temperam n'estas expansões lyricas. Se fôrdes residir para uma praia, junto d'uma estrada, ouvireis passar, como em romaria perenne, ranchos que vão em descante, noite e dia, aves que nunca descançam no seu gorgear continuo.

Os cantos populares teem sido ultimamente recolhidos e só falta fazer uma selecção minuciosa, que nos demonstre, n'um estudo comparado, o que ha de puramente nacional. Assim como a maior parte dos nossos rimances, annexins, parlendas, jogos populares e outras expressões do *folk-lore* fôram importadas, assim a musica, em grande parte, deve ter uma procedencia estrangeira. O que resta e convem averiguar é como esses cantos se adaptaram e que modificações soffreram na sua transformação ethnica, na sua passagem de raça e de clima.

E' porventura o *fado* a expressão mais característica do nosso sentimento e gosto musical? Póde elle servir de elemento para a renovação e reconstituição da musica portugueza? E' com effeito o grito mais espontaneo, mais intimo, mais instinctivo da nossa alma saudosamente apaixonada?

Que o digam os criticos de arte, os musicos de profissão, a quem o problema necessariamente se impõe sob todos estes aspectos. A nós incumbe outra tarefa mais modesta, menos technica, mais em harmonia com a indole da nossa folha. Por outro rumo se orienta agora a nossa penna. Outro proposito move as nossas considerações. Evidenciado, como suppomos, o sentimento musical da nossa gente, manda a verdade confessar que a sua educação artistica está muito longe de corresponder a esse sentimento. Tudo é, para assim dizer, terreno maninho e producção agreste e espontanea. O canto coral, tão preconizado lá fóra, não se escuta nas escolas primarias. Apenas em Lisboa existe uma escola especial, o Conservatorio, e esse destinado apenas á classe média e muito longe de satisfazer as mais modestas aspirações. A sua productividade é pouco sensível, por isso que nem fornece coristas para os nossos theatros nem instrumentistas para a orchestra de S. Carlos. Negam-nos em geral a qualidade de inventores, mas não nos negam a qualidade de executores, e que outra cousa é o professor de orchestra, a não ser que elle aspire tambem a compositor distincto?

Diz-se que o theatro de S. Carlos é a nossa primeira e principal escola de musica e, se fôrmos a ajuizar pela concorrência que chama e pelo enthusiasmo que desperta, não poderíamos deixar de o considerar como um verdadeiro centro artistico. Mas o theatro de S. Carlos é mais um ponto de reunião da fidalguia e da elegancia que outra cousa. Vae-se ali, não tanto para ouvir uma opera, como para se vêr e ser visto; os camarotes são outras tantas vitrines de luxo e de ostentação.

O theatro de S. Carlos é simplesmente para um publico muito especial, muito restricto e nunca póde exercer uma influencia benefica na educação musical do povo. E no emtanto o povo gosta de espectaculos musicaes e a prova temol-a ahí bem patente no Colyseu, onde todas as noites um publico numeroso applaude com enthusiasmo as operas do variado repertorio da companhia Giovannini. E ao presenciar esse espectaculo, experimentamos uma sensação misturada de contentamento e de desgosto; de contentamento, por vêr o interesse e o deleite do publico; de desgosto, por verificar que tudo aquillo é estrangeiro, sem entrar ali o menor elemento portuguez.

Como nós desejamos que se se tentasse entre nós o estabelecimento da opera nacional com partituras e artistas portuguezes! Um maestro de tanta pertinacia como talento, Alfredo Keil, tem procurado realisar este ideal, mas, por mais esforços que faça, ha-de ser sempre escravo dos executantes estrangeiros. A «Serrana», por exemplo, não poderá ir á scena fóra de S. Carlos e por artistas italianos.

Não seria possivel abrir uma vigorosa campanha n'este sentido, incitar todos os nossos artistas, arrastal-os n'esta corrente e tentar pelo menos a creação da opera e do theatro lyrico nacional, com letra e assumpto portuguez, com musica portugueza e com artistas portuguezes?

10-7-1899.

Ensinar brincando

São enormes e incontestaveis os progressos realizados no campo scientifico, mas quanto mais se aprende mais se reconhece a necessidade de apurar e depurar a sabedoria humana. Assim nos parece condemnavel toda a jactancia scientifica, sobretudo quando, em nome da sciencia, se pretende impôr como verdade absoluta o que é apenas o resultado do estado actual da sciencia. O que é hoje para assim dizer um axioma, pôde ser amanhã um erro e até vice-versa, como já tem succedido. Ainda não ha muitos annos que em cirurgia se considerava o *pus louvavel* como uma das causas efficientes da cicatrização, mas hoje tal doutrina é uma verdadeira heresia.

A observação e a experiencia demonstraram que todo o pus é uma circumstancia morbida, mais ou menos fatal, e os processos antisepticos, baseados nas doutrinas pastoreanas, fôram a contraprova mais evidente que se podia imaginar. Hoje em dia o clinico abalança-se ás mais difficeis e arriscadas operações sem receio que a febre purulenta venha prejudicar os resultados da sua pericia.

Os principios sustentados por Pasteur triumpham na actualidade e são considerados como os unicos admissiveis, o que não quer dizer que amanhã não se perfilhem novas theorias ou que as do sabio bacteriologista francez sejam de tal maneira modificadas e aperfeiçoadas que d'aqui a annos, apenas sejam consideradas como ligeiro esboço, ou como rudimentar alicerce de mais nobre edificio.

O que succede com tanta frequencia na medicina, succede da mesma fórma nos outros ramos e especialidades do saber humano. Assim a pedagogia tem modificado extraordinariamente os seus processos. Antigamente as orelhas de burro, a canna e a palmatoria, eram instrumentos de primeira necessidade em todo o arsenal escolar. Sem os castigos corporaes a infancia não podia seguir direita pelo caminho do *abc*. A infancia sómente? Não: até a mocidade. Quem escreve estas linhas lembra-se ainda saudosamente da aula de latim do padre Dionysio. Era um bom velho, que já cabeceava soffrivelmente na lição da tarde. Parece comtudo que despertava e rejuvenescia quando algum dos seus rapazelhos emendava os mais taludos e lhes applicava as competentes palmatoadas. A férula era a batuta que marcava o compasso musical do *Hora, horæ* e do *Lauda, laudas*.

Castilho foi dos primeiros e dos principaes que entre nós se insurgiram contra o barbaro systema, que tornava a escola n'uma especie de carcere privado e de colonia penal. Com o seu *Methodo repentino* procurou não só facilitar o ensino, mas dar alegria ao recinto escolar. A aprendizagem das primeiras letras de martyrio que era converteu-se n'um passatempo que attrahia risonho e prazenteiro o bando infantil. Houve entusiastas e houve detractores do methodo Castilho e a injustiça ainda hoje pesa sobre a memoria do illustre pedagogogo e poeta, que bem merecia outra paga e outro reconhecimento. Do sublime ao ridiculo vae a mesma distancia que do Capitolio á Rocha Tarpeia, e se porventura o *Pivolito que bate que bate* offerecia thema de escarneo aos que mofam de tudo e tudo procuram inutilisar, é certo todavia que o seu principio fundamental era excellente e que bastava a introdução da musica na escola primaria para tornar recommendavel o systema de Castilho. A musica não é só a therapeutica da alma, quando a harpa de David acalma as iras de Saul, é tambem um tonico do espirito quando ajuda com a sua melopeia a vencer as agruras do trabalho.

O systema de Castilho inspirava-se no systema dos jardins da infancia de Frœbel, que infelizmente entre nós não tem tido o desenvolvimento, nem tem dado os resultados que tanto fôra para desejar. O systema de Frœbel tem a dupla vantagem de despertar, brincando, as faculdades mentaes e de desenvolver ao mesmo tempo as faculdades ou propensões mechanicas da creança, preparando-a d'esta fórma para escolher o officio ou modo de vida que mais quadre á sua indole.

O jardim da infancia, o ensino escolar recreativo é magnifico, mas não é sufficiente, porque é preciso continuar e concluir em casa

o que se iniciou nos bancos escolares; completar a instrução pela educação. Para dar uma ideia exacta do nosso pensamento paremos que não será descabida a explanação d'um caso por nós observado com o maior interesse e curiosidade. E' observação colhida n'um interior domestico, mas não seremos indiscretos revelando-o, por isso que o apresentamos impessoal e indeterminadamente.

Como temos mais de uma vez sustentado aqui, é a missão educadora a que pertence essencialmente ás mães. Não conhecemos papel que lhe fique mais a caracter nem sabemos tambem quem o desempenhe melhor. Aqui vae um exemplo, que nos parece efficassissimo.

Sabemos de uma senhora que teve a infelicidade de não conhecer sua mãe e que foi educada em collegios. Os primeiros annos da sua existencia decorreram tristes e desconsoladores, pela falta de aconchego e pelo isolamento em que vivia, mas as agruras da sua infancia não lhe azedaram o espirito, nem lhe envenenaram o coração, antes parece que concentraram n'elle todos os balsamos do affecto que havia de entornar um dia sobre a cabeça de sua filha. Os cuidados da maternidade absorveram-n'a completamente e ella que não teve mãe vingou-se da sorte, sendo a mais carinhosa de todas as mães.

Quem a visse cercar de ternura o berço de sua filhinha, fazendo d'esta espinhosa occupação o mais encantador dos deveres, quem a visse mais tarde satisfazer todos os caprichos do seu idolo, chegava a persuadir-se que ella a estragaria com mimo e que a flôr, ao sair da estufa, estiolaria rapida ao ar livre. Não succedeu porém, assim, porque a jardineira, ao mesmo tempo que prodigalisava todos os affectos á sua tenra planta, ia-lhe inoculando insensivelmente, gota a gota, sempre pelo exemplo e nunca pela admoestação, todos os sentimentos e todas as ideias que fortificam e preparam para a lucta. Assim, apesar de todas as suas condescendencias e affabilidades, nunca deixou de lhe formar o character no sentido da independencia, de modo a prescindir do auxilio de creada ou de qualquer outra pessoa e a contar sempre comsigo propria, tanto nas occasiões difficeis, como nos lances mais triviaes.

A creança era muito intelligente, aprendeu com muita facilidade a lêr e era com gosto que seguia os outros estudos. Mostrava todavia pouca inclinação e quasi repugnancia para os trabalhos materiaes, tão indispensaveis no arranjo da casa, como a costura, o bordado, etc. A mãe não se affligiu e principiou por a afeiçoar á leitura d'um jornal de modas, que se occupava de trabalhos infantis. Pouco a pouco foi tomando gosto e em breve trecho já se occupava em fazer o en-

xoval para as suas queridas bonecas. Brincando, o aprendizado da costureira tinha-se completado sem que a discipula dêsse por isso.

A creança é agora uma gentil senhora, mas ainda de quando em quando revista com prazer as gavetas dos moveisinhos em que ia depositando as suas tarefas.

E a mãe satisfeita diz com orgulho — espero em Deus que este material ainda servirá de exemplo e de recreio a meus netos!

15-11-1899.

Processos de educação paterna

Indubitavelmente as leis contribuem não tanto para a perfectibilidade como para o regular funcionamento das sociedades. Ninguém contestará que o povo inglez, por exemplo, é um dos mais prudentemente governados e dirigidos, porque a sua legislação é tambem das mais sensatas e utilitarias que se conhecem. Mas deve-se advertir que na Inglaterra, quando uma lei é sancionada e tem curso no direito escripto, já de ha muito vigorava para assim dizer na opinião e nos costumes publicos.

E' certo que existem ainda ali muitas leis, que nos parecem obsoletas, ridiculas e até deprimentes para o character e para a civilização ingleza, mas essas leis, que se conservam por um respeito sagrado ao tradicionalismo, soffrem na pratica as modificações convenientes.

A' lei que dá ao poder paterno a liberdade de testar se attribue em grande parte o desenvolvimento da raça ingleza. Esta lei todavia não daria resultados, se a educação domestica e publica não a acompanhassem e tornassem viavel e effectiva. Na familia ingleza predomina o mesmo principio que rege e guia a nação — o *self-government*. A independencia, a iniciativa propria — eis as duas molas reaes que põem em actividade toda a machina social da Inglaterra.

Já entre nós, e geralmente na raça latina, não succede a mesma cousa. O futuro da creança não é encarado sob um ponto de vista tão latitudinario e tão livre. Outras peias, outras restricções, atrophiam d'algun modo não só a energia moral, mas até a energia physica. O excesso de zelo e de carinho convertem-se em qualidades negativas — na timidez, no receio, na falta de confiança.

Dois são os principaes processos seguidos pelos chefes de familia,

ambos tocando os dois extremos, antagonicos por conseguinte, igualmente perniciosos.

O primeiro consiste na rispidez, na intransigencia, no que poderemos chamar o absolutismo paterno. Imagina-se que sopeando a creança, annullando as suas expansões, reprimindo as suas travessuras, supprimindo-lhe a vontade, se molda um ser perfeito, segundo o nosso ideal, ou antes segundo o nosso capricho.

A experiencia, ao fim de certo periodo, começa a dar o mais terrivel dos desenganos. Ou se lançou no cerebro infantil a semente da revolta ou a semente da imbecilidade. A ambição natural de poder satisfazer um dia os seus desejos, constantemente refreados, leva a creança a forjar todos os planos e a planear todos os meios de resistencia e de desforra, a principiar pela dissimulação e pela hypocrisia.

O que fôra creado na mais ferrenha estreiteza economica apparece esbanjador. O seu coração endurece-se, mostrando-se rebelde contra todos os sentimentos dignos. O escravo, quando se torna de repente senhor, fica com todos os vicios da sua condição servil.

Outros paes seguem o systema absolutamente opposto e não soffrem menores desillusões. Entendem elles, no seu affecto illimitado, que devem proporcionar a seus filhos todos os elementos de bem estar, abrindo-lhes a carreira da felicidade, sem que elles tenham n'isso o menor trabalho e ingerencia, sem que se interessem sequer pelo seu futuro. A menor indisposição do menino causa um sobresalto no lar domestico. Se elle dá uma ligeira queda, acode logo a ideia de uma fractura e não se deixa mais saltar o pequeno.

Aquillo é *santantoninho onde te porei!* todos os afagos, todos os cuidados são poucos para embalar aquella existencia predestinada. O mimo estraga tudo.

Este processo, apesar dos graves inconvenientes apontados, tem todavia algumas vantagens e merece desculpa e até certo ponto louvor. Pecca pelo exaggero e quando moderado é digno de ser aconselhado, porque tem pelo menos o merecimento de preparar o coração para o bem. A creança que nunca soube o que eram as asperezas da vida pôde um dia vêr-se seriamente embaraçada deante do mais pequeno obstaculo, mas não sentirá a raiva e o desespero contra a humanidade que a rodeia, antes procurará luctar com resignação até vencer ou cair vencida.

Não se pense, pelo que temos até aqui ligeiramente esboçado, que collocamos a educação ingleza na primeira plana, considerando-a impeccavel. Se lhe reconhecemos qualidades excellentes, notamos toda-

via alguns defeitos e um dos principaes, senão o principal, é a aridez do sentimento, que conduz naturalmente ao egoísmo.

Pelo que nos diz respeito, entendemos que os dois processos indicados se poderiam conciliar facilmente, aproveitando o que ha de bom n'um e n'outro. Procuremos por todos os modos a ventura de nossos filhos, aperfeiçoando-lhes a intelligencia e o coração, mas sem annullar de modo nenhum a sua individualidade, sem coartar a sua iniciativa, aconselhando, em vez de reprehender, guiando, em vez de reprimir, fazendo-os entrar no mundo com olhos abertos e não com elles fechados, ensinando os a caminhar sem que seja necessario estar-lhes sempre a dar a mão.

Ensinemol-os sobretudo pelo exemplo, que a boa acção impõe-se mais ao respeito que todas as palavras asperas e que todos os castigos severos.

7-4-1899.

A leitura na escola primaria

Não se póde dizer que seja abundante, nem tão pouco escolhida e de primeira agua, a nossa litteratura escolar, a principiar nos livrinhos de instrucção primaria e a acabar nos compendios das escolas superiores. Depende isto da preguiça intellectual de uns, do espirito de ganancia de outros. Os que podem fazer obra de mestre são indolentes, ao passo que os menos habilitados são os que se aventuram mais audaciosamente. Accresce ainda que os primeiros são obrigados a retrahir-se pela concorrência desleal dos menos escrupulosos.

E' com a leitura ministrada aos alumnos das escolas primarias que deve haver o maior escrupulo, porque o que se fixou primitivamente no cerebro infantil difficilmente depois se apaga ou se substitue.

Nós ainda aprendemos pelo *Manual Encyclopedico*, de Monteverde, uma encyclopedia muito razoavel para o seu tempo e que ainda talvez não fôsse vantajosamente substituida. Completavam a bagagem litteraria o *Simão de Nantua*, o *D. João de Castro*, os *Lusiadas*, e será vergonha dizel-o? — a *Cartilha* do abbade de Salamonde, como quem diz a *Cartilha* do padre mestre Ignacio.

O *D. João de Castro*, de Jacintho Freire, fazia o nosso enlevo. Com que enthusiasmo não liamos a descripção emphatica das heroicis batalhas do cêrco de Diu e com que anciedade assistiamos aos episodios dos assaltos? Como não podiamos arriscar a vida por uma pedra da heroica fortaleza, o nosso patriotismo satisfazia-se picando a bicos de penna o retrato de Coje-Çofar.

Se ainda hoje temos esteriotypadas na memoria as sentidissimas oitavas de D. Ignez de Castro devemos isso a tel-as decorado então quasi machinalmente, enlevados na musica do verso. Os *Lusiadas*, sobretudo na sua integra, não nos parece que seja um livro accomodado á capacidade de uma creança de 10 a 12 annos. Pela lingua-gem e construcção grammatical, pelo elevado do pensamento e pela profunda erudição historica e mythologica, só pode ser devidamente apreciado por quem tiver mais desenvolvida educação litteraria. No entanto é de toda a utilidade que se facilite a leitura de alguns episodios, como o que já acabámos de citar, o da batalha de Aljubarrota, o do Adamastor e ainda outros.

Ultimamente introduziram-se nas selectas os *contos da carochinha* e os romances populares. Não contestamos a sua importancia, mórmente para o estudo comparado das tradições dos diversos povos, mas quer-nos parecer que essa litteratura fica ali um pouco deslocada, tendo o seu logar proprio á lareira, nas longas noites de inverno, onde essas producções adquirem um sabor especial, contadas n'uma melopeia mysteriosa por alguma criada velha, como aquella de quem as aprendeu Garrett nos arreboes da puericia.

O character actual de ensino, qualquer que seja o seu grau, deve ser especialmente pratico e utilitario. De accordo, mas no proprio utilitarismo se póde introduzir um elementosinho artistico, como pretendia Ruskin. Nem por ter um grãosinho de ideal na aza se deixa de voar ás ambicionadas regiões do Eldorado. E' natural e até justo que todo o homem aspire ao goso, a ter uma casa com todos os commodos, mas n'esse mesmo commodo e goso material se pode introduzir o sentimento esthetico, um pequeno raio do bello. Que a imaginação das creanças não se esterilise, pois, na avidéz das cousas puramente positivas e que se lhes faça entrever uma nesga de ceu azul.

Nós dividiríamos em duas grandes classes a leitura das escolas primarias. Os livros para as escolas urbanas não deveriam ser exactamente os mesmos que os livros para as escolas ruraes. Para estas fariamos convergir todo o nosso carinho e attenção. Nas cidades ha outros elementos que não ha nos campos, uma atmosphaera propria, na qual, sem querer, se respiram as ideias, muitas das quaes, infeliz-

mente, são deleterias como outros tantos microbios da intelligencia. A convivencia com as pessoas illustradas, as bibliothecas, o jornalismo, tudo isto são outros tantos vehiculos de ensino. Na aldeia ha só a natureza, e esta — digamol-o com verdade — não deixa de ser a mestra por excellencia para os que a sabem admirar e meditar.

Diremos agora quaes os assumptos que deveriam servir de base especial á leitura das escolas primarias. Seria de toda a conveniencia que desde creança se começasse a ter conhecimento dos direitos e dos deveres de cidadão, para que cada um comprehendesse melhor o papel social que lhe incumbe desempenhar e fazer mais nobre uso dos seus deveres.

Outra coisa que muito conviria saber seria a noção exacta da propriedade, quaes as diversas fórmãs que affecta entre nós, quaes os encargos que pesam sobre ella como laudemio, fôro, sisa, decima, direitos de transmissão, etc. Outrosim qual tem sido a sua evolução atravez dos seculos, especialmente no nosso paiz. Isto já se vê, com noções muito geraes, concisa e claramente expressas.

Outro compendio ou manualzinho que poriamos nas mãos dos alumnos das escolas campesinas seria o que tratasse das construcções ru-raes e da hygiene que convem adoptar não só nas residencias mas em todos os actos d'aquella vida laboriosa.

E como se isto não bastasse estabeleceriamos em cada escola, como complemento natural, um pequeno museu com modelos de granjas, casas de habitação, construcções rusticas, utensilios de trabalho, etc. E quando não podessemos obter modelos, ou estes occupassem muito espaço, substituil-os-hiamos por estampas, mettendo assim pelos olhos dentro, quasi machinalmente, o que a leitura dos compendios mal soubera delinear.

Ha ahí uma *Bibliotheca do Povo*, que tem publicado numerosos opusculos, alguns dos quaes pelo assumpto e pela fórmula como estão redigidos, se prestam a uma salutar propaganda de instrucção popular. Não temos á mão a nota da collecção completa, e não sabemos se já entre elles haverá alguns consagrados ás materias que indicamos. No caso affirmativo, se estiverem nas condições apontadas, é justo que se lhes dê a applicação merecida.

Eis aqui lançadas, muito ao correr da penna, as ideias que professamos ácerca da materia que deve constituir a leitura na escola de instrucção primaria. Não as expomos com o tom de pedagogo, mas simplesmente com a lhaneza e sinceridade de quem deseja que o ensino na nossa terra obedeça a estes dois principios — utilidade e bondade.

O cerebro d'uma creança é vaso que contém uma planta sagrada. Não a profanemos com a cultura demasiadamente pretenciosa, nem a deixemos estiolar á falta de carinho.

O professor primario deve ser um jardineiro instruido, mas um jardineiro com coração de mãe.

11-8-1900.

Principios educativos

Bons e maus exemplos

A sciencia da educação não foge á regra geral que domina todas as outras; é essencialmente evolutiva, e mais que nenhuma sujeita a todas as contingencias sociaes. Se a ideia do bem e a ideia do mal, que constituem o fundo de toda a moral e por conseguinte a base da educação, são innatas e persistentes atravez de todas as idades e de todas as civilizações, nem por isso são ideias absolutas, porque, se a noção do mal é mais facil de definir e caracterisar, já não succede o mesmo com o bem, sendo ambas igualmente relativas. E dizemos que o mal é mais facil de discernir, porque a dôr, por exemplo, sente-se logo, ao passo que o bem-estar gosamol-o automaticamente, sem lhe dar o devido apreço. A saude só se estima quando a perdemos: quando nos chega a doença é que avaliamos o thesouro que difficilmente ou jámais se readquire.

Os principios sociologicos — para nos servirmos da phraseologia moderna — são hoje muito differentes do que eram antigamente, senão na essencia, pelo menos na fórmula. Os costumes e a maneira de pensar tem variado muito e por isso não é para estranhar que vigorem hoje novos principios pedagogicos e novos principios educativos. E aquelles ainda mais do que estes, o que nos parece pouco louvavel, porque se tem exaggerado a missão da escola, em detrimento da missão da familia, de modo que hoje o ensino é superior á educação.

A pratica na educação, como em tudo, deve desempenhar um papel de primeira ordem, e por isso se entende que é mais com o exemplo que com a theoria que se deve encaminhar a infancia e a mocidade.

Os gregos antigos mandavam embriagar os seus escravos para que seus filhos, presenceando o espectaculo nauseabundo, ficassem

compenetrados das funestas consequencias do abuso das bebidas alcoolicas.

Cita-se muito este facto, classico no seu genero, mas já elle de per si revela quanto era imperfeita a sociedade que tinha de lançar mão de tão baixos recursos para tão elevado fim. Apesar de todo o seu fino gosto e da sua alta cultura intellectual, a sociedade grega não comprehendia quanto era torpe e humilhante para a sua consciencia e para a consciencia humana este contraste repugnante entre o escravo e o homem livre. Esta antithese immoralissima que devia impressionar a mocidade atheniense não a sensibilisava sequer, antes era encarada por ella com indifferença.

Ha todavia quem julgue que o processo é excellente e que deve ser reproduzido e applicado ás sociedades modernas, já se vê convenientemente modificado e com a opportunidade e criterio indispensaveis.

A este proposito occorre-nos um caso que nos contou ultimamente um individuo das nossas particulares relações, pessoa illustrada e excellente chefe de familia.

Ha dois annos achando se elle n'uma praia de banhos, como o jogo fôsse a diversão mais frequente, natural e para assim dizer, familiar, lembrou-se de fazer uma prelecção a seu filho sobre os perigos a que arrasta aquelle fatal vicio e, como se julgasse inefficaz o sermão, quiz juntar á palavra o exemplo.

A' noite levou o filho a uma casa de batota, onde se entrava abertamente, como se fôsse para o mais innocente dos passatempos. A roleta funcionava ás escancaras, vertiginosamente, n'um ruido confuso de vozes de todas as idades, de ambos os sexos. Homens, rapazes, creanças, senhoras, meninas, tudo assistia indisctintamente á festa. O scenario tinha mudado completamente de aspecto. Já não era a espelunca, frouxamente alumiada, de atmospherá saturada de fumo, onde se penetrava mysteriosamente, com receio dos assaltos da policia.

O quadro, em vez de repellir, attrahia, e o nosso homem já ficou um pouco desconcertado porque tinha pintado o recinto mais melodramaticamente. Por cautela levava apenas cinco mil réis em notas de mil réis, que em cinco paradas successivas desapareceram. A paixão do jogo tinha-se-lhe naturalmente despertado, apesar da sua singular frieza e reserva, mas o impulso da desforra era mais forte, e voltando se para o filho, apostrophou-o secco e irritado — ó rapaz, trazes ahí dinheiro? — Não, papá.

— Foi o que me valeu, ponderou-nos elle, ao contar a anedocta.

Quando me recolhi a casa é que pensei na asneira que fizera. Se não tenho a felicidade de perder, se com os cinco mil réis apanho cinquenta ou mais, o bom exemplo que tinha dado a meu filho era de que ali é que estava a verdadeira mina e que para ser rico não era preciso trabalhar. E ainda assim quem sabe a suggestão que elle receberia e que macaquinhos lhe ficariam a trabalhar no sotão!

A observação é justa, mas ha muitos paes que entendem que devem dar a seus filhos uma educação *forte*, uma educação *moderna*, por isso não duvidam leval-os a outras partes para os familiarisar com outros espectaculos não menos perigosos.

E' um modo de pensar e de vêr que se nos afigura erroneo e de desagradaveis consequencias, podendo apontar em nosso abono muitos casos comprovativos.

Não diremos que um rapaz se trate com os mesmos carinhos e os mesmos cuidados que uma menina; não ha nada peor que as educações que effeminam, mas d'um excesso a outro a distancia é incomparavelmente maior que do Capitolio á Rocha Tarpeia.

Depois o vicio e os maus exemplos são tão frequentes, assaltam tantas vezes e tão inesperadamente o caminho, provocam tão ardilosa e tão tentadoramente os incautos, que não é preciso procural-os e apontal-os; instinctivamente se vêem e se toma conhecimento com elles. A difficuldade é desvial-os para que nos não entorpeçam o caminho direito.

Muito fará o bom chefe de familia que pela sua maneira de viver, tanto em casa como fóra d'ella, se impozer naturalmente ao respeito e á estima de seus filhos.

Uma e outra cousa são indispensaveis e quando se grangeie a estima pelo affecto, não se perca o respeito, pelo abuso de liberdade mal comprehendida.

25-8-1900.

O melhor modo de educar creanças

Qual deve ser o systema empregado de preferencia na educação das creanças? A blandicia ou a severidade? A dureza ou o mimo?

A Allemanha, que é hoje uma das nações mais adiantadas e que tantas outras adoptam para espelho da sua civilisação, poderá acaso servir de modelo?

Indubitavelmente, o ensino naquelle paiz, desde a instrucção primaria até aos mais altos cursos scientificos, attingiu um extraordinario grau de perfectibilidade, mas não se trata unicamente da educação na escola, mas tambem da educação na familia, em todas as jerarchias sociaes emfim.

Na Allemanha, sobretudo nas provincias do norte, a rigidez é o character predominante na educação da creança. Tanto os paes como os professores primarios tratam os seus filhos e alumnos com uma dureza propositada.

Os allemães acham isto naturalissimo e quando os estrangeiros lhes põem algum reparo, respondem que seus antepassados já procederam assim, o que não obsta a que a sociedade allemã progrida incessantemente, conservando intacta a pureza dos costumes e do amor familiar.

Vê-se por esta resposta e por este conceito que o povo allemão está em tudo e por tudo sob o regimen do militarismo. A creança é o soldado embryonario e o lar domestico a caserna em miniatura. Quem lê a historia do Grande Frederico, sabe como seu pae era aspero para com elle, de uma aspereza que tocava por vezes as raias da tyrannia. O tratamento rigoroso na familia dos Hohenzollern é tradicional e esta tradição mantem-se principalmente na Prussia. O systema, á primeira vista, parece deshumano e condemnavel, mas os resultados o absolvem e justificam até certo ponto, pois que á firmeza continua da familia real da Prussia se deve em grande parte a transformação dos destinos da Allemanha.

Pretende-se, com tal systema, temperar rijamente o character e preparar uma raça de homens fortes — fortes para as luctas da existencia, para as adversidades da vida, para a victoria nos campos de batalha, em combates de gigantes com as potencias estranhas. A dureza na educação infantil leva por consequente um fim patriotico e social, de incontestaveis vantagens, mas de graves inconvenientes

tambem. Quem seguir, despido de preconceitos, a vida intima allemã, observará grande numero de factos, que impressionam tristemente. O numero de suicídios infantis é relativamente avultado, sendo estes desastres devidos quasi sempre ao receio dos castigos que as familias lhes costumam impôr.

Ultimamente julgou-se em Berlim um caso curioso e que obriga a reflectir. Uma creança de doze annos respondia perante o tribunal pelo crime de roubo de dinheiro a seus paes e pelo de fogo posto para encobrir o primeiro.

O duplo attentado fôra commettido por suggestão propria, sem influencia de ninguém, premeditadamente, motivado apenas pelo odio do infeliz aos seus progenitores, que o tratavam com crueza.

O delinquente não apresentava outra circumstancia desfavoravel a não ser a de preguiçoso e dissipador, segundo affirmava o mestre. Estava ali, segundo a opinião dos juizes, o delinquente innato e a precocidade no crime.

Assim considerado, em vez de o mandarem para uma casa de correcção, condemnaram-n'ô a quatro annos de carcere, como se fôsse um adulto.

D'aquí se conclue ou pôde concluir que a justiça allemã é tão severa para a creança como a familia e como a escola. Um ministro da instrucção publica, o sr. Bosse, tentou não abolir de todo, mas regulamentar mais christãmente, os castigos corporaes nas escolas primarias, mas encontrou uma viva resistencia em toda a linha, nos professores dos dois sexos, que protestaram com toda a energia, allegando que não podiam dispensar-se do uso de uma faculdade que os paes de familia haviam delegado n'elles. E o ministro teve de ceder, limitando-se a fazer algumas ligeiras modificações na maneira de punir corporalmente as creanças.

Entre nós levantou-se uma viva propaganda contra o uso da canna e da palmatoria, sendo Castilho, o Pedro Eremita dessa cruzada. João de Deus, Guerra Junqueiro e outros poetas amovaveis, proclamaram tambem a escola como um ninho de aves e não jaula de feras. Quem escreve estas linhas lembra-se ainda com saudade — apezar de tudo — do tempo em que trazia para casa as mãos a escaldar.

Elle tirava a sua desforra, ás vezes, nas compitas da taboada, passava toda a classe á palmatoria, mas não pôde deixar de reconhecer quanto o costume tinha de barbaro, pois provocava o resentimento pessoal e os odios de uns contra outros.

Hoje fala-se em renovar, nas nossas escolas, os castigos corporaes, que ainda não fôram de todo abolidos, e não faltam pedagogistas que

advogam, com exemplos estranhos, a necessidade e até a bondade de semelhante regimen.

Pela nossa parte entendemos que os dois extremos, a severidade e o mimo, devem ser banidos, quando se queira fazer uso exclusivo de qualquer delles, e que se deve empregar o meio termo combinando-se um e outro em doses convenientes.

A natureza é quem nos dá o exemplo. Um filho ficará completamente estragado na sua educação, se fôr apenas o mimalho da sua carinhosa mãe. O respeito paterno deve retemperar as caricias e modificar os exaggeros do affecto feminino.

Sigamos, pois, o exemplo da natureza e sirvam de mutuo correctivo, a severidade e a ternura.

26-8-1903.

A mulher educadora

A natureza, separando os sexos, estabeleceu a mutua dependencia do homem e da mulher, sem lhe assignalar o grau ou os limites donde se pôde deduzir que ella é ou deve ser equilateral. O homem, porém, usando ou abusando da sua força phisica, tem exercido uma supremacia, variavel apenas segundo as raças, os climas e a civilisação. Embora mais fragil, o sexo feminino, valendo-se dos extraordinarios recursos dos seus encantos, tem sabido reparar o dominio por vezes brutal, do homem, tirando uma desforra que de algum modo a compensa das suas humilhações e sacrificios.

Em alguns dos povos da antiguidade culta vêmos nós symbolizada a victoria do amôr contra a tyrannia da força. Assim, Hercules prostra-se aos pés de Omphale; Sansão, adormece vnluptuosamente no regaço de Dalila e Antonio deixa-se escravisar pela seductora Cleopatra.

O christianismo veio libertar a mulher, envolvendo-a em nimbo de pureza, sanctificando-a no culto da familia, colocando a mãe no altar da divindade. A sua obra redemptora, por mal comprehendida ou executada, está longe de ser completa, faltando lhe, de mais a mais, o ampliar-se a outras religiões, de modo a tomar um character absolutamente universal e humanitario. O islamismo, ainda hoje considera a mulher como um ente inferior, objecto de gozo material, ave

de melodioso requinte, mas que só deve cantar, prisioneira do amor, nas douradas gaiolas do harem.

Que a mulher precisa de ser mais dignamente equiparada ao homem, fortificando-se por este motivo tanto o seu espirito como o seu coração, eis um ponto sobre o qual não existe o menor desacordo nas espheras do socialismo, entre todos aquelles que sensatamente consideram que a mulher é um elemento indispensavel e de primeira ordem para a felicidade commum. A divergencia está apenas em saber de que meios nos havemos de servir para pôr em pratica o ambicionado programma da elevação moral feminina. Quaes sejam as bases em que elle se funda e qual a orientação que se lhe deva dar, eis ainda aqui algumas das phases do laborioso problema.

Vae longe o tempo em que se julgava que a educação da mulher se devia restringir á escola domestica, á intimidade do lar, bastando-lhe para diploma scientifico o elogio que se fazia das matronas romanas — *sabiam far lâ*. Hoje as coisas mudaram por completo e as ideias que dominavam na côrte elegantissima do rei sol, fôram substituidas por outras inteiramente oppostas.

Molière não se atreveria a pôr em scena, em nossos dias, as *Femmes savantes*, ridicularizando as *Sabichonas* suas contemporaneas, embora tratasse a mesma questão sob outro aspecto. Ora convem advertir que ha saber e saber; um serio, outro pedantesco, e que este tanto desafia o riso nos homens como nas mulheres. Quem é que não curva a cabeça, em reverente admiração, deante do vulto prestigioso de madame Curie, que ensina publicamente n'uma escola superior, os progressos da chimica, em que ella é tão eminente como seu saudoso marido?

Inquestionavelmente, a mulher não tem menos aptidões que o homem para os trabalhos scientificos e de grande alcance mental, posto que naturalmente sobresaia mais em todas as manifestações do genio em que predomina o sentimento e o bello, na arte e na litteratura. Nada mais justo que ella procure por todos os meios equiparar-se ao homem, para que não occupe, em face d'elle, uma posição inferior, quer nos codigos, onde lhe são concedidos direitos subalternos, quer na sociedade. A unica difficuldade e o grande inconveniente que se nos afigura poderá resultar d'aqui é o tornar-se cada vez mais feroz a concorrência entre os que desejam alcançar uma posição social. Se os homens diplomados academicamente, ao sahirem das escolas, lutam com mil obstaculos para abrirem carreira, o que não será, quando a seu lado ou na frente marchar a legião das mulheres nas mesmas circumstancias?

Essa concorrência está-se revelando agora na Inglaterra, não no terreno scientifico, mas no terreno politico e dos factos observados já se poderá concluir approximadamente o que será no futuro o *reinado das mulheres*. As suffragistas não se limitam a uma propaganda pacifica; antes fazem um barulho ensurdescente que obriga a intervenção da policia.

Além de outras circumstancias, ellas poderão alegar em favor da sua causa, que as mulheres tem tambem pulso forte para segurar e dirigir as redeas do governo e a prova está nos reinados de Isabel e de Victoria, que são dos mais notaveis que regista a historia britannica. Como quer que seja, o seu procedimento não é muito proprio a inspirar a confiança de que ellas poderão administrar mais discretamente do que os homens.

Em nosso humilde entender, a mulher deve ser solidamente instruida para que seja tambem a mais solida e perfeita educadora da infancia e da mocidade. Mais do que nunca, a sua preponderancia moral se tornou indispensavel no seio da familia e da sociedade. Estamos atravessando uma crise violenta e só a mulher, com o seu sorriso ao mesmo tempo amoroso e grave, poderia restaurar o equilibrio mental de cuja ausencia todos estamos soffrendo. Falta-nos uma auctoridade que se imponha benevola e só a mulher poderia exercel-a graciosamente. Urge que ella reassuma este papel, que levemente tem declinado nas *institutrices*, perdendo, assim, a confiança dos seus filhos, que perdem por sua parte a mais sincera e adoravel das conselheiras.

A mãe é a mestra por excellencia e do seu professorado sublime cumpre-nos esperar a redempção do futuro.

30-4-1907.

A direcção do ensino

O analphabetismo é um inimigo terrível, mas é já tão forte e cerrada a legião dos adversarios que suscitou, que não tardarão a derubal-o, cantando victoria definitiva sobre os miseraveis despojos e trophæus d'este Adamastor da ignorancia.

E' principalmente em Lisboa que se tem organizado com toda a energia a campanha, sendo já numerosas as aggremações e collectividades, que procuram por todos os modos e sob diversos aspectos derramar generosamente a instrucção, sobretudo pelas classes populares. Nem todas ellas, como é natural suppôr, obedecem a um principio generico, antes algumas d'ellas se deixam influenciar por ideias particulares e intuitos mais ou menos reservados. Isso, porém, que importa! Todos os caminhos levam a Roma e os esforços de todos os batalhadores tendem, finalmente, a dar o mais poderoso alento ao progresso nacional.

O nosso desejo, a nossa aspiração, o ideal que nos enche de esperanza e de conforto, seria vêr caracterizado todo este generoso movimento por uma tendencia utilitaria e pratica, estirpando quanto possivel as theorias balofas e declamatorias, que são ainda o apanagio das nossas escolas. Bem sabemos que o que está na massa do sangue não se extingue facilmente e o nosso temperamento meridional é todo imaginoso, d'uma exterioridade apparatusa e deslumbrante, deslumbramento que fulge apenas como um meteoro no mundo da realidade.

Fômos sempre e continuaremos a ser um povo de poetas e de bem falantes. A harmonia da palavra seduz-nos como se fôra musica celestial. Os nossos descobrimentos e conquistas fôram sonhos de poetas audazes. A tagarelice nacional não é de hoje e não nos deve surprehender o diluvio oratorio que inunda os nossos parlamentos. O obstruccionismo e a verborrheia são dois neologismos barbaros, mas que traduzem perfeitamente a nossa indole e os costumes parlamentares.

Nas antigas côrtes portuguezas encontrareis já excellentes modelos de exuberancia tribunicia. Nas côrtes de Coimbra, o doutor João das Regras, defendendo a causa de D. João I, combate energicamente os direitos dos filhos de D. Ignez de Castro, *a misera e mes-*

quinha, como a designou Camões. Nas côrtes de Evora, celebradas por D. João II, um orador governamental, como se diria hoje, expõe as suas razões em favor do pedido de dinheiro para as festas em honra do casamento do príncipe. E era o *príncipe perfeito* quem assim prodigalisava as economias do povo nas sumptuosidades da côrte!

Os nossos embaixadores, quando iam em missão solemne ás côrtes europeias, levavam quasi sempre um orador encarregado de pronunciar as allocuções comprimenteadas. D. Garcia de Menezes, bispo de Evora, o dr. Diogo Pacheco, que foi companheiro de Tristam da Cunha e Achilles Estacio, além de outros, deixaram grande renome em Italia pelas suas mensagens latinas aos soberanos pontifices.

A poesia é a manifestação predominante da nossa intellectualidade e contudo nem sequer n'esta especie ostentamos verdadeira e incontestavel originalidade. Abri as nossas historias litterarias e vereis que os nossos poetas se acham fatalmente classificados, além das escolas classicas, na escola provençal, italiana, hespanhola e franceza. E' certo que o nosso lyrismo é delicioso, é o que provoca a admiração dos estranhos, quando lêem as estrophes ingenuamente sentimentaes dos poetas do cyclo de D. Diniz, as eclogas de Chrisfal e Bernardim, as serranilhas de Rodrigues Lobo; mas isto não obsta que deixemos no esquecimento aos nossos compendios a escola da poesia portugueza.

As linguas classicas estão hoje quasi em completo abandono, com especialidade o grego. Compreende-se que antigamente houvesse mais dedicação por este ramo do saber humano, mas hoje ha tanto que aprender que alguma cousa precisa de ser sacrificada. A chimica, a physica, a biologia absorvem hoje quasi todos os espiritos e só a electricidade, com as suas variadas e importantes applicações, é sufficiente para entreter os mais curiosos e apaixonados das maravilhas do progresso. Não se pense, porém, que o latim é um mero ornamento litterario; elle é tambem um grande disciplinador do espirito. Cesar, Cicero, Horacio e quasi todos os escriptores do seculo de Augusto são modelos admiraveis de concisão e de energia, crystalisando o pensamento na linguagem mais bella e expressiva.

A humanidade é cheia de contradicções e de contrastes, e, apesar d'isso, não devia de surprehender o phenomeno que estamos observando. O tempo é dinheiro, o tempo é tudo, a velocidade é a norma da vida e a todos os instantes se inventam meios de galgar com mais rapidez o espaço e o tempo. Succede, porém, ao inverso de tudo isto, que a palavra, tanto escripta como falada, é cada vez mais abundante. Custa a crêr como um inglez tenha vagar para folhear o *Times* e

cómo os romances volumosos, as narrativas interminaveis, continuem a fazer o encanto da maior parte da gente.

Se podessemos, por conseguinte, imprimir no cerebro dos nossos filhos a marca indelevel de um ensino pratico e utilitario, que os habilitasse a escolher sem hesitação a melhor carreira da vida, se fizéssemos convergir as suas forças intellectuaes n'uma direcção inventiva, poderíamos então ficar certos de que teríamos adquirido por este systema uma incontestavel autonomia moral, de que tanto carecemos hoje.

A instrucção, para ter valimento, não deve ser o mesmo que o vestido de luxo é para o corpo. Se não passar de uma prenda, o individuo que a possui não passará tambem de um *bibelot* social.

2-9-1908.

A educação luxuosa

Muitos chefes de familia labutam sem cessar, na preocupação constante, não só de adquirir os meios indispensaveis para o sustento quotidiano, como tambem de garantir o melhor possivel o futuro dos seus filhos. Alguns d'elles, satisfeitos e orgulhosos com o exito da sua obra, exclamam com desculpavel orgulho :

«Meus filhos, graças a Deus! não precisam de trabalhar para comer!»

Ai d'elles, se escutam as palavras paternas e as interpretam d'um modo bem pouco sensato e prudente! A riqueza não é o unico penhor, nem da felicidade nem do porvir, e até, não raro, é a causa de muito desatino, de muito desastre, de muita queda fatal. Nem todos sabem apreciar as fadigas paternas e estão cobiçosamente esperando o thesouro legado para o dissiparem em momentaneas loucuras.

Não condemnamos os paes que procedam d'aquella maneira, porque os seus intuitos fôram do mais acrisolado affecto e da mais sincera previdencia. Quasi sempre esses laboriosos operarios saíram da humildade e da pobreza e por isso querem poupar aos seus descendentes as crueis difficuldades com que tiveram de lutar, para que chegassem a ser *alguem*. A miseria é um estímulo, é o meio onde de longe em longe desabrocha o genio, mas é tambem, ordinariamente, a atmospherá que asphixia as mais puras e ousadas aspirações.

O poeta Garção, denominado o Horacio portuguez, era de parecer que não se escreviam *Lusiadas* em camarins forrados de damasco.

Isto não é uma verdade absoluta, nem sequer uma regra geral. O proprio Camões, apesar das suas desventuras e de não ter subido a uma alta posição social, era filho d'uma familia distincta e teve de certo recursos para frequentar estudos mais que rudimentares; d'outro modo não se explica o vasto saber e erudição que se ostentam em todas as suas obras.

Chateaubriand, Vigny, Musset, Lamartine e Victor Hugo, os grandes luminares da moderna litteratura franceza, nasceram em berços dourados e brazonados. Lord Byron era representante da mais fina aristocracia ingleza e Tolstoi, o grande agitador intellectual da Russia, não é nenhum plebeu, nem sequer, burguez.

Entre nós, porém, as jerarchias monetarias são mais de ephemera que de longa duração e por isso assistimos com frequencia a tantas scenas deploraveis, o que todavia não é para admirar, quando se repara que sômos d'um paiz, em que a lei dos vinculos era o esteio indispensavel para sustento das grandes casas. E ainda assim, nem com estes botareus ellas se conservavam firmes, porque, embora não se hypothecassem nem pudessem vender as propriedades, hypothecavam-se os rendimentos e a usura era a flôr parasitaria, que enfeitava, corroendo-os, os mais heroicos e famosos brazões.

Não é, por conseguinte, accumulando riquezas que os bons chefes de familia preparam e garantem o futuro de seus filhos, confiando que elles farão bom uso d'ellas, não as desperdiçando nem liberalizando inutilmente. Outras circumstancias, contudo, além da falta de tino administrativo, podem concorrer para a ruina pecuniaria de qualquer individuo. Um abalo financeiro, como o que ultimamente occorreu nos Estados-Unidos, destroe d'um momento para outro as mais solidas fortunas e quem não tiver sufficientes meios de actividade para reparar os danos imprevistos, difficilmente sairá do abysmo em que o precipitaram os acontecimentos inesperados. Convem, portanto, que todos possuam e disponham com rapidez de instrumentos de trabalho, por meio dos quaes possam resarsir os prejuizos soffridos.

A educação luxuosa constitue, por conseguinte, um perigo social, que convem evitar cautelosamente. Em dois sentidos se póde considerar esta phrase, ambos egualmente perniciosos. No primeiro caso, educação luxuosa é aquella que dá ao espirito conhecimentos superfluos, sem a menor utilidade pratica, educação ornamental, illudindo sempre, apenas deslumbrando.

No segundo caso, a educação luxuosa consiste em viver em continuo fausto, em apparatusa grandeza, consumindo todos os rendimentos e até entrando pelo proprio capital.

Quando morre o chefe da casa e tem de se fazer partilhas, nenhum dos membros da familia fica em circumstancias de continuar de per si a mesma situação. Tem de descer, e ainda que seja um só degrau, sempre é descida.

Se para um rapaz similhante educação é compromettedora, para uma menina ainda mais. Nem todas encontram allianças vantajosas, noivos ricos, que possam satisfazer os seus caprichos, e por isso os casamentos de conveniencia substituem tantas vezes os casamentos de affeição. D'aqui derivam *qui-pro-quo*s da vida conjugal, que só servem para ser explorados pela escandalosa litteratura dos dramas e dos romances.

Certamente não foi para ajudar a imaginação do romancista e dos dramaturgos, para augmentar os seus interesses, que se constituiu a familia. O problema absorve as atenções dos alchimistas da moral, mas nem por isso vêmos que os Paracelsos sociaes tenham conseguido resultado visivel com a sua ingenuidade ou com o seu charlatanismo.

O ouro falso continúa e continuará correndo, emquanto a sociedade não der novo rumo á educação que tanto predomina hoje : — a educação luxuosa, luxuosa em todos os sentidos, fragil e enganadora na sua base.

7-7-1909.

A quem pertence a escola

A escola é uma das bases mais solidas do edificio social e por isso não admira que sobre ella venham projectar tantas e tão oppostas influencias, que se combatem entre si, aspirando ao dominio absoluto e exclusivo.

Uns pretendem que na escola predomine o character religioso ; outros que a religião seja banida para dar logar ao character profano e leigo. Estes entendem que a escola deve adoptar o emblema d'um partido ; aquelles o emblema d'uma seita.

Nada mais contrario aos bons principios, á sã doutrina, ao regular funcionamento d'uma escola, do que este embate de correntes tão oppostas o esterilisoras.

A escola não é apanagio d'uma seita ou d'um partido, não é propriedade de ninguem, nem mesmo do Estado, pertencendo unicamente

á creança, ao alumno, ao seu elemento organico e fundamentalmente constitutivo.

Taes são, em resumo, as ideias syntheticas d'um publicista eminente, ideias que não temos duvida nenhuma em compartilhar nas suas linhas geraes.

Effectivamente a escola, sobretudo a primaria, deve conservar-se alheia ás pressões, de qualquer natureza que sejam. A escola deve fazer quanto possivel por deixar em plena liberdade o espirito dos alumnos, guiando-os apenas, a fim de que a independencia de character e a independencia intellectual não soffram deformidade e se manifestem em toda a sua plenitude.

É no cerebro infantil que se gravam indelevelmente as primeiras impressões, impressões que difficilmente se apagam, devendo por conseguinte haver o maximo escrupulo na transmissão dos sentimentos e das ideias, que são os primeiros depositos de todo o saber e educação.

Ensinae com discernimento, mostrando que não voŝ quereis impôr auctoritariamente e que só desejaes evidenciar a verdade. Preparae o espirito das creanças, de modo que ellas possam raciocinar por si mesmas, deduzindo, sem grande esforço, as consequencias naturaes das premissas que lhes são expostas com a maior simplicidade. Não ensineis muito, com profusão perturbadora, mas ensinae pouco e bem, de modo que a creança encontre no futuro os elementos indispensaveis para a mais proveitosa orientação da sua actividade.

Ensinae-lhe sobretudo a bem contemplar a natureza e a bem observar-a nas suas manifestações mais radiantes. A noção das coisas é mais instructiva que a eloquencia dos livros. A vida moderna é a mais suggestiva das lições praticas. Basta que saibamos olhar em roda de nós para que aprendamos alguma coisa, e sintamos instinctivamente o impulso de imitar o exemplo d'aquelles que concorrerem com o seu trabalho e com o seu engenho para a marcha incessante do progresso.

Bani do ensino todas as exterioridades apparatusas, que só servem para enganar os incautos e entorpecer os ingenuos. Mostrae as coisas, taes como ellas são e á vista desarmada, para que esta se não cance em investigações inuteis e prejudiciaes. Ponde de parte a lanterna magica, de que hoje tanto se usa na sociedade e nas escolas, para que a infancia penetre desde logo nos misterios da vida real e não soffra mais tarde os desenganos crueis, que lançam na prostração ou no desespero as intelligencias mais robustas, as vontades mais energicas.

A liberdade bem entendida deve ser por conseguinte a norma a adoptar em todas as escolas, muito principalmente nas escolas prima-

rias, d'onde o alumno deve sair na mais franca independencia, sem pressões de sectarismo, sem preconceitos de qualquer ordem, que entibiem o seu character, que o tornem escravo submisso de qualquer ideia preconcebida.

Por muita confiança que nos mereça a escola, é bem de considerar que ella não póde ser o unico pharol que sirva de guia á infancia e á juventude atravez da sociedade e que esta cometerá um crime se delegar naquella todo o encargo e toda a responsabilidade da missão educativa. A' familia compete o indeclinavel dever de completar o ensino escolar com o exemplo moral, com a religiosidade do viver intimo. Toda a vez que haja discordancia entre a escola e a familia, entre o ensino e a educação, o progresso, por mais luminoso que pareça, não passará da mentira e corrupção. A ruina estará no fundo das cousas, o equilibrio moral difficilmente se manterá por muito tempo e a estabilidade d'um povo ficará sujeita ás mais funestas consequencias, incapaz de resistir a qualquer eventualidade fortuita.

Estes principios, pallidamente esboçados, muito em breve resumidos, parece-nos que podem constituir os elementos d'uma cartilha nacional e não duvidariamos perfilhal-os, dando-lhes a melhor fórma practica, se fôssemos professor ou ministro d'instrução publica.

31-8-1910.

ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO DA MULHER E FEMINISMO

A educação da mulher e a sua emancipação pelo ensino

Um dos themas sociaes mais antigos, e apezar de antigo perpetuamente novo e opportuno sempre, é o da educação da mulher. Se o christianismo a emancipou moralmente, se lhe deu uma consideração que as outras religiões lhe negavam, ainda assim o mundo moderno não se considera satisfeito e procura equiparal-a perfeitamente com o homem, garantindo-lhe a independencia a que ella se julga com direito.

Achamos esta aspiração justissima, tanto mais que ella se baseia n'um principio natural. Ninguem poderá negar a aptidão feminina em todas as manifestações da vida, em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Nas civilizações rudimentares, nas tribus africanas ou da Australia, são ellas que trabalham, verdadeiras escravas do homem, que vive no ocio, mantendo pelo despotismo a sua superioridade. Não é preciso, porém, ir tão longe, para encontrar o exemplo. Nas nossas provincias do norte, a mulher é que é, em grande numero de casos, o elemento activo da familia. Ella moureja nos trabalhos domesticos, ella arroteia os campos, ella apparece nos mercados vendendo os productos da sua industria caseira.

Ha certas occupações que parecem destinadas especialmente ás mulheres e em que ellas poderiam e deveriam ter um predominio exclusivo. Em compensação ha outras superiores ás suas forças e á sua indole, e nas quaes são admittidas por espirito de ganancia. A lei poderia distribuir sensatamente estas diversas aptidões, embora reconheçamos os attritos que poderiam surgir com similhante regulamentação.

No nosso entender, não ha nada menos apropriado de que vêr o sexo masculino dirigindo os estabelecimentos de modas e outros congeneres. Worth, o celebre costureiro de Paris, será uma individualidade muito notavel, um artista muito perfeito, mas parece-nos ridiculo, mais do que isso, parece-nos uma verdadeira aberração. A agulha é o sceptro que ninguem deveria arrancar das mãos da mulher.

A obra emancipadora da mulher caminha a passos de gigante e agora na America, uma das maravilhas da exposição de Chicago, é a parte consagrada ao trabalho feminino. Ali está praticamente demonstrado o que vale a sua intelligencia, a sua actividade, a sua iniciativa. Em todos os ramos da industria e do saber ella mostra triumphante quanto é valiosissima a sua cooperação na conquista immaculada do progresso.

Admiramos estes esforços e applaudimos esta cruzada, embora o nosso apoio não seja inteiramente incondicional. Como já aqui temos propugnado mais d'uma vez, achamos justo e natural que a mulher se emancipe, comtanto que se não emancipe em absoluto dos seus deveres de familia. A mulher e o homem são dois seres que se completam phisica e moralmente, e é necessario que as relações moraes se cumpram d'um modo delicado, harmonioso, sem que a supremacia do homem se faça sentir sob um aspecto oppressivo e revoltante.

A mulher precisa de educar-se para as luctas da vida, para que seja um auxiliar e não uma escrava, para que se torne indispensavel e não inutil, para que seja uma entidade respeitosa e não um objecto de luxo. A familia ha-de ser a base eterna da sociedade, e quanto mais bem educada fôr a mulher, tanto mais estavel e mais apreciavel será a familia. Tirar á educação da mulher este character de intimidade affectuosa, será contribuir para augmentar o desequilibrio que se nota nas relações sociaes de certas camadas.

Preparada a mulher n'este sentido, estamos convencidos que deixará de ser perigosa e ameaçadora, como alguns temem, a concorrência que ella possa fazer ao homem nas diversas phases da lucta pela vida. Ha alguns empregos e profissões, em que é já difficil encontrar logar pela abundancia dos que se destinam á mesma carreira. Em paizes de grande desenvolvimento intellectual, uma das causas da crise é o proletariado litterario e scientifico. O mal augmentaria de certo, se as mulheres competissem em egualdade de numero com os homens que alcançaram um diploma universitario.

Tudo, porém, se pôde conciliar perfeitamente, comtanto que se não exorbite e se não queira fazer da emancipação da mulher um an-

tagonismo perigoso. A sciencia não é um pomo prohibido para a mulher, como symbolicamente pretendia a Biblia. Uma educação ampla e vigorosa, bem comprehendida e bem executada, deve ser um elemento de força para a mulher e um elemento de felicidade para a familia. Pôr de partê este factor, seria tornar illusoria a resolução do problema.

24-5-1893.

A operaria lisboeta

Em geral o que desperta a curiosidade d'um estrangeiro que visita uma cidade é o seu aspecto monumental, a sua situação pittoresca, o que ella offerece de grandioso a par do que offerece de delectavel. Percorrem-se as grandes arterias, bordadas de lojas e armazens, entra-se nos theatros, busca-se a frescura dos passeios, estonteia-se com o movimento, gosta-se emfim de todas as apparencias brilhantes, de todas as manifestações, mais ou menos sinceras da civilização moderna. Estuda-se a vida á superficie, como se a sociedade fôsse um grande café cantante e passa-se de longe, distrahidamente, pela realidade palpitante da existencia, por tudo aquillo, que poderia ser um profundo e verdadeiro ensinamento social. E' que este exame tem alguma cousa de doloroso e muito de repulsivo; é que este exame é uma reprehensão severa ao egoismo dos que só procuram o prazer pessoal, sem se importarem com o soffrimento do maior numero.

Lisboa é uma cidade deslumbrante de luz, revendo-se como sultana no espelho cristalino do Tejo. Reclinada em sete collinas como n'um divan, tem o quer que seja de visão oriental. Parece uma cidade mourisca e que a voz do muezzim ainda se ouve no alto dos seus corucheus a chamar os crentes á oração. Este scenario grandioso e poetico impressiona o viajante, que lança um olhar de desdem por tudo o mais que não seja o panorama que a natureza lhe offerece.

Lisboa, todavia, tem muito que vêr e muito que estudar para um observador curioso e attento. Não é por certo á luz faiscante do dia que ella deve ser analysada. Então o que nos impressiona é o movimento da sociedade elegante, tudo o que pode sair á rua sem vergo-

nha da sua pobreza. Ha muita miseria sob esses europeis, mas o luxo fascina e o primeiro aspecto dá-nos uma impressão agradável.

E' pela manhã ou á noite que uma cidade apresenta as suas feições mais características e mais genuinas. De madrugada é o levantar da povoação que trabalha, e que se dirige á officina a buscar o sustento para si e para a familia. A' noite é o recolher d'esses bandos e o apparecimento de outros, que á semelhança de certas plantas só desabrocham nas trevas. Que interessantissima monographia não offereceria o estudo d'essas pequenas industrias, que medram na rua, na proximidade dos passeios e dos theatros, nos grandes pontos de reunião! Como a palheta de um Rembrandt nos dera a triste physionomia d'essas pobres mulheres que levam a noite inteira junto do seu taboleiro, em que vendem fava torrada, pevide de abobora e as guloseimas fabricadas nas mais extravagantes pastellarias! Que instructivas descripções nos fornecera a penna de um Maxime du Camp, se, depois de estudada a physiologia dos costumes parisienses, viesse estudar a physiologia das classes populares lisboetas!

Uma das classes que mais chama a attenção é a das costureiras, que trabalham nas casas de modas. Em geral são creaturas franzinas, doentias, de uma compleição anemica, que bem demonstra as privações que soffrem para apparecerem na rua n'uma eleganciasinha mentirosa. Algumas teem uma carinha insinuante, mas são como as flôres transitorias, que murcham rapidamente. Aquelle colorido de mocidade desaparece ao sopro da miseria; extingue-se breve no ambiente das suas habitações mesquinhas. A tísica encontra n'aquelles corpos franzinos, reclinados horas e horas sobre a machina, o terreno mais propicio para a sua cultura. Ah! como deve ser doloroso estar a coser e enfeitar um vestido de noivado ou uma *toilette* de baile, que custam punhados de libras, e pensar ao mesmo tempo que uns magros tostões são apenas a recompensa que fica nas mãos da costureira!

A sorte da operaria em toda a parte é digna de lastima e merece que todos os que se interessam pelo futuro das classes trabalhadoras lhe consagrem mais alguns momentos de attenção. O operario não se deita em cama de rosas, mas tem por si ao menos o direito da força e o gozo dos direitos politicos. A *grève* e o voto são duas armas poderosas, que fazem com que elles se imponham e sejam respeitados. Não advogaremos que se generalisem á mulher os direitos politicos, mas o que recommendaremos ao operario e a todos aquelles que teem o encargo de dirigir a sociedade é que olhem um pouco mais pela companhia do homem e a colloquem n'uma situação mais desafor-

gada, que a ponha, quanto possível, ao abrigo da miseria e da des-honra.

Libertar a mulher d'estes dois perigos, é concorrer para a felicidade da familia e para o bem estar da sociedade.

27-7-1893.

A cozinha domestica

A educação feminina á antiga portugueza tem-se ido apagando, como se fôsse moda ridicula, que passasse sem esperanças de resuscitar. Quasi parece mal falar n'esse anachronismo. Era uma catureira dos nossos avós, que só o lebral-a nos envergonha. Bom tempo aquelle, em que o melhor dote que os paes procuravam dar a uma filha era fazer d'ella uma bôa dona de casa, que fôsse um dia uma excellente mãe de familia e uma adoravel companheira de trabalho!

Hoje tudo mudou, e á educação caseira e recatada succedeu a educação apparatusa dos collegios e das mestres estrangeiras. Familias de limitados recursos já julgam uma vergonha se não fazem acompanhar as suas filhas de uma *institutrice*. A crise coarctou um pouco este luxo, mas venha outra vez uma aragemsinha de fortuna, e ella renascerá, porque já deitou raiz nos costumes publicos.

Na maioria dos casos, a desordem social provém da desordem que se nota no arranjo da casa, o que é tudo proveniente, em nosso fraco entender, de uma falta de educação proficua, solida, apropriada ás circumstancias da vida. Comprehendem-se as difficuldades com que tenha a luctar um empregado de secretaria, um official do exercito, um caixeiro d'escriptorio, se porventura ligaram a sua existencia a uma senhora, que nunca soube o que era a direcção d'uma casa e que se vê constrangida a sujeitar-se ás indicações d'uma criada.

A economia domestica era antigamente uma prenda de primeira ordem para uma menina de modestos haveres e um dos ramos principais da educação caseira era a sciencia da cozinha. A sciencia da cozinha! exclamará alguém em riso de mófa. Pois não ha de que rir, porque a felicidade e a saude d'uma familia dependem do seu arranjo domestico e da maneira como é dirigida a sua cozinha. O problema da alimentação é o primeiro de todos os problemas sociaes, não só

sob o ponto de vista economico, mas sob o ponto de vista hygienico. Quem bem se alimentar, melhor resistirá as imtemperies da vida. E bôa alimentação não quer dizer que ella seja constituida por pratos de luxo, que são muitas vezes a ruina do estomago, significa apenas uma comida frugal, sadia, bem preparada, simples e reconstituente.

Ha dias lêmos nós n'uma folha parisiense um artigo de Francisco Sarcey, em que elle commemorava saudosamente o prazer que sentia em creança quando devorava o *bolo de rei*, preparado pelas mãos carinhosas de sua mãe, uma excellente camponeza. Depois d'isso tinha saboreado muitos outros bolos, saídos dos estabelecimentos dos melhores especialistas, mas nenhum d'elles tinha o sabor do bolo primitivo. Ao lêr aquelle artigo, achámos justissimas e sensatas as suas observações e lembrámo-nos tambem com enternecimento dos tempos da nossa infancia em que assistiamos embebidos ás festas culinarias da nossa familia.

Não queremos nós dizer que a bôa dona de casa seja aquella que se restringe á area limitada da cozinha e se entrega unicamente aos cuidados do fogão. O que é necessario e até certo ponto sufficiente é que ella tenha os conhecimentos indispensaveis para que saiba dirigir a sua criada e não esteja, pela sua ignorancia e falta de pratica, na dependencia d'ella. Se uma criada abusa com uma patrôa entendida, o que não fará com uma que seja completamente inexperiente?

Já aqui tratámos da vantagem e da necessidade de estabelecer, nos asylos sobretudo, cursos de cozinha para criadas. Essas aulas teriam sem duvida um grande alcance, mas seria conveniente que similhantes estudos tivessem o seu indispensavel complemento nas casas de familia para onde as criadas entrassem. Todos teriam a lucrar com este ensino profissional e com este auxilio mutuo.

E' possivel que estejamos aqui proferindo palavras ao vento, e que muitas das amaveis leitoras do *Diario de Noticias* se mostrem amofinadas comnosco. Paciencia! Se nem todas as verdades se dizem, estas são das que se pódem dizer sem offensa para ninguem. Estamos certos que muitas bôas mães de familia nos dirão apoiado! Não lisongeamos, é certo, mas tambem não vimos de rabicho e cabelleira moralisar o mundo. Quem nos quizer ouvir, que nos ouça, e quem não estiver disposto, não condemne ao menos as nossas intenções.

Se não prérgamos bôa doutrina, não é por falta de vontade.

A independencia da mulher

Qual o verdadeiro typo da mulher moderna?

O movimento feminista, a campanha em favor dos direitos e da emancipação da mulher, vae-se desenvolvendo e accentuando, e se ás vezes nos congressos realizados pelos campeões d'esta cruzada se observam muitas cousas que nos fazem rir, é certo todavia que acima de qualquer ridiculo e acima do receio de qualquer innovação radical, que se nos afigura perigosa, existe, e não podia deixar de existir, o convencimento da necessidade immediata d'uma profunda reforma na educação e na situação da mulher.

Na Europa, sobretudo na raça latina, a mulher conserva ainda uma posição de inferioridade, devida á influencia das leis, dos costumes, dos preconceitos. A antiga organização da familia tem-se ido modificando, mas esse movimento evolutivo tem sido longo, penoso, insufficiente. A tradição tem uma força preponderante, quasi irreductivel, e por isso não é para admirar que a mulher, na equação social, não tenha um valor equivalente ao homem. A mulher é já a companheira, mas tem ainda muito de escrava e a sua carta d'alforria está por inscrever nos Codigos mais aperfeçoados. A religião contribue d'algum modo para este papel submisso, porque a esposa ainda tem de repetir perante o marido: *ecce ancilla Domini: eis aqui a escrava do Senhor!*

Verdade é que a natureza marca até certo ponto essas differenças, dotando cada um dos sexos com um organismo especial, distribuindo ao homem, em primazia, a força, a virilidade; distribuindo á mulher a graça, o carinho, a seducção. E o caso é que a fragilidade é quem muitas vezes ou quasi sempre triumphá pela meiguice, e já os antigos symbolisavam este facto na imagem de Hercules, o semi-Deus, domesticado como uma docil creança aos pés de Omphale. A clava vencida pela roca.

Reconhecida a necessidade de dar outra orientação á mulher e de a munir das armas indispensaveis para entrar com mais segurança na lucta pela vida, resta saber quaes são as theorias educadoras que convem adoptar e qual é o modelo que devemos escolher de preferencia. Uma sociedade gasta, como é a nossa, por muito que se re-

tempere e que se regenere, tem sempre o vicio na sua origem, e por isso não falta quem volte os olhos para horisontes mais largos e quem busque em novas regiões o prototypo por excellencia.

A America do norte está sem duvida destinada a exercer um grande papel na historia da humanidade, imprimindo á civilisação um character excepcional de novidade e de grandeza. O norte-americano não é simplesmente um excentrico: é sobretudo um original. Assim como em politica proclamou a liberdade mais ampla, assim elle quer-se libertar da tutella que o velho mundo possa ainda exercer sobre a sua raça. O seu espirito inventivo é inexgotavel e, se nem sempre a belleza corresponde á invenção, a utilidade pelo menos vem substituir a falta de gosto e de senso artistico. Por emquanto, ainda está no periodo de elaboraçã, mas a sua actividade é tão irrequieta e tão laboriosa, que os resultados d'uma completa independencia não tardarão a chegar, e depois da independencia virá consequentemente a supremacia, o predominio sobre as velhas raças, a quem falta, como é natural, o ardente desejo de innovar e renovar, a força poderosa da incessante iniciativa.

A educação da mulher americana vae no impulso d'estas ideias, e quem frequentou as escolas e a sociedade transatlantica não deixa de impressionar-se do rumo que leva n'aquellas paragens o espirito e o coração feminino. No dizer de alguns observadores, a belleza das mulheres americanas é um mixto de flexibilidade e de força, o quer que seja da graça e da frescura da rosa, mas graça e frescura mais duradouras que a das rosas de Malherbe. O ensino distribuido nas escolas tanto se dirige ao cerebro como ao corpo. Se entrardes, por exemplo, na universidade de Wellesley, ficareis encantados com um formigueiro de graciosas raparigas, entregues aos estudos mais serios, ás occupações mais uteis e praticas, aos passatempos mais hygienicos. Ao mesmo tempo que se aprende o grego e se resolvem os mais arduos problemas scientificos, ensina-se o que ha de mais indispensavel na vida, de modo que o pedantismo não tem tempo de se apossar d'aquellas cabecinhas, serias e reflectidas á força de pensar no futuro, de se habilitarem para adquirir com o esforço proprio uma posição social.

O utilitarismo é a feição dominante da sociedade norte-americana e esta qualidade contribuirá por certo para amesquinhar outros sentimentos mais generosos e puros. Como quer que seja, uma das cousas que mais admiramos na mulher americana, e que já se observa ainda que menos desenvolvida na raça anglo-saxonia, é a independencia de que ellas gosam e que lhes não diminue de fórma alguma a

consideração e o respeito que lhes é devido e de que são dignas. Nem ellas abusan d'essa liberdade, nem os homens as estimam menos por isso.

Aqui está um principio de educação e de moral que desejaríamos vêr introduzido a serio nos nossos costumes, mas a indole e os habitos da nossa raça como que se lhe oppõem. Lá chegaremos talvez, mas que obstaculos não será preciso vencer! A seducção é quasi uma virtude nacional. O homem só se considera feliz e glorioso pelo numero das suas conquistas. O D. Juan e o mr. Alphonse são dois typos populares, cujo ideal tortura o cerebro de muito ocioso. O seguir uma mulher na rua, o dirigir-lhe uma phrase equívoca, o faiscar-lhe um olhar enternecido, são mandamentos da cartilha sentimental. O seductor é uma praga quasi tão perniciosa como a do rufião ou *souteneur*. E' a vibora que morde o seio da virgindade, é a cobra que abraça e macula a honra da familia como a serpente de Laocoonte.

Emquanto a mulher não poder caminhar desassombrada na estrada da vida protegida apenas pela sua graça e pela sua virtude, a situação da familia e a situação da sociedade será sempre equívoca e periclitante.

19-9-1896.

O trabalho e a educação das mulheres

Os progressos realizados pelas descobertas scientificas e industriaes exercem mais decidida influencia no movimento social que as mais ardentes declamações dos revolucionarios.

A machina a vapor, por exemplo, veio modificar radicalmente as condições do trabalho e a situação dos trabalhadores.

Foi depois da sua applicação á industria que o socialismo se desenvolveu extraordinariamente, devido á criação e organização dos grandes centros operarios.

A fabrica, alargando a officina, agrupando o mechanismo, centralizando o trabalho, deu um golpe quasi mortal na industria caseira.

A industria da tecelagem foi quem mais soffreu e com ella quem mais ficou prejudicado foi o trabalho das mulheres.

Nas nossas provincias do norte rara era casa onde se não via func-

cionar um tear. As tecedeiras eram numerosissimas e ainda hoje os vestuarios das camponesas, alguns d'elles tão pittorescos, são resultado da industria caseira. Ha tecidos de padrões tradicionaes como são os das mulheres do concelho de Vianna. Oxalá que o progresso, á semelhança da phylloxera, não os ataque e não os destrua, como tem destruido tanta cousa bôa, característica, nacional. Infelizmente a moda já penetrou nas aldeias e o mau gosto, sob o aspecto de modernismo, vae corrompendo as tradições e os costumes, substituindo as fórmãs graciosas pelas fórmãs extravagantes. A novidade não quer dizer bom gosto, assim como o antigo não quer significar a negação do bello.

O machinismo a vapor prejudicou muito o operario feminino, porque o obriga a deixar a casa para entrar na officina ou na fabrica. Não podendo olhar pelos filhos, basta esta circumstancia para influir desastradamente na criação e educação da familia. As crèches não substituem o carinho materno.

Collocada n'uma indiscutivel condição de inferioridade, já devido á natureza, já devido ás leis e preconceitos sociaes, a mulher procura reagir contra esta corrente que lhe é adversa e a propaganda feminista vae tomando alentos por toda a parte.

Achamos justa a reivindicação e justificado o movimento, mas para que elle vingue e fructifique, torna-se necessario que se contenha nos limites do que é exequivel e sensato. Exagerar extraordinariamente essa aspiração, dar-lhe sobretudo o character de desforra, transformal-a n'uma arma de combate, tomar por divisa uma franca e aberta hostilidade entre os dois sexos, parece-nos um contrasenso.

Ninguem mais interessado no culto e no respeito da mulher, no culto portanto da familia, do que o proprio homem, e elle deve ser o primeiro a collaborar na resolução do problema. E' innegavel que os dois sexos se completam mutuamente, e, por consequencia, a harmonia preexistente é uma cousa que se impõe, com a fatalidade d'uma lei biologica. Desconhecel-a d'uma ou d'outra parte, seria um capricho filho da ignorancia e da malquerença.

A educação que na actualidade se procura dar á mulher parece-nos um pouco pretenciosa e mal cabida, embora reconheçamos no bello sexo que lhe não falta a capacidade intellectual para qualquer carreira scientifica. Os nomes de mulheres notaveis em todos os ramos do saber humano abundam, mas a sua igualdade, sob este ponto de vista, não está estabelecida ou demonstrada, quanto mais a sua superioridade!

Ha todavia muitos modos de vida que parece deveriam ser desti-

nados exclusivamente ao sexo fragil e que estão sendo preenchidos pelo sexo forte. Ha cousa mais ridicula de que vêr um homem tallhando e provando vestidos de senhoras? A moda, porém, proclama como semideuses da agulha e da tesoura os costureiros como Worth. O disparate não é de hoje, já conta seculos de existencia. As nossas antigas rainhas tinham tambem os seus alfaiates.

A agulha parece que devera ser o sceptro e o emblema da mulher; no entanto outras classes lh'a disputam, como são os bordadores. A mão feminina, pela sua delicadeza, como que estava fadada exclusivamente para estes labores. Na nossa côrte, entre os officiaes mechanicos que a serviam, inscreviam-se os brosladores, como então se dizia. No reinado de D. José, havia ainda, na Santa Igreja Patriarchal, uma officina ou escola de bordadores.

A lojas de modas são templos da elegancia, que deviam ser especialmente servidos por sacerdotisas, mas os sacerdotes é que occupam o principal logar.

Pois não houve tempo em que um preconceito religioso, excluindo as mulheres das ceremonias religiosas, e até das festas scenicas, obrigava a praticar uma operação, que ainda hoje é muito vulgar em certos animaes domesticos? No regio theatros portuguezes houve castrados que fizeram o encanto da côrte e que se pagavam por preços fabulosos.

E' contra estas aberrações que o sexo feminino deve lavrar o seu protesto, procurando occupar dignamente a posição que a natureza lhe designou na sociedade e em todas as manifestações do trabalho apropriadas á sua indole.

Fica-lhe assim largo campo para exercer a sua actividade sem ser necessario estabelecer uma concorrência pouco sympathica, paradoxal e até perigosa.

6-11-1896.

Epidemia moral

As estatísticas demographicas attestam felizmente que a salubridade em Lisboa é relativamente excellente, pois o numero dos obitos é bastante inferior ao do anno transacto.

Este resultado deve-se attribuir mais á benignidade da estação invernosa que a qualquer aperfeiçoamento no regimen hygienico, mas, qualquer que seja a causa, registamos com prazer o facto e estimaremos que elle se repita e perpetue, destruindo assim o conceito que por vezes se tem formulado ácerca das más condições climatericas e hygienicas de Lisboa.

Em compensação e salubridade moral parece-nos ser muito menos favoravel, pois estamos ultimamente como que affectados da epidemia do crime. Os acontecimentos sensacionaes reproduzem-se, suggestionando-se successivamente, obedecendo a um impulso da mesma natureza. E' curioso que no organismo moral se dêem tantas vezes os phenomenos que se dão no organismo physico. Não deixa de impressionar esta correlação, embora, bem considerada, nada tenha de extraordinario.

Por diversas maneiras se pretende explicar esta serie de casos dramaticos, em que a paixão tem exercido selvaticamente o seu principal papel.

Não falta quem a attribua ao influxo da publicidade; não falta quem a considere como a consequencia das leituras inebriantes, que excitam a sensibilidade e romantizam o espirito, exaltando-o, enfraquecendo-lhe as indispensaveis faculdades de ponderação.

Que ha no fundo de tudo isto um vicio educativo, é para nós um principio incontestavel. Os crimes amorosos encontram de regra ordinaria um eco de sympathia nos espiritos debeis e enternecidos. Shakspeare é um poeta de primeira grandeza, porque sabe agitar a alma popular com os transes mais afflictivos e patheticos do coração humano. O episodio de D. Ignez de Castro bastaria de per si para immortalisar o poema de Camões.

Os crimes do amôr enfloram-se de rosas, como o punhal homicida de que usam. Um preconceito social absolve e como que divinisa os heroes do ciume. Se o cadaver de Desdemona nos inspira a mais

commovente piedade, o vulto de Othello passa deante da nossa vista como a fulguração mais bella do sentimento offendido e magoado.

Por um lado o temperamento, por outro lado a educação ou antes o preconceito secular, explicam de sobra a corrente de crimes, a que ultimamente temos assistido e que revestem o mesmo caracter. A animalidade, mais que qualquer outra cousa, prepondera em todos elles. Não se póde dizer que as personagens que mancharam as suas mãos n'estas scenas de sangue façam parte da crapula e da miseria, viciosos por natureza e officio. Dominou-as a paixão, a paixão material simplesmente, sem que nenhum dos effluvios da delicadeza perfumasse a flôr sanguinea dos seus appetites carnaes.

O que observamos n'estes casos é a grande falta de respeito por o que ha de mais sagrado: a vida e a mulher. Diz o provervio oriental que na mulher nem com una flôr se deve bater e todavia os orientaes não são dos que consagram á mulher o culto que na idade media lhe prestou a cavallaria.

Entendemos que a sociedade tem um grande dever a cumprir; um grande principio a adoptar. No codigo da civilidade e no codigo da civilização o respeito á vida e o respeito á mulher devem-se inscrever no alto da primeira pagina, como leis fundamentaes de que derivam todas as outras.

E não é ao homem que compete esta obrigação: a propria mulher deve ser a primeira a pôr em pratica este evangelho, dando ella o exemplo de que sabe fazer-se impôr pelo seu caracter intangivel, pelo seu procedimento immaculado.

O movimento feminista, que agita actualmente alguns dos povos mais cultos, é uma propaganda digna de toda a sympathia e queremos parecer que o homem faria bem empolgando-a, tomando-lhe a dianteira, encarregando-se elle proprio de fazer a apeteccida reforma.

Não será pela egualdade dos direitos politicos ou pela egualdade dos direitos civis que a mulher se levantará da condição presente, que ella julga humilhante e iniqua, mas sim pela supremacia dos direitos moraes que ella se tornará a conselheira affectuosa, a directora espiritual do homem.

Inclinando-se sobre o leito de seus filhos, embalando o berço das creanças, imprimindo no beijo materno, na fronte infantil, o sêllo do futuro, a mulher não se terá curvado, antes o que a muitas se afigura uma posição humilhante será a attitude propria da divindade do lar.

N'esta religião se deve educar o espirito do homem.

O trabalho nacional e a mulher do norte

Quem percorre as provincias do norte, o Minho especialmente, ao mesmo tempo que se delicia com o aspecto ora risonho, ora imponente da paizagem, entre o verde scintillante dos milhos e o verde sombrio dos pinhaes, um phenomeno observa, que o impressiona vivamente: — o dominio da mulher na vida do campo e na vida caseira.

Póde com afouteza dizer-se que a mulher é o elemento essencial do trabalho nas provincias do norte. Não é preciso sair-se do Porto para se verificar este facto.

A padeira de Avintes, carregando á cabeça pezadas canastras de borôa, as leiteiras da Magdalena e de outras freguezias dos arredores, as peixeiras, as vendedoras de hortaliça, de fructas e de legumes, todo este variado enxame feminino dá á cidade um aspecto alegre, pittoresco, cheio de actividade e movimento.

Nos campos, encontra-se a mulher sachando, mondando, semeando, recolhendo, esfolhando, espadelando, gniando o carro de bois, executando enfim todas as operações, por mais rudes e laboriosas que sejam, da faina agricola. E ao mesmo tempo, ella é igualmente a alma da administração interna. E' ella quem fia e quem tece a camisa de estopa ou de linho, todo o bragal da familia. As vistosas e elegantes saias riscadas das mulheres de Vianna saem do tear caseiro. A machina, aniquilando o fuso e o tear, deu cabo de quasi todas as pequenas industrias, mas a mulher ainda não esqueceu de todo as antigas tradições, como quem sabe, instinctivamente, que o trabalho é o deus querido do lar, o deus por excellencia.

E o mais curioso de tudo isto, é que ella supporta alegremente as canceiras da existencia. Dir-se-ia que a vida do campo é uma perpetua romaria. Ouvil-a-heis cantando sempre, já em côro, nos ranchos que percorrem a estrada, já isoladamente, quando anda apascentando o gado ou quando anda com o sacho dirigindo a corrente da agua que banha o pé dos milharaes. A natureza em festa como que rege a symphonia humana. O vento do pessimismo ainda não passou sobre o florido rosal d'estes corações singelos; rudes, mas crentes; primitivos, mas ingenuos.

Quando a mulher apresenta assim qualidades tão notaveis, denun-

ciadoras d'uma raça valente e inquebrantavel, cheia de resistencia e de coragem, luctando despreoccupadamente, como se o labutar quotidiano fôsse um mero entretenimento, quando se nota esta exuberancia de seiva, este refluir de sangue immaculado, sente-se no intimo da nossa alma a profunda convicção de que ainda não sômos um povo gasto, uma nação condemnada, e que o renascimento nacional se poderá effectuar facilmente, desde que se aproveitem todos estes elementos sadios, base fundamental do mais vigoroso organismo.

Ao passo que vêmos para assim dizer concentradas na mulher quasi todas as energias materiaes e moraes, o homem, em compensação, como que descança na sua companheira do trabalho, imitando d'algun modo o habitante do continente negro. Tirante as povoações maritimas, onde a industria da pesca é um attractivo irresistivel, nas outras povoações o homem deixa-se dominar por um vago instincto do desconhecido, pelo desejo de emigrar. O Brazil é a terra de promissão, o Eldorado de quasi todo o camponez minhoto. A prosperidade de alguns que voltam mais ou menos endinheirados é uma seducção magnetica.

Por quasi todo o Minho se vêem os signaes evidentes do ouro brasileiro, mas essa influencia é mais de aparato que real. O emigrante portuguez, quando regressa á patria, é para dar descanço ao corpo, é para repousar das fadigas, é para passar na ociosidade os restos da vida. O que procura é embellezar a antiga casa paterna ou edificar nova habitação, onde gose o maior numero de commodidades possible. Affeito ás transacções commerciaes, a lavoura não tem para elle, geralmente, um grande incentivo. São poucos aquelles que se entregam a melhorar os seus campos, a applicar, em larga escala, os mais aperfeçoados processos agricolas. Por isso a agricultura no Minho se conserva em grande parte estacionaria, e em muitos casos n'um estado de abatimento desolador. A mulher, com toda a sua energia, não póde ser superior á rotina, porque não tem quem a ensine, quem a eduque, quem a guie, quem a aconselhe, quem lhe imprima para assim dizer character. Falta quem lhe dê o exemplo e quem lhe dê o apreço que merece.

A escolas femininas são diminutas e por isso não admira que a mulher seja tão ignorante, supprindo apenas a falta de educação pela sua vivacidade natural e pelo contacto com o mundo. Mas isso não basta. Quer-nos parecer que a creação de escolas femininas bem organisadas e com uma adaptação convenientissima daria os mais excellentes resultados e contribuiria immenso para a prosperidade das provincias do norte, aliás tão ricamente dotadas.

Por certo que um novo regimen litterario, fóra das condições apontadas, não só seria superfluo mas prejudicial, porque, longe de estimular novas forças, serviria apenas para apagar, para desvirtuar, para degenerar as excellentes qualidades nativas. A' educação postiza e ficticia, preferimos a ignorancia ingenua e original. Ao menos a ignorancia não é hypocrita nem petulante: tem os espinhos, mas tem os perfumes e o viço das rosas do campo.

Antes a aldeã bôa e rude, que a aldeã pretenciosa e degenerada.

8-9-1897.

O respeito pela mulher

Para os que consideram a familia como base essencial da sociedade, a mulher não pôde deixar de ser o que Michelet queria que ella fôsse, e na verdade deve ser, uma religião.

Mas este character religioso não a deve transformar num idolo, ainda que seja do mais precioso metal, mas sim na mais pura e santa divindade do lar, a verdadeira mulher do Evangelho, a mulher forte e casta e não a Venus voluptuosa das ridentes e dissolutas theogonias pagãs.

O respeito que devemos á mulher não implica o endensamento exagerado e louco, a adoração exclusiva da formosura, da elegancia, da exterioridade ornamental, dos attractivos sensuaes. A mulher que domina simplesmente pela riqueza caprichosa dos seus adornos, pelo fausto das suas equipagens, pelo resplendor das festas palacianas, é uma mulher artificial, um objecto de luxo, que só serve para se envaidecer e para envaidecer aquelles que não teem onde empregar melhor as suas prodigalidades. A mulher d'esta especie é sem duvida uma joia rutilante e indispensavel no collar da vida da opulencia, occupando apenas um logar de distincção entre a equipagem brazonada e o cavallo de corridas. E' o producto artificial d'uma civilisação effeminada, que cifra toda a sua actividade na roda viva dos divertimentos; é a perola que se serve n'um banquete de sybaritas; é o exemplo mais funesto que se pôde dar áquellas que não pensam senão no dia de amanhã, na faina quotidiana da vida, no aconchego da familia, no futuro de seus filhos.

Não é por conseguinte na corrente da frivolidade, na aspiração do

goso material, que devemos dirigir e educar o espirito da mulher. Ella vence e conquista pela graça, domina-nos pela sua fragilidade, mas sem perder nada dos seus encantos naturaes, sem se masculinizar estupidamente, ella póde e deve fortificar-se, robustecer-se, para melhor garantir a sua independencia, para mais dignamente conservar a ascendencia que exerce sobre nós. O homem não se rebaixa, modifica apenas o seu character auctoritario e vexatorio, acceitando o jugo feminino, ou antes, compartilhando amorosamente com a sua companheira os mesmos gosos e os mesmos soffrimentos, os mesmos direitos e os mesmos deveres. Na sua ignorancia adoravel, na sua simplicidade infantil, na sua maliciasinha instinctiva, a mulher ás vezes sabe e póde mais que o homem mais experimentado e não lhe é difficil embalar-o enganosamente nos seus carinhos, mas o engano é como a arma de dois gumes, que fere igualmente quem se serve d'ella. Sem um bocadinho de illusão não se vive n'este mundo e tanto um como outro sexo gosta de ser illudido. Pague-se esse tributo ao barro da nossa natureza, mas viva-se principalmente dos affectos verdadeiros e sinceros.

Nem a mulher comprehende quanto ha de nobre e de util respeitar-se a si propria, nem o homem comprehende tambem quanto lucraria em a tratar com o respeito e decoro que ella merece. A nossa educação n'este ponto está muito atrazada e os nossos costumes carecem de radical reforma. Não se vencem facilmente os preconceitos sociaes e nós resentimo-nos ainda muito da influencia monastica e da vida do convento. E não é só isso; o nosso temperamento meridional leva-nos a cometter desprimores censuraveis, para não dizer grosserias dignas da mais severa condemnação. Parece que temos o faro amoroso e como que andamos sempre de venta no ar á apanha do odor feminino. Mesmo quando eramos os conquistadores do mundo, não deixavamos de ser os conquistadores da mulher.

Ora a mulher que queira entre nós seguir por si só um rumo de vida, se não tem um braço que a defenda e um coração fraterno que a proteja, vê-se cruelmente perseguida e obsidiada por estes ociosos enamorados, por estes *lazzaroni* do amôr, que pululam como robriões. Lá fóra, na Inglaterra e na Allemanha, por exemplo, já não succede a mesma coisa. Uma menina ingleza póde atravessar impunemente todo o Reino Unido sem receio de que ninguem a offenda com algum dichote menos delicado, isto não só porque ella sabe impôr-se pela sua compostura, mas porque tem a certeza de que ninguem se meterá com ella. Confiança em si propria e confiança nos outros.

Não se pense que a Inglaterra é um poço de moralidade e que o

coração de qualquer filho d'Albion é insusceptível de incendiar-se na chamma de Adonis. Na chronica do seu *high-life* abundam os incidentes escandalosos, o que não admira sabendo-se que são oriundos da Inglaterra os typos tão caracteriscos de Lovelace e de Fallstaff. Mas em geral, sobretudo na camada burgueza, há o respeito pela mulher, não só por habito e por educação, mas porque qualquer transgressão nas posturas amorosas póde custar uma bôa somma de guinéos. E o dinheiro é sangue.

Como seria para estimar que os nossos costumes se moldassem por esta bitola e que a educação da mulher portugueza se fizesse de modo a tornal-a mais independente, mais activa, mais senhora de si e mais respeitada!

27.9-1899.

Valor social da mulher

Applaudiríamos incondicionalmente o *feminismo*, se elle na reivindicação dos direitos da mulher que julga usurpados aconselhasse e impuzesse egualmente o stricto cumprimento dos deveres mais intimos.

De accordo que tudo que concorra para fortalecer o espirito da mulher, para levantar o seu nivel moral, para garantir emfim a sua pessoa, redunda effectivamente em beneficio geral e porisso entendemos que a educação feminina deve ser o mais substanciosa possivel, não só cultivando-lhe a intelligencia, mas depurando-lhe o sentimento. Cerebro e coração merecem egual cuidado e carinho, de modo que se corrijam e temperem mutuamente, n'um equilibrio harmonioso e bello, que deve constituir o principal attractivo do sexo fragil.

Apesar da sua apparente fraqueza, o predominio que a mulher exerce na sociedade é extraordinario, chegando na maioria dos casos a ser quasi absoluto. E não admira que assim seja, quando ella, apesar do papel subalterno que as leis lhe attribuem, é o fecho d'esta abobada que se chama a familia. Podem os codigos civis determinar-lhe uma posição inferior á do homem, que isso não obsta a que ella imprima fundamente a marca do seu character nos seres que estão sob a sua immediata dependencia, no seu contacto intimo e constante, sob o calor das suas azas maternas.

Ha toda a conveniencia em cercar a mulher de todo o respeito, em santificar, para assim dizer, a sua missão, para que ella tambem a desempenhe com mais gosto e efficacia, comprehendendo a responsabilidade que lhe cabe, e assumindo-a sem difficuldade, antes com prazer, dedicadamente e não como victima expiatoria d'um sacrificio doloroso.

N'este sentido deve o homem encaminhar a mulher, para que ella se submetta' sem repugnancia, para que ella seja o auxiliar generoso e concorra o sorriso nos labios para a felicidade commum, sem que pareça sentir nos hombros delicados o peso enfadonho d'uma vida trabalhosa e ingrata.

A mulher é uma religião, disse Michelet e nós accrescentaremos que o templo d'essa religião é a familia. Ai! da familia e ai! da sociedade, onde o lar domestico não fôr um sanctuario!

Infelizmente estes principios não são de modo nenhum moeda corrente, porque a religião, no sentido stricto da palavra, não passa d'uma exterioridade vã, quando não degenerou n'um desdenhoso scepticismo. O sentimento religioso apagou-se, abateu-se, perdeu a viveza do seu colorido para ser substituído, quando o é, pela devoção, que murmura a prece nos labios, mas que não a extrae das entranhas da alma.

Hoje a vida é toda de apparato e quasi se chega a fazer ostentação do vicio. Ide á mais bella sala de espectaculos, a S. Carlos, e vereis a familiaridade com que os moços da sociedade elegante cortejam sem rebuço as flôres mundanas que enfeitam os alegretes da plateia. As ruas rumorejam, não tanto com a faina dos que trabalham, como com a frequencia dos que pavoneiam a sua ociosidade.

O typo da mulher de casa tem-se ido perdendo gradualmente, já por effeito de uma educação perniciosa, já por outras causas bastante complexas, entre as quaes avulta sem duvida a transformação das industrias domesticas. Ha um quarto de seculo que ainda na maioria das familias medianas e burguezas estava em uso a roca, se fiava a estriça de linho e se preparava a teia com que todos os annos se augmentava o bragal. Hoje, desde que ha as camisarias e as fabricas a vapor, quasi que não *vale a pena* fazer em casa a roupa branca. Este não *vale a pena* applicado a tanta outra cousa é das principaes causas da nossa desgraça.

Entrae n'uma casa d'estas da alta roda, ou das que affectam poder seguir-lhe o movimento estonteante e não raro notareis uma falta de ordem e até de asseio, entregue como está tudo á criadagem, que

inclusivamente toma conta das creanças, para as vestir, para as alimentar, para as educar, enquanto as mães andam nas visitas, nos passeios, nos theatros, sem um momento de descanso para tratar das cousas essenciaes. Se os meios de subsistencia não escasseiam, esta irregularidade não se torna incommoda nem provoca represalias intimas, se o dinheiro não abunda, o que é frequente, então a desordem physica não tarda a ser acompanhada da desordem moral, lançando-se mão de todos os recursos, ainda dos mais inconfessaveis, para encobrir as falhas e sustentar a derrocada. As consequencias vergonhosas e desastrosas que d'aqui proveem são conhecidas.

E' a mulher unicamente a culpada? Não, porque o marido da actualidade parece que deseja que a sua esposa seja apenas um objecto de luxo, uma futilidade galante, um bilhete de primeira classe no trem de prazer da vida. Em Paris e nas grandes capitães bolsistas, os banqueiros e os milionarios como que fazem taboleta e reclamam das *cocotes* que passeiam luxuosamente á sua custa no *Bois*, no *Hyde-Park* ou no *Unter der Linden*.

O costume parece ter-se generalizado, transformando-se n'um artigo do Codigo do bom-tom.

O mal não é peculiar d'um povo e parece ser o caracteristico d'um seculo em que o progresso transformou os costumes vertiginosamente, augmentando os commodos e attractivos materiaes da vida. Não admira que entre nós, que não temos um alto papel historico e humanitario a desempenhar, nos deixemos arrastar pelo espirito da futilidade, pela corrente do goso facil, mas o que admira é que o mesmo phenomeno se dê na Inglaterra, na casta Albion, tão preocupada com a grandeza dos seus destinos de potencia universal. Os filhos das classes nobres e ricas, alistando-se no exercito, expõem alegre e corajosamente a vida nos campos de batalha; a alta sociedade ingleza está coberta de luto pelas enormes perdas soffridas no Transvaal, mas a guerra é para elles uma especie de *sport* e as damas do *high-life* londrino aproveitam todos os pretextos e occasiões para se dirigirem á Africa austral, onde vão aligeirar as cruezas da guerra aos bravos e brilhantes officiaes.

Uma notavel escriptora ingleza denunciou ao mundo o escandalo, que talvez não passe afinal de contas d'um patriotico pecaadilho.

Antigamente havia mais recato e mais biocos, o que não quer dizer que fôsse tudo um florilegio de virtudes, antes a devassidão se casava perfeitamente com a hypocrisia. Mas entre o retrahimento de outr'ora e a liberdade, quasi dissolução de hoje, vae uma differença enorme, e não seria difficultoso achar um meio termo rasoavel que

conciliasse os princípios mais sãos da honestidade com as ferrenhas imposições d'uma educação fradesca e intransigente.

Procure o homem levantar e salvaguardar a dignidade da mulher e assim terá assegurado a dignidade propria. Esta é, ao que se nos afigura, a base principal em que deve assentar a educação moderna.

15-12-1900.

As qualidades essenciaes da mulher

Ha numeros symbolicos e fatidicos, que tem exercido grande influencia sobre a imaginação popular e até sobre a marcha das sociedades, como, por exemplo, o tres, o sete e o doze: — *as tres pessoas da Santissima Trindade, os sete sabios da Grecia e os doze pares de França, ou os doze de Inglaterra*, cantados pelo nosso Camões, os quaes, com o seu Magriço á frente, completam a *duzia de frade*.

Nesta categoria não entra o numero seis, ultimamente escolhido por duas revistas francezas num questionario, que propozeram aos seus leitores, ácerca das qualidades essenciaes, que se devem requisitar na mulher. Não sabemos, por conseguinte, explicar o motivo desta preferencia. Se ainda se escolhesse o numero cinco, abria uma natural correlação entre os cinco dedos da mão e os cinco sentidos, e já não seria pouco que a mulher tivesse uma virtude para cada sentido. Se fôsse o numero quatro, abria tambem afinidade entre as quatro estações do anno e os quatro pontos cardeaes, e esta comparação com a rosa dos ventos não seria offensiva, embora não faltem más línguas que digam que a mulher, perfida como a onda, é varia como a ventoinha. Continuando neste decrescimento gradual, parecia-nos mais rasoavel fixar-se o numero tres, que são as graças, sendo a mulher, por excellencia, a expressão mais graciosa de toda a natureza.

A *Presse*, uma das revistas acima indicadas, propoz em concurso aos seus leitores, quaes eram as seis virtudes que se deviam reclamar na mulher, e o resultado do escrutinio foi o seguinte:

Fidelidade, economia, bondade, ordem, modestia, dedicação.

Considerando em absoluto estas respostas, vê-se que o egoismo do homem predominou, e que elle não deixou de exigir tudo aquillo que podesse concorrer para o seu bem estar e satisfação pessoal. Não se fala em amôr, mas isso certamente será uma coisa superflua, desde que se tenham todos os commodos da intimidade. O contentamento

dos sentidos não equivale de sobra á felicidade do coração? Numa epoca em que o goso material prevalece acima de tudo, o sentimento é uma puerilidade poetica, e que bem se pôde dispensar, quando temos para o substituir o regalo de uma bôa meza, todos os confortos e elegancias de uma bôa casa.

Felizes tempos aquelles em que as almas apaixonadas, na terna ingenuidade de Paulo e Virginia, só tinham por aspiração e divisa: — *o teu amor e uma cabana!*

Antes da *Presse*, outra revistas, a *Femina*, havia formulado o mesmo questionario, dirigido exclusivamente ás suas leitoras, as quaes responderam que os seis predicados que essencialmente se deviam requerer na mulher são os seguintes:

Bondade, dedicação, doçura, ordem, tino prudencial, caridade.

A palavra franceza, que corresponde a tino prudencial é *sagesse*, que tambem pôde ser traduzida por sabedoria, mas achamos que a mulher prudente é bem superior á mulher sabia, que quasi sempre se converte no famoso typo da comedia de Molière. Ai de nós! que um dia o mundo venha a compôr-se exclusivamente de sabios — homens e mulheres! E quem sabe se d'aqui a dois ou tres seculos, quando muito, influenciada a instrucção pela electricidade, o calceteiro e o cavador de enxada não serão tão eruditos como qualquer dos academicos dos nossos dias?!

Na lista, que se acaba de lêr, ha duas qualidades equivalentes, bondade e doçura, o que bem pôde reduzir o numero de seis a cinco.

Fazendo exame comparativo das duas listas, vê-se que ha tres requisitos communs, donde se pôde concluir que o homem e a mulher não chegaram, neste caso, senão a meio accordo, o que, afinal, é o que se vê na realidade da vida. E dar muitas graças a Deus quando a discordancia não é mais extensa e quasi completa!

De duas virtudes se esqueceram as mulheres, ás quaes os homens deram grande importancia, pondo-as logo na cabeça do rol — economia e fidelidade. Como se pôde ser economica quando as provocações da moda estonteiam a cabeça? O desprezo pela fidelidade é que não pôde deixar de impressionar desagradavelmente, a não ser que a mulher julgue superfluo, e até offensivo para o seu character, o ter de declarar-se fiel.

De uma coisa tambem se esqueceram os homens, o que bem demonstra que a hypocrisia prevaleceu sobre a franqueza. O que faz maior pezo na balança dos contractos matrimoniaes é o dote, e não se pôde dizer que esta preocupação seja exclusiva do homem, porque a mulher tambem se deixa attrahir pelo mesmo iman irresistível.

O interesse é o grande regulador, quando a paixão não corta ás ce-
gas com a sua espada de Alexandre.

De modo que, por mais que préguem os moralistas, ha-de ser muito
difficil dominar ou corrigir estes dois imperiosos agentes — o das con-
veniências sociaes e o da fatalidade physiologica.

27-1-1903.

A mulher e a infancia

Protecção a uma e a outra

A causa do «feminismo» merece-nos as mais ardentes sympathias
e terá sempre em nós um estrenuo paladino, sobretudo quando essa
causa tiver por fim especial tornar a mulher, não uma concorrente
temerosa do homem, mas um seu auxiliar efficaz e carinhoso.

Entendemos que se devem equiparar quanto possivel os direitos e
os deveres dos dois sexos, elevando a mulher no conceito moral e des-
truindo as condições de inferioridade, que pesam ainda sobre ella em
algumas religiões e em algumas raças.

A mulher não é um ente subalterno ; não é a escrava, que possa
dizer: — Eis aquí a tua «ancilla» ; faça-se nella a tua vontade.

A' mulher compete ser unica e simplesmente a companheira fiel
e dedicada do homem, devendo este, por todos os meios ao seu al-
cance, envolvê-la de continuo numa atmospherã de respeito, de con-
sideração e de estima. Quanto maior fôr a somma de bem estar que
o homem proporciona á mulher, mais esta se deve mostrar reconhe-
cida por tamanha divida de amôr.

De accordo que a mulher não tem gosado até hoje da indepen-
dencia que merece e a que tem direito, mas essa independencia não
ha-de ser tão latitudinaria, que concorra funestamente a affrouxar os
laços de familia, convertida para assim dizer numa sociedade ano-
nyma de responsabilidade limitada. A mulher tem de ser, no mundo
moral, o que é no mundo physico — o complemento indispensavel do
homem. A obra da sociedade redundaria num absurdo, se não corres-
pondesse á obra da natureza.

Nos nossos dias observa-se, na existencia feminina, um constraste
aviltante, que as leis do progresso não teem destruido, antes parece
que fazem avultar cada vez mais. Em nenhuma outra coisa repugna

tanto a opulencia e a miseria como nos trajos sumptuosos da mulher elegante e nos farrapos da mulher indigente.

A mulher de ostentação póde ser um deslumbramento para a vista da ociosidade dourada, mas é um ser perfeitamente artificial, um meteorito que brilha no firmamento da corrupção mundana.

Nas Avenidas do «Bois de Boulogne» e dos outros parques das grandes capitães da Europa e da America, muitas das equipagens que rodam fascinadoras não são senão um reclamo á faustosidade dos nababos e dos reis da finança.

O luxo, considerado de certo modo, sob o ponto de vista meramente utilitario e mercantil, não é condemnavel, antes merece elogio, pois contribue poderosamente para o desenvolvimento de muitas artes e industrias, alimentando por conseguinte muitos artistas e operarios.

Os moralistas da escola de Montesquieu asseguram que o luxo é a causa primaria da decadência das nações, mas o que é certo é que o luxo coincide com o seu maior grau de prosperidade.

Accresce, além disso que muitos dos objectos, que fôram em tempo mimo e regalo exclusivo dos grandes, são hoje apenas objectos de commodidade nos usos mais triviaes da vida.

O que ha de immoral e de iniquo no luxo é a maneira affrontosa como elle ás vezes se apresenta, cavando em roda de si um fosso de desdem e de desprezo, que os pobres e os humildes não podem ultrapassar. E' isto que levanta nas consciencias rectas um protesto de indignação, obrigando a inquirir d'onde vem aquella riqueza insultadora, se foi adquirida por justos meios e se é toleravel similhante desigualdade.

Em vez, pois, da mulher ostentosa e futil, causa de ruina para a sociedade e para a familia, origem de rivalidades odientas entre as diversas classes, haja a mulher util e prestimosa, a mulher educadora, a mulher forte, que saiba impôr-se ao homem pelas suas virtudes, e que imprima character á organização social e aos destinos do mundo.

Forneçamos-lhe, na lei escripta e na lei consuetudinaria, no código moral, todos os meios indispensaveis para ella cumprir religiosamente esta missão sublime.

Ha casos em que a mulher ainda é victima de muitos preconceitos, fazendo-se recahir sobre ella, com um ardor pharisaico, os anathemas da vindicta social. Assim succede, por exemplo, nos crimes de infanticidio. De accordo que a mulher que mata seu filho ao nascer, esquecendo os deveres da maternidade, é um ser indigno de commiserção, mas quantas vezes a sua perversidade só representa o in-

fortunio ou é a resultante de uma pressão infame! Ella não é simplesmente a culpada, teve um cúmplice, e esse cúmplice fica irresponsavel, sem ser chamado ao banco dos réus.

A omissão ou imperfeição da lei n'este e n'outros casos semelhantes não só colloca a mulher n'uma situação de excepcional rigor e diremos até de injustiça, mas deixa de assegurar o futuro da creança, não exigindo do seductor e do pae desnaturado a parte de responsabilidade, que tão legitimamente lhe compete.

Exalcemos, pois, a mulher; tiremol-a da sua inferioridade; cerquemol-a de solidas garantias e d'esta fórma teremos preparado o bem estar da infancia, a felicidade do lar, os destinos da humanidade.

13-7-1903.

O feminismo

O feminismo vae caminhando na estrada da sua terra de promessa até encontrar a ambicionada Jerusalem, sobre cujas muralhas pretende implantar a bandeira triumphal das suas reivindicações.

Está longe ainda; a romagem não é de recreio; a empreza tem muitos obstaculos a vencer; os propagandistas teem de desistir de muitas das suas aspirações chimericas, mas a fé não abandona os crentes e os crentes conseguirão por fim o seu ideal, posto que tenham de sujeitar-se a bastantes sacrificios.

Não é só o elemento feminino que trabalha corajosamente n'esta obra. Os homens tambem são seus collaboradores, pois muitos espiritos generosos reconhecem quanto ha de justiça e de conveniencia em egualar o nivel moral dos dois sexos. As regalias que na generalidade dos codigos civis e politicos são concedidas ao homem, representam com effeito uma iniquidade perante o direito natural.

A tradição biblica faz recahir sobre a mulher a responsabilidade do peccado primitivo. Ella é que teve a culpa de se deixar seduzir pela serpente, originando a perda do paraizo terreal. O crime transmittiu-se de geração em geração, expiando os filhos, na mais cruel das jurisprudencias, o delicto de seus paes. O holocausto de Jesus parece não ter sido sufficiente para redimir a leviandade de Eva. A mulher ainda hoje está collocada n'uma situação inferior e depri-

mente. E' sobre ella que pesam os dolorosos encargos da maternidade e esta circumstancia que bastaria a santificá-la parece que ainda concorre para lhe perpetuar a dependencia. Se a mulher, na phrase de Michelet, é uma religião, a mãe é uma divindade, a deusa suprema no altar da familia.

Em algumas religiões e castas orientaes, e penalidade biblica é exercida com uma crueza repugnante. O fanatismo obriga as viuvas, ás vezes umas creanças, a deixarem-se queimar sobre uma fogueira, para que as suas cinzas vão honrar a memoria dos seus maridos. O tributo da insensatez e da selvajaria!

Nos povos mais civilizados observa-se um costume, que se diria pallido reflexo dos sacrificios indianos. As mulheres, quando perdem os maridos, trajam pesados crepes, que bem denunciam, sobretudo no veu luctuoso, a sorte que lhes coube. O homem, perdida a consorte, veste-se tambem de negro, mas nada denuncia a sua viuvez. O lucto tanto pôde ser pela esposa, como por outra qualquer pessoa intima. Estas differenças, ainda que livres na apparencia, são comtudo bem significativas e exprimem bem o estado de desigualdade social.

Lá fóra, o feminismo progride com mais rapidez que entre nós, o que não é para admirar, attentas as condições especiaes dos preconceitos inveterados da educação rotineira e do temperamento. Os conventos extinguiram-se de ha muito, mas as influencias freiraticas não acabaram, permanecendo em algumas classes. As senhoras já sahem sósinhas á rua não obstante as censuras que despertam e os riscos a que se expoem. Ha bem poucos dias o commissario geral de policia recommendava aos seus agentes que reprimissem os abusos que praticam muitos individuos, não esquecendo os que se dizem da bôa sociedade, que seguem as damas e lhes dirigem dichotes. O portuguez é naturalmente amoroso e esta qualidade seria deveras apreciavel, se elle não passasse a libertino. Não é só Mancias o trovador apaixonado, é tambem o D. João conquistador sem escrúpulos.

Observa recentemente um viajante estrangeiro que não se reuniam dois ou mais portuguezes que não falassem logo de mulheres. A observação é justa, apanhada do natural, traduzindo ao mesmo tempo uma qualidade e um vicio dos nossos compatriotas, que nada teriam a offender-se com o reparo, se soubessem conter-se nos limites da delicadeza.

No pequenino reino da Noruega as mulheres que pagam um certo censo já obtiveram o direito do voto, direito que foi negado ás outras mulheres que não estão nas mesmas condições. As suffragistas inglezas devem estar invejosas das suas irmãs scandinavas.

Pela nossa parte confessamos ingenuamente que não sabemos para que é que as mulheres desejam não só ser eleitoras, mas até eleitas para cargos publicos.

A politica é tudo quanto ha de mais contrario á delicadeza feminina e custa a crêr como ellas se queiram expôr aos debates parlamentares e jornalisticos, a não ser que tenham a fibra e a procedencia de *madame Angot*. Ah! como deve ser interessante e pittoresco um parlamento feminino!

E quem sabe se não nos dariam exemplos de cordura, apesar da agazarra tumultuosa que se notou nos recentes comicios suffragistas de Londres!

Investidas no poder, organisando ministerios, constituindo governos, por certo que a pasta da guerra seria sobraçada por alguma Joanna d'Arc, sendo egualmente o serviço militar preenchido por mulheres. Verdade é que a esse tempo já o pacifismo terá cantado victoria e o feminismo não terá de supportar o peso das armas.

Como quer que seja e pondo de parte qualquer observação humoristica que o assumpto possa sugerir, o que é indubitavel é que o nivel moral e legal da mulher precisa de ser levantado, a fim de que ella se desempenhe nobremente do importantissimo papel que lhe incumbe na sociedade. Quando a auctoridade paterna está sendo tão vivamente discutida e posta em duvida, urge que a auctoridade materna a venha reforçar ou substituir, ensinando aos filhos o catechismo dos deveres de familia e dos deveres civicos.

A nossa sociedade está-se resentindo, nas suas inquietadoras convulsões, da ausencia da mulher fortemente e sensatamente educadora.

27-6 1907.

ARTIGOS SOBRE INDIGENCIA E BENEFICENCIA

Auxiliemo-nos uns aos outros

Mutualidade de interesses e mutualidade de auxilio, taes são os dois polos do eixo, em que gira constantemente a machina social.

Assim como nada se perde na natureza, assim nada se perde na sociedade. Cada qual, na proporção das suas forças e dos seus recursos, coopera para o desenvolvimento e harmonia geral. E' certo que ha entes dotados de mais aptidão, e são esses os grandes impulsionadores do progresso, os que caracterisam uma epoca ou uma raça. Essas rodas, porém, não se movem isoladamente e ficariam paralisadas se as soltasse da engrenagem em que tão activamente funcio-nam. A vida, quer physica quer moralmente considerada, é um circulo enorme, cujo ponto inicial é impossivel surprehender. Tudo está tão intimamente coordenado, que debalde se tentaria separar um elo d'essa cadeia.

Não é só a caridade ou o sentimento religioso que nos dizem: auxiliae-vos uns aos outros! E' a razão tambem que o affirma. Ninguém, por muito orgulhoso que seja ou por muito sobranceiro que pareça, pôde dispensar o concurso de seus semelhantes. Que é o rio na sua essencia primitiva? Uma gota d'agua. Quando o Amazonas chega a disputar grandezas com o oceano, quem é que pensa na humildade do seu nascimento? quem é que se lembra do numero prodigioso de regatos que foi necessario encorporar-se, no percurso de mil leguas, para lhe avolumarem a corrente gigantesca?

São assim muitas vezes os grandes da terra. Quando entram orgulhosos, omnipotentes, no oceano da vida, olvidam facilmente a pequenez e a fragilidade do seu berço. Dizei ao commerciante por grosso, ao industrial das fabricas collossaes, ao banqueiro milliona-

rio, que toda a sua riqueza se fez á custa do pequeno consumidor. E' capaz de não querer acreditar. Dizei a qualquer dos fidalgos que tomam assento na camara dos lords que a sua fortuna provêm principalmente do rude trabalho do obscuro camponez que arroteia as suas propriedades. E' capaz de sorrir ironicamente. Pois todos esses organismos poderosos são formados á custa de moleculas quasi imperceptiveis. Como é constituída a enorme fortuna da França? Pelas economias accumuladas do pequeno industrial, do pequeno commercio e até do simples operario.

N'esta ordem de ideias é de vêr que todos nos devemos auxiliar mutuamente, mas é sobretudo aos grandes que compete, por interesse proprio, auxiliar os humildes. A gota de agua que se evaporou não se perdeu na atmosphera; volta de novo, em chuva copiosa, ao lago d'onde saiu ou vae alimentar novas fontes. O soccorro dado pelo poderoso volta capitalisado á mão que o dispendeu generosamente.

Assim como nem todas as regiões da terra são exuberantemente beneficiadas pela natureza, assim nem todos os homens são dotados das mesmas faculdades, havendo uma escala immensa de aptidões. A consequencia d'esta variedade accentuadissima é facil de prevêr. A conquista da terra, na lucta pela existencia, é para o mais forte ou para o mais habil, nem sempre para o mais digno nem para aquelle que apresenta mais justificado merecimento. São muitos os que ficam para o lado, ao passo que a multidão dos eleitos segue triumphante na estrada da ventura ou do acaso.

Para evitar estas desigualdades, para corrigir estes disequilibrios, é que é necessaria a bôa e sensata applicação do auxilio mutuo. Ha quem sustente — o que se nos afigura paradoxal — que os felizes, os que fôram mais auspiciosamente dotados pela natureza, teem a obrigação exclusiva de trabalhar em favor dos que fôram menos contemplados. Este principio é até certo ponto verdadeiro e justificado, mas é preciso o maximo cuidado em o não levar ás suas ultimas e fataes consequencias. Na corrente d'esta ideia, não falta quem assevere que o estado é que deve exercer este papel sublime, de providencia compensadora, auxiliando de proposito aquelles que não poderam pelo esforço proprio abrir carreira. E' por isso que entre nós vêmos o funcionalismo invadido por tantos individuos n'estas deploraveis condições. O estado transforma-se assim n'um vasto asylo, e as secretarias são apenas uns albergues dos invalidos do trabalho.

Se adoptassemos em absoluto estes principios, onde ficariam os estímulos ao estudo, á dedicacão, á virtude? A fatalidade pesaria igualmente em todas as consciencias, e todos ficariam olhando uns para os

outros, n'uma inercia desoladora, á espera de quem desse o exemplo do trabalho. Se a recompensa não fôsse em harmonia com o merecimento, quem é que procuraria sobresair, quem é que se atreveria a dar um passo em frente, se a multidão dos inuteis lhe exigisse como dever commum o que era apenas manifestação individual? Todos queriam ser cigarras; nenhum se resolveria a ser formiga!

As doutrinas, que theoreticamente se nos afiguram das mais generosas, não fazem muitas vezes senão conduzir a estes labyrinthos do absurdo, d'onde só podemos sair guiados pelo fio do bom senso.

28-9-1894.

As industrias da miseria em Lisboa

Qual é o fundo natural do character do homem? O bem ou o mal?

Para muitos philosophos a maldade é a essencia da natureza humana. Ao vêr como os homens se despedaçam continuamente, já em guerras intestinas, já em guerras internacionaes, o homem é o animal mais feroz da criação. Nenhum como elle trava com tanto afinco e com tanta crueldade a lucta da existencia. Não é sem motivo que os grandes conquistadores como Bonaparte, ou os grandes estadistas como Bismarck, consideram o homem unicamente como a materia prima da guerra, como a *chair-à-canon*, segundo se expressava o primeiro.

No emtanto, quem observar bem as phases da vida, reconhecerá que o homem não é tão mau como parece e que só as durezas do ambiente que o rodeia é que provocam, na maioria dos casos, as durezas do seu coração. Não falaremos já d'aquelles que se sacrificam heroicamente — almas de eleição — pelo bem estar do seu semelhante, pelo engrandecimento da humanidade. Não são elles, por certo, os que formam legião, mas a sua figura destaca-se luminosa acima de todas as coisas e lança uma claridade suavissima que dissipa muitas amarguras.

Referimo-nos n'este momento aos humildes, aos obscuros, aos que supportam a vida com uma resignação de martyres, quasi com uma absoluta inconsciencia da superioridade humana. Custa a crêr até como o homem desce a este automatismo, a este funcionamento de machina ordinaria.

Os grandes centros de população offerecem quadros dignos da mais viva e profunda analyse e pena é que entre nós não exista um Maxime du Camp que nos revele estas feições sociaes e economicas da vida lisboeta. A nossa capital vista á luz do sol meridiano tem um encanto fascinador, embora os andrajos da pobreza appareçam frequentemente a enodoar este aspecto brilhante. Mas é de manhã e á noite que ella merece ser observada, quando o elemento trabalhador se dirige para as suas officinas, quando o cortiço desperta e toda a colmeia entra em labutação.

E' certo que muitos d'esses trabalhadores apresentam um aspecto de robustez desenvolvida no proprio exercicio quotidiano, mas quantos trazem estampada no rosto macilento a historia das suas privações constantes!

A necessidade, a falta de energia e a falta de aptidão, não falando já na concorrência, obrigam a muito e por isso vêmos tanta gente entregue a mistéres mesquinhos, quasi improductivos e nocivos. A hygiene tem-se occupado do trabalhador e do trabalho nas fabricas, mas fóra d'esses recintos fabris, quantas coisas a que fóra necessario attender, quantas providencias fóra urgente applicar!

Altas horas da noite o varredor respira uma atmosphera mephitica, só para que a cidade appareça todas as manhãs com o seu ar de limpeza e aceio. De madrugada são os trapeiros, revolvendo os barris do lixo para metterem no sacco algum despojo nauseabundo, que para elles vale quasi tanto como a pepita que os mineiros encontram nos terrenos auriferos do Transwal.

Uma das cousas que mais impressão nos causam é a docilidade, a paciencia, com que são exercidas certas industrias da rua. E' sempre com curiosidade, mas com maior compaixão ainda, que fitamos esses seres que estão acorados deante do seu taboleirinho, vendendo fructas e gulodices, ás portas dos theatros ou nos sitios de mais passagem, expostos a todas as intemperies atmosphericas, como se fôsem insensiveis á chuva, ao calor, ao frio. Quando passamos pela porta da igreja do Loreto, ha uma voz que sempre nos fere o ouvido d'um modo extravagante. E' o pregão d'uma vendedeira de raminhos; uma hespanhola rachitica, uma miniatura de mulher, cuja fala nos recorda a das personagens d'um theatrinho de bonifrates. Velasquez não desdenharia de transmitir á posteridade aquella singular creatura.

Mas de todas as industrias da rua, de todas as profissões da miseria, nenhuma por certo mais interessante e digna de chamar a attenção da policia, que a dos pedintes de enterro e das missas fune-

bres. E' a tradição das carpideiras que se perpetua. Quando morre alguma pessoa de teres ou de mediana fortuna, ou quando se reza missa por alma de alguém, vereis á porta do defunto ou no corpo da igreja um bando andrajoso que vos importuna, pedindo esmola. Mulheres de todas as edades, homens, creanças, formam esse agrupamento caprichoso, que se diria uma tribu de ciganos. Nos seus rostos, onde se estampa a velhice precoce, lê-se a avidez mesquinha de quem se contenta, como o cão faminto, de roer um osso. Deante d'este conjuncto repellente não sabemos se nos havemos de rir, se nos havemos de enternecer, porque esta miseria como que tem a envolvê-la o véo da ironia e da comedia.

A sociedade não póde assistir indifferente á evolução d'estas industrias, porque os operarios que as formam são em grande numero e estão em intimo contacto com as classes populares. E' este elemento que contamina a sociedade, que a deprava, que lhe depauperá o sangue, que lhe arruína o organismo, contribuindo poderosamente para a degeneração da raça. Olhe-se por isto, e quando não se lhe dê mais nada, dê-se-lhe hygiene, dê-se-lhe ao menos um banho!

A limpeza physica é tambem um grande factor de moralidade!

21-3-1895.

A mendicidade e as creanças Vícios de educação popular

Um dos espectaculos mais repugnantes que Lisboa offerece aos olhos dos estrangeiros e aos olhos dos proprios nacionaes, é o enxame de creanças que de dia e de noite andam esmolando pelas ruas, importunando os transeuntes e infestando os estabelecimentos. Isto não é só o resultado da miseria, é o resultado de uma torpe especulação, e a policia tem em grande parte a responsabilidade d'esta vergonha, por não reprimir fortemente os abusos e por não averiguar com insistencia quaes são os especuladores, aos quaes deveria ser applicado o mais severo castigo.

Mas não é só nas cidades que se vê este facto deploravel. Nas estradas é frequente vêr as creanças assaltar os carros dos viajantes, pedindo esmola. Não são mendigos por natureza, são mendigos por

virtuosidade, dilettantis da esmola. E' quasi um prazer, um habito, um vicio de educação. Suppunhamos que este mau costume era peculiar da provincia do Minho, onde o presenciamos frequentes vezes, mas crêmos que se estende a todo o paiz. Nas estradas da Estremadura acabamos nós de o observar com dolorido interesse. Na estrada de Alcobaça á Batalha avistavamos as creanças, de joelhos, de mãos postas, depois deitanto n'uma correrria doida atraz do carro. Outras atiravam-nos com flôres, o que dava ao caso alguma coisa de pittoresco e poetico. Em alguns pontos era um verdadeiro bando que nos acompanhava n'uma vertiginosa carreira. Isto dá logar por vezes a sinistros fataes, porque a creançada, na ancia de apanhar os cobres que lhe atiram, vem metter-se desvairadamente debaixo das rodas dos carros.

Por certo que os viajantes têm muita culpa, porque são elles os que desafiam as creanças com o engodo da pequena esportula. Desde o momento em que todos deixassem de atirar o seu cobre á estrada, ninguem mais se daria ao inutil trabalho de pedir esmola. Mas chega a ser um divertimento, um incidente pittoresco do passeio, vêr o rancho offegante dos infantes pedintes, e por isso impensadamente se desenvolve no espirito das creanças a noção da mendicidade.

As familias não reprimem este mau habito e não comprehendem, consentindo-o, quanto concorrem para estragar a educação de seus filhos e para lhes corromper o character. De tantas tradições gloriosas do passado nos esquecemos, só ficou vivaz e permanente a tradição que nos deixaram as ordens mendicantes. Pedir para soccorrer os pobres não é humilhação, antes é um acto de abençoada philantropia, mas pedir sem necessidade, quando se pôde pelo trabalho alcançar os meios da existencia, é que chega a ser uma vergonha e uma indignidade.

Esta moral é que nós desejavamos que penetrasse em todas as classes populares e dois poderiam e deveriam ser os transmissores essenciaes — o parochico e o mestre escola. Nas suas praticas religiosas, o pastor d'almas deveria expôr aos chefes de familia a responsabilidade em que incorrem deixando praticar a seus filhos uma acção menos propria com a dignidade humana. Uma coisa é a soberba, outra coisa é o respeito proprio: uma coisa é a arrogancia, outra coisa é a modestia. Faça-se sentir a enorme differença que ha entre estes sentimentos antagonicos e procure-se incutir o desejo de praticar o que é bom e justo, harmonisando-se o que é util com o que é digno.

O mestre-escola, então esse é que pôde ser o principal motor da regeneração social se, compenetrado do seu papel, se não limitar sim-

plesmente a ministrar á creança os mais rudimentares elementos de instrucção. Saber lêr já é muito, mas torna-se preciso que não seja um acto puramente mechanico. Nos seus exercicios de leitura, o professor pôde suavisar o trabalho das creanças, fallando-lhes á intelligencia e ao coração, escolhendo os trechos mais apropriados, explicando-os convenientemente, juntando exemplos da vida real, sensíveis, palpaveis, de modo que todos comprehendam a vantagem do que estão lendo e a excellencia da doutrina que lhes é ministrada. Não é preciso ter-se muita sabedoria para isto, basta que se tenha uma dóse de senso pratico misturado com uma dóse de bondade. Antigamente dava-se nas escolas um livro intitulado *A moral em acção*, que está hoje esquecido e talvez injustamente esquecido. Pois o professor primario é que deve ser esse livro fallado, a *verdadeira moral em acção*, exemplificando com a sua vida e com as suas palavras.

Dir-se-ha que esse ideal do professor é impossivel alcançal-o e que não é das retortas da pedagogia que sairá o ouro de lei. A pedagogia que por ahí se apregôa fala mais á intelligencia que ao coração e talvez seja esta uma das causas que mais contribuem para a falta da educação sentimental. Quer-se a escola primaria a abarrotar de sciencia e todo esse apparatus scientifico não passa de hola de sabão, que se desfaz ao primeiro sopro da realidade. De accordo que o professor primario seja instruido, mas que a sua instrucção se allie e se coadune com a simplicidade e com a candura. E' vêr como o divino mestre se familiarisava com as creanças para ser comprehendido e amado por ellas.

Haja sciencia na escola primaria, mas haja tambem amôr!

19-9-1895.

Tudo pelos ceguinhos!

Se ha infortunio que commova profundamente e nos impulsione a alma á pratica do bem é sem duvida o infortunio da cegueira.

A vista é incomparavelmente o sentido por excellencia, embora o sentido do tacto seja de uso e applicação mais geral e para bem dizer insubstituivel.

O sentido do olfato e o sentido do gosto como que são os órgãos do sybaritismo, os instrumentos sensoriaes do regalão.

O sentido do ouvido dá-nos prazeres ineffaveis, faz vibrar a nossa sensibilidade na harmonia das esferas, mas o concerto das vozes, mas a linguagem da natureza, mas a musica emfim pôde considerar-se apenas como um elemento do bello, como um sexto sentido do estheta.

Ouvir cantar em roda de nós, escutar o côro chilreante das aves, sentir a gralhada infantil, invocando o nome de pae, aspirar o perfume das flôres, presentir o movimento em roda da nossa individualidade e não comprehender nenhum dos aspectos da natureza, ignorar a fórma das flôres, desconhecer as linhas delicadas que formam a physionomia de nossos filhos, estar no theatro e não gosar senão a mínima parte do spectaculo, como se o estivessemos saboreando apenas por meio de um phonographo, tudo isto deve ser bem doloroso e ai! d'aquelle que passa indifferente diante de um cego e não lhe deixa ficar sequer a esmola da sua piedade.

Difficil, quasi impossivel decidir, qual seja mais infeliz: se o cego de nascença, se o que perdeu a vista por molestia ou por qualquer accidente do trabalho. O primeiro sente profundamente a sua falta, mas não lhe avalia todo o alcance, ao passo que o segundo, sobretudo se chegou a certa idade e alcançou certo gráu de illustração, reconhece com a maior intensidade da magoa o bem que perdeu e exclama, como o poeta florentino, que não ha peor mal que o recordar no tempo da desdita os momentos, ainda que rapidos, da ventura passada.

Diga-se, porém, em honra da humanidade, que ella tem sabido comprehender o seu dever, e que os cegos não pôdem lançar-lhe em rosto o seu desamor e o seu esquecimento. Abençoados mil vezes os corações generosos, os espiritos benemeritos, que se teem dedicado com tamanho empenho em minorar a tristesa e o desespero da ce-

gueira! Uns, teem concorrido simplesmente com o seu fervor evangelico; outros com as subtilezas da sua intelligencia, e n'este ponto é admiravel o que a sagacidade humana tem inventado para fazer penetrar um raio de luz, uma restea de consolação espirital, no cerebro dos pobres cegos. Nada mais engenhoso que os methodos inventados para ensinar a lêr e a trabalhar um cego. Os nomes d'estes inventores deviam ser inscriptos em primeiro logar na grande columna milliarial da civilisação universal. A sua memoria deve ser um rasto fulgurante da bondade divina. Na constellação do bem, esses vultos flammejantes são estrellas de primeira grandeza.

O ensino e a educação do cego constituem um melhoramento de primeira ordem, são das paginas mais inspiradas do livro do progresso, mas não exprimem a ultima palavra d'este importantissimo ramo da beneficencia e da caridade. Ensinar a lêr não basta, porque os livros proprios para os cegos são pouco numerosos e caros.

Além d'isso, a leitura, se é uma distracção deliciosa, não é o unico entretenimento, e o espirito humano ambiciona mais alguma cousa. Reconhecendo esta necessidade e tendo em vista a satisfacção d'este desideratum, existe em Londres uma sociedade, que é dos institutos mais originaes, mais candidos, mais evangelicos que conhecemos. Os membros d'esta piedosissima corporação, na maioria senhoras, teem em vista principalmente, visitar os cegos indigentes e completar-lhes os meios de soccorro que as outras associações de beneficencia são incapazes de prestar.

Acompanhemos uma d'essas caritativas damas a casa d'um operario, que perden a vista n'um desastre que lhe succedeu na officina. Os meios materiaes, se não abundam, não escasseiam, mas a falta que se nota é de conforto moral. O bom trabalhador estava affeito de ir e de quando em quando ao theatro gosar o espectáculo apparatuso de qualquer magica, e sente uma saudade irresistivel d'essas noitadas de prazer. A dama que o visita, se ignora qual seja a peça d'aquelle genero mais em voga, e cuja novidade elle tanto desejaría apreciar, vae de proposito ao theatro e vem depois narrar-lhe, *tim tim por tim tim*, o que lá se passou, não se esquecendo de lhe particularisar as riquezas do scenario e as maravilhas do bailado. O homemsinho fica encantado com os pormenores da narrativa e, enternecido, beija affectuosamente as mãos da fada que lhe deu aquella visão, que n'outro tempo lhe era familiar e que lhe é agora verdadeiramente sobrenatural.

Entremos n'outa casa. Aqui, é uma velha que gosta de ouvir lêr as noticias de sensação, os annuncios extravagantes ou de fôrma mys-

teriosa, e que está morta por que chegue o numero seguinte para saber o desenlace ou o seguimento da reportagem ou do annuncio.

A missão das illustres damas visitantes não se limita a estas leituras e a estes colloquios. Ha cegos que preferem dar um passeio nos jardins, frequentar mesmo certos sitios, que eram da sua predilecção antiga, e durante o trajecto vão palestrando e inteirando-se de tudo que os possa interessar. Que fundo de amorosa paciencia não é preciso ter para desempenhar com tanto carinho, com tanta perseverança e bondade, este laborioso papel!

E não penseis que esta associação se limita aos auxilios morais. Ou não fósse ella ingleza! Os exercicios physicos não só não são esquecidos, mas até cultivados com esmero superior a todo o calculo e a todo o elogio. Na extremidade norte de Londres, possui ella um gymnasio, onde os jovens cegos praticam exercicios, que deixariam boquiabertos os seus collegas de instituições similares, apesar de possuírem sobre elles a enorme vantagem da vista. Um francez, testemunha presencial, que teve occasião de assistir a uma lição de gymnastica, ficou assombrado com a precisão das manobras.

A *Sociedade das visitas aos cegos indigentes* é portanto uma instituição que honra a Inglaterra e honra igualmente a humanidade. Para a tornar sympathica e attractiva, tem até um lado humoristico, quasi romantico, mas esse humorismo não é a excentricidade, é a comprehensão evangelica da desgraça moral e dos espiritos em desalento.

3-9-1897.

As instituições de beneficencia em Lisboa

Trabalho artistico de primeira ordem, curioso e instructivo a todos os respeitos, seria aquelle que nos apresentasse, n'um quadro synthetico, o numero e a organização dos estabelecimentos pios que existem em Lisboa.

Ninguem calcula ao certo o numero de instituições piedosas que existem em Lisboa, e que, se porventura deixassem de existir inesperadamente, produziriam com a sua ausencia o mais profundo abalo no nosso meio social, deixando vir á superficie todas as miserias e todos os infortunios que se encobrem com o manto da caridade, O

eclipse da beneficencia, nem por hypothese admittido, seria tão fatal e tão perturbador como um longo e incalculado eclipse solár.

Muitas d'essas instituições teem uma existencia secular e gosam d'uma tradição honrosissima; outras são modernas, dos nossos dias, correspondendo umas e outras ou a ideias e necessidades de momento, ou a ideias e necessidades permanentes e de character para assim dizer absoluto. A pobreza e a miseria são sempre no fundo a mesma cousa, mas o que varia é a maneira de as encarar e atalhar as suas fataes consequencias. Assim como na medicina a therapeutica tem soffrido alterações, quasi revolucionarias, assim a therapeutica moral, isto é, o modo de prevenir e remediar a miseria, tem passado por grandes metamorphoses e ha-de passar ainda.

Um exame consciencioso do estado geral e particular de todos esses estabelecimentos talvez nos levasse á convicção de que muitos d'elles precisavam de ser remodelados, desde os alicerces até á cimahlha, fundindo-os em novos moldes, e adaptando-os convenientemente aos principios actualmente dominantes e que se julguem mais judiciousa e proficuamente exequiveis, porque não basta o rotulo de modernismo para os acceitar como ouro de lei, quando á vezes não passam de pechisbeque.

O estudo d'estes estabelecimentos dever-se-hia fazer no seu conjuncto e isoladamente, sob o ponto de vista physico e moral, em todas as modalidades do seu organismo, em todo o functionalismo da sua engrenagem, mais ou menos simples, mais ou menos complicada. Porque é de notar que algumas d'essas instituições partem d'um pensamento sublime, mas não possuem os elementos materiaes indispensaveis para a sua realisação regular e completa, já porque o edificio não se presta, á falta de condições naturaes e indispensaveis.

Estamos convencidos que d'esta analyse, ao mesmo tempo retrospectiva e palpitante de actualidade, feita principalmente com um intuito comparativo, se haviam de colher fructos de benção, mas que haviam tambem de provir resultados desconsoladores. Dizemos isto á priori e sômos levados a pensar d'este modo por dois motivos que actuam gravemente no nosso animo. O primeiro é que a miseria, longe de se extinguir, parece que augmenta á proporção que se multiplicam esses estabelecimentos pios; o segundo é que essa insufficiencia da sua parte provém acaso de um vicio de organisação.

Esse vicio está provavelmente na sua disseminação excessiva, de maneira que a despezas de administração absorvem, senão a maior parte, uma verba importantissima de receita. A concentração methodica, sabia e meticulosamente posta em pratica, parece-nos que seria

uma medida efficaz, e que conviria adoptar quanto antes, ou quando se não effectuasse desde já, pelo menos ir dispondo as cousas para se effectuar em futuro não muito remoto.

Já se vê que nos referimos especialmente aos estabelecimentos administrados pelo Estado, embora aos que são administrados por corporações particulares se podessem applicar os mesmos considerandos. Já aqui o dissémos e não seremos importunos em o repetir: o estado da beneficencia publica em Portugal n'este fim do seculo é approximadamente o mesmo que no fim do seculo XV, principios do seculo XVI. Então operou-se uma reforma radical, conglobando-se nas Misericordias os infinitos e infinitesimos hospitaes que existiam. Hoje talvez fôsse necessaria uma providencia de tão vasto e similhante alcance, e não duvidariamos applaudil-a incondicionalmente, se tivéssemos a certeza de que ella não mudaria as coisas para peior e não fôsse ferir de morte a iniciativa particular, tão prodigamente benefica, embora nem sempre tão proficua, como conviria que fôsse. Ha muita coisa digna de respeito, que nós receamos que a razoiira niveladora deitasse a terra sem a substituir por outra de igual respeitabilidade e vantagem. Sabemos como são e como se fazem as reformas na nossa terra e por isso não são de mais estes nossos receios e preocupações.

O que estamos escrevendo a respeito dos estabelecimentos puramente de caridade, applica-se da mesma sorte a outros identicos, como Caixas de soccorros, Caixas economicas, Monte-pios, etc., a maior parte dos quaes vivem uma vida attribulada, porque os socios não são em numero sufficiente para garantirem uma existencia desafogada, como tivemos agora occasião de verificar no relatorio da Caixa economica dos empregados dos ascensores.

Quer nos parecer que as classes operarias e industriaes deviam pensar a serio n'esta materia, que tanto lhes interessa e que tanto importa ao seu bem estar. Aqui está um assumpto que os trabalhadores portuguezes deviam escolher de preferencia para base das suas discussões associativas, e que os obrigaria a estudar e meditar, pondo de parte theorias e ideias abstratas e considerando sómente o util e positivo.

O parcellamento associativo sobretudo levado ao extremo, como acontece, dá os mesmos resultados que o parcellamento da terra, um dos males que mais damnifica a agricultura do norte do paiz.

A exploração das creanças

Desde longa data e com diuturna insistencia temos debatido aqui, sob os seus variados aspectos, o grave problema da miseria publica, fazendo sobressahir a deploravel situação das creanças indigentes.

A nossa voz não se tem perdido completamente no deserto ; temos sido mais de uma vez escutados pelas auctoridades competentes e pelos corações generosos, mas o ferro é frio e é preciso malhar incessantemente para fazer delle alguma cousa que preste.

Não desanimamos mas não nos sorri a esperança de vêr reproduzido em Lisboa o quadro consolador que, segundo lêmos num artigo do *Imparcial*, apresenta hoje a cidade de Saragoça, a heroína da independencia no tempo das guerras napoleonicas.

Lisboa, tão símilhante a Napoles pela sua situação geographica, como que deseja parecer-se com ella no seu *lazzaronismo*. A formosa rainha do Oceano, como lhe chamou Herculano, não se envergonha de remendar o seu opulento manto de velludo com os andrajos do pedinte.

Costuma-se confundir mendicidade e pauperismo, quando são duas cousas perfeitamente distinctas. A pobreza é velha como a terra ; vegeta em todos os povos e em todas as sociedades e parece inextinguivel, por mais que se procure distribuir a riqueza e niveiar a fortuna publica. Póde até considerar se um facto natural e uma resultante logica, não só das condições actuaes da vida, mas das variadas aptidões dos homens.

A mendicidade é sem duvida um symptoma de pobreza, mas nem sempre é um facto natural, antes se póde considerar, em grande numero de casos, como um producto de premeditação especuladora. Não é a consequencia de circumstancias inevitaveis, é o proposito malicioso de converter num officio o que não passa de um vergonhoso embuste. Para o falso pedinte toda a sua philosophia se resume neste proloquio : *na senda de pedir ninguém é pobre*. E para conseguir o seu fim, não duvida recorrer a qualquer expediente, illudindo e ultrajando por conseguinte, a caridade dos ingenuos.

A falsa mendicidade — e é essa a que mais abunda nos centros populosos — é uma chaga social, que deve ser curada com o mais violento cauterio.

Assim como a vassoura do varredor camarario limpa as ruas, assim a policia deve proceder para com os falsos mendigos. E' uma obra de saneamento moral e não se comprehende que haja falta de coragem para a realisar. A tolerancia em tal caso chega a ser um crime, prejudicando-se por esta fórma os verdadeiros necessitados. Indague-se com todo o zelo as condições da cada um e só se dê licença para pedir esmola áquelles que não podem por outro modo angariar os seus parcos meios de subsistencia.

Ha principalmente uma classe de mendigos sobre os quaes deve recahir, indeclinavel, todo o rigor da policia. São os que exercem a profissão indirectamente por meio de creanças, a quem industriam torpemente, a quem maltratam ainda por cima se ellas não conseguem obter um determinado salario. Não ha exploração mais infame, pois se traduz num martyrio constante, inutilizando o futuro de um pequeno ser, inoculando-lhe todos os vicios, sem esperanza de se poder um dia regenerar, sem a miragem de um sorriso materno, que suavise as suas dôres.

Não se pense que estas scenas se desenham nas paginas dos romances sensacionaes como os *Mysterios de Paris*, de Eugenio Sue, quando é certo que se representam ao vivo nas ruas de Lisboa, sendo presenceadas por individuos, cujo testemunho não pôde ser suspeito. E não se cuide tão pouco que estas monstruosidades são méras anomalias, episodios excepcionaes, que só se observam de longe a longe. Não ; elles succedem-se com frequencia e constituem quasi um facto normal.

Bem sabemos que a repressão não extingue o pauperismo, mas extingue a mendicidade, reduzindo-a aos seus justos limites. Neste sentido deve convergir a acção policial, não se descuidando um momento de perseguir a vadiagem que se encobre refalsadamente sob a capa de mendigo.

Em alguns concelhos do termo de Lisboa só ao sabbado é que é permittido exercer publicamente o officio de pedinte. Então como que se patenteia o antro dos miseraveis e o bando dos famintos espalha-se por toda a parte. O espectáculo é contristador, mas offerece aqui e além a sua nota pittoresca. Um Velasquez ou um Murillo não desdenhariam de reproduzir um ou outro typo desses andrajosos nas suas telas immortaes.

Em Lisboa todos os dias da semana parece que são sabbados. Não a felicitamos nem nos felicitamos por isso.

Indigencia e beneficencia

Em tempo publicámos aqui um artigo, baseado n'outro do «Imparcial», de Madrid, em que registavamos os progressos de toda a especie, materiaes e moraes, que se tinham realisado e continuavam a realisar na velha cidade de Saragoça, tão cheia de tradições historicas, tão ardente na sua fé catholica, como no seu amôr patriótico.

A heroína das guerras napoleonicas, o baluarte da liberdade peninsular na invasão franceza, o famigerado sanctuario de Nossa Senhora do Pilar, convertera-se n'uma cidade essencialmente moderna, apropriando-se de todos os gosos e commodos da mais adeantada civilisação. A elegancia e o trabalho deram-se um aperto de mão fraterno e ao lado dos estabelecimentos luxuosos e dos edificios monumentaes, erguiam-se as officinas e as fabricas, rumorejava a colmeia dos operarios, ouvia-se incessante a orchestra das machinas.

Em geral, o desenvolvimento da industria do trabalho moderno, nem sempre traz a extincção da miseria, antes algumas vezes é causa de perturbação entre as classes proletarias. Em Saragoça, porém, não succede assim, graças a um instituto de beneficencia, organizado de novo, com uma grande simplicidade de processos, que tem sabido oppôr um dique á impetuosa corrente da mendicidade e da indigencia, soccorrendo por egual a velhice desvalida e a infancia desamparada.

O quadro seduzira-nos, embora reconhecessemos que pudesse haver n'elle algum exaggero optimista, e por essa occasião lembrámos a conveniencia do nosso governo ou as direcções dos estabelecimentos pios enviarem áquella cidade um delegado seu, para estudar o assumpto, transplantando-se depois para a nossa capital as medidas e o systema philanthropico, que ali tivessem produzido melhor resultado.

Crêmos que nada se fez n'este sentido e que o marfim da caridade continúa correndo da mesma maneira. Effectivamente é extraordinario o que se está passando em Lisboa. Quantos mais estabelecimentos de beneficencia se criam, mais parece que augmenta o numero dos necessitados de toda a especie. A' primeira vista, poder-se-hia julgar que essa mesma proliferação de asylos é mais uma causa de mal que um beneficio, um excesso condemnavel, uma provocação á vadiagem.

Esta deducção terá, porém, tanto de temeraria como de perigosa e quer-nos parecer que ninguém ousaria propôr a redução das casas de caridade, a não ser que se fizesse passar toda a beneficencia publica por uma remodelação profundissima. Se porventura se fechassem abruptamente, ou se por algum tempo, se interceptasse a admissão n'elles, é muito natural que a onda da miseria refluisse com mais violencia nas ruas de Lisboa.

A caridade, como todas as ideias e como todas as instituições, não é, não pôde ser, estacionaria, e está sujeita a transformações progressivas. A esmola já não é hoje um simples acto de generosidade, sem mero impulso do coração. Para que se não torne esteril, é preciso que seja semeada cuidadosamente, para que as aves damninhas não venham comer a melhor parte. A maneira como os Rothschild acabam de empregar os seus milhões, atacando o mal na origem, é o mais singular e o mais proficuo modelo, que se pôde offerecer, proporcionalmente, na razão das forças de cada um, á santa prodigalidade dos corações sensiveis.

Já se tem dito que se abusa da caridade, não só por parte dos que imploram directamente o seu auxilio, mas tambem por parte daquelles que fazem della um pretexto para o seu regosijo. Não raro, sobretudo na alta roda, a caridade é uma especie de *sport*. De accôrdo que existem esses abusos que nos parecem ainda assim mais dignos de serem desculpados que sujeitos a uma condemnação inexoravel. Oxalá que todos os escandalos e todos os desmandos sociaes — se tal nome lhes cabe — fôsem desta natureza! Abençoada rosa do prazer que deixa cahir no seio dos pobres uma gottasinha de orvalho refrigerante!

E' possivel que nesta cruzada do bem nem sempre se arvore a bandeira do desinteresse incondicional, mas não seremos nós que profanaremos a consciencia de ninguem, attribuindo-lhe intenções, que não conhecemos na sua palpitante realidade. Antes sentir um dia a crueza de uma desillusão do que estar sob o peso continuo da desconfiança e da suspeita.

Não ousaremos tambem instillar o scepticismo no sentimento daquelles que estão sempre promptos a soccorrer o proximo. Enganou-se a caridade uma vez? Que importa? Esse engano sirva para ser-se mais cauteloso, mas não para trazer sempre depois a negativa nos labios.

Aos que trabalham na regeneração dos infelizes, aos que sacrificam os commodos da sua existencia e até o seu futuro para proteger os que soffrem, não digamos que elles são uns visionarios, que empregam baldadamente os seus esforços numa obra impraticavel e su-

perior aos seus recursos. Os allucinados do bem são tanto ou mais dignos de estima e consideração que os allucinados da sciencia, das artes, da heroicidade — os Pasteur, os Raphaéis, os Bonapartes. Classifique-os o dr. Lombroso como quizer, que, sem elles, qualquer que seja a sua esphera de actividade, o espirito humano deixará de progredir.

20-7-1904.

A protecção aos menores

Pratica-se ou não se pratica entre nós o communismo ou collectivismo? Certamente que sim, sobretudo no ramo da beneficencia publica, como se demonstra á sociedade pelo grande numero de asylos e outros estabelecimentos analogos, onde a caridade estende desvelamente as suas asas protectoras sobre milhares de infelizes.

Estes estabelecimentos continuam augmentando de dia para dia, e tempo virá em que excedam, se não excedem já, o numero das casas monasticas, que existiam outr'ora no nosso paiz.

Não obstante ser grande o numero dos asylos, se amanhã se abrissem outros tantos, não deixariam de ser povoados, e ainda ficariam candidatos á porta. Que quer isto significar? que são insufficientes? Em nossa humilde e sincera opinião, o que isto significa tão sómente é que os asylos não são um remedio efficaz, mas um simples palliativo, para uma doença grave de que está enfermado e enfermará sempre a sociedade. O vicio é mais profundo, e mais profundo deve ser o cauterio ou mais racional a therapeutica. Reconhece-se — e para isso não é preciso grande esforço de observação — que o organismo das classes populares não funciona regularmente, achando-se bem longe de um satisfactorio estado psychologico.

E' innegavel que ha muitos chefes de familia e muitas mães estremosas, que não se poupam a sacrificios para cumprirem religiosamente as suas obrigações, mas em grande numero de casos o que se nota é o absoluto esquecimento dos mais rudimentares preceitos de sociabilidade, como se os instinctos animaes fôsem os unicos predominantes.

Se ha quem conheça as responsabilidades de familia e procure desempenhar-se d'ellas com a dignidade que lhes permitem as circums-

tancias, outros ha que por ignorancia e rudesza de costumes as desconhecem, ou que, por desprezo de todas as conveniencias, por baixesa de sentimentos, as repudiam, declinando nos outros essas responsabilidades, sem que lhes fique nem o menor encargo, nem o menor remorso.

A' sociedade compete sem duvida proteger os desvalidos, mas por isso mesmo não ha de applicar indistinctamente o seu zelo e o seu cuidado, á similhaça do sementeiro que atira a semente sem olhar para o terreno e sem o amanhar primeiro. Os desherdados de fortuna teem direito a que se reparta com elles do mealheiro commum, mas cumpre tambem que mostrem da sua parte que não são os ociosos, os inuteis malevolos, que só servem para perturbar o trabalho dos outros e roubar o quinhão áquelles que verdadeiramente o merecem.

O espectáculo, que apresentam na actualidade muitas das ruas de Lisboa, impressiona dolorosamente, quando não repugna e produz nauseas. A vagabundagem, como o polvo, reveste diversas fórmas, não sendo a menos contristadora e até a mais condemnavel, a que desce ás baixesas da obscenidade. E n'esse monturo como é triste vêr desabrochar as flôres embryonarias do vicio, umas pobres creanças, a quem a mais torpe especulaçaõ entrega a todos os vae-vens da desgraça!

De quando em quando operam-se algumas rusgas, como se se lançasse uma rêde a cães vadios, mas estes expedientes só servem para demonstrar a sua inefficacia. A rusga aos menores cumpre tambem que se faça, mas por outros processos mais cautelosos e delicados. Procure-se, antes de mais nada, saber quem são os exploradores da sua innocencia e sobre elles recaia toda a severidade da justiça. Só assim é que se conseguirá interromper d'algum modo a corrente da perversidade, tão infamemente iniciada.

Os menores não devem entrar na promiscuidade dos vadios adultos, nem ter egualmente o seu destino — o Aljube ou o Limoeiro. Ainda quando sejam delinquentes, outros devem ser os processos que se lhes apliquem, sujeitando-os a uma alçada, a um tribunal, a um jury differente. Sem esta selecçaõ, os grãos de trigo, que ainda não estejam contaminados, virão a apodrecer em contacto com o joio.

Desça-se, pois, ás origens do mal, procuremos tonificar o organismo que está profundamente combalido e não confiemos em expedientes que só servem para caiar o tumulto externamente, deixando no seu interior a fermentaçãõ de todos os vermes!

ARTIGOS COMMEMORATIVOS

Santo Antonio de Lisboa

Lisboa inicia hoje a serie de festejos com que celebra a memoria d'aquelle varão singular, que tendo vindo aqui á luz do dia foi ennobrecer lá fóra Portugal com o esplendor da sua palavra eloquente e das suas acrisoladas virtudes.

Mais uma vez se realisou o ditado — *Ninguem é propheta na sua terra*. Emquanto esteve no seu paiz, o filho de Bulhões era um frade obscuro, notavel apenas pela sua humildade e pelo seu fervente amôr ao divino. Estudava, cogitava, concentrava o fructo das suas meditações, occultava o seu espirito, á semelhança d'aquella luz debaixo do alqueire, de que nos fala a Biblia. Chegado á Italia, a sua intelligencia como que explodiu de subito, assombrando todos aquelles que tinham a dita de escutar a sua palavra. Não admira, portanto, que Padua rivalise com Lisboa e considere como seu filho aquelle que tanto a illustrou.

Padua glorifica-se de ter sido seu tumulo, ao passo que Lisboa se glorifica de ter sido seu berço. Padua ufana-se de possuir os seus despojos mortaes, mas Lisboa orgulha-se de possuir a pia onde aquelle corpo recebeu as aguas do baptismo. Padua ergueu um monumento grandioso para guarda das preciosas reliquias do santo, e Lisboa, se n'este ponto tem de confessar a sua inferioridade, em compensação, levantou-lhe um altar em todos os corações. Não ha santo mais querido, mais festejado, mais popular em Portugal.

A celebração do setimo centenario de Santo Antonio, que hoje começamos a realisar, tem um character puramente festivo e lendario, sendo insignificante ou quasi nulla a sua feição historica. E pena foi que a commissão directora das festas não tratasse de promover por al-

gum modo um estudo sério e profundo sobre a vida e sobre a época do santo. Contentar-se-hiam assim todas as tendencias e dar se-hia uma satisfação a todos os espiritos. Para as imaginações ingenuas do povo lá estava a lenda com todas as suas maravilhas : para as intelligencias cultivadas e que recebem a noção do milagre com o devido criterio, lá estavam as acções, os talentos e as virtudes do vehemente prégador. Estamos persuadidos que com este exame sereno e desapaixonado nada perderia a figura singular do abalisado franciscano. Foi um austero evangelizador, e bastava esta circumstancia para que a sua personalidade se impozesse ao respeito de todos. Foi um fanatico, se quizerem, mas foi um fanatico do bem, e esse fanatismo do amôr divino é que lhe deu a aureola da santidade.

Santo Antonio deu entrada primeiramente na ordem de Santo Agostinho, mas esta religião era demasiado fidalga para os seus instinctos democraticos. Mudando de roupeta, Santo Antonio vestiu o habito que mais se ajustava á sua indole, ao seu temperamento mystico e fogoso. A ordem de S. Francisco exercia então um papel que se pôde considerar completamente revolucionario. A bem dizer, ella foi o embryão da internacional: como que representava a corrente do proletariado. Era o ariete que se arremessava violento contra todas as falsas grandezas, combatendo com igual denodo todas as tyrannias. Santo Antonio respirava satisfeito n'esta atmosphera de fogo que lhe devia consumir tão rapidamente o organismo nervoso e delicado.

Estamos persuadidos que Santo Antonio era um d'estes oradores populares, que impressionam as massas pelo ardor com que falam, pela paixão que imprimem ás suas palavras, pela franqueza do seu pensamento, pelo colorido pittoresco das suas imagens, sem grandes artificios de rhetorica. Foi de certo por estas qualidades, que elle soube attrahir as multidões, exercendo sobre ellas um dominio incontestavel, que se perpetuou depois da sua morte. Passado ao papel, fixado litterariamente, o seu discurso deveria perder muito da sua força natural. Não são poucos na actualidade os oradores d'este feitio. Lidados, parecem-nos frios; escutados, produziram o assombro do raio.

Os sermões de Santo Antonio, reproduzidos em varias edições, tem sido vivamente criticados por uns, ao passo que outros os consideram apocriphos. Seria para estimar que se fizesse uma edição critica das suas obras em face dos manuscriptos que se julgam authenticos ou pelo menos mais authorisados. Fr. Fortunato de S. Boaventura, que escreveu uma breve mas bem pensada dissertação sobre o assumpto, prometteu desenvolvê-lo mais amplamente, mas infelizmente a sua promessa não se realisou.

A vida mais antiga, que se conhece do santo e que serviu de base, ao que parece, aos bollandistas, existia entre os manuscritos preciosos da bibliotheca de Alcobaça e foi traduzida e publicada, juntamente com o original latino, em 1830, pelo mesmo sabio a que acabamos de nos referir. E' do seculo XIII e todos os indicios levam a crêr que foi escripta em seguida á morte do santo.

O que é curioso é que n'esta biographia não veem narrados os principaes milagres, que tanto figuram na lenda, como por exemplo a sua vinda a Lisboa para salvar o pae da morte. Esta circumstancia é interessantissima e seria curiosissimo estudar a maneira como se intercallaram na lenda estes factos maravilhosos.

Não é nosso intuito nem é da indole d'este jornal o produzir longas considerações criticas e historicas, e pedimos desculpa aos nossos leitores se os maçamos com estes reparos. A cidade está em festa, não é o momento opportuno de perturbar a alegria geral com dissertações academicas. Juntemos o nosso regosijo ao do povo portuguez e prestemos o devido culto ao nosso compatriota, que tanto soube honrar a sua patria no estrangeiro.

Não veneramos n'elle sómente um portuguez illustre, veneramos n'elle um heroe do catholicismo, isto é, um heroe da humanidade.

13-6-1895.

O centenario de Garrett

Dentro em breve, a 4 de fevereiro de 1899, se completará um seculo que nasceu, no cidade do Porto, esse vulto eminente da nossa litteratura, que se chamava visconde de Almeida Garrett.

Que se chamava e que se chama, porque Garrett, se desapareceu na sua fôrma carnal, apparece redivivo, na immortalidade dos espiritos superiores, nas paginas palpitantes de vida de seus livros.

Não morre, não podia morrer, o poeta que anima com seu sopro creador as personagens ideaes que nos fascinam a imaginação e que nos encantam os ouvidos com a linguagem musical dos seus versos.

Garrett nasceu no Porto, é elle uma das suas glorias mais puras, mas a cidade heroica ainda não pagou á sua memoria a divida de eterno reconhecimento em que está para com o cantor de *D. Branca*. Parece que nunca lhe perdoou o epigramma que elle um dia lhe

atirou á face, dizendo que elle era nem mais nem menos — *esse grande aldeão que chamam Porto*.

E o paiz — vamos lá — não se tem tambem dado muita pressa em prestar o seu tributo de consideração a quem tanto trabalhou pelo engrandecer aos olhos do mundo culto. Antes até devemos accusal-o de ter praticado uma solemne injustiça, recolhendo no pantheon de Bellem outros que estavam bem longe de se medir, sob mais de um ponto de vista, com o primoroso reformador do nosso theatro.

Ninguem contesta o elevado merecimento de João de Deus, mas se o poeta das *Flôres do Campo* foi um lyrico de primeira ordem, o auctor das *Folhas Cahidas* nada lhe fica a dever sob este aspecto, dando-se, porém, a circumstancia de que Garrett não se evidenciou grande unicamente n'um genero, mas em diversos ramos da litteratura manifestou o seu talento encyclopedico.

Não estabelecemos confrontos para sublimar uns e deprimir outros, porque ambos são egualmente merecedores da nossa sincera homenagem, mas o que queremos significar apenas é que os direitos de prioridade fôram indevidamente preteridos com respeito a Garrett e que é necessario quanto antes reparar esta injustiça.

Felizmente a celebração do primeiro centenario do nascimento de Garrett é já o symptoma de um movimento de reacção sympathica, e tanto mais sympathica quanto é certo que algumas das adhesões são verdadeiramente espontaneas, desinteressadas e incondicionaes. N'este caso, por exemplo, está a resolução tomada pela empresa do theatro de D. Maria, que por certo não deixará de ser seguida por outras collectividades dramaticas.

Está bem de vêr que a celebração do centenario garrettiano deve ter um character essencialmente litterario, e que é à dramalogia e ás artes scenicas que incumbe desempenhar o principal papel.

O povo portuguez é um povo essencialmente sentimental e poetico, amoroso e devaneador, e por isso não admira que em Garrett brilhasse naturalmente, com intenso brilho, a chamma da poesia. Era poeta por indole, mas era-o tambem por influxo da raça. Se admiramos n'elle o cantor de *Canções* e de *Adozinda*, mais admiramos n'elle todavia o successor do genio dramatico de Gil Vicente. Elle foi o restaurador do theatro portuguez e o seu *Fr. Luiz de Souza* é um d'estes padrões que ficam immorredouros a assignalar o caminho da gloria, é um d'estes fachos inextinguiveis, cujo clarão desce ao mais intimo dos que sentem em si o instincto shakspeareano.

A empresa do theatro de D. Maria comprehendeu bem o que lhe competia fazer e se alguma cousa ha que desejar no seu projecto é

que elle não se limite unicamente a uma festa commemorativa. O plano d'esta é bem traçado e satisfaz a todos o requisitos. Não só se representará um proposito, mas dar-se-ha um specimen do theatro de Garrett.

Todos os annos, tanto na *Comédie Française* como no *Odéon* ha dias consagrados a commemorar os nomes gloriosos de Molière, de Corneille e de Racine, os tres astros de primeira plana da litteratura dramatica franceza. Mas isto não é bastante; é considerado apenas um incidente, porque o repertorio habitual d'aquellas duas excellentes companhias é formado na sua maior parte pelo repertorio classico. Os auctores modernos e os contemporaneos são admittidos, mas os mortos illustres é que dão o principal contingente. A *Comédie Française*, sobretudo, é considerada como uma escola, um curso pratico, onde todos vão admirar a riqueza do genio dramatico d'aquelle povo.

Entre nós, que tanto imitamos o que se passa no estrangeiro, não se segue este exemplo, e os nossos actores dramaticos são como as rosas de Malherbe. Emquanto vivos, ainda são o pó levantado, mas, depois de mortos, são o pó cahido, de que ninguem mais fala, de que ninguem mais se recorda.

Por occasião do centenario da India, a empresa Rosas e Brazão teve a feliz ideia de mostrar ao publico o que era um dos autos pastoris de Gil Vicente, e a experiencia foi acolhida com um enthusiasmo muito superior aquillo que era permittido esperar.

Não será este exemplo um estímulo e não nos prova exuberantemente que não devemos desanimar?

O *Fr. Luiz de Sousa*, de Garrett, era uma d'estas peças que se deveria repetir com a mesma assiduidade que em França se repete a *Pédra* de Racine, ou qualquer das desopilantes comedias de Molière.

Dir-se-ha que é delicada de mais para o nosso publico, mas a culpa é de quem o tem habituado quasi exclusivamente ás pilherias da grossa comedia. Mas o gosto tambem se ensina, e o theatro não é só um local de regosijo passageiro, é tambem um foco educativo e depurativo.

Oxalá que a celebração do centenario de Garrett servisse de ponto de partida para um renascimento da arte e da litteratura dramatica em Portugal!

O quarto centenario de Damião de Goes

D'aqui a pouco mais de dois mezes celebrará a villa de Alemquer o quarto centenario do nascimento do seu mais insigne filho e um dos mais illustres que tem produzido Portugal — Damião de Goes.

Em fevereiro de 1501 nasceu este eminente escriptor, não sabendo determinar-se ao certo o dia, por não ter apparecido o registo baptis-mal, assim como appareceu o assento obituario. Nem será facil vir a fazer-se o achado, porque n'aquelle tempo não havia os respectivos livros parochiaes, ou se existiam eram rudimentares e informes.

Os alemquerenses teem uma grande veneração pela memoria do seu conterraneo, o que lhes faz muita honra, e se as demais terras do reino seguissem o seu exemplo, a historia patria não teria a lamentar tanta injustiça e tanto esquecimento.

O culto prestado aos homens notaveis não é uma idolatria: é sim uma religião, mas uma religião que nada tem de offensiva para com o ente supremo, porque este não pôde deixar de regosijar-se de que se venerem aquelles que prestaram algum revelante serviço á causa da humanidade.

Graças aos esforços dos alemquerenses e de alguns investigadores infatigaveis, a biographia de Damião de Goes, se não está hoje completamente traçada, acha-se todavia sufficientemente esclarecida, de modo a poder apreciar-se as suas acções, o seu talento e character, a influencia que exerceu na sociedade do seu tempo, tanto em Portugal como no estrangeiro. Os documentos publicados a seu respeito, e a respeito da sua familia, dos seus amigos e commensaes, traçamos um quadro bastante pittoresco e instructivo não só a respeito d'aquella illustre personagem, mas da época em que tanto se salientou.

Um factó ha ainda que permanece indecifavel e envolto em sombras. E' a sua reclusão nos carcerees do Santo Officio, d'onde saiu condemnado, não para a fogueira, mas para o amoravel desterro do convento da Batalha. E ahí o seu captiveiro não foi perpetuo nem tão pouco muito duradouro, porque logron ainda recolher-se a sua casa, onde morreu.

Porque motivo é que Damião de Goes foi sequestrado nos carcerees inquisitoriaes? E' certo que em tempos um dos fanaticos compa-

nheiros de Loyola o accusára perante o terrivel tribunal, mas a queixa adormecera longos annos e só ao cabo de uma larga e trabalhosa existencia é que o raio cahira sobre a sua cabeça para o fulminar n'uma velhice, por todos os motivos respeitavel — pelo talento e pelos serviços prestados á causa publica.

Goes occupára altos e honrosos cargos, era guarda-mór da Torre do Tombo, fôra incumbido de escrever a Chronica de D. Manuel, de que se desempenhára cabalmente, tinha a amizade da côrte, gosava de grande credito litterario, convivia com os sabios mais em voga na Europa e os estrangeiros de distincção que visitavam Lisboa não deixavam de o procurar. Nada d'isto, porém, lhe serviu de escudo, e a desgraça bateu-lhe inesperada e desapiedadamente á porta.

E no nosso humilde entender, a ruina de Damião de Goes foi resultado de intrigas e desavenças de familia. O facto não era unico; era até vulgar. A inquisição era o desabafo das mesquinhas rivalidades intimas. Fernão de Pina, que foi o antecessor de Damião de Goes no cargo de guarda-mór, tambem foi uma d'essas victimas.

Damião de Goes era um verdadeiro fidalgo de nascimento, amigo das artes e das letras, cultivando-as carinhosamente com elevado espirito.

A sua larga permanencia no estrangeiro, as suas viagens por toda a Europa, a sua estada, enquanto moço, na côrte de D. Manuel e mais tarde a visita a outras, o trato com homens da esphera de Erasmo, Sadolito e Melanchton, tudo isto lhe apurara as altas faculdades mentaes, convertendo-o n'um vulto, que causava o respeito e admiração, mas que despertava ao mesmo tempo a inveja dos emulos ruins e a suspeita dos fanaticos. A sua casa, repleta de quadros e de outros objectos preciosos, era um museu, que as pessoas reaes gostosamente iam contemplar.

A' sua mesa, sempre franca, reuniam-se commensaes alegres e todos os dias, depois da comida, se fazia musica, como se diria hoje.

Damião de Goes jaz enterrado na igreja da Varzia, em cuja capella fundou o seu jazigo. O templo, consumido de velhice e de ruina, veiu a terra e os alemquerenses diligenciaram reconstruil-o, pedindo ao governo que executasse um lindo projecto do sr. Victor Bastos, mas o ministerio das obras publicas pôl-o de parte e reconstruiu a igreja d'um modo que bem pouco acredita o seu bom gosto. Ninguem diria, ao vê-la, que se está em face d'um edificio religioso, mas sim deante de um armazem ou adega torreana. Ainda assim as obras fôram interrompidas e só agora, depois das mais vehementes instancias, é que se mandaram proseguir.

Em nosso entender, fôra melhor conservar-se unicamente a capella-mór, convertendo-a n'um vasto sarcophago ou monumento funerario, mas agora é tarde para se adoptar este plano e o que estimamos é que a reconstrução se dê por finda por occasião de se celebrar o quarto centenario do nascimento de Goes.

Não sabemos se a festa se limitará a Alemquer, ou se alguma corporação scientifica a acompanhará tambem n'esta homenagem. A Academia das Sciencias cumpriria um dever se consagrasse uma sessão solemne a este facto, mas ainda quando Alemquer fique isolada n'esta sua manifestação de apreço, a imprensa de todo o paiz não deixará de a acompanhar, louvando o seu procedimento e apontando-o ás demais terras do reino como um exemplo altamente digno de ser imitado e correspondido.

14-11-1900.

Luiz de Camões

10 DE JUNHO DE 1580

Mais uma vez te enviamos a nossa saudação, poeta!

Fôste tão infeliz em vida, foi tão agourada a tua existencia, que é no anniversario da tua morte que celebramos a tua festa — a festa da patria!

Quasi todos os livros que se publicaram pela tua época trazem na subscrição final typographica o dia em que se acabaram de imprimir; só aos teus *Lusiadas* faltou esse sacramento para que mais uma vez te envolvesse o mysterio e para que se não soubesse o dia exacto em que veiu á luz o teu poema immortal.

Mas contra todas as contrariedades da fortuna mundana arrostou o teu peregrino talento, e o teu nome resplandece hoje com o brilho inapagavel do genio.

Decorreram já 21 annos depois que foi celebrado o tricentenario da tua morte e desde então algumas nuvens escuras teem assombrado o horisonte da patria, e algumas lagrimas de pungentissima dôr vertemos amargurados sobre o teu livro sagrado.

Sim, elle é para nós a mais pura a ineffavel consolação, o refrigerio de todas as nossas maguas, o nosso guia espirital, o santelmo

que nem nas horas borrascosas do naufragio deixará de nos illuminar com o seu clarão de esperança.

Ha 321 annos que desapareceste da superficie da terra e do convívio dos homens, mas a morte, se foi o descanço perpetuo para o teu corpo, não foi o somno do esquecimento para o teu nome e para a tua obra, porque cada dia que passa é mais uma folha de louro que se enrama na tua corôa triumphal.

E nós, que tão mesquinamente retribuimos em vida o teu merecimento, vivemos agora da tua gloria, como astro apagado que se illumina com a luz do sol, em volta do qual gravita.

Se o teu coração fôsse feito da fibra dos corações vulgares, se elle ainda batesse na palpação febril das paixões terrenas, podias dizer agora que estavas vingado — uma vingança divina: a vingança dos que prodigalisam o bem em troca do mal que lhes fizeram soffrer.

Démos-te, na esponja da ingratidão, o fel da amargura, e tu, em troca, deste-nos a ambrosia olympica de teus versos, ambrosia que não sômos nós os unicos a saborear, mas que faz as delicias dos banquetes litterarios de todos os povos civilizados.

A tua vida foi uma série de aventuras e de infelicidades, mas n'essa cadeia de desgraças houve um élo fanatico, que resgatou todos os infortunios e que foi a mais solida garantia do teu e do nosso destino. Assim roubaram ou desapareceram o teu *Parnaso*, assim os teus *Lusiadas* poderiam ter levado o mesmo caminho e não teriamos hoje essa tuba sonora a immortalisar condignamente os nossos feitos.

Poderias ter escapado do naufragio, mas se não salvasses os *Lusiadas*, terias ficado para sempre na obscuridade dos insignificantes, embora houvesse deixado a existencia repartida em pedaços pelo mundo. De nada te serviria teres empunhado, como Cesar, numa das mãos a penna e na outra a espada; embora tivesses, para servir o rei e a patria, o *braço ás armas feito e, para cantal-a, a mente ás musas dada*.

O teu naufragio encerra muito de symbolico; contigo naufragou a patria, mas contigo resurgiu triumphante. Póde Portugal desaparecer politicamente; póde um novo Alcacer Quibir ser outra vez o prefacio da perda da nossa autonomia; póde a espada dum novo duque d'Alba impôr-nos as mais humilhantes clausulas de submissão absoluta, que nada d'isso fará com que se apague o rasto luminoso que o genio de Camões imprimiu á nossa historia.

Outro facto naturalmente virá a succeder. Costumam as linguas, com o desdobrar dos annos, modificar-se profundamente, tornando-se

antiquadas, obliterando-se, crystalizando em fórmãs que ficaram obsoletas nos livros dos seus classicos. A linguagem dos *Lusiadas* offerece todavia uma vitalidade e uma frescura extraordinarias; ninguem dirá que já conta mais de tres seculos; parece que gira nas suas veias o sangue da mocidade eterna, mas ainda quando ella se torne apenas comprehensivel para os eruditos, isso pouco importa, porque o pensamento fundamental lá está e os *Lusiadas* acham-se hoje reproduzidos em tantas linguas que não correriam o risco de se perderem ou de se tornarem indecifraveis.

Os *Lusiadas* não são, apesar do profundo sentimento nacional que os domina, um poema exclusivamente portuguez, são uma obra-prima da litteratura universal.

Em nome da patria e em nome da humanidade, agradecemos e felicitamos o poeta!

10-6-1901.

O dia 24 de julho

Faz hoje sessenta e oito annos que desembarcaram em Lisboa as forças liberaes commandadas pelo duque da Terceira.

No Caes do Sodré, no sitio onde se effectuou esse desembarque, campeava ainda o patibulo, onde, na vespera, fóra immolada a derradeira victima do despotismo.

Felizmente que a forza já não é hoje o symbolo da justiça e muito menos ainda o pelourinho dos crimes politicos.

Horas antes do desembarque do duque da Terceira, o duque de Cadaval, que governava Lisboa em nome de D. Miguel, abandonou a cidade com todas as forças realistas, para nunca mais voltar a ella. Foi um grave erro, tanto militar como politico, que não faz muita honra áquelle illustre fidalgo, mas que se explica pelo panico causado por dois successos imprevistos, que, por essa mesma causa, augmentaram de importancia.

O destroço da esquadra miguelista e a derrota, na Cova da Piedade, do famigerado Telles Jordão, impressionaram profundamente e fizeram suspeitar que seriam muito mais numerosas as forças constitucionaes. Isto prova que o governo miguelista tinha um mau serviço de informações, doutro modo haver-se-hia com mais firmeza e segu-

rança. E' certo que a população da capital se mostrava agitada e tudo fazia reear que ella promovesse uma grande manifestação hostile, mas os regimentos de policia miguelista bastariam para a fazer conter.

Tem-se publicado muitos livros, opusculos e documentos sobre a lucta fraticida entre D. Pedro e D. Miguel, mas a parte relativa ás operações bellicas ainda se acha envolvida em grande mysterio e deixa muito a desejar. Os officiaes que desempenharam nella mais importante papel e alcançaram maior quinhão de gloria não se quizeram dar ao incommodo de escrever as suas «Memorias» ou simplesmente as suas impressões pessoaes.

O duque de Saldanha, cuja carreira brilhante e cujos dotes de espirito lhe assignalaram um dos logares proeminentes nos nossos factos politicos e militares, é um daquelles, a quem, com mais justificado motivo, se póde lançar em rosto a culpa desta omissão. Em vez de manifestar o seu talento em controversias scientificas, philosophicas e religiosas, que não honram muito os seus creditos litterarios, bem fôra melhor que nos expozesse as suas campanhas e explicasse o seu procedimento e das suas tropas em todas ellas.

O duque de Saldanha e o duque da Terceira são das figuras primaciaes da guerra liberal dividindo-se as opiniões sobre qual dos dois deve recair a primasia. O duque da Terceira é menos brilhante, é menos popular, mas a sua folha de serviços não é menos honrosa nem menos distincta: nos Açores e no continente resplandece ella da mesma fórma. Ha quem diga que elle era apenas um soldado de fortuna, como quem procura desmerecer-lhe os dotes de grande capitão, sem comtudo se atrever a negar-lhe as virtudes de exemplar soldado. Saldanha prestou grandes serviços no Porto, foi elle talvez quem salvou ali a situação, mas a causa liberal estaria irremediavelmente perdida, se a expedição ao Algarve não lhe viesse dar novo alento e mudar inteiramente a face das coisas. A marcha audaciosa do conde de Villa Flôr, atravez do Alemtejo sobre Cacilhas, é uma pagina gloriosissima da historia militar.

Não falta quem assevere que a traição militar dum official do estado-maior do general Mollelos contribuisse para este feliz resultado, mas a suspeita ainda não se confirmou inteiramente e o mais natural é que fôsse a incapacidade do chefe miguelista o mais propicio auxiliar do duque da Terceira.

Este brilhante episodio não é todavia o unico facto singular de toda a campanha. Em tempo da mais rude crença ter-se-hia attribuido a intervenção milagrosa. Sobrenatural, com effeito, é como um exercito que não chegava a oito mil homens, encurralado durante mezes

no estreito ambito duma cidade, poude dominar e vencer um exercito dez vezes superior, na posse absoluta do paiz e de todos os seus recursos. Os sabios da escriptura que digam que segredos são estes... da guerra civil.

Estabelecendo ligeiramente o parallelo entre os dois marechaes, não pretendemos de modo nenhum levantar este para depreciar aquelle, antes temos a firme convicção de que qualquer delles é personalidade sufficiente para viver de per si só, sem necessidade de subtrahir o quer que seja á gloria alheia. O duque da Terceira, recebeu já a consagração merecida, ao passo que o duque de Saldanha, como que expiando aquelle triste desenove de maio, ainda está á espera de equal homenagem. A divida, porém, não levará muito tempo a saldar-se e Lisboa dentro em breve honrar-se-ha com o seu monumento, que é uma homenagem de todo o ponto justa.

24-7-1901.

O centenario de Victor Hugo

Não foi necessario que Victor Hugo morresse, para que fôsse feita a consagração, que o seu genio reclamava e merecia. Ainda em vida lhe foi feita a apotheose. O seculo XIX não tem que penitenciar-se da feia ingratição, de que fôram victimas tantos homens illustres, esquecidos e vilipendiados pelas mesquinhas invejas dos seus contemporaneos. Alguns annos antes delle soltar o derradeiro alento, a população de Paris, num festival cortejo imponentissimo, desfilou deante da casa do poeta, aclamando-o entusiasticamente como uma das mais puras e radiantes encarnações do espirito e do sentimento do povo francez e da raça latina.

Morto, o seu cadaver, antes de ser transportado ao Pantheon, onde repousa no meio das summidades da França, esteve exposto ao publico debaixo do Arco do Triumpho, essa epopeia de pedra, em cujas estrophes esculpturaes retinem os victoriosos clarins de batalha das memoraveis campanhas da primeira republica e do primeiro imperio.

Agora, por motivo da celebração do primeiro centenario do seu nascimento, faz-se-lhe nova apotheose, mas desta vez não é só a França, mas todo o mundo civilisado, que concorre solememente para o pagamento desta divida de honra.

É justissima esta homenagem, porque a obra de Victor Hugo, embora impregnada do mais fervoroso patriotismo, é também uma obra altamente humanitária. Victor Hugo poz sempre a sua lyra ao serviço das mais nobres causas e com os seus olhos de aguia olhou sempre para um futuro de pacificação universal. Como Béranger, elle proclamava a santa alliança dos povos e dava um sorriso de esperança aos opprimidos de todo o mundo.

Teve, é certo, os seus momentos de ira e a sua musa trovejou indignada nas vozes dos *Châtiments*, mas os raios deste Jupiter eram sempre vibrados contra a tyrannia e contra o despotismo. Também Christo, o clementissimo, o que perdoou á peccadora arrependida, pegou um dia nas suas disciplinas para azorregar os phariseus e expulsar os vendilhões do templo.

Victor Hugo é o Mozart da poesia. A elle se póde applicar, sem favor e sem lisonja, a phrase de menino prodigio, de creança sublime. O seu estro phenomenal manifestou-se desde os mais tenros annos e nunca mais o seu extraordinario talento creador deixou de manifestar-se em toda a pujança. Tinha o segredo da mocidade eterna. A sua cabeça augusta coroava-se de cãs venerandas, mas o seu espirito e o seu coração eram sempre juvenis, florescentes numa primavera ininterrupta.

O seu cerebro imaginoso, era o vulcão que jámais se extingue. A sua cratera nunca se apagava, luminosa como o fogo do Sinay, mas a lava que della se expandia em jorro não calcinava; eram torrentes de flôres, vivificantes e bellas e não flôres de cinza como as que se pultaram Hereulanum e Pompeia. Quando se suppunha que o velho estava descançando algum momento, eil-o que passava trauteando alegremente, como um rapaz de vinte annos, as suas *Canções das ruas e dos bosques*.

O seculo XIX póde dizer-se, litterariamente, o seculo de Victor Hugo. Elle foi com effeito, durante mais de cincoenta annos, a figura culminante, excitando em toda a parte o enthusiasmo com as suas frequentes e variadissimas producções. A França estava relativamente em atraso, debaixo do ponto de vista poetico, mas Victor Hugo fel-a occupar o seu logar de honra. A Allemanha nfanava-se com o seu Schiller, com o seu Gœthe, a Italia com o seu Manzoni, a Inglaterra com o seu Byron. E a França não tinha um vulto que hombraesse condignamente com esses soberanos cultores do bello, até que a lyra de Lamartine e a lyra de Victor Hugo vibrando deliciosamente nos mais sonoros cantos, vieram emfim pôr termo victorioso á humilhante inferioridade.

Já que falámos de Lamartine, seria curioso talvez estabelecer o paralelo entre o auctor da *Queda de um anjo* e o auctor das *Orientaes*, mas o momento não parecerá dos mais opportunos, attendendo a que a critica deve ceder o seu logar ao panegyrico. No entanto, é de justiça affirmar-se que nem Victor Hugo faz sombra a Lamartine, nem Lamartine a Victor Hugo, e ambos assim o comprehenderam quando na mais cavalheirosa gentileza se devolviam mutuamente o epitheto de *primeiro poeta da França*.

A época em que principiou a florescer Victor Hugo foi uma das mais notaveis da França intellectual, e nem o seculo de Luiz XIV, com Molière e Corneille á frente, lhe levará vantagem. Era necessario todavia ter uma grande força de luz para não perder o seu brilho nessa constellação radeantissima. Que geração de gigantes a geração de 1830, essa que proclamou, á força de golpes heroicos, como Mahomet, a religião litteraria do romantismo! Lamartine, Alfredo de Vigny, Musset, Béranger, Dumas, Méry, Jorge Sand, Sandeau, Michechelet, Saint-Beuve e tantos e tantos, que seria fastidioso enumerar, formam a legião sagrada desses batalhadores intrepidos, de que afinal ficou por chefe supremo e incontestado o Napoleão da penna, que se chama Victor Hugo,

O fundo do character de Victor Hugo, é a antithese. No seu espirito perpassa de continuo a lucta perpetua do bem e do mal. Elle põe em vigoroso contraste a luz e a sombra. O miseravel defronta-se com o opulento, o opprimido com o despota, o desgraçado com o mimoso da fortuna, o histrião com o rei, Tribulet com Francisco I, o sapo com o astro. Victor Hugo tem o condão de transformar o repugnante em sympathico. O monstro humanisa-se sob o seu olhar misericordioso! O malfeitor, como João Valjean, vae-se depurando até se redimir completamente.

Na lyra de Victor Hugo vibraram todas as cordas, desde a tragedia até ao idyllo, desde a epopeia até ao hymno da confraternisação universal. Elle foi todavia o poeta por excellencia do amor feminino e da ternura infantil. Ninguem amou como elle e ninguem apreciou como elle as mulheres e as creanças. O seu amoroso lyrismo não era o fogo fatuo da phantasia, mas a chamma sagrada do coração. Não era como Ovidio, que reduzia o amor ás regras didacticas da *Arte de amar*. A ingenuidade e a sinceridade do seu affecto comprovam-se exuberantemente nas *Cartas á sua noiva*, publicadas posthumas.

Ás mulheres, ás creanças, aos humildes, é que competia, pois, o principal papel na brilhantissima festa, com que Paris celebra o primeiro centenario do nascimento de Victor Hugo.

Portugal, onde o nome de Victor Hugo é venerado e onde as suas obras são lidas até pelas classes populares, associa-se á manifestação internacional prestada á memoria do grande poeta, e concorre assim com a satisfação de um dever cumprido a esta cerimonia augusta e benemerita de solidariedade humana. N'este côro imponentissimo, a nossa voz passará despercebida, mas a alma de Victor Hugo, que tanto apreciava os humildes, talvez não deixe de a distinguir no meio do sussurrante concerto, e esta esperança que não é filha da vaidade, mas sim da admiração e da crença, seria a nossa maior consolação.

Calemo-nos porém. Se a nossa voz é mesquinha, a palavra dos grandes oradores, que n'este momento se fazem ouvir em Paris, impallidece tambem ao lado da palavra divina de Victor Hugo. A obra genial do grande poeta fala de per si!

26-2-1902.

Gil Vicente

O 4.º CENTENARIO DA CREAÇÃO DO THEATRO PORTUGUEZ

O conselho de arte dramatica deliberou promover uma festa, que seja a consagração nacional de um dos vultos mais notaveis do genio poetico do povo portuguez — *Gil Vicente*.

Trata-se, pois, de celebrar mais um centenario nos altares da poesia e da patria. Em geral, para a realisação destas grandes solemnidades, escolhe-se o anniversario natalicio da personagem, de que se pretende fazer a apotheose, como succedeu agora com Victor Hugo, ou o anniversario da sua morte, como se deu, em 10 de junho de 1880, com o sublime cantor dos *Lusiadas*. Na ausencia de qualquer destes dois marcos milliaros, escolhe-se então algum facto culminante da vida do heroe.

Não é portanto rigorosamente o centenario de Gil Vicente que se vae celebrar, porque ainda se não pode delimitar a época exacta do seu nascimento, nem tampouco o dia em que deixou de existir, mas como se conhece o ponto inicial da sua existencia dramatica, o dia em que revelou, para assim dizer, oficialmente o seu talento comico,

é esse o que ha-de figurar d'aquí em diante no calendario das glorias nacionaes.

Apesar de filho do povo, apesar da fórma e da graça popular da sua poesia, Gil Vicente foi um poeta palaciano, pois quasi todas as suas composições, pelo menos as que chegaram até nós, fôram estreitadas e recitadas perante a côrte, expressamente compostas para ella, por occasião de alguma occorrença festiva ou de algum acontecimento menos vulgar.

Ignora-se completamente como e quando, fóra do meio que apontamos, se revelou a pujança intellectual de Gil Vicente, como é que a realza descobriu o brilhante do seu talento, quem foi que o apresentou na côrte, como se introduziu nos serões do paço, para depois, durante mais de trinta annos, os alegrar consecutivamente com as suas representações, ora de character mystico e devoto, ora de character inteiramente satyrico e profano.

Vejamos, pois, em que circumstancias se deu a iniciação de Gil Vicente, iniciação que é ao mesmo tempo a pedra fundamental do theatro portuguez.

Porque foi que o conselho dramatico escolheu o dia 8 de junho para a inauguração da festa em honra do grande poeta? Porque nesse dia, exactamente, faz agora quatro seculos, recitou Gil Vicente o seu *Monologo do Vaqueiro*, nos proprios aposentos da rainha D. Maria, mulher de D. Manuel, que acabára de dar á luz o seu filho primogenito, o principe D. João que depois havia de reinar, na natural successão de seu pae, com o nome de D. João III.

Levanta-se aqui uma pequenina duvida, que ouvimos suscitar a algunsmeticulosos da chronologia real. Exponhamos o caso:

Damião de Goes, no capitulo LXII da primeira parte da sua *Chronica de D. Manuel*, diz que a rainha D. Maria dera á luz seu filho D. João *uma segunda feira, seis dias do mez de junho de mil quinhentos e dois*. Este dia foi memoravel não só nos fastos da côrte, mas nos annaes meteorologicos, porque se desencadeou em Lisboa tremenda tempestade, acompanhada do ribombar dos trovões e do fuzillar dos relampagos. Decorrida uma semana, procedia-se ao baptismo do principesco neophito, na capella de S. Miguel, nos paços da Alcaçova ou do Castello, que era então a residencia real, e n'elles, n'esse mesmo dia, pegou fogo.

Dir-se-hia que o incendio do palacio, no dia do baptisado, e o fogo do céu no dia do nascimento, tinham o quer que fôsse de symbolico e como que estavam prognosticando a chamma das fogueiras inquisitoriaes, que se haviam de atear sinistras no reinado seguinte.

Os autos de fé vieram substituir em parte os autos pastoris de Gil Vicente.

Ora se o *Monologo do Vaqueiro*, como diz a sua rubrica, foi recitado na segunda noite do nascimento do principe, e não duas noites depois, parece que o dia 7 era o que devia ter a preferencia. Deve-se porém observar que Frei Luiz de Sousa, nos *Annaes de D. João III*, logo no capitulo primeiro, acrescenta um pormenor que nos leva a vacillar sobre a fixação da data.

Diz elle que o successo se effectuára *uma segunda feira a seis dias do mez de junho, ás duas horas depois da meia noite*. Isto talvez se possa interpretar como sendo ás duas horas da madrugada do dia 7, e talvez assim o entendesse o conselho de arte dramatica.

Como quer que seja, ou Gil Vicente comparecesse nos aposentos da rainha na noite do dia sete, ou na noite do dia oito, isso pouco faz ao caso, e é uma questão absolutamente secundaria, que não tira nem acrescenta á validade do acto.

O que importa é assignalar bem que foi por esta epoca que o theatro portuguez, fecundado pelo genio de Gil Vicente, começou a ganhar fóros de cidade e a poder hombraear com o theatro dos outros povos.

Antes d'elle não se conhecem, entre nós, vestigios de litteratura dramatica. Nos chronistas e até no *Cancioneiro Geral*, se allude frequentemente aos graciosos *mômos* e ainda a outras representações, mas parece que tinham unicamente o character mímico, simples pantomimas.

O *Monologo do Vaqueiro* não é ainda uma producção caracterisadamente dramatica, não é sequer uma *ecloga pastoril*, mas é já o embryão fecundo, donde surgirá a arvore frondente, em cujos ramos vicejarão o *Auto da Alma*: os tres autos das *Barcas*, a farça de *Inês Pereira*, o *Amadis de Gaula* e tantas outras flôres desse brilhante *Cancioneiro*, dado á luz pela piedade filial de Luis Vicente e Paula Vicente.

Gil Vicente não gosa da popularidade de Luiz de Camões, mas é o poeta do seculo XVI que melhor póde competir com elle. E' o talento dramatico mais poderoso que temos produzido e foi necessario que, tres seculos depois, apparecesse Garrett para renovar e continuar a sua obra. E' justo pois que o povo portuguez pague o seu tributo de admiração ao poeta que tanto o ennobreceu, enriquecendo simultaneamente as duas mais vigorosas litteraturas peninsulares. Gil Vicente não é só um classico na nossa lingua, é tambem um classico na lingua de Cervantes.

Bem merecem, pois, todos aquelles que cooperarem para a divulgação e conhecimento da obra de Gil Vicente, e nós, louvando a generosa iniciativa do conselho de arte dramatica, procuraremos, quanto caiba em nossas forças, auxiliar a sua propaganda. E' um singelo dever, que sem relutancia, antes gostosamente, cumprimos.

20-3-1902.

Uma data memoravel

O dia de hoje marca uma das gloriosas e memoraveis datas da nossa historia. Decorreram já sobre ella 518 annos, mas esse periodo de mais de cinco seculos não diminue o esplendor de tão notavel feito. Perto de Aljubarrota lá se ergue, no seu eburneo calcareo rendilhado, o famoso monumento, que perpetúa a intrepidez de uma raça de cavalleiros e a inspiração de uma raça de artistas. O mosteiro de Nossa Senhora da Victoria é, sob uma radiante fórma esthetica, o padrão mais bello da nossa capacidade politica e militar e a nossa mais genuina carta de alforria.

A guerra da independencia, motivada pela successão de D. Fernando, foi longa e pertinaz, e só a extrema confiança de um povo nos direitos da sua autonomia e no destino que lhe estava reservado é que poderia assegurar o exito brilhante, que coroou definitivamente o heroísmo quasi sobrenatural de tantos esforços.

A lucta entre Portugal e Castella, n'aquelle tempo, merece ser observada sob mais de um aspecto, não só porque representa, nos traços mais característicos e vigorosos, o estado d'alma de um povo, mas tambem porque fornece uma das paginas mais instructivas para a historia militar.

A guerra entre as duas nacionalidades da pêninsula, uma das quaes, por mais poderosa, pretendia absorver a outra, não se póde capitular absolutamente como internacional mas tambem como civil, por isso que numerosos portuguezes se alistaram sob a bandeira do rei castelhano, fignrando entre esses traidores — quem o houvera de dizer! — um antepassado de Camões.

O partido do mestre de Aviz recrutou-se principalmente entre a plebe e a burguezia. As classes populares deram prova do mais intenso amor da patria, sujeitando-se aos maximos sacrificios para re-

pellir o jugo estrangeiro. Alguns membros do alto clero e bastantes casas religiosas, entre as quaes avultaram os monges de Alcobaça, enfileiraram-se na causa santa. O arcebispo de Braga alçou a cruz e o montante e mostrou a firmeza do seu braço nos campos de Aljubarrota.

A nobreza foi que deu menor contingente, mas para compensar a ausencia de tantos fidalgos bastou a figura homérica de D. Nuno Alvares Pereira, um verdadeiro genio militar. Quasi imberbe, o denodado moço parecia um veterano das mais rudes campanhas. O seu valor não admira, o que admira é a sua sagacidade. Onde foi a sua escola? Quem lhe ensinou a tactica? E' possível que elle aprendesse alguma coisa com os capitães inglezes que vieram a Portugal no tempo de D. Fernando, mas é certo que tirou muito da sua indole, do seu engenho natural. Quanto mais se estuda a sua physionomia e a sua carreira, mais nos surprehende e espanta o seu procedimento.

Era um organismo excepcional impregnado ao mesmo tempo de teimosia, de allucinação, de mysticismo, do quer que fôsse de sobrenatural. Dir-se-hia uma alma de Joanna d'Arc n'um corpo masculino. Se o santo condestavel cahisse nas mãos dos seus inimigos seria posto na fogueira como endemoninhado, á semilhança do que os inglezes fizeram á *pucelle d'Orléans*.

A campanha dos fins do seculo XIV tem muitos pontos de contacto com a campanha do exercito libertador. As hostes de D. Pedro, pequenas em numero como as do mestre de Aviz, conseguiram a victoria final pela audacia, pela energia, pela tenacidade, pela confiança na bondade da sua causa.

Indubitavelmente o mestre de Aviz tinha qualidades superiores, que lhe grangearam o favor popular, mas é certo tambem que a felicidade foi sua companheira fiel e muitas circumstancias fortuitas o vieram coadjuvar inesperadamente. Se a peste não tivesse assollado o arraial castelhano, que cercava Lisboa, esta, na angustia de tantos soffrimentos, exausta de recursos, ou se veria forçada a capitular, ou praticaria um acto de desespero, heroico, mas inutil.

E o mestre de Aviz soffreria perante a historia da mesma critica, que não tem poupado o Prior do Crato, o vencido de Alcantara, e D. Sebastião, o temerario de Alcacer.

A batalha de Aljubarrota, por mais que se analyse, não tem uma explicação satisfatoria. A grande desigualdade do numero promettia a victoria aos castelhanos e fôram estes os vencidos.

Se fôram por acaso imprudentes no ataque, os que offereceram

batalha estavam sujeitos á mesma ineriminação. O plano adoptado em Aljubarrota fôra o mesmo que D. Nuno adoptára nos Atoleiros e se nesta batalha obteve favoravel resultado, já não lhe succedeu o mesmo, em egualdade de circumstaneias, proximo de Évora, para onde teve de retirar-se, durante a noite, desordenadamente. Se o exercito de D. João I, em vez de atacar, se limitasse a envolver e a fatigar a pequena hoste portugueza, esta ver-se-hia na situação mais critica, não tendo sequer segura a retirada, constrangida, por conseguinte, a transformar a defensiva em offensiva.

Os castelhanos, porém, dominados pelos sentimentos pundonorosos da epoca, confiados além disso na grandeza das suas forças, investiram com toda a impetuosidade a muralha formada pelos nossos homens de armas e chegaram a romper a vanguarda. Obtido este primeiro triumpho, o que espanta é como elles não souberam proseguir nelle e como os nossos tiveram a coragem e a serenidade de reparar o desastre e de repellir o inimigo. A refrega foi encarniçada, medonha, mas de uma rapidez de tempestade, que assola tudo n'um momento. Custa a crêr como os castelhanos, não só deixaram de sustentar as vantagens primitivas, mas como tão depressa perderam o animo e se deixaram ennovellar na mais vergonhosa das derrotas.

Não avivamos hoje o extraordinario acontecimento para acordar odios que dormem somno de seculos, e, se reproduzimos este quadro retrospectivo, é porque vêmos nelle um alto interesse historico, sobre o qual ninguem, nem mesmo o vencido, poderá lançar o seu olhar desdenhoso. O dia de hoje deveria ser o de uma romagem patriótica ao mosteiro da Batalha afim de, no silencio eloquente daquellas naves magestosas, retemperar civicamente a nossa alma para as luctas do presente e do porvir.

14-8-1903.

O centenario da guerra peninsular

Preparam-se os hespanhoes para celebrar o primeiro centenario da guerra peninsular, e justo é que lhe sigamos o exemplo, pois que os dois paizes compartilharam da mesma sorte n'aquella epoca, que bem se pode considerar nefasta.

Certamente que não ha n'esta celebração a menor ideia de reacender discordias e de atihar odios internacionaes, que de ha muito devem estar extinctos sob a cinzas de uma fogueira que tantas vidas e tantas fortunas devorou, mais terrivel ainda que uma fogueira inquisitorial.

A solemnidade, que se pretende realisar com tanto luzimento, não é uma provocação, não é sequer um protesto, porque não ha symptoma nenhum que nos indique que entre a França e a peninsula estejam imminentes ou possam surgir difficuldades diplomaticas e politicas, que venham a produzir um rompimento internacional. As circumstancias actuaes são muito differentes das que eram nos fins do seculo XVIII e nos principios do seculo XIX, e nada por conseguinte faz presagiar um conflicto identico.

A celebração só apresenta um caracter historico, com o qual a França nada tem que melindrar-se, reconhecendo ella propria quanto contribuiu impensadamente para desatiar o orgulho d'um povo cioso da sua liberdade.

A peninsula iberica foi o campo de uma luta de exterminio entre povos da mesma raça, que deram o mais deploravel exemplo das lutas fratricidas, quando o seu dever e o seu interesse consistia em prestarem-se mutuo apoio, na mais sincera das allianças.

Francezes, hespanhoes e portuguezes podem glorificar-se simultaneamente com os louros das numerosas batalhas, que então se pelearam, porque todos elles colheram as palmas do triumpho e succumbiram tambem sob o peso de gravissimos desastres. Todos elles revelaram as suas virtudes heroicas, o seu valor militar, e juntamente os seus vicios e os seus defeitos, as sombras inherentes aos resplendores das suas altas qualidades.

Afinal de contas, a guerra peninsular, se foi uma das mais injustas e prejudiciaes, foi inquestionavelmente uma das mais inuteis. O prestigio das armas não compensa a somma de miserias e de in-

clêmiências que os povos peninsulares supportaram durante uns poucos de annos, n'uma atribulação continua.

E se a Hespanha padeceu muito, muito maior foi o soffrimento de Portugal, porque até da propria Hespanha foi victima no começo das machinações napoleonicas. O primeiro exercito da invasão franceza foi acompanhado de um exercito hespanhol. E' preciso não esquecer esta circumstancia importantissima, porque d'ella resultou termos ficado sem a praça de Olivença. Foi um desmembramento pequeno, mas que ainda sangra. A mutilação não se esquece, porque foi o resultado da mais flagrante injustiça. Foi de Portugal que partiu o exercito anglo-luzo, o exercito libertador da Hespanha, e nem sequer a diplomacia europeia, e muito menos a hespanhola, teve em consideração o sacrificio que fizemos, o enorme serviço que prestámos.

Não recordamos estes factos com azedume; é só com magoa que os tornamos patentes, para que se avalie bem, sob todos os aspectos, a epoca notavel que se trata de festejar. Não sômos nós que inventamos ou que fazemos surgir caprichosamente, sob um pessimismo intratavel, pontos negros que tanto offendem o nosso pundonor nacional e a nossa dignidade patriotica. E' a historia quem fala e as suas paginas não podem ser truncadas. Convem até que se leiam, para que nos sirvam de escarmento e aviso.

Tres vezes penetraram em Portugal as legiões da França, commandadas por alguns dos seus mais eminentes homens de guerra: Junot, Soult e Massena. As desgraças que então supportámos fôram enormes e quasi indiziveis. A 29 de março de 1809 o rio Douro, entre o Porto e Gaya, era o scenario da mais commovente catastrophe. Milhares de pessoas, fugindo espavoridas, julgando encontrar um refugio na ponte das barcas, eram sepultadas no rio, cachos humanos que se precitavam inscientemente na voragem. Povoações ruraes abandonavam em pezo os seus lares para se concentrarem nas cidades, onde imaginavam ficar mais a salvo. Milhares d'esses infelizes, n'uma aglomeração pavorosa, caíam pelas estradas, mortos pela fome, dizimados pela peste, victimas de inclemências sem numero. Na Figueira da Foz levanta-se um cruzeiro, em que se perpetua um d'esses episodios, que se diriam passados nos seculos mais cruentos da idade média. Uma grande estampa de Sequeira representa-nos a distribuição da sopa economica a um trópel d'esses foragidos no largo de Arroyos em Lisboa.

Pagamos por um prego extraordinario a nova carta de alforria, a carta da independencia portugueza. Os grilhões com que nos ma-

nietaram os soldados napoleonicos, quebramol-os com desespero heroico, mas os pulsos ficaram vertendo sangue, que ainda não se estancou de todo. Lord Wellington julgou as nossas tropas dignas de figurarem ao lado das tropas britannicas e nos fôssos de Badajoz não fôram poucos os corpos dos nossos compatriotas que os encheram para rodarem sobre elles as carretas triumphantes do exercito anglo-luso. No nosso Arsenal do Exercito existem bandeiras e canhões que nos couberam no espolio d'essas heroicas pelejas, mas esses tropheus não pagam as ruinas que cobriram Portugal n'aquelle desditoso periodo.

No entanto estamos convencidos que Portugal não duvidaria sujeitar-se a novos sacrificios, se fôsse necessario defender mais uma vez e com egual denodo a sua autonomia.

8-4-1908.

ARTIGOS FESTIVOS

O dia de Natal

Se o dia de Natal vae perdendo um pouco o seu character liturgico, não perdeu ainda, antes cada vez mais se accentua, o seu character de festa intima. Em todas as nações christãs se commemora esta data com o maior enthusiasmo. Nos templos já se não celebram os afamados autos medievaes, mas não ha casa nenhuma, onde o nascimento de Jesus não produza uma alegria infantil. A igreja foi um pouco abandonada, mas triumphou, em compensação, a religião da familia.

A festal do Natal é talvez, entre as solemnidades populares, a que mais caracteriza e a que mais extrema a população do norte e a população do sul do nosso paiz. No Minho e nas provincias do norte a vespera do Natal tem mais attractivos que o proprio dia. A consoada, a ceia lauta, pantagrnelica, os cantares, o vinho quente em roda da lareira, a queima do tóro de pinho, tudo isto deixa um rasto na imaginação que raramente se apaga, e que, pelo contrario, a saudade vae avivando no decorrer dos annos.

No Porto — e dizer o Porto, é dizer o norte — o bacalhau é que triumphou. Manda-se de presente um costal de bacalhau como quem manda um casal de perús. A culinaria transforma-o nos mais variados acepipes. Os mais pobres contentam-se com bacalhau cozido, ladeado dos bellos olhos de couve gallega e de cebolas. Dias antes da festa todas as familias se preocupam em lançar de molho o saboroso peixe da Terra Nova.

No dia de feira anterior ao do Natal, as ruas do Porto offerecem um espectáculo a mais não ser pittoresco e variado. Toda a povoação

rural das cercanias, vestida com os fatos mais garridos e domin-gueiros, acode á cidade a fazer as suas compras e a vender os seus productos. Os vendedorês de mel, com o cantaro á cabeça, apre-goam o doce licor dos favos. Os mercados do Anjo e do Bolhão re-gorgitam de povo. As mercearias não tem mãos a medir. As padeiras de Vallongo fazem um negocio excepcional. Antigamente, um dos mi-mos mais regalados que a mulher do campo podia levar a seus filhos, era o molete ou a requeifa. Hoje o pão de trigo está muito mais vul-garisado e deixou de ser uma novidade.

Era tambem usança tradicional no Porto armar-se no coração da cidade, na praça de D. Pedro, uma feira *sui generis*, onde se ven-diam os productos mais genuinos da confeitaria popular: o pão de ló coberto, em fórma de corações, com pombinhas e disticos apropria-dos, a nogada, grosseira mas saborosa imitação do torrão de Alican-te, e uns bonecos de massa bastante dura, de fórmas originaes, como esses que apparecem nas padarias lisbonenses, mas cobertos de as-sucar, e dourados por partes, como as antigas estatuas de mar-more.

Em Lisboa o jantar do dia de Natal tem a primasia sobre a ceia da vespera: o Perú triumpho sobre o bacalhau. Triumpho é um modo de dizer, porque afinal de contas elle é que é a victima, e o canto com que elle atordoa as ruas da capital estes dias é o seu canto de cysne.

O Natal tem ainda, como se vê, uma feição gentilica, como que recorda uma saturnal ou uma festa bachica. O estomago impõe-se dominador, exigente, insaciavel. O seu throno florido é a salchicharia. O incenso que mais o delicia é o perfume das caçarolas. O sacer-dote que melhor cumpre o seu ritual chama-se Vatel.

No entanto, o character glutonico da festa vae-se modificando um pouco. A cabeça, como no apologo do Monte Aventino, disputa uma parte do quinhão ao estomago. A mesa do restaurante vae sendo sub-stituida pela mesa da arte, ou pela mesa da litteratura, onde os pro-ductos do espirito supplantam os productos da culinaria.

Nas grandes capitães da Europa, em Londres sobretudo, a festa do Natal é um excitante á imaginação dos artistas, que todos os an-nos diligenciam impressionar o publico com alguma novidade inte-ressante. Os cartões de visita, os albuns, os numeros especiaes do *Christmas* veem pujantes de graça, de mimo, de concepções delica-das. O lapis do desenhador trava lucta desesperada com os mais aper-feiçoados processos geographicos. Os contistas, os poetas, facetam e burilam os diamantes da sua phantasia. Não ha industria que não

apresente algum objecto tentador n'este basar de futilidades maravilhosas destinadas sobretudo a impressionar o cerebro das creanças.

Entre nós tambem alguns estabelecimentos ostentam os seus primores artisticos, fornecendo os mais graciosos brindes, mas na sua quasi totalidade esses objectos são de fabrico estrangeiro. A nossa arvore do Natal floresce, mas não fructifica senão com pômos exóticos.

Querido Jesus, fazei com que o pinheiro sagrado, que estênde os seus ramos virentes no interior das nossas casas, se enfeite um dia com os fructos da nossa intelligencia e da nossa aptidão artistica!

Quando esse milagre se realizar, como nós dançaremos contentes em roda da arvore santa e te cantaremos: hosanna!

25-12-1895,

Alleluia!

Depois de profunda tristeza e de magoado silencio, a igreja exulta e o christianismo rejubila commemorando a redempção.

O tumulo de Christo acha-se vasio; o seu cadaver subtilizou-se; o milagre da resurreição assombra os incredulos e é agora, do alto do firmamento, que a imagem do Divino Mestre apparece aos seus discipulos, incitando-os a que prosigam, contra tudo e contra todos, com palavras de benção e com sacrificio proprio, na propagação da fé evangelica.

A quem procuraes? A Christo? Resuscitou: não está aqui. O seu cadaver não é como o dos Pharaós que precise de ser reduzido a mumia e conservado nas monumentaes pyramides das margens do Nilo. A sua natureza é outra. Elle revestiu a figura material por um momento para tornar mais palpavel a sua obra, para melhor confraternisar com o homem, para mais facilmente comprovar a solidariedade humana. Exemplificou a sua doutrina com o martyrio para que o homem se compenetrasse de que o sacrificio era compativel com as suas forças e que só pelo sacrificio e pela pratica do bem é que se purificavam as impuresas da nossa entidade moral.

A resurreição é um phenomeno sobrenatural, que symbolisa os destinos da vida futura, a crença da immortalidade da alma. E' o refrigerio e a esperanza dos que soffrem, confiados em que a miseria não ha-de ser a irreductivel condição da existencia, a cadeia que prende

eternamente a humanidade ao rochedo de Promotheu. Larvas que rastejavam na terra, eil-as transformadas em borboletas, pairando em atmosphera mais sublime, em ambiente incorruptivel.

Quem dera que o factio assombroso que o christianismo commemora tão jubilosamente, bradando expansivo — *alleluia! alleluia!* — o podessemos vêr verificado particularmente com relação á nossa querida patria!

Quem dera que as tristezas, que as vergonhas, que tanto nos humilham e deprimem aos olhos das outras nações, desapparecessem como por encanto e que quem procurasse cuspir na lousa do Portugal decrepito, lêsse em luminoso e fulgurante distico — *resurgiu! não está aqui!* O que está aqui não é um velho encanecido e escarnecido, um cavalleiro da triste figura, envolto no manto esfarrapado das suas glorias; é um homem novo sim, mas que não renega as tradições do seu passado e que está prompto a terçar as armas com quem offender a memoria dos seus avós, um espirito sedento, não de novas aventuras de cavallaria andante, mas de feitos que lhe assegurem um logar honroso e prestimoso na esphera da actividade humana.

Resurgir, para reproduzir, em nova edição correctea e augmentada, a epopeia camoneana, seria uma empreza impossivel de realisar, porque não se pôdem repôr no seu antigo logar as condições que determinaram a nossa actividade historica. As circumstancias da actualidade são muito differentes. O mundo pôde dizer-se que está descoberto e partilhado. O que nos resta a fazer não é alargar o ambito dos nossos dominios, mas conservar e fazer progredir o que possuímos, sem que outros nos venham estorvar na nossa faina, pretendendo expropriar-nos por utilidade publica. A nossa epopeia de hoje não pôde ser outra senão a do trabalho, do trabalho que dá a subsistencia do corpo e a hombridade de character.

Resurja Portugal, mas resurja de maneira que, quando alguém lhe dirija a affronta, não encontre um simples bipede, de espinha dorsal curvada, a murmurar n'uma contrição abjecta; *perdão, Senhor, ainda é pouco; merecia muito mais!*

Resurja Portugal, mas para que a sua presença entre as demais nações, longe de ser recebida desdenhosamente, seja acatada com a estima e consideração que merece e a que tem direito.

Resurja Portugal, mas de modo que seus filhos possam ir a toda a parte apregoar de cabeça erguida o *ninho seu paterno* e protestar com firmeza contra a malevola ignorancia d'aquelles que confundem a nossa designação geographica e politica.

Resurja Portugal, mas resurja com tanta energia e com tanta vi-

talidade, que os potentados da terra nos tenham inveja e repitam de si para si a phrase de Camões: *se seria mais excellente ser do mundo rei, se de tal gente!*

6 4-1900.

O 1.º de maio

O trabalho, póde dizer-se sem receio de sacrilegio, é tambem uma religião.

Para as classes trabalhadoras o primeiro de maio é a sua *Paschoa florida*, o seu jubileu, o dia de maior gala do seu calendario social.

O dia primeiro de maio significa e aviva uma das maiores conquistas da classe operaria — a fixação da hora do trabalho.

A formação do quarto estado é um facto inilludível, um successo transcendente, mas o apparecimento d'este novo e forte nucleo social não significa nem póde significar o aniquilamento de qualquer dos outros existentes. Póde dar-se um ou outro choque passageiro, embora sensível, póde dar-se uma ou outra deslocação, mas ha-de haver logar para todos, divididos por todos equitativamente os deveres e as regalias. Destruir uma classe preponderante para a substituir por outra igualmente preponderante, auctoritaria e exclusivista, seria um paradoxo ridiculo, um absurdo vergonhoso e um contra-siso intoleravel.

Trabalhador ou operario é todo aquelle que vive do producto da sua actividade, qualquer que seja o instrumento que maneje, a officina ou o campo em que labore. Que o ganha-pão seja a penna ou seja a enxada, o tear ou o martello; que o agente seja o braço ou seja o cerebro; que o operario seja um britador de pedra n'uma estrada ou um forjador de ideias n'um gabinete d'estudo, não vêmos em tudo isto senão resultados diversos da nossa força, gradações apenas e não differenças antagonicas e odientas. Esta variedade de aptidões é que contribue para a unidade do progresso e para a harmonia social. Agrupar todos estes átomos na molecula; formar de todas as moleculas um organismo completo e perfeito, eis o ideal a que devem aspirar todos os que desejam de bôa mente que o homem gose na terra um instante de socego e de felicidade.

Dissensões e aspirações d'outra natureza são insubsistentes e pe-

rigosas, até para os próprios que com mais entusiasmo ou que com mais desvairamento as proclamam.

As reivindicações das classes operarias ainda não fôrão satisfeitas e muitas d'ellas nunca o chegarão a ser por utópicas e irrealisaveis. O tempo irá trazendo pouco a pouco o desengano, modificando convenientemente e em face de mais serias e até de mais sinceras observações e estudos, quanto certos principios tinham de paradoxal e de erroneo. O espirito humano vive n'esta depuração continua e é realmente constrictador que não se alcance logo o verdadeiro e o justo sem primeiro atravessar a falsidade e a injustiça.

Apesar de tudo, não nos assusta o embate das ideias, sobretudo quando a lucta é simplesmente de doutrinas, desprendida de qualquer interesse mesquinho e pessoal, de todo o facciosismo de seita. Se o egoismo individual é condemnavel não o é menos o egoismo de classe. Contra um e outro nos devemos todos precaver, para que nem sejamos escravos das proprias paixões, nem escravos tão pouco dos manejos dos agitadores menos escrupulosos, que agitem astuciosamente a bandeira do desinteresse para depois se envolverem commodamente na capa das suas conveniencias.

Descobrimo-nos, portanto, respeitosamente deante do festivo cortejo do 1.º de maio, certos de que elle é egualmente respeitador de todas as opiniões e de todos os interesses legitimos. Nem outra cousa póde querer o operariado, pois o seu procedimento menos equitativo e sensato daria logar a violentas reacções e represalias e de continuo estariam surgindo novas camadas protestando contra o ultrage d'aquellas que violaram os seus direitos.

Abolir o mais possivel todas as desigualdades injustificaveis e reduzir ao minimo o numero dos desherdados da fortuna, tal deve ser o lemma principal que se haja de inscrever nos estandartes de todos os grupos e de todos os partidos que pretendem marchar na vanguarda da civilisação e do exercito social.

E outra não será a inscripção da bandeira galhardamente arvorada pelos que se prezam de trabalhadores honrados e cidadãos uteis á sua patria e á humanidade!

1-5-1901.

Terça feira gorda

Os que estão de continuo zombeteando do parlamento, dando-lhe pançadas no ventre, como se elle fôsse algum *chéché*, digam-nos agora se não é digno do maior elogio o seu modo de proceder, encerrando as suas sessões n'este periodo carnavalesco, para não fazer concorrência perigosa ás outras casas de espectáculo!

Este exemplo de generosidade e cavalheirismo merece ser imitado, e seria ridiculo que nós estivessemos hoje aqui a prégar moralidade, a não ser que deitassemos sermão á José Augusto, mas para isso falta-nos a carroça, a figura, e até a chocarreira eloquencia do popular orador.

O artigo de fundo de hoje devia deitar ás malvas a sua capa de seriedade e pôr na cara, por momentos sequer, a mascara da comedia. Eia, artigo de fundo, sê alegre, sê faceto, folhetinisa-te, subtilisa-te, ri-te e communica o teu riso franco. A' similhaça de Fregoli, o Protheu da caracterisação, muda de traço e de figura incessantemente e intriga todo o mundo na mais acerada volubilidade de espirito. Dá á tua linguagem epigrammatica o colorido deslumbrante, as cambiantes fascinadoras da «serpentina». Sê a Loie Fuller da poesia satyrica, desfolha ás mãos cheias as flôres da ironia e, até se te parecer, sê por instantes bobo, para que, á similhaça dos antigos truões, possas dizer impunemente a verdade no meio do mais implacavel sarcasmo.

Nessa multiplicidade de disffarces, nessa vertigem de critica dilacerante e risonha, ao mesmo tempo ferina e amorosa, rugidos de leão e arrulhos de pomba, vae ao paço e dança deante da côrte a chacota das intrigas politicas. Dize aos chefes dos partidos que duas vezes somos creanças, mas que, com a meninice, não voltam as forças da mocidade para reeditar a vida nova. Bate de mansinho ás portas dos gabinetes dos ministros e faze-lhes sentir, com a tua voz mais melliflua, que és a irresistivel seducção feminina com os memoriaes dos pretendentes.

Se passares por um deputado segredalhe ao ouvido que és a batota eleitoral, e, se elle fôr da maioria, prega-lhe um susto, dizendo-lhe que o ministerio está em crise. Põe um dedo sobre a mola do cofre das graças e faz saltar, como de uma caixa de boneco, um novo commissario regio. Pede ao Bordallo o seu lapis inimitavel e carica-

tura de passagem os leões decrepitos, que se encostam ás ombreiras das lojas do Chiado, julgando-se invulneraveis conquistadores. Pergunta ao infatigavel Jayme Pinto se elle nasceu nos dias pequenos e ao sympathico Tabordinha se nasceu nos dias grandes. . .

Ah! mas tu não te moves, mazorral e pachorrento artigo de fundo! Tens medo de perder a tua grave compostura burgueza? Não tens elegancia nem agilidade; quem te tira dos habitos caseiros é o teu peor inimigo; é o zangão que entra na tua colmeia.

Falta-te a graça mordente e a tua palavra monotona não tem a musica da gargalhada estonteadora. Appareces funebre como se fôses um gato pingado, assistindo, de tocha na mão, aos funeraes do Entrudo. Não, não és um gnomo brincalhão, um silpho zombeteiro, disparando piparotes nos ridiculos sociaes. Com esses ares de phantasma shakspeariano não passas de um propheta, que vem, neste festim da loucura, annunciar a morte do Carnaval. Mas elle não morre, estira indefinidamente, na lama das ruas, a sua agonia secular. O desgraçado soffre a condemnação de Ashaverus, o judeu da lenda.

Estamos em terça-feira de Entrudo, mas achamos mais característica e verdadeira a phrase popular de *terça feira gorda*. Tudo isto é gordurento, porcalhão, nauseabundo. Os dichotes grosseiros enno-doam tanto como as camadas de pó que nos atiramos uns aos outros. E comtudo ha gente que ainda julga que foi curta a folia, que a desejára permanente.

A Igreja, no intuito de purificar moralmente estes desatinos, celebra na quarta feira a festa da cinza. Esta cerimonia, em vez de symbolica, bom fôra que se tornasse real. Sim, venha a cinza, não para ser polvilhada sobre a cabeça, mas para ser empregada em barrela, para lixiviar e limpar tudo. E se a barrela é pouco, empregue-se tambem a benzina.

O calendario está a pedir uma reforma radical. Em vez de quarta feira de cinza diga-se de preferencia — *quarta feira de barrela ou quarta feira de benzina*.

11-2-1902.

A paixão de Christo

Os judeus crucificaram o Divino Mestre entre dois malfeteiros, mas o seu cadaver, ao baixar do instrumento de supplicio, não era o de um criminoso, era o de um martyr, o corpo de um santo, o envolvero de um Deus.

Na sua pedra tumular não se inscreveu nenhuma palavra ignominiosa, mas os iniciados na sua doutrina poderam lêr em letras fulgurantes o mysterio da Resurreição.

A morte de Christo é apenas uma hibernação passageira, um somno transitorio, de que ha-de acordar em breve; a imagem do descanso depois de uma via-sacra dolorosa.

Choremos dôcemente, sem clamores afflictivos, para não accordar o somno do justo. O seu corpo, unguido com as lagrimas das santas mulheres, não o atacará a podridão dos vermes. A nossa dôr, sincera sim, deve ter o character da resignação. Não perturbemos, pois, a tranquillidade de quem repousa depois de uma jornada angustiosa.

Christo dorme e com elle dorme momentaneamente o soffrimento humano. A sua morte não é uma realidade; é uma apparencia; é um symbolo de esperança: é uma esperança de consolo e de resurreição definitiva.

Infelizmente, no alto do Golgotha, não expirou, com a dôr de Christo, a derradeira dôr da humanidade. A desgraça ainda impera com a sua corôa de espinhos na cabeça. A miseria ainda bebe as gotas de fel do calix da amargura.

Não desesperemos, comtudo, e tenhamos confiança n'aquelle que a tantos opprobrios se expoz para alcançar o nosso resgate. Se a redempção não foi completa, talvez em não remoto futuro surja o sol do bem, que tudo purifica. Dominemos a nossa impaciencia, que é ella por certo, em grande parte, a causa dos nossos males. Aprendamos com Jesus a supportar os golpes da desventura e nessa «imitação de Christo» teremos o maior quinhão de felicidade.

Christo dorme e o silencio do seu sepulchro é apenas profanado pelos passos das sentinellas pretorianas, que o estão guardando com receio de que os proselytos da nova religião venham roubar aquelles preciosos restos mortaes. Como elles se illudem no seu empenho e como a sua vigilancia é inutil e ridicula! A mariposa divina não deixou

sequer na terra a sua investidura terrena e o santo sepulchro ficou vazio, como era vazio de justiça e de generosidade o coração dos phariseus, que condemnaram o Filho de Maria.

Christo dorme e para que ninguem interrompa o somno remansoso do impecavel substituem-se os guardas pretorianos por vigia de mais confiança e mais do seu agrado.

Sabeis qual é? — A Caridade!

31-3-1904.

ARTIGOS NECROLOGICOS

El-rei D. Luiz

A ULTIMA VIAGEM DE EL-REI

Foi a mão da fatalidade que conduziu ao throno o monarcha recentemente fallecido. Se não fôsse a morte de seu irmão, tão prematuramente roubado aos cuidados do governo e aos carinhos do seu povo, o sr. D. Luiz continuaria a ser valente marinheiro, destinado a perpetuar as gloriosas tradições do infante D. Henrique.

Não se foge, porém, ao destino. Se a carreira marítima do sr. D. Luiz foi tão dolorosamente interrompida, se teve de abandonar esse viver dramatico do navio, foi junto do mar, embalado pelo murmúrio das ondas, que elle exhalou o derradeiro suspiro.

Quantas vezes ouvindo o marulhar das aguas, batendo melancolicamente nas muralhas da fortaleza de Cascaes, quantas vezes não acudiria saudoso á memoria de el-rei aquelle tempo alegre da sua mocidade, quando era o commandante do brigue *Pedro Nunes*?

E agora o seu primeiro somno de morte dorme-o elle sob a abobada gigantesca de Belem, esse templo consagrado pelo monarcha venturoso á mais feliz e á mais deslumbrante das expedições maritimas portuguezas!

Ah! se elle podera erguer-se da sua urna funeraria; se alguma coisa ha de irreductivel na existencia do homem e se o espirito do que morre, sobrevivendo á decomposição material, pudesse ter communicabilidade comnosco, como D. Luiz i pediria, crêmos nós, para que o deixassem descançar para sempre n'aquelle templo historico, onde lhe ficariam fazendo a côrte espectral a sombra de Vasco da Gama e a sombra de Camões, o nauta, como symbolo da sua carreira marítima, o poeta, como symbolo das suas predilecções litterarias!

El-rei dorme; dorme o somno do justo e se não o embalam os cantos das batalhas, embalam-n'o, todavia, os coros mysteriosos d'essas figuras debuxadas nos marmores manuelinos de Belem. Um dia, Edgar Quinet, entrando na formosissima igreja, traduziu o seu entusiasmo comparando-a á nau aventureosa, que vae á procura dos mundos desconhecidos. As elegantes columnas como que enrançadas de cabos, são os mastros do fatidico navio, que leva estampada nas vélas a cruz de Christo, e que traz, na volta da viagem, as páreas de Quiloa, os tributos da India, as ricas primicias da fauna e da flora oriental.

Assim como a realza que hontem nos dominava, não é hoje senão a expressão da materia inanimada, assim toda a nossa gloria maritima petrificou n'aquelle portico magestoso e n'aquellas naves mais magestosas ainda, sob as quais está descanzando o sr. D. Luiz I.

El-rei dorme; dorme no seu navio de pedra; dorme, como dorme a grandeza dos nossos tempos heroicos. Está em socego a sua alma bondosa como está em triste socego marasmatico aquelle espirito aventureoso que fazia dos nossos antepassados os primeiros dominadores do universo.

El-rei dorme; dorme no seu navio de pedra. Que Deus faça tão propicia a viagem da patria, como deve ser propicia a viagem d'aquella alma em procura do seu logar no empyreo!

24-10-1889.

João de Deus

O poeta das *Flores do Campo* não morreu cantando como o cysne, mas falleceu quasi tão suavemente como a avesinha, a quem o inverno paralysoou as azas e enregelou o coração.

Talis vita, finis ita.

A sua vida, sempre descuidosa, sempre despreocupada, embalada de continuo n'aquella musica das espheras que lhe cantava lá dentro, teve um remate similhante, quasi inesperado. A sua morte foi uma surpresa para todos, e elle, apenas a presentiu vagamente n'aquellas duas quadras, uma das suas derradeiras producções, em que traduziu melancolicamente a sua aspiração ao infinito.

Sentia-se attrahido pela outra patria, ouvia ao longe a voz da se-reia mysteriosa que o chamava, ninguem deu por isso senão elle e talvez em segredo se preparasse para a viagem. Tinha receio de affligir os seus, não queria magoar a esposa, não desejava anticipar a magoa da orphandade e da viuvez, e por isso se limitou a fazer a sua despedida nas quadras que hontem reproduzimos e que são ao mesmo tempo o seu bilhete de despedida e o seu passaporte para a eternidade.

João de Deus era um sonhador e um crente. Ninguem, como elle, definiu tão poeticamente a vida e nenhuma vida se extinguiu tão perfeitamente como elle a pintou. A sua poesia foi um vaticinio. Bem dizia elle que a vida é a sombra que foge e a nuvem que vòa. Hontem ainda João de Deus era a realidade palpavel; hoje é a nuvem que brilha em outro céo, céo que a nossa vista material não alcança e que só o nosso espirito entrevê atravez de uma esperanza consoladora.

João de Deus era um organismo delicado, feito inteiramente de amôr, harpa que só sabia vibrar tangida pelo sopro dos sentimentos mais puros. O riso da bondade desabrochava habitualmente, nos seus labios, labios puros como os de mãe que só beija a cabeça immaculada de seus filhos. A's vezes uma pontinha de mordacidade irritavalle a epiderme nervosa, mas o fulgor do sarcasmo passava rapido como uma faisca electrica. Os seus epigrammas empallidecem como rosas murchas, ao pé dos seus cantos lyricos, flores de primavera eterna, que reverdecem de dia para dia. A tristeza annuviava-o passageiramente, e se alguma vez, no auge do seu desanimo, chegou a lamentar-se *de ter nascido até*, essa melancolia desfazia-se depressa, mal despontava no horizonte o vulto impecavel de algumas d'essas mulheres formosas, que lhe davam a côr dos seus cabellos para a impressão da sua Biblia de amôr.

Ninguem se preocupou menos da gloria que João de Deus, e ninguem a pôde saborear tão á farta como elle. Não foi necessario que viesse a posteridade para lhe coroar a sua fronte immortal. Como Victor Hugo e como Tasso, o illustre poeta gosou a sua apotheose em vida. Elle não ambicionava tanto, porque não ambicionava coisa nenhuma, e quem sabe se o ardor d'essa grandiosa manifestação nacional, tão sincera e tão expontanea, não contribuiu para lhe abalar a sua organização melindrosa? A violeta recebeu de chofre o raio do sol tropical e queimou-se porventura n'aquella ardencia.

Não phantasiemos. No ardor d'aquella festa, João de Deus já pensava no quanto em breve o seu espirito brilharia em constellação mais

alta. O palpito da outra vida está reproduzido phonographicamente na quadra que elle escreveu de proposito para o numero especial que o *Diario de Noticias* publicou por essa occasião :

Que vindes cá fazer, oh mocidade ?
 Despedir-vos de mim ?... Quanto vos devo !
 Tambem levo de vós muita saudade !
 E em lá chegando á outra vida... escrevo.

A felicidade e a fortuna para João de Deus, cifravam-se em bem pequenina coisa. Deixassem-no devanear ; deixassem-no livremente cantar a mulher e amar os pequeninos, e todas as suas aspirações estavam satisfeitas. Era a flôr que deliciava nas frescuras da madrugada ; era o rouxinol que todo se enlevava n'um reflexo de luar. Era um philosopho que só via na natureza o encanto da creação e que só via na humanidade a harmonia do sentimento. Era um musico em toda a extensão da palavra. Ou versificando ou ensinando, cantava sempre. Os seus livros escolares não teem menos poesia que os outros. Interpretados e explicados por elle, é como se ouvissemos, feito por Lamartine, o commentario do *Cantico dos canticos*.

João de Deus é o representante genuino d'essa raça que habitou outr'ora o Algarve, quando aquella provincia era o jardim mais bello da peninsula. A sua physionomia tem o quer que seja d'um sectario do Propheta. A sua poesia imaginosa tem os perfumes das rosas de Damasco ; parece que foi feita para ser cantada nos terraços das cidades orientaes ou nos oasis, emquanto as caravanas descanzam e os camellos tosquiavam a herva.

Já alguém propoz, e a lembrança é digna de todo o louvor, que o enterro de João de Deus, á semilhança do de Victor Hugo, fôsse feito á custa do estado e com uma grandeza e ostentação verdadeiramente nacional. Seja-nos permittido de algum modo discordar d'este alvitre. O enterro do admiravel lyrico devera ser feito como o de um passarinho. Recordam-se de um quadro delicioso, da moderna escola franceza, em que é tratado um simiihante assumpto ? Esse quadro evocou-o agora naturalmente a nossa saudade. O cortejo funebre de João de Deus, devera ser um cortejo de creanças e um cortejo de flores.

Unicamente ?

Não : ás azas do caixão deveriam pegar todos esses vultos delicados que sahiram do seu cerebro eternamente juvenil e que formam a mais deslumbrante galeria feminina, o collar mais precioso de toda a nossa joalheria poetica.

Maria, a que elle via á porta a fazer meia, Beatriz, o collo que emballa as suas primicias de amor, Heresta, a flôr tenra como o vime e pura como a neve, Marina, a do dôce olhar como se nunca fosse toldado pela morte, a Sulamita, a mais formosa das moças de Jerusalem, Margarida, Rachel, vinde todas, estatuas de neve e vergonteadas de marfim, formae uma choreia em volta do seu sarcophago e cantae-lhe n'uma hosanna, o côro da mocidade e do lyrismo, o unico *De profundis* que pôde satisfazer a alma enternecida do poeta!

13-1-1896.

Eça de Queiroz

N'uma das suas ultimas cartas dizia o nosso correspondente de Paris que Ramalho Ortigão havia convencido o seu particular amigo e intimo confrade, Eça de Queiroz, a que abandonasse a capital da França e se refugiasse algum tempo na Suissa, onde de certo encontraria allivio aos seus padecimentos.

Ao lêr aquellas linhas, mal suppunhamos nós que a doença era tão grave, que o estado de saude do illustre enfermo era tão melindroso, que dentro de breves dias nos chegaria a desoladora nova da sua morte.

Ao menos teve por companheiro, nos ultimos dias da sua existencia, aquelle com quem conviveu na mais amavel confraternidade litteraria, no periodo aureo em que os dois luctadores magnetisavam o publico portuguez com o estylo scintillante e o espirito diabolicamente gracioso, que deram ás *Farpas* uma popularidade extraordinaria, tornando-as o espelho critico dos costumes sociaes da nossa geração contemporanea.

Devia ser consolador para Eça de Queiroz o ter junto de si, como suppômos, o mais carinhoso dos amigos; mas seria dolorosissimo para Ramalho este episodio da sua viagem. Mal pensaria elle, quando ha um mez partia alegre da estação do Rocio, que iria assistir aos funeraes do auctor do *Crime do Padre Amaro*!

Como o destino os uniu outra vez n'este crudelissimo lance!

E' cedo ainda para fazer a critica da obra do eminente escriptor, que acaba de fallecer, e da enorme influencia que exerceu sobre a litteratura contemporanea portugueza. Elle não tinha a fertilidade e

a pujança de Camillo; não possuía, como elle, em tão alto grao, as faculdades sentimentaes; não manejava uma linguagem tão sarcastica como a do auctor da *Bohemia do Espirito*; mas em compensação possuía outros dotes não menos notaveis e dignos de apreço. A viveza e ao mesmo tempo a minuciosidade com que descrevia o scenario e nos pintava as personagens dos seus romances, eram de uma perfeição inexcédível.

Camillo, Julio Diniz e Eça de Queiroz, são os três grandes representantes do romance portuguez do seculo XIX. Nenhum d'elles offusca o outro e seria desacerto se pretendessemos estabelecer confrontos para collocar qualquer d'elles n'um logar de inferioridade. Cada qual representa o seu typo e a sua escola. Camillo procede naturalmente do romantismo de 1830. Nos ultimos annos, á semelhança do que fez Verdi com relação á musica, modificou a sua maneira e mostrou no *Eusebio Macario* que milagres era capaz de operar a maleabilidade do seu talento. Julio Diniz pôde-se enfileirar na phalange dos Dickens e dos Henri Conscience. E' a singeleza na fórma e a delicadeza no sentimento.

As suas narrativas commovem e deleitam serenamente, n'um deslizar de paixões honestas, n'um enredo natural e captivante. Eça de Queiroz foi um revolucionario com relação aos dois, introduzindo a escola realista, seguindo os processos de Zola, sem, todavia, abdicar da originalidade, que lhe davam o seu espirito profundamente observador e o seu estylo fundido em moldes especiaes.

O seu *Crime do Padre Amaro* produziu uma impressão enorme; e se, nos espiritos mais candidos e susceptiveis, despertou um grito de revolta, contribuiu, todavia, para dar-lhe o logar de primasia que desde então não deixou de occupar, affirmando cada vez mais o seu nome nas produções successivas, que tiveram um acolhimento fóra do commum na bibliographia portugueza. Os seus romances fôram talvez os livros que os nossos editores compraram por mais elevado preço.

Eça de Queiroz tinha um aspecto franzino, doentio, o typo da familia e por certo foi victima da doença que tem immolado os seus outros irmãos. A sua nevrose dominava, porém, o organismo e o seu trabalho pôde considerar-se de primeira ordem, embora não seja muito extensa a lista das suas produções. Alguns dos seus romances, como os *Maias*, são de largo folego e de uma estrutura muito trabalhada. Eça de Queiroz nunca estava satisfeito com o que lhe sabia primitivamente da penna, e remodelava constantemente a fórma. Quem fizer um estudo attento sobre as suas provas typographicas, não dei-

xará de receber uma curiosa impressão sobre a mobilidade d'aquelle cerebro, sobre a physiologia d'aquelle character litterario.

Eça de Queiroz é um nome brilhante que se apagou para a vida mundana, mas é uma personalidade que se destaca no horizonte da litteratura portugueza do seculo XIX.

Perante o seu cadaver, que seria vergonha deixar ficar em terra estrangeira, só nos resta lamentar a sua grandissima perda e prestar-lhe a homenagem que é devida ao seu talento prestigioso.

18-8-1900.

Thomaz Ribeiro

Dizer que a poesia portugueza está de luto pela morte de Thomaz Ribeiro seria uma banalidade inferior ao merecimento do homem eminente que as letras patrias acabam de perder.

A morte de um poeta devia ser chorada na lyra de outro poeta. O derradeiro canto do cysne que expira só pôde ecoar dolente ou nos sonetos petrarchistas de Camões ou nas suavissimas endeixas de Christovão Falcão.

Thomaz Ribeiro não era um simples versificador, elegante e harmonioso; era um poeta em toda a extensão da palavra, uma natureza eminentemente fadada para enlevar-se e enlevar-nos no seu canto.

Foi em 1862 que elle fez a sua principal apparição no mundo litterario, causando extraordinaria e empolgante surpresa com o seu *D. Jayme*, poema ao mesmo tempo pastoril e epico, impregnado do perfume suave das flôres do campo, vibrante egualmente de paixão amorosa e patriótica.

Pouco depois publicou-se, em outro volume, o *Poema da mocidade*, mas o verdadeiro poema da mocidade era o *D. Jayme*, cheio de frescura e de enthusiasmo juvenil, murmureante como o Pavia em tardes calmosas de verão, irrequieto e impetuoso como esse translucido riacho quando o engrossam as trovoadas do inverno. O idyllo e o drama faziam ali a sua junção á semelhança da hera que se enrosca no annoso tronco d'um carvalho.

D. Jayme é o protagonista, mas no romance poetico de Thomaz Ribeiro, que d'esta maneira, sem offensa, se pode classificar, personagens ha que não brilham com menos intensidade, embora as suas

figuras sejam mais modestas, d'um colorido e d'um desenho mais suave. Que adoravel o typo de Anninhas e que nobreza no porte e nas palavras de D. Martinho!

Quando Thomaz Ribeiro appareceu em Lisboa com o seu livro na mão e o leu em casa de Castilho, era homem feito, mas dotado ainda de todas as graças e requebros da juvenildade. Era o que se chamava um homem perfeito, bello sim, mas não d'essa formosura feminina, de olhares languidos, de physionomia pallida. Tinha a palavra dôce, melodiosa como os seus versos, mas era em tudo um typo de beirão, representante d'uma raça energica, como se ainda lhe girasse nas veias o sangue de Viriato. A vida universitaria não o tinha amollecido nem a carta de bacharel era um titulo de degeneração physica.

Não foi só nos circulos litterarios que Thomaz Ribeiro conquistou desde logo o seu logar primacial; na sociedade elegante, em toda a parte era recebido com um enthusiasmo que elle retribuia com as mais delicadas e insinuantes maneiras. A sua *Judia* recitava-se em todas as salas, popularisou-se de subito e era quasi vergonha que uma menina que se prezava não a soubesse de cór.

Antonio Feliciano de Castilho foi o padrinho do *D. Jayme* e a prenda com que elle brindou o neophyto foi a celebradissima *Conversação preambular*, esse admiravel trecho de critica, que depois tantos desgostos havia de causar, nos ultimos annos da sua longa e tão benemerita existencia, ao cantor dos *Ciumes do Bardo*. Como era natural, os calorosos applausos ao *D. Jayme* suscitaram uma reacção apaixonada e até violenta, dando origem a essa famosa questão do *Bom senso* e *Bom gosto*, dividindo, artificialmente por certo, em duas as escolas litterarias do paiz — a de Coimbra e a de Lisboa, chegando até por este motivo a terçarem armas no campo da honra dois escriptores, que alcançaram depois justificado renome, um na poesia, outro na prosa — Anthero e Ramalho.

Poucos livros de versos teem alcançado entre nós tão notavel exito como o *D. Jayme*, cujas edições se teem multiplicado successivamente tanto em Portugal como no Brasil. Não obstante este resultado, uma certa parcialidade procurou lançar o descredito sobre o livro, cobrindo-o até de ridiculo. Ha annos que Thomaz Ribeiro já não era aquella divindade que recebera tão fervorosos cultos. A conspiração do desdem e a conspiração do silencio haviam conseguido alguma cousa do seu perfido intento, mas a imparcialidade e a justiça hão-de fazer luz e triumphar.

Thomaz Ribeiro era dos raros que sabiam conversar e a sua palestra, por muito longa que fôsse, jámais enfastiava. Quem escreve

estas linhas encontrou-se ha annos com elle n'uma carruagem de caminho de ferro, e desde a estação de Santa Apollonia até á estação de Campanhã, foi elle quem fez, como prodigo e como fidalgo, quasi todas as despezas do colloquio.

Era tambem um orador parlamentar distinctissimo, embora por vezes um pouco prolixo e alambicado. Ouvimol-o uma vez, n'uma sessão nocturna da camara dos deputados, em resposta a Antonio Candido, e o primeiro quarto de hora, em que usou da palavra, foi de uma eloquencia fascinadora, crivando da mais fina ironia o seu adversario. Se tivesse encerrado por ahi o seu discurso, poucas vezes o nosso parlamento teria ficado sob a pressão offegante de um trecho oratorio mais vehemente e ao mesmo tempo de mais delicada estructura.

Thomaz Ribeiro foi tambem um prosador primoroso, um funcionario distincto, um politico e um estadista de valia, mas de todas as joias que fulguraram na sua corôa de escriptor e de homem publico nenhuma tem o brilho do *D. Jayme*.

A *Delphina do Mal*, postoque encerre algumas passagens de primeira ordem, é em relação áquelle, o mesmo que a sombra em relação á estatua. Nos *Sons que passam* e em alguns dos outros volumes de versos, colhem-se flôres deliciosas, com que muitos poetas se julgariam felizes de enfeitar as suas grinaldas.

Thomaz Ribeiro amava com fé viva a sua patria e pintou como ninguem o seu delicioso torrão natal — *que fresca aldeia vigosa nas margens do meu Pavia!* Portugal daria uma prova de envilecida ingratidão, se não acompanhasse com a mais profunda, sincera e lancinante dôr o cortejo do poeta, e se lhe não retribuísse com equal ardor o affecto que elle lhe votou.

Honremos quem tanto nos honrou, que é esse o mais augusto dos deveres civicos, e a prova mais evidente de que uma nação não está tão corrompida, que não saiba venerar a memoria d'aquelles que a glorificaram tanto.

7-2-1901.

José Germano da Cunha *

A vida, longe de ser um dom benefico, não é senão um encargo pesadissimo, quando serve unicamente para assistir ao cortejo funebre d'aquelles a quem mais prezamos e estremecemos.

O outono da existencia é como o outono da natureza. Quando nos circula nas veias o sangue da mocidade, a queda das folhas é um phenomeno occasional, quasi indifferente, que apenas nos deixa um rasto de melancolia quando o vento passa suspirando nos solitarios troncos. No declinar dos annos, uma folha que se desprega da arvore da amizade é como fibra que se arranca, n'um extremo de violencia, do coração sensível.

A morte inesperada de José Germano da Cunha como que produziu em mim um ataque de somnambulismo.

Continuo debaixo de uma impressão extranha, e, embora no meu espirito já tenha entrado um raio de luz mais serena, custa-me ainda admittir a realidade. Se eu pudesse, desejaria ir por mim proprio verificar a authenticidade do facto pungentissimo, collando o meu ouvido sobre o seu coração, para certificar-me de que este orgão precioso, urna de tantos affectos, havia finalmente deixado de pulsar no rythmo cadenciado dos sentimentos mais puros.

Nunca me passou pela mente — e quem o poderia imaginar! — que o seu ultimo livro ** fôsse o seu testamento litterario. Elle proprio entrelaçou, apenas com um mez de autecipação, o ramo de flôres poeticas que lhe havia de ornamentar a sepultura. Essas flôres, que riam então, rosas da alegria, n'uma risada crystallina, vertem hoje, suspiros e goivos, o mais saudoso dos prantos.

Felizmente que elle assistiu ao remate da sua obra, recebendo o applauso dos que lhe admiravam o engenho festivo.

— Bem! — dizia-lhe eu, na hora da despedida, alludindo a uma das suas mais galhofeiras e conceituosas composições poeticas — es-

* Este artigo, dedicado á memoria do escritor e poeta José Germano da Cunha, pae do director do *Diario de Noticias*, e publicado dois dias depois da sua morte, foi o unico, dos cem incluidos neste volume e insertos naquele jornal, que o Dr. Sousa Viterbo firmou com o seu nome.

** *Entre Sombras*, Lisboa, Tipografia Universal, 1903.

pero que lhe não succederá o mesmo que ao seu *Cabaço* *. Não lhe faltará a inspiração e a sua musa não ha-de ficar perpetuamente em ferias, durante o veraneio, n'uma indesculpavel ociosidade. Quando regresso, espero que nos deliciará com a leitura de novos e desopilantes versos!

Elle teve um sorriso ligeiramente magoado, exclamando: «Quem sabe se nos tornaremos a vêr!» **

Foi um lampejo de desalento que lhe passou rapido, e logo, recuperando a sua habitual expressão de inquebrantavel contentamento, desafogou uma esperança e contrahiu uma promessa.

A esperança evaporou-se como uma gotta de orvalho em folha de trevo exposta ás ardentias de um sol canicular. A promessa foi um voto que não teve execução na terra, mas que talvez se cumpra nas regiões ethereas, entrevistas nos sonhos dos poetas. Tudo sonho! poderia dizer agora a alma do saudoso extinto, muito melhor e com mais fundamento ainda que Calderon de la Barca.

Para quem fica, não se estando iniciado na catastrophe, não se prevendo o fatal desenlace, a morte de José Germano causa um estremecimento nervoso, que nenhum instrumento saberia registrar, que nenhuma penna saberia descrever. Para elle, porém, o golpe fulminante quasi se póde considerar uma complacencia do destino. Muitas vezes me dizia elle: «Soffro resignadamente a perda da vista; chego até a esquecer-me de que sou cego, mas faltar-me-hia a coragem para resistir se fôsse atacado de uma molestia com dôres violentas».

Consola-nos a certeza de que a sua doença foi rapida e de que o não fez passar pelas excruciantes torturas que tanto o apavoravam. A dôr soffremol-a nós, os que choramos a sua ausencia!

5-8-1903.

* Protagonista de uma das mais chistosas poesias do livro — *Photographias* publicado, em 1.^a edição, em 1890, e em 2.^a edição, em 1893.

** Esta maneira de dizer era um simples euphemismo, porque, a esse tempo, tanto o Dr. Sousa Viterbo como José Germano da Cunha, estavam cegos havia muito.

Raphael Bordallo Pinheiro

A profissão de jornalista traz encargos dolorosíssimos, que ninguém, por mais leviano que seja, nos poderia invejar.

Escrevemos debaixo de uma impressão intraduzível, e raras vezes, na nossa existencia jornalística, nos custou tanto a cumprir este dever.

A impressão que nos opprime não é, infelizmente, pessoal; sente-a, egualmente, toda a imprensa periodica, sente-a o paiz inteiro.

E' com os olhos marejados de lagrimas, é com a mão tremula, é com o coração palpitante, é com o pensamento desvairado, que registamos um facto, que representa um luto nacional.

Quando nos trouxeram a tristissima nova, quando nos communicaram que Bordallo havia soltado o derradeiro alento, custou-nos a acreditar no fatal desenlace e soltámos, soluçante, estas desconexas phrases:

— Não será isto um sonho? Não estaremos sob a impressão de um pezadelo? Não será isto uma allucinação do nosso espirito? Não será um engano dos nossos sentidos?

Não. A triste realidade é superior a todas as duvidas, a todas as negativas, que ousassemos oppôr-lhe. Temos de nos vergar ao pezo d'esta fatalidade.

Raphael Bordallo, o eminente, o glorioso artista, deixou de existir. Não é só a arte nacional que se veste de crepes; é a alma popular que está de luto, porque ninguém melhor do que elle soube traduzir o sentimento e as aspirações do povo.

Fazer a sua apothese n'este momento quasi seria offender a sua memoria e profanar o nosso desgosto.

O silencio, n'este transe amargurado, é o maior elogio que se lhe póde fazer. O silencio, não, porque os soluços não se podem comprimir e as lagrimas não são bastantes para ungir piedosamente este cadaver.

De ha muito que Raphael Bordallo entrára na immortalidade. Os seus contemporaneos haviam-n'o glorificado em vida, e elle desaparece agora em toda a fulguração do genio, quando tudo nos dava a gratissima esperanza de que ainda se não havia posto o derradeiro sêllo na sua obra portentosa.

Falar n'este momento de Bordallo, é, para um dos seus queridos e extremos amigos, mais do que uma crueldade, é uma condemnação.

Ha mortes que nos deixam resignados; a morte de Bordallo produz desespero.

O destino tem brutalidades que se não perdôam: esta é uma d'ellas!

*

* * *

Passado o momento de sobresalto, serenado um pouco o nosso espirito, buscámos na resignação uma gotta de balsamo para o nosso cruciante soffrimento, e o que mais nos pesa é que um vislumbre de esperança nos fizesse acreditar que a preciosa existencia de Bordallo ainda se prolongaria por algum tempo.

A morte costuma ter destas ironias. Quando está para despedir o seu golpe de misericordia, como que espalha um sopro de vida no rosto d'aquelle, que está fatalmente destinado ao sacrificio.

As melhoras que Bordallo experimentou no sabbado serviram apenas para despertar na sua familia uma illusão passageira.

No sabbado ainda o glorioso artista pensava em reproduzir no papel alguns dos pensamentos, que nunca deixaram de preoccupar o seu espirito creador.

A sua pujança artistica não declinára com os estragos de uma lesão que de ha muito o vinha minando, e contra a qual elle resistia com uma força para assim dizer inconsciente, a eterna juventude do seu talento.

Entrado na idade viril Bordallo nem assim perdera nenhuma daquellas qualidades brilhantes, que, desde os primeiros annos; assentaram desde logo os marcos triumphaes da sua carreira luminosa.

Bordallo traduziu em barro, uma figura gentil, a canção delicadissima, tão subtil e tão popular, da «Margarida vae á fonte».

O ceramista soube imprimir num dos seus ultimos trabalhos, a inspiração do poeta e do compositor. O barro fala-nos musicalmente, numa adoravel melopeia, cujos segredos pertencem exclusivamente aos homens de genio.

Á semilhança de «Margarida», Bordallo tambem vae a essa fonte do infinito, para a qual acaba de partir, na mais santa de todas as peregrinações, na mais mysteriosa de todas as romagens.

Parte, e com elle vae o adeus saudoso dos innumerados amigos e admiradores, que tanto o aclamaram em vida e lhe restam fieis no culto da morte!

ARTIGOS DOCTRINARIOS, HISTORICOS E LITTERARIOS

As corridas de touros

E' vulgar na litteratura franceza dizer-se que a Africa principia nos Pyreneus e um dos principaes motivos d'esta affirmação baseava-se na selvajaria das corridas de touros.

Se quizessemos tirar a desforra, estavamos de sobra vingados com o que se tem passado recentemente em França. A Africa principia muito para lá dos Pyreneus.

E' extraordinario como o enthusiasmo pelas corridas de touros se tem desenvolvido ultimamente em França; na França do sul, bem entendido, porque á França do norte repugna similhante spectaculo.

Os touros de morte são prohibidos por lei, mas são os touros de morte que as populações meridionaes mais apreciam. Em Nîmes, a auctoridade permittiu esse prazer popular, mas em Marselha, como não fôsse tolerado, o povo, desconsiderando a policia, incendiou a praça. Por certo que este facto não acredita muito a educação franceza e é um triste documento do respeito que ali se observa pela lei.

Entre nós — caso curioso! — tambem tem recrudescido o fervor por similhantes espectaculos e não faltam apaixonados que bateriam as palmas de contentamento se vissem o matador exercer em toda a realidade o seu officio. O seu officio? Perdão, a sua arte, porque o toureiro preza-se de artista.

Será isto um bem? Será isto um mal? Significará um retrocesso na educação popular?

Sob o ponto de vista altamente humanitario e civilizador, as corridas de touros não só teem de ser, mas são até condemnaveis. Ha todavia circumstancias attenuantes, que as desculpam e até as justi-

ficam. A peninsula não tem um divertimento mais nacional, mais comovente, que mais se harmonise com a sua psychologia. E' uma questão mais de temperamento que de raciocinio. E' um espectáculo que fala aos sentidos sem falar á intelligencia, embora se tenha de admirar a destreza do toureiro. O cheiro do sangue excita como o cheiro da polvora, e o espectador, palpitante o coração, segue ancioso todas as peripecias da luta. E' o bello repugnante.

Uma circumstancia importante nos surprehenderia, se a contradição não fôsse tantas vezes a norma do espirito humano. Individuos, que se revoltam contra a aguilhada que um carreiro enterra n'um boi, applaudem delirantes o cravar das farpas no cachaço do touro. Almas sensiveis que se indignam contra o pingalim com que um cocheiro fustiga a sua parilha, ficam extasiadas deante do estrebuchar dos cavallos, furados pelo punhal corneo das hastes taurinas. Como conciliar estes dois sentimentos antagonicos?

De accordo que a tourada é dos divertimentos mais caracteristicos e tradicionaes da peninsula. A Hespanha acabaria de perder o seu pittoresco se lhe fechassem as suas praças de touros. O mesmo approximadamente se póde dizer ácerca de Portugal. E' vêr a affluencia de espectadores que accorreu agora do nosso paiz, tanto do sul como do norte, ás arenas de Badajoz e de Vigo. Isto, porém, não justifica o espectáculo, demonstra apenas que elle está inveterado nos nossos habitos, e que ha-de ser muito difficil extinguil-o, deprecial-o, substituil-o por qualquer outro.

A corrida de touros não se discute como não se discute uma paixão. Gosta-se ou aborrece-se o espectáculo, como se gosta ou se aborrece uma mulher. Não se comprehende mesmo uma tourada sem o cortejo das manolas, assim como não se comprehende o dia do *grand prix* em Longchamps sem os esplendores do *demi-monde*.

Um artista da palheta deixa-se facilmente seduzir por todos os attractivos que offerece uma praça e não admira que a pintura hespanhola tenha buscado tão repetidas vezes a sua inspiração no estonteador ambiente do torneio. Escriutores de fama teem descripto tambem com côres deslumbrantes o quadro cheio de animação que offerece uma praça de touros em dia solemne, quando algum matador de fama executa algumas das suas mais arrojadas sortes. Outros, porém, não se limitam a patentear o seu talento descriptivo, a transmittir a sua impressionabilidade, mas vão mais longe e fazem a apologia da tourada como um dos mais poderosos e suggestivos elementos da educação physica nacional. Não será isto um paradoxo?

De accordo que a corrida de touros é um espectáculo, que nos in-

cita ao desprezo da vida e a encarar temerariamente o perigo, mas estas condições adquirem-se igualmente por outros meios, até pelo simples influxo moral. Póde alguém porventura pôr em duvida o valor physico da Allemanha, essa nação épica, em que todo o cidadão faz heroicamente o officio de soldado? E a Allemanha não experimenta a sua virilidade em corridas de touros. Demais, para que uma praça se tornasse escola de gymnastica, fôra necessario que todos os homens validos tomassem parte n'esse exercicio, e não fôsse o exclusivo d'uma profissão.

Mas para que é estar a discutir um problema, que só se resolve, como dissémos, pela paixão e não pelo raciocinio?

Apostamos até que o leitor, ao acabar de saborear o nosso artigo, se teve a pachorra de o digerir, exclamará, lançando o jornal para o lado :

A los toros ! A los toros !

26-8-1891.

A bandeira portugueza—O respeito que se lhe deve

Nada mais interessante e glorioso que a historia da bandeira portugueza atravez da sua evolução secular. Que dolorosas vicissitudes, mas que trechos heroicos, de verdadeira epopeia, escriptos n'esse bocado de panno, que se desfraldou outr'ora ovante em todos os oceanos, e que tremulou ufano na indefinida serie de fortalezas que orlavam as praias do velho e novo mundo, desde Ceuta aos archipelagos do extremo Oriente, das ilhas de Cabo Verde ás costa do Brazil!

Fazer a historia da bandeira portugueza seria o mesmo que escrever um Romanceiro. Que pagina soberba nos não forneceria a tenacidade de Duarte de Almeida, deixando-se acutilar, defendendo com os dentes, quando já não podia defender com as mãos, a insignia da patria, que lhe fôra confiada na batalha de Toro!

E se ha paginas de um vigor tragico e de um colorido dramático, não raro apparecem tambem os episodios risonhos, que são como um raio de sol benefico a desfazer a atmospherá calliginosa da guerra. Um d'esses episodios pittorescos encontra-o-heis na chronica de Fer-

não Lopes, quando nos conta os accidentes finaes da batalha de Aljubarrota. Repousava o Mestre de Aviz das suas fadigas, quando lhe apparece bailando Antão Vasques, cavalleiro, que vinha embrulhado na bandeira real de Castella, e depois de dançar, se desembaraçou d'ella e a deitou ao regaço de el-rei. Nunca D. João I viu dança que mais o alegrasse, nem recebeu dadiva que lhe produzisse maior contentamento.

Em toda a parte a bandeira é o symbolo mais augusto do sentimento patriotico, e é com os olhos fitos n'ella que o soldado se arroja a todos os perigos, combatendo com a maior heroicidade. Quanto mais esfarrapada dos combates, quanto mais esfuracada das balas, quanto mais ennegrecida da polvora, tanto mais enthusiasmo causará n'aquelles que a hasteiam e que se sacrificam gostosamente para que ella não vá augmentar os despojos do inimigo. Aquelle trapo é um verdadeiro talisman; a haste em que elle tremula tem um iman mysterioso que attrae o coração do soldado, por mais rude que seja, ou quanto mais rude é.

Em França, na Allemanha, nos outros paizes que se prezam de civilizados, a bandeira não recebe sómente as homenagens militares, tem um culto verdadeiramente patriotico, e assim devêra ser. Ainda ha pouco liamos nós um artigo d'uma folha parisiense, em que se debatia o assumpto, e em que se fazia sentir quanto era necessario que na educação da infancia e da mocidade se fizesse inculcar esse respeito. Ha muita gente que se descobre respeitosaente diante de uma bandeira militar, mas ha outros que passam com indifferença, sem fazerem sequer menção de se descobrir. Era contra este indifferentismo que a folha parisiense se insurgia, e o seu artigo produziu effeito, porque não faltaram senhoras que o interrogaram sobre a fórma como haviam de demonstrar a sua consideração. E a resposta foi — que bastava uma inclinação de cabeça.

Entre nós, que tanto blasonamos das nossas tradições historicas, é raro vêr alguém dar esse testemunho de delicadesa e de respeito ao passar a bandeira de um regimento. Não está nos nossos habitos, e o forasteiro nota com estranhesa esta falta. O mesmo acontece ao passar de um feretro. Parece que não temos a religião da patria, assim como não temos a religião dos mortos. Mas ha uma cousa peor que a indifferença; é o desrespeito. Ha poucos dias, n'uma casa de espectaculos de Lisboa, um artista fazia certas habilidades, em que desenrolava algumas bandeiras nacionaes, acompanhadas do toque do respectivo hymno. Quando chegou a vez da nossa não só não se applaudiu, mas houve até alguém que dêsse signaes de desagrado. E o pu-

blico em massa não protestou, como lhe cumpria. Não presencéamos o facto, mas ouvimos-o contar por pessoa, cujo testemunho é superior a toda a suspeita.

O symptoma é deplorabilissimo e demonstra o nosso estado de abatimento, a grande perturbação mental dos nossos cerebros.

E todavia se ha bandeira que possa erguer-se desassombrada e orgulhosa de seus feitos é a portugueza.

Pobre bandeira, tão gloriosa e tão desdenhada dos teus naturaes !

15-11-1892.

Um apologo e um proverbio — Como se poderiam applicar convenientemente ao nosso paiz.

Houve um homem que nasceu na abundancia e que herdou bastantes bens da sua familia. Como lhe custasse pouco a ganhar, foi dissipando pouco a pouco o patrimonio, pedindo de emprestimo e empenhando com usura, que é a peor maneira d'uma pessoa se desfazer do que tem. A miseria quasi que lhe chegou a bater á porta, e o nosso homem sem tomar uma resolução definitiva, que pozesse termo á sua vida desordenada ! Os poucos recursos, que lhe restavam, ainda podiam ser um elemento de restauro, mas a falta de iniciativa inutilisava-os quasi completamente. O principal d'esses recursos era o trabalho, mas custa a lançar mão d'elle, quando se foi exclusivamente educado no goso.

Apertado com todo o rigor pelas circumstancia, o nosso homem bateu á porta dos amigos e dos onzeneiros, mas estes, como já não viam penhor, fechavam-lhe a porta e aquelles, quando muito, levavam a sua generosidade a dar-lhe conselhos. Foi uma via-sacra dolorosissima, que o encheu de vergonha, mas que lhe estimulou os brios e o obrigou finalmente a mudar de rumo. Quando vinha pelo caminho já trazia o seu fito feito, e quando chegou a casa tomou o firme proposito de emenda. Tinha reconhecido á saciedade que mais uma vez se verificára n'elle o proloquio : *fui a casa do meu visinho, envergonhei-me: vim para a minha, remediei-me.*

Portugal está aqui personificado no protagonista d'esta historia, com a differença, porém, de que ainda não lhe chegou o dia da emenda e da correcção completa. Está sempre a pedir emprestado: o dinheiro, as modas, os costumes, a linguagem, e não se olha ao espelho da consciencia para vêr como o desnatura esta roupagem estrangeira, com que tão desvairadamente se pretende engalanar.

A titulo de que era necessario desenvolver o progresso material do paiz, não duvidámos pedir grossas sommas aos mercados externos, e hoje o nosso credito anda arrastado por essas praças, sem esperanças de tão cedo sairmos, de cabeça erguida, d'estes embaraços financeiros. Se aproveitassemos convenientemente as nossas economias, não teriamos porventura tão desenvolvida a nossa rede de estradas e de caminhos de ferro, mas gosariamos de uma situação desafogada, que nos permittiria entrar com desassombro em todos os melhoramentos materiaes.

A nossa lingua é sem duvida uma das mais ricas das litteraturas neo-latinas, e não obstante como que fazemos gala de nos servirmos de palavras e maneiras de dizer, que repugnam á indole da lingua de Camões e de Vieira. Defendemo-nos com a pobreza, quando a pobreza é apenas ignorancia.

Não temos confiança no trabalho nacional e por isso a nossa industria só intenta alguma cousa á custa de uma protecção illimitada, que redunde em prejuizo do contribuinte, e que concorre em pequena escala para o desenvolvimento do trabalho fabril.

Em muito poucas cousas temos aprendido a utilizar a prata da casa. Citaremos, todavia, com excepção honrosa, o ensino scientifico. Antigamente raros eram os estabelecimentos de ensino superior que não contavam numerosos professores estrangeiros. Quando D. João III e D. José, ou antes o marquez de Pombal, reformaram a universidade, tiveram de chamar grande numero de sabios de varias nacionalidades.

Felizmente que as nossas grandes emprezas maritimas tiveram sempre o nome d'um navegante illustre portuguez a rubrical-as: um Bartholomeu Dias, um Vasco da Gama, os Côrtes-Reaes, um Pedro Alvares, um Heredia, e tantos outros. Contam-se tambem n'essa lista alguns italianos, como Cadamosto e Vespuccio, mas fôram auxiliares, que exerceram um papel secundario.

Como Portugal poderia, senão readquirir a sua antiga importancia historica, pelo menos conservar um logar respeitavel entre os demais povos, se elle se compenetrasse firmemente de que tem em seu

poder os elementos de regeneração, e que bastaria um pouco de esforço para se libertar da tutela que sobre elle exercem, sob tantos pontos de vista, algumas nações da Europa!

29-12-1892.

O que fômos e o que sômos—Virtudes perdidas, vícios herdados

Quem lê João de Barros, Castanheda, Couto, Mendes Pinto e sobretudo Gaspar Correia, o mais ingenuo e pittoresco de todos os chronicistas indianos, fica assombrado com a extraordinaria energia de nossos avós, mas sente ao mesmo tempo certa magua e turbação ao vêr as crueldades e desatinos commettidos. Erros dos homens e erros da epoca, que fazem um contraste frisantissimo com as opiniões da actualidade.

É, porém, nos officios e cartas particulares, que se conservam na sua maxima parte ineditos, que se pôde estudar em todas as suas phases, com o mais palpitante realismo, o que ha de fragil e quebradiço no bronze d'essa epopeia ultramarina, que tantas vezes assume um character sobrehumano. E' ahi que se vê o calcanhar de Achilles de todos os heroes, é ahi que as manchas apparecem a toldar as reputações mais luminosas, os caracteres mais impolutos. Penetra-se na intimidade dos semi-deuses e muitas vezes como que ha vontade de os derribar do seu lendario pedestal de gloria.

Não havia então imprensa periodica, mas as cartas que vinham nas náos da India equivaliam aos jornaes da actualidade. Escrevia-se ao rei com um desassombro e com uma familiaridade que não deixa de causar surpresa. Vê-se ali, n'esses documentos, que já vem de longe, de muito longe, a nossa indole critiqueira e maldizente. Como agora, dizia-se mal de tudo e só se achava bom o que cada um fazia. Quando se elogiava, era a affeição pessoal e interesseira que movia a penna. Estava-se no alvorecer do imperio indiano, e já se dizia que o governo da India ia por agua abaixo. A grandeza epica dos feitos de Albuquerque não fazia calar os remoques de Antonio Real e dos Morenos.

Tem-se de fazer grande abatimento em todas essas apreciações

apaixonadas, mas por maior que seja o desconto, é indubitavel que démos sempre, no nosso regimen colonial, numerosas provas de desleixo administrativo. Como agora, os funcionarios que mandavamos para o ultramar iam como recompensa de serviço, fiados em fazer fortuna e de se pagarem por suas proprias mãos. O funcionalismo abundava extraordinariamente e absorvia quasi todas as rendas do estado. D'isto se queixava João Anes, mestre da ribeira ou estaleiro de Cochim, que, não contente em dar conta do que pertencia a seu cargo, se espraiava largamente em falar da desordem administrativa da India.

A carta que elle dirigiu em 1533 a D. João III, é curiosissima, não só pelos factos que narra, mas pelas considerações com que os acompanha. Dizia elle, que no tempo de D. Manuel não havia n'aquella cidade senão um feitor e tres escrivães, e agora — accrescenta — ha feitor e tres escrivães e thesoureiro e escrivães de thesoureiro e seis contadores com seis escrivães e escrivão da matricula e provedor de contos! Em tempo de D. Manuel havia fazenda e andava o dinheiro a rôdo; em tempo de D. João III, não havia nada, porque, se bem o contavam, bem o gastavam. Parece que João Anes está a fazer a critica da fiscalisação do sello nos phosphoros!

N'este ponto da carta ha uma phrase d'uma exacção e d'um pitoresco admiraveis, quando compara os officiaes da India com as gallinhas. Ha ahí gallinha que, ainda que a mettam n'um monte de trigo do tamanho d'uma casa, não deixará de esgaravatar. E os vossos officiaes — moralisa João Anes — ainda que lhes dêem muitos ordenados e poderes, não deixarão de furtar e mercadejar!

Em outra parte escreve; «quem cá mais rouba e mais leva, mais mercês alcança, e a tudo e a todos peita e tem tudo quanto quer».

Ha por certo exaggero na carta de João Anes, que reduzida a linguagem moderna, se tomaria por um artigo virulento da imprensa partidaria. Vejamo-nos n'este espelho e havemos de nos reconhecer em todos os sentidos, com a maxima fidelidade. N'este ponto não degeneramos da raça dos nossos antepassados. Ha todavia uma differença que nos deixa n'uma affrontosa inferioridade e baixeza. Se estas imperfeições corroíam a sociedade d'aquella epoca, em compensação havia um impulso de heroicidade, uma corrente de energia que levantava os homens do charco, em que as paixões e os interesses os mergulhavam de quando em quando. O quadro apresentava grandes e repugnantes manchas, mas os esplendores resgatavam á farta as sombras.

Infelizmente, a raça actual parece que esqueceu as virtudes antigas para afirmar que só herdou os vícios e defeitos.

Triste herança que devemos renegar, n'um impeto de brio, em beneficio do inventario!

30-12-1893.

Meios de ganhar a vida . . . honradamente

Quando uma pessoa visita uma terra, nutre sempre um certo prazer em adquirir um objecto qualquer, que tenha mais ou menos a característica local. Umas vezes esse objecto é uma simples recordação pessoal, uma lembrança que se destina á familia, um mero brinde com que desejamos presentear as pessoas da nossa amizade; outras vezes esse objecto tem um mais elevado fim e serve de base para um estudo ethnographico, industrial ou artistico. Quem é que percorrendo os pincaros da Suissa não traz gostoso algumas das esculpturasinhas de madeirã trabalhadas pelos montanhezes d'aquellas regiões alpestres e pittorescas?

Lá fóra, em toda a parte, a venda d'estes objectos da industria local, representa um dos mais importantes ramos de commercio. Entre nós, esta exploração acha-se ainda embryonaria, mal dirigida, e em muitas terras quasi completamente ignorada. Em algumas excursões que temos realisado no paiz, mais uma vez se nos offereceu o triste ensejo de verificar este facto.

Vianna, por exemplo, é uma povoação lindissima, uma cidade ridente, á foz d'um rio encantador. Possui os attractivos da natureza, a par dos attractivos da arte. As suas tradições, historicas e sociaes, synthetisadas e perpetuadas em alguns monumentos, não ficaram immobilisadas n'um quietismo descrente, antes se casam orgulhosas com as aspirações do progresso. A exposição que ali se acaba de realisar, demonstra a sua vitalidade, os seus recursos, as suas aptidões e o seu gosto artistico. No entanto, foi de balde que tentámos adquirir qualquer cousa, que recordasse a nossa visita e o prazer que sentimos ao contemplar as margens do Lima, tão decantadas pelos poetas do seculo xvi.

Caldas da Rainha é hoje uma das terras que melhor comprehendem a sua missão, e onde o forasteiro encontra mais variados meios

de satisfazer a sua curiosidade, graças sobretudo ás numerosas fabricas de faiança, estimuladas pelo talento e pelos modelos de Bordalo Pinheiro. Mas não é só a louça o unico attractivo industrial das Caldas: as canastrinhas de vime, tão delicadamente entrelaçadas, são um encanto, e os gulosos não deixam igualmente de apreciar as afamadas cavacas.

A culinaria ainda hoje é a especialidade que mais se destaca entre nós e que maior variedade offerece. O manjar branco e a arrufada de Coimbra, o pão de ló de Margaride, o pão dôce de Arouca, tão falado e tão appetitoso, as murcellas da mesma procedencia, as queijadas de Cintra, a marmellada de Odivellas, os pasteis de Tentugal e de Villa Real, os biscoitos e a regueifa de Vallongo, os ovos molles e os mexilhões de Aveiro, as falachas da Regua, as frigideiras de Braga, não são senão uma pequena parcella da grande lista da gulo-seima portugueza. Antigamente, os conventos de freiras é que tinham o segredo da maior parte d'estas especialidades, sendo para sentir que se não tenham conservado as receitas ou que se tenham adulterado os productos, em consequencia da carestia dos generos e do pouco escrupulo de quem os fabrica.

O Porto brilhava antigamente pela sua ourivesaria e os estrangeiros gostavam immenso dos typos archaicos, mas verdadeiramente artisticos, das arrecadas e dos corações de oiro em filigrana. Hoje, estes modelos vão-se abastardando e substituindo por outros d'um gosto absolutamente desgraçoso. As bolsas de prata e as figurinhas de barro, representando os costumes pittorescos do Minho, são ainda com justiça procuradas.

De Coimbra, do templo da sciencia, da cidade consagrada a Minerva, e onde a arte em todos os seculos deixou tão brilhantes reflexos, trareis um macinho de palitos, delicadamente trabalhados, e que vos fazem lembrar, ainda que remotamente, as esculpturas dos pastores suissos, a que já alludimos. E' singelo, é quasi primitivo, mas é característico.

A photographia podia representar um grande papel vulgarizador e até um importante elemento mercantil, se procurasse baratear mais os seus productos. Um photographo conimbricense, o sr. Sartorius, se não erramos o nome, tentou uma importante publicação destinada a popularisar os nossos monumentos e objectos artisticos, alguns d'elles de primeira ordem e completamente ignorados, mas, embora reconheçamos a alta valia da sua tentativa, digna de todo o favor, queremos parecer que ella alcançaria maior exito, se podesse ser d'um preço ao alcance das bolsas mais modestas.

Entre nós, ha pouca iniciativa e todos vão, como o rebanho de Panurgo, atrás uns dos outros, na esteira da imitação, sem abrir caminhos novos, sem se quererem arriscar em empresas menos sabidas, mas que poderiam ser d'um lucro certo e altamente compensador, sendo dirigidas com tino e administradas com zelo e honradez. Estamos persuadidos que faria um bello negocio a empresa que se propozesse fazer propaganda de todos os generos da industria local, facilitando a sua venda, em sitios accessiveis, que dessem na vista, nas estações dos caminhos de ferro principalmente.

Nas grandes cidades, como Lisboa e Porto, fundar-se-hiam bazares, onde se encontrassem todos esses productos, e onde o estrangeiro pudesse escolher á sua vontade. Os estabelecimentos dos srs. Drummond e do Gato Preto correspondem d'algum modo a este plano, mas poderiam ser ampliados, segundo as indicações que apresentamos, e que se nos afiguram plausiveis e uteis.

Portugal tem a belleza e a exuberancia do terreno, mas, apesar d'isso é um paiz pobre, porque não sabe explorar convenientemente as riquezas do terreno.

Este anno Baccho e Ceres, Pomona e Flora, sorriem por essas montados fóra, n'uma exuberancia consoladora e pampinosa, mas todos os nossos productos agricolas não são demais para acudir ao *deficit* da colheita cerealifera, e ao *deficit* industrial.

Precisamos aproveitar todos os nossos recursos, fazer dinheiro por todos os modos, mas honradamente, pelo esforço do trabalho e da intelligencia, e não pelo facil e ruinoso systema dos emprestimos, que até agora tinhamos adoptado, na mais indesculpavel e criminosa imprevidencia.

15-9-1893.

A linguagem—Espelho dos costumes

Preoccupava-se ha dias um critico francez com o desenvolvimento que ia tomando o *sobismo* da obscenidade, isto é, o impudor com que se ouvem e com que se applaudem, nos espectaculos publicos, certas passagens escabrosissimas, certos ditos picantes, certas phrases maliciosas, que outr'ora fariam baixar os olhos e subir o rubor ás faces. Pois vê-se tudo sem pestanejar, pois ouve-se tudo sem um gesto de indignação, de aborrecimento ou de nojo. Pelo contrario as scenas mais cheias de acepipe voluptuario, mais que voluptuario, pornographico, são escutadas com attenção, com delicia, com o virtuosismo do vicio. Meninas da mais fina sociedade comprazem-se na familiaridade de uma linguagem, que nunca devia sair do ambiente dos logares suspeitos, mas que vae adquirindo fóros de salão. Ora a linguagem é sem duvida o reflexo mais nitido dos nossos sentimentos, dos nossos principios educativos, dos nossos costumes, e desde que o callão é o instrumento intellectual da alta sociedade comprehende-se a que grande baixeza desceu o seu nivel moral, o seu estado d'alma. Que admira portanto que as *semi-virgens*, debuxadas n'uma das peças mais applaudidas da scena parisiense, apresentem os toques geraes e caracteristicos da mulher franceza contemporanea?

A chamada escola realista, e todas as suas derivadas, de consequencia em consequencia, de exagero em exagero, tem conduzido a este rebaixamento do espirito, a esta decadencia dos costumes, que tanto invade o cerebro como o coração. O sadismo não é uma feição nova na litteratura, mas antigamente liam-se ás escondidas esses livros, ao passo que hoje, como que é um acto de benemerencia sabel-os de cór. Rabelais e Molière dizem as cousas pelo seu nome, riem-se com a franca e sonora gargalhada gauleza, mas as suas liberdades não teem o caracter de torpe desenvoltura das producções modernas.

Quem lê o theatro de Gil Vicente, o nosso comediographo por excellencia, admira-se como elle não se pejava de proferir certas phrases do mais cru realismo deante d'uma côrte devota que principiava a allumiar as suas festas ao clarão das fogueiras inquisitoriaes e que misturava os aromas das especiarias do oriente com o cheiro nauseabundo da chacina dos christãos novos. No entanto Gil Vicente dizia tudo aquillo com uma bonhomia infantil, com uma ingenuidade, que

ainda hoje nos encanta. O typo da alcaiota, do monge frascario e tantos outros semelhantes, são flagellações do vicio e não incentivos á immoralidade como acontece actualmente.

Não queremos com isto dizer que tudo fôsse magnifico no *bon vieux temps* e que o modernismo esteja eivado de tudo quanto ha de peccaminoso. O que queremos fazer sentir simplesmente é que a sociedade está atravessando um periodo de retrocesso, de estacionamento pelo menos, e que longe de caminhar para a perfeição moral, está-se desviando do caminho que lhe pareciam naturalmente traçar as leis do progresso.

Longe de nós a pretensão que a sociedade deixe de rir, de divertir-se, de folgar. O prazer honesto e comedido é tão necessario como o pão para a boca. O mundo não deve ser um continuo valle de lagrimas como o querem os ascetas e os pessimistas. Sem um raio de alegria a vida é como o céu sem um raio de sol. O riso, não o riso alvar ou o riso chocarreiro, é uma das mais bellas manifestações da vida e uma força de resistencia indispensavel para levar de vencida, sem azedume, sem reluctancia, com coragem, os mil obstaculos que a cada passo nos tohem a carreira.

Censurando a linguagem desenvolta, representativa de um sentimento pervertido, nem por isso incitaremos a sociedade a tomar um aspecto simulado, escondendo sob a mascara da hypocrisia, com palavras avelludadas, o veneno que lhe vae no intimo da alma. D'um extremo a outro extremo a distancia é longa e os espiritos delicados sabem medil-a convenientemente. Tão pouco aconselhariamos a que tomassemos por specimen a linguagem alambicada do seculo XVII, em que as cousas mais simples eram expressadas por amphiguris e rodeios. Se resuscitasse a epoca das *Preciosas Ridiculas*, seria necessario evocar a sombra de Molière para as fustigar de novo com o azorrague da sua critica. E que pena que não haja agora um talento da sua força para fulminar do mesmo modo os ridiculos, os vicios, a desorientação da sociedade contemporanea!

Os inglezes teem o seu *cant*, o que alguns taxam de hypocrisia, mas que não é senão o respeito das conveniencias, o receio de praticar em publico o que só por acaso se permittem a occultas. Será isto uma feição do tartufismo social, mas o que é innegavel é que este sentimento, fingido ou sincero, verdadeiro ou artificial, se baseia na consideração que nos devemos mutuamente.

Desde que se perca esse respeito e essa consideração, deixaremos de nos respeitar e considerar a nós proprios, e caímos no impudor e no desvergonhamento.

E' o que está succedendo, e contra isto devem reagir os que tenham por norma dar á educação uma orientação mais correcta, mais proficua e mais sadia.

21-12-1896.

Ninguem e Todo o Mundo

O lodaçal do isthmo de Panamá, tornou se a agitar de novo, ennoando toda a gente. O escandaloso processo, n'esta segunda edição, mancha a consciencia d'aquelles que tinham passado incolumes da primeira vez e que assistiram impolutos á degradação do maior homem da França contemporanea, do *grande francez*, como por autonomasia lhe chamavam.

A opinião publica moderna é mais insaciavel que as antigas divindades vingativas. Não lhe bastou uma victima illustre como foi Lesseps; o sacrificio deve ser mais sangrento, e n'esta voragem insondavel vão caindo pouco a pouco todas as reputações. O Minotauro da honra!

O quadro é triste e lastimoso, causa calafrios a quem o contempla, mas, debaixo do seu aspecto tragico e repugnante, haveria n'elle alguma cousa de consolador, se exprimisse o *veridictum* imparcial da justiça, se traduzisse fielmente o desejo de limpar a sociedade das impurezas que a contaminam.

Se fôsse possivel verificar que era este o unico proposito, não haveria senão que louvar na acção dos tribunaes e na acção do *forum* popular. O contraste entre o desejo de punir os delinquentes e o desejo de malsinar os caracteres é porém tão evidente, que somos levados a crêr que o intento do maior numero é nivelar as consciencias para que todos se confundam no mesmo grau de culpabilidade e ninguem possa arremessar a pedra ao telhado do visinho.

O grave inconveniente que vêmos no processo de Arton, não é só o descredito que recae sobre todos, ou quasi todos os homens politicos, é a suspeição que vae pesar sobre os poucos que se conservaram alheios aos manejos dos corruptores da Bolsa. Assim, por este caminho, torna-se difficil, senão impossivel, restabelecer a necessaria confiança.

Não ha alliança mais notavel e ao mesmo tempo mais hybrida

que a da politica e a da finança, termo fidalgo com que procura ennobrecer-se e mascarar os seus instinctos a agiotagem bolsista. Não se diga, porém, como pretendem muitos, que isto é um producto genuino e exclusivo d'este fim de seculo. A *question d'argent* não é de agora, nem da epoca do terceiro imperio, é de todos os tempos e de todas as sociedades. El-rei dinheiro faz farinha de todo o grão e a sua omnipotencia manifesta-se, como se vê, em todos os regimens, quer seja o monarchico, quer seja o republicano; quer seja em Verona, no tempo do celebrado Schyllok, quer seja, na actualidade, no predomínio dos Rotschild.

Um poeta portuguez, que poderá emparceirar com Shakspeare, se viesse um pouco mais tarde e se respirasse n'outro ambiente, reproduziu admiravelmente, no principio do seculo XVI, os symptomas da molestia, que parece será endemica, e inesgotavel, para não dizer physiologica. A febre do ouro bate em todos os pulsos e agita todos os corações.

Esse poeta chamava-se Gil Vicente e foi no *Auto da Lusitania*, classificado como farça, que elle inseriu uma das scenas mais importantes do seu vasto repertorio. Parece que foi n'esta scena que Almeida Garrett se inspirou para lavrar um dos mais bellos e commoventes finaes d'acto do seu incomparavel *Fr. Luiz de Souza*.

São dois os personagens da scena, havendo um terceiro, que é uma especie de eco, e que vae apontando no seu canhenho o que um e outro dizem. Os caracteres são perfeitamente oppostos, de modo que os pensamentos que exprimem dão logar ás mais curiosas antitheses.

Os personagens são verdadeiramente symbolicos: o que entra primeiro vem vestido de mercador rico e como que anda buscando alguma cousa. Chama-se *Todo o Mundo*. O que se lhe segue é um farroupilhas e o seu nome *Ninguém*, traduz bem a sua condição. Trava-se então entre os dois um dialogo curiosissimo, em que a ironia transparece triumphante. É um jogo de esgrima espirital, em que um dos personagens fica sempre a descoberto. Os botes são terriveis. Do primeiro que resulta? Que *ninguem* busca consciencia e que *todo o mundo* busca dinheiro. O segundo não é menos expressivo: *todo o mundo* busca honras e *ninguem* busca virtude.

N'outro poeta dramatico da epoca, posterior a Gil Vicente, mas inferior em talento, ha uma scena tambem um tanto parecida, em que o dinheiro e a formosura pleiteam o seu valimento perante um juiz. *Senhor doutor, sou dinheiro*, exclamou o omnipotente subornador.

Se o theatro é na realidade o mais fiel espelho social, vê-se aqui bem como elle nos reflecte essa paixão gananciosa de todos os tempos.

Triste consolação saber-se que a sociedade não estava menos corrompida outr'ora do que está hoje.

O *Ninguém* e o *Todo o Mundo* continuam a ser authenticas personificações da vida commum.

17-4-1897.

Aspectos da vida

Será effectivamente verdade que ninguem n'este mundo vive contente com a sua sorte?

Um sabio da antiguidade — dizem — foi o primeirò a affirmal-o, mas nem tudo o que os sabios dizem se ha-de considerar Evangelho.

A existencia constantemente perturbada do mundo, deve ser de algum modo a confirmação d'aquelle pensamento, que muitos consideram axiomatico, e que o pessimismo da actualidade tomou para base da sua doutrina.

No entanto, se possuissemos a lanterna de Diogenes, não deixaríamos de a accender, á propria luz meridiana, e lá iríamos com ella por ahi fóra, interrogando passo a passo a miseria humana, e fazendo assim o inquerito da felicidade ou do desespero na terra.

De accordo, que o numero dos descontentes seria muitissimo maior, seria até incalculavel, mas estamos na persuasão que haveria muitos, se não satisfeitos com o seu destino, pelo menos tranquillamente resignados com o seu modo de ser.

A gente calcula quasi sempre os gostos e inclinações dos outros pelos seus proprios, sem attender ao coefferente de correcção que é preciso introduzir no intrincado e difficilimo problema. O engano, por consequencia, é naturalissimo. Assim, por exemplo, quando se vê um individuo mourejar, mourejar, trabalhando sempre, sem dispender um ceutil em qualquer commodo ou regalo da vida, não falta logo quem murmure: «ora o tolo! tendo tanto para gosar e nem sequer se diverte um momento! Ah! tivesse eu aquella riqueza e haviam de vêr como a saberia gastar em recreios, em viagens, enfim em toda a sorte de prazeres que o mundo proporciona!»

A censura até certo ponto é bem cabida, porque não ha nada mais deploravel de que vêr um individuo estar a accumular, n'uma incessante absorpção egoista, sem reservar a minima parcella para os mais

inoffensivos passatempos, sem pensar sequer em transformar as riquezas accumuladas n'uma obra de elevado alcance humanitario. Não se diga, porém, que esse individuo não gosa, porque para elle, o grangear fortuna, dá-lhe um prazer identico ao do colleccionador de objectos raros. E' um prazer sordido, é uma aberração do goso, mas o perdulario, o esbanjador emerito, o que se precipita muitas vezes do apice da grandeza, no abysmo da miseria, não é menos digno de critica e de lastima.

Na sua maxima parte, a posição que se alcança na sociedade é devida mais ao acaso que á propria energia, ou á alliança das duas forças. Na antiguidade, até isso era devido a uma determinação legal. No Egypto, os filhos eram obrigados a seguir o officio paterno. E' incontestavel, todavia, que muitos vão na esteira da sua vocação e que não a abandonariam por cousa nenhuma. E' bem conhecida a historia do marinheiro a quem queriam dissuadir de que se expozesse aos perigos de nova viagem, argumentando-lhe que o pae, o avô e o bisavô, haviam morrido no mar. E os seus antepassados onde morreram? replicava elle. E como lhe respondessem que na cama, elle volvia triumphante: «Pois morrer por morrer, prefiro morrer no Oceano a morrer no leito!»

Se consultassemos a cada um em particular sobre a sua situação especial, quantos não appareceriam a querer mudar de rumo, a achar insufficiente o seu estado, a querer subir na escadaria indefinida das insaciaveis ambições! Os modestos, os humildes, seriam poucos, mas os indifferentes seriam abundantes. A gente, avaliando por si proprio, imagina que o fundo permanente da natureza humana é o desejo, aliás natural, de subir, engrandecendo-se. Devemos todavia metter em linha de conta os resignados, os pacificos de coração, que ainda os ha, e os que adquiriram o habito e d'elle só com muito custo sahiriam. O habito é uma segunda natureza, e até ha quem tanto se familiarisa com o soffrimento que quasi o saboreia, no seu misticismo ardente, como um prazer de sybarita. A dôr, para alguns philosophos, é até a provação que mais apura o nosso organismo.

Se assim não fôra, mal se explicaria como houvesse ainda quem se sujeitasse a tamanhas desigualdades sociaes e a tamanhas privações physicas. A necessidade, por um lado, impõe-se; a falta de cultivo intellectual limita tambem por outro lado a esphera das aspirações humanas. Longe, porém, de nós a ideia de querer, como pretendem certas escolas, que a ignorancia seja o melhor salvo-conducto, o mais firme sustentaculo da ordem, o freio mais robusto e apropriado para conter as paixões. Quanto mais instruido se fôr, melhor se verão as cou-

sas, melhor se guiarão os nossos instinctos, melhor se evitarão os perigos que nos rodeiam. Mas é preciso, bem entendido, que a instrução seja o verdadeiro pão do espirito e não o alimento falsificado, que vae injectar o organismo d'uma substancia deleteria.

A vida é um verdadeiro kaleidoscopo. Aos dirigentes da sociedade convém e compete saber-o manejar habilmente, de sorte que as imperfeições se confundam e desvanecem no todo, para que vejamos destacar-se, radiantes sobre todas, como um sol purificador, a imagem da felicidade e do bem.

21-9-1897.

O não te rales

Ha tempos philosophámos aqui um pouco sobre o *não vale a pena*, tão portuguez, tão expressivo, tão característico da nossa proverbial indolencia. Hoje disquetearemos sobre o *não te rales*, phrase concomitante, companheira inseparavel d'aquella, seu complemento natural.

Se alguem tenta dar azas á sua actividade e fazer alguma cousa de util e de prestimoso, não falta logo quem o descoroçoê em tom de recommendação amigavel — *não vale a pena!* E se o individuo se amofina e desespera, acrescentam logo: *não te rales; esta vida são dois dias!*

Fômos um povo de navegadores; ainda hoje temos extensos domínios coloniaes; vamos em breve commemorar ruidosamente o quarto centenario do descobrimento da India; pois não obstante todas estas circumstancias, nós que revelámos a existencia de metade do mundo e a baptisámos geographicamente, aprendemos geographia pelos atlas estrangeiros!

E porque? Ora porque! Porque não vale a pena fazer cá os atlas. A papinha já está feita. *Não vale a pena* dar-nos a esse incommodo. Mandam-se vir lá de fóra que sae mais barato.

E ahí está porque não caminhamos, porque não nos aperfeiçoamos, porque não saimos do *ram-ram*. Não vale a pena! Os outros que se ralem!

O que admira é como ainda temos algumas industrias. Para isso é necessario que a protecção da pauta chegue ao extremo limite do favoritismo. Só assim, na mira de lucros exorbitantes, é que os capi-

taes saem do pé de meia e se empregam na construcção e manejo das fabricas, cujo ruido parece perturbar os nossos ouvidos, afeitos á musica das cantilenas dos pastores arcadicos.

Sômos como o rouxinol de Bernardim Ribeiro, que morreu a cantar, ou como a cigarra da fabula, que só no inverno é que se lembrou d'ir mendigar ao celeiro da formiga.

Falando nós com um estrangeiro, que vive ha tempos em Portugal e que, apesar de todos os nossos defeitos, sympathisa comnosco e em extremo com o nosso paiz, queixava-se elle dos embaraços que encontrava sempre, sobretudo nas estações officiaes, e da morosidade com que os proprios negociantes tratavam os seus interesses, adiando a solução definitiva para o dia seguinte. *Ámanhã veremos isso!* é outra phrase habitual e que traduz da mesma fórma o *não vale a pena* e o *não te rales*.

Inquietava-se o nosso amigo com este estado de cousas e mais o inquietava ainda o receio de que lhe apegassem a molestia, e fôsse perdendo da sua energia, á similhaça do que succede com os corpos quentes que junto d'outros mais frios, vão perdendo gradualmente o seu calor até que se nivella a temperatura.

Que haja mais um feriado ou mais um dia de festa, só com isso — observava elle — é que o povo portuguez não se rala. Entre todos os dias em Lisboa um rei de Siam e não faltarão espectadores aos milhares.

Uma injeccão de sangue novo talvez fôsse o remedio, violento sim, mas indispensavel. Parece que chegou o momento psychologico de se operar uma d'estas transformações, que deixam rasto longo na historia. Hoje em dia as irrupções extranhas, como succedeu com os visigodos ou com os arabes, são talvez impossiveis, mas, ainda quando se realisassem, o seu effeito não seria nem muito profundo nem muito duradouro. A causa vem de muito alto: da *constellação do clima*, como dizia um nosso poeta. Havemos de ser sempre aquelle *Thomas dos passarinhos* tão suavemente retratado pelo Rodrigo Paganino.

Uma cousa tambem impressiona aquelle nosso amigo. Objectavamos elle: sendo o povo portuguez tão pachorrento, como é que a sua imprensa se mostra tão aggressivamente pessoal, como se a luta pela existencia fôsse mais terrivel e desesperada que em nenhuma outra parte do mundo?

Custou-nos explicar que tudo isto não passava de fogo de Bengala, mas de Bengala com B grande, sem trocadilho. Era questão de temperamento. A violencia de linguagem não traduzia ruindade de sentir, era mais uma figura de rhetorica que outra cousa, um systema

de armar ao effeito e de excitar a commoção do publico, que não se deixa arrastar por palavras mansas e gosta de ouvir vibrar o azorrague... nas costas dos outros.

Não nos comprehendeu nem nos acreditou, e nós mesmos duvidamos da efficacia das nossas razões. Calámo-nos, porque entendemos tambem que não valia a pena. E mettendo a nossa viola no sacco, dissemos á nossa consciencia, um pouquinho insubordinada :

— Não te rales ! deixa correr o marfim !

4-11-1897.

A vida portugueza na realidade e á superficie

Muita gente imagina que o paiz é Lisboa e que o Terreiro do Paço é a capital d'esta especie de Principado de Monaco.

D'esta aberração centralisadora é que provém em grande parte os erros da nossa politica e sobretudo da nossa administração.

Legisla-se especialmente para as secretarias em vez de se legislar para todo o paiz, e d'esta preponderancia quasi exclusiva do funcio-nalismo em todos os actos da vida publica, se deriva a indifferença com que as outras classes olham para os mais graves interesses e negocios do Estado.

O povo portuguez, para ser bem comprehendido, deve ser estudado separadamente no campo e nas cidades, porque é notabilissima a linha divisoria que separa a vida urbana da vida dos campos, embora haja uma grande affinidade de character entre o cidadão e o camponez.

Em geral, o nosso povo é trabalhador, parcimonioso e sobretudo resignado. Sofre com paciencia e contenta-se com pouco. Quem percorre algumas das nossas provincias, as do norte especialmente, deleita-se com a belleza da paisagem idyllica e acha tudo risonho. Atravez da verdura despontam alvinitentes os casaes como que a attestar um bem-estar invejavel. No entanto, um cavador como Zola havia de desenterrar muita immundicie moral d'aquelle solo, que parece abençoado por Deus. A ignorancia com a pobreza, para não dizer a miseria, passeiam frequentes vezes de mãos dadas por aquelles atalhos invios cavados no granito.

Mas na rudeza da sua existencia laboriosa, a população dos cam-

pos mostra se satisfeita, ou porque a domina a inconsciencia da sua inferioridade perante os esplendores da civilisação moderna, ou porque se conforma, vencida, com as leis imperiosas do fatalismo. O trabalhador portuguez é frugal: o seu alimento não póde ser mais parco. Uma tigela de caldo feito com uns pingos de azeite ou com um pedaço de unto, migadas umas folhas de couve gallega, constitue o seu principal prato de resistencia. Sobre a codea de pão de milho um rabo de sardinha ou um pedaço de bacalhau já se póde considerar um manjar delicioso. Quando falta o peixe, uma rodela de cebola mata a fome, satisfazendo o paladar. Sobre tudo isto uma pingasita do *verde* refaz a energia e dá um pouco de vivacidade.

O homem é ainda um tanto ambicioso e devaneador e nos seus momentos de concentração pensa no Eldorado, que vê em sonhos, além-mar, nas terras longinhas do Brazil. Emigrando, a mulher é quem o substitue no amanho das terras e no trafego da casa. Quando atravessaes no comboio as risonhas veigas e escarpas do Minho, ouvi-reis de continuo a voz feminina, que sae dos cannaviaes do milho en-festoados do feijoal. Pelas estradas os ranchos vão cantando acompa-nhados da toada melancolica dos carros que cham monotonamente. Chega-se a pensar que todos os dias são dias de romaria e que a festa do solsticio do verão é uma festa permanente.

A população campesina portugueza póde-se dizer que está sym-bolisada no boi, o amavel companheiro de todos os seus trabalhos, o mais comesinho e prestadio instrumento da tracção animal. O nosso trabalhador do campo tem as virtudes d'aquelle excellent quadrupe-de, mas, como elle, é tardio e moroso, sem iniciativa, sem arrojo, desaproveitando a vivacidade nativa.

A população das cidades tem um aspecto muito differente, vê-se que está eivada da vertigem do progresso, assim como está contami-nada pelos seus vicios, mas o exame superficial não é desanimador nem tão pouco repugnante. Não ha aqui as grandes fortunas: os ex-tremos da riqueza e da pobreza não se tocam como na Inglaterra, antes, pelo contrario, a mediania remediada é quem predomina. As classes propriamente populares entregam-se sem descanço á sua faina de todos os dias, e as ruas de Lisboa offercem quadros pittorescos, não tanto pela variedade dos trajos e costumes como pela variedade dos pregões. Nada mais agradável do que ouvir logo pela manhã cedo o grito rythmado da vendedeira, que offerece os figos para o almoço, enquanto que o varino de pé descalço, d'uma ligeireza de andarilho, desafia o apetite da curiosidade com o clamor dos jornaes que vende a troco de dez réis.

Quem vae ás estações dos caminhos de ferro vê-as quasi sempre cheias de passageiros que embarcam para as suas estações de aguas, para os seus recintos de frescura, para os seus chalets e quintarolas n'um diametro de leguas em roda de Lisboa.

Respira-se por toda a parte um ar de commodidade, senão de felicidade completa, embora os taciturnos proclamem que o coeficiente de todas estas apparencias enganadoras está nos monte-pios e casas de penhores. Isso é verdade, não se pôde contestar, mas prova tambem que ha que empenhar e quem tenha dinheiro para essas transacções, que na maior parte das vezes são de levar couro e cabelleo.

Consideradas as cousas á superficie, não haveria ninguem que não nos julgasse um povo feliz, porque, verdade, verdade, não sômos demasiado exigentes, e comtanto que tenhamos um certo numero de commodos, já nos consideramos satisfeitos. Quasi até se nos poderia passar o diploma de philosophos, porque toda a nossa ambição se cifra em gosar pacificamente e sem grande trabalho, na expectativa de um bilhete da taluda, de um talher á meza do orçamento, de uma gratificação extraordinaria ou de uma postasinha n'uma companhia africana. Uma corrida de touros, um sorriso andaluz, uma noite de S. Carlos, nma passeiata ao campo, pouco mais constitue o ideal do lisboeta, que se preza. Uma viagem ao estrangeiro por conta do Estado — isso então é ouro sobre azul!

Por certo que não é simplesmente com estes predicados que um povo se caracteriza accentuadamente e mantem com firmeza a sua individualidade nacional e internacional; outros são os deveres que nos incumbem para podermos competir sem desdouro com os povos mais adiantados, mas ainda assim a nossa sorte não seria de todo para lamentar, antes, em alguns casos, seria para invejar, se os altos poderes do Estado comprehendessem melhor a sua missão e não compromettessem tão desastradamente, com o seu pessimo systema administrativo, a vida economica da nação.

Ahi é que me doe — pôde exclamar com toda a razão o paiz, que já não sabe para quem ha-de appellar em ultimo recurso, e porisso se esquece tambem dos seus mais instantes deveres civicos, entendendo de si para si que o melhor meio de curar a doença é não pensar n'elle e ir gosando conforme pôde.

E' a philosophia da canção popular :

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal augmenta !

A historia de Portugal

Felizes os povos que não teem historia — mas qual é aquelle que a não tem?

Se o mundo fôsse um emparcellado de Valles de Andorra, um taboleiro de xadrez de pequeninas republicas, como a que está encravada entre a Hespanha e a França, então a phrase poderia ser verdadeira, mas ainda assim quem se responsabilisaria porque ellas não tivessem a sua historia ou historieta de lutas intestinas?

A Suissa é uma republica de Andorra em maior formato, e essa não tem historia internacional, vive e de ha muito tem vivido alheia ás complicações da Europa, mas tem a sua historia interna, a historia da sua industria, da sua sciencia, da sua arte, do seu trabalho emfim, que é bem digna de lêr-se, admirar-se e imitar-se.

É intuitivo que um povo necessita de conhecer a fundo o seu passado, não para se envaidecer da sua genealogia heroica, tantas vezes fabulada e fabulosa, mas para tirar d'essa analyse e d'esse conhecimento uma lição proveitosa para o futuro.

Se fômos grandes, se nos soubemos elevar acima do commum, vejamos quaes fôram os meios que empregámos para conseguir taes resultados e quaes as circumstancias que concorreram, favorecendo-nos casualmente. É com semelhante estudo que nós ficamos ao corrente das nossas qualidades e dos nossos defeitos, podendo assim, apurar umas, corrigir ou evitar os outros.

Corolario das premissas summariamente estabelecidas, seria superfluo demonstrar a vantagem de um corpo historico, em que se apresentasse successivamente, nas suas diversas phases, a nossa existencia politica e social desde os inicios da monarchia, com as causas da sua formação e as nossas origens ethnicas.

Foi todavia empresa que nunca se realison cabalmente, apesar da robustez de alguns obreiros e architectos que se metteram a apparellhar o monumental edificio. Os nossos primeiros reis cuidavam mais de perpetuar o seu nome a golpes de espada do que a traçar os seus feitos com a penna, mas os monges de Lorrvão, de Santa Cruz e de outros antigos cenobios não se esqueciam de registar summariamente nos seus *Chronicons* e *Obituarios* os successos mais notaveis que iam decorrendo.

Fernão Lopes é o patriarcha dos nossos historiadores, e todos são concordes em prestar-lhe a devida homenagem de admiração e respeito, não só pela siseudez e sinceridade com que narra, mas pelo pittoresco, que dá aos seus quadros.

E' bem de vêr que os chronistas que lhe succederam, e elle proprio tambem, não podiam deixar de sujeitar-se ás imposições officiaes e que sacrificavam muitas vezes a verdade ás conveniencias da realzeza e do estado. Dado, porém, o devido desconto ao que resulta d'este influxo, deve confessar-se que nas nossas velhas chronicas ha muito que estudar e que aprender, não só com relação aos factos propriamente ditos, mas até ao desassombro com que por vezes são expostos e analysados. Garcia de Rezende, por exemplo, foi um dos mais favorecidos aulicos, d'onde parece que a sua chronica devera ser das mais cortezãs e parciaes. Effectivamente assim é, na apparencia pelo menos, mas quem souber observar attentamente, atravez das entrelinhas, póde colher em flagrante a figura extraordinaria de D. João II.

A chronica d'este monarcha não mereceu os applausos de Herculano, antes lhe despertou quasi que absoluto desdem, mas parece-nos que o seu juizo é demasiado severo e injusto. Garcia de Rezende — ou antes Ruy de Pina, a quem elle paraphraseou, se não plagiou — embora o não tenhamos na conta de historiador philosopho é um historiador anecdótico de primeira ordem, qualidade que hoje tanto se aprecia. São numerosos os casos, as occorrencias, que elle conta singela e succintamente, e muito teriam que aprender com elle, n'esta especialidade, os heroes da reportagem moderna. De todos esses pormenores, alguns dos quaes podem parecer insignificantes, se fôrma o panorama do viver da época. O retrato moral de D. João II podemos-o colher na serie variadissima dos episodios que lhe dizem respeito — ora valente e capitão distincto como em Touro; ora sinistro quando assassina ás punhaladas o duque de Vizeu; ora cheio de fausto e galhardia nas bodas do principe seu filho; ora taciturno e acabrunhado no desastre de Santarem; ora galhofeiro e sentencioso nos seus ditos; ora apavorado mas resolutto, quando acorda estremunhado e, de tocha n'uma das mãos e espada na outra, percorre todos os recantos do palacio em busca do assassino ou do fantasma que o persegue. Em todas estas miniaturas pennejadas por mão de mestre, se vê ao mesmo tempo a figura intemerata do rei a quem chamavam por antonomasia o *homem*, e a figura d'um personagem lendario dos dramas shaksperianos — o rei Lear ou Macbeth.

Os frades de Alcobaça diligenciavam dotar o paiz com um corpo monumental de historia e a *Monarchia Lusitana*, se pecca por falta

de criterio historico, tem muito de apreciavel nas suas linhas geraes. Bernardo de Brito, o primeiro tracista, se não merece credito pela sua falta de probidade, era innegavelmente um grande talento e preadivinhou os processos modernos, indo estudar na mais remota anti-guidade as nossas origens primordiaes.

Foi preciso que chegassemos aos dias de hoje para que surgisse um espirito naturalmente talhado para preencher a falta de que tanto nos sentiamos; mas a fatalidade ainda d'esta vez não permittiu que as aspirações da sciencia fôsem satisfeitas e Alexandre Herculano está á espera de successor idoneo.

Sem ter a pujança intellectual do auctor do *Eurico*, sem ter mesmo a sua feição predominante, a sua indole profundamente erudita e investigadora, Pinheiro Chagas conseguiu, todavia, á força de talento e perseverança, levar a cabo a obra que outros tinham iniciado apenas. Poder-se-ha dizer que a historia de Pinheiro Chagas não corresponde ás mais rigorosas exigencias scientificas, mas que importa isso se em compensação ella offerece, ao alcance de todos, e sobre uma fórma attrahente, aquillo que mais nos póde interessar, aquillo que mais nos convem saber? Pinheiro Chagas está para Herculano como Luiz Figuiêr está para Lavoisier ou Arago, mas ninguem nega ao illustre escriptor francez as eminentes qualidades da vulgarisação e os serviços que tem prestado expondo, humanamente, para assim dizer, as lucubrações dos sabios.

Já em vida, Pinheiro Chagas teve a satisfação intima de vêr como a sua obra ganhava terreno e era apreciada, correspondendo a uma necessidade e a uma exigencia da educação nacional, mas é agora, depois de morto, que se lhe faz a glorificação na edição que se está realisando e que é uma verdadeira galeria historica e artistica.

O lapis do artista tenta comprehender o pensamento do historiadôr e é para admirar como n'um paiz tão falho de elementos apropriados se chega a ter uma comprehensão tão aproximada do viver e do sentir das épocas que assim se reproduzem graphicamente.

Não diremos que a edição seja impecavel e que tenha havido o rigor indispensavel na disposição das estampas, porque se notam com frequencia anachronismos sensiveis. Assim vêmos a cathedral de Miranda, obra da renascença e do tempo de D. João III, adornar paginas do tempo de D. João I, mas estes pequenos defeitos nada valem a par do prazer que sentimos ao vêr ali archivados tantos e tão valiosos vestigios architectonicos e esculpturaes, onde a vida passada se reproduz com tão bella e caracteristica expressão.

A edição illustrada da *Historia de Portugal*, se é uma justa ho-

menagem prestada pelos seus editores á memoria de Chagas, é tambem um bom serviço ás letras portuguezas e á educação nacional.

21-6-1899.

O saber não occupa lugar

O saber não occupa lugar, afirma a sabedoria das nações, o que não quer dizer que devemos sobrecarregar a memoria e atulhar o espirito com factos e conhecimentos inuteis, que só servem para fazer sobressair o pedantismo.

E' bom saber, mas saber com conta, peso e medida, sobretudo n'uma época em que as sciencias tomaram tão extraordinario desenvolvimento. Os talentos encyclopedicos de grande profundeza são hoje raros, porque o impossivel abrange tudo e quem muito abraça pouco aperta, segundo o dictado francez.

Ainda não ha muitos annos que se podia ser um bom sabio de valor em todos os ramos da physica, mas hoje só o ramo da electricidade absorve a mais bem dotada intelligencia. E' por isso que de dia para dia se vão accentuando especialidades, por conseguinte os especialistas.

Antes saber pouco e bem do que saber muito e diffusamente, e cada qual deve dirigir a sua educação no sentido do modo de vida que determinou seguir. Se pretende ser industrial, já se vê que são os estudos technicos que ha-de frequentar, o que não obsta, podendo ser, a que se applique a qualquer outra cousa, porque o saber não occupa lugar quando as nossas faculdades são dirigidas methodicamente.

Póde-se ter uma educação especial e ao mesmo tempo possuirem-se certas prendas, que concorrem para que occupemos um lugar util ou recreativo na sociedade. Assim a uma senhora educada nos requintes do luxo, não fica nada mal ter pratica de economia domestica, porque n'um momento dado se poderá por suas proprias mãos desembaraçar de qualquer difficuldade sem estar dependente de pessoas estranhas, que se impõem atrevidamente nas occasiões criticas.

Uma pessoa prendada faz-se sempre valer e tem sempre bom acolhimento. Exemplificaremos com um facto historico, embora a cousa seja tão axiomatica, que quasi escusava demonstração. Hão-de ter

ouvido falar em Garcia de Rezende, o poeta e chronista, um dos corteãos mais queridos de D. João II. Quando este monarcha partiu para as Caldas de Monchique a procurar allivio á sua doença, n'uma das pousadas que fez durante o trajecto, desejou jogar o xadrez, mas se appareceu o saquinho com as peças, faltava o taboleiro, o que muito entristeceu e fez desesperar o regio doente. Faltava o taboleiro, mas não faltava Garcia de Rezende, que era um bom debuxador e muito engenhoso, e pegando em duas folhas de papel que collou com obreias, logo desenhou o taboleiro. El-rei ficou contentissimo, demonstrando o prazer que sentia e não se fartando de gabar o ingenho e habilidade de Rezende.

Entre nós dá-se um preconceito entre as classes laboriosas, que não pouco contribue para que a industria portugueza não attinja um elevado grau de perfeição. Imagina-se que um operario não precisa de ser illustrado e em tendo mais alguns conhecimentos logo lhe insinuam que é pena que elle não siga uma carreira mais nobre, como se houvesse alguma cousa que nobilitasse mais que o trabalho. Isto não quer dizer que no nosso paiz não haja já operarios e industriaes que não envergonham e que se não envergonham, mas um grande numero d'elles, possuidos por aquellas falsas ideias e suggestionados por maus conselhos, entendem que é preferivel á officina alguma cousa que dê mais na vista. Assim aspiram a um logar nas secretarias ou fazem-se agentes politicos e oradores de clubs. Lá por fóra tambem se dão factos identicos, mas esporadicamente.

Na democratica França o *monsieur décoré* apparece a cada canto, com a sua roseta encarnada, mas ninguem se julga desconceituado por exercer uma industria. Ali succedem os filhos aos paes na direcção d'uma fabrica ou d'uma officina, formando dynastias afamadas como a dos ourives Germain e a dos typographos Didot.

Estes ultimos não só eram artistas primorosissimos ; eram tambem, alguns d'elles, eruditos de valor. Cá talvez deixassem com desprezo o componedor e trocassem a blusa de operario pela farda de academico. Lá, não ; continuaram a applicar todo o seu talento e saber ao desenvolvimento de uma arte, que elles tão to prezavam e de que, com tanta justiça, se orgulhavam, enaltecendo o seu nome e o nome do seu paiz. Não se contentavam em fazer edições esmeradas debaixo do ponto de vista technico e artistico, mas tambem sob o ponto de vista litterario, d'uma correcção impecavel. A França não inventou a typographia, mas graças aos Plantin, aos Didot e outros contribuiu, mais que nenhuma outra nação, para levar ao seu apogeu a arte de Guttenberg.

Da industria e das artes passando para a politica, é innegavel que a maioria dos nossos homens publicos é dotada de brilhantes talentos, mas talentos que illuminam e não aquecem, fogos d'artificio que servem apenas para dar prazer n'uma noite de festa. Quem os ouve ou quem os lê, na tribuna ou na imprensa, no livro ou no jornal, deixa-se facilmente levar preso por elles, mas depois, quando os vê na realidade da faina é que se sente o desapontamento. Ah! se elles tivessem um pouquinho mais de tino administrativo, exclamaríamos então contentes, paraphraseando um pouco a phrase com que iniciamos este artigo!

Como o saber occupa bem o seu logar!

5-7-1900.

Respeito pelos filhos

Se o respeito dos filhos pelos paes é um dever sagrado, não menos obrigação corre aos paes de se fazerem respeitar, conciliando ao mesmo tempo a consideração e a estima de seus filhos. E' d'esta mutualidade de affectos e de deveres que resulta o bem-estar da familia e o bem estar social. *Quem tem filhos tem cadilhos*, diz o dictado, mas se elles effectivamente acarretam uma grande somma de inquietações e cuidados, por outro lado são a alegria do lar, são o estímulo ao trabalho, são a esperança de que um dia podem vir a ser o amparo da nossa velhice. Não ha felicidade que eguale á de um pae, que seguiu desveladamente a marcha de seus filhos e que os vê satisfactoriamente collocados, gosando de uma posição distincta, perpetuando com honra o nome de quem lhes deu o ser.

Para se conseguir, porém; este fim, é bem de vêr que foi necessario um esforço heroico, uma vontade tenaz e ao mesmo tempo intelligente, porque não ha nada mais difficil do que reconhecer a verdadeira vocação d'uma creança e dirigi-la depois, naturalmente, sem contrariedades, na sua carreira evolutiva. Um pae que sabe comprehender por este modo a sua espinhosa missão, embora seja um homem obscuro ou modestissimo, é um cidadão benemerito, tem direito ao galardão publico e vale bem mais que certos individuos altamente collocados, corôados pelo applauso das multidões, e que, absorvidos pela

grandeza da sua personalidade, desciram completamente o destino de seus filhos.

A escola ensina, não educa. Sciencia e consciencia não são irmãs gêmeas, antes, em grande numero de casos, se repudiam e hostilizam. Poderíamos citar em abono da nossa these os nomes de muitos individuos, que, dotados de grande capacidade intellectual, não possuem todavia uma capacidade moral correspondente. O caracter forma-se no convívio da familia e ao contacto da sociedade. Os livros e o estudo podem fortificar o espirito, mas o sentimento necessita de outro fôco, onde se fortaleça e purifique. O olhar carinhoso de nossas mães é a cartilha onde melhor se aprende a doutrina do bem. O exemplo de nossos paes é o cathecismo, por onde melhor pautamos a norma do nosso procedimento.

Um filho vem do collegio ou já d'um curso superior embebido de certos principios, e se elle não encontrar no ambiente do lar a atmosphera em que respire livremente, se ouvir á mesa ou nas conversas intimas uma linguagem pouco austera ou até inconveniente, se elle observar que o pae, longe de estimar os monotonos mas serenos gosos da familia, se apraz mais da vida airada ou mesmo da libertinagem, que succederá n'este caso? De duas uma: ou esse ilho tem uma comprehensão nitida e recta do dever e começará a sentir, desgostoso, um grande tédio pelos seus, ou, temperamento fraco, amoldar-se ha ao meio e irá perdendo pouco a pouco a energia de que dispunha para resistir á influencia perniciosa. Dois corpos aquecidos a temperaturas differentes não tardam a equilibrar o seu calor quando collocados no mesmo ambiente. No mundo moral dá-se phenomeno quasi identico. Um caracter de fina tempera e um caracter de baixa esphera, postos em contacto, não trocam mutuamente as suas qualidades: o mau raras vezes se regenera, mas o bom quasi sempre é que perde das suas qualidades sem que o outro aproveite. O funesto resultado das más companhias e dos maus conselheiros é de sobra proverbial.

Todo o chefe de familia deve por conseguinte fazer de sua parte o melhor possivel para que aquelles que estão debaixo da sua immediata tutela e influencia não tenham motivo para faltar lhes ao respeito e estima, coordenando por conseguinte todos os seus actos e todas as suas palavras de modo que ninguem possa tirar d'elles escusa para as suas leviandades ou para outras faltas mais graves ainda. Quem tem de corrigir precisa primeiro que tudo de ser correcto; quem tem de guiar, precisa, como um automodonte, de ter bôa mão de rédea.

E se isto incumbe a um pae com mais razão incumbirá á mãe,

que se deve considerar modelo. A nodoa avulta tanto mais quanto maior é a finura do panno e á bôa esposa não basta que seja honesta, mas que o pareça, para que d'ella, como da mulher de Cesar, nem sequer se chegue a suspeitar.

Possue a mulher dotes que a elevam e quasi a divinizam: a graça, a formosura, a gentileza, mas esses dons que constituem a sua força e lhe dão a supremacia são ao mesmo tempo o ponto de partida da sua fragilidade. Ai! da esposa gentil e galanteadora, se não souber temperar oportuna e convenientemente a sua amabilidade, porque não faltarão desde logo os commentarios malevolos de quem precisa deslustrar a virtude para legalisar a sua impudicicia. A serpente do Genesis não appareceu simplesmente no Paraiso para atraiçoar a Eva, apparece sob a flôr da seducção em todas as sociedades galantes. Ha um prazer satanico em saborear o pomo prohibido. Não é só a paixão que tenta, é a vaidade que desafia o appetite. A paixão ainda pôde ter uma attenuante, ainda pôde explicar-se por um ésto de sangue, por um impulso de temperamento; mas em geral o que se procura é satisfazer apenas um capricho, um requinte mundano, uma elegancia filha de costumes faceis e depravados. E a desenvoltura e o cynismo, para não dizer a canalhice, chegaram a tanto que em vez de se velar mysteriosamente o que devera ficar na sombra, quasi se chega a fazer gala da deshonra e do aviltamento.

A mulher tem e deve ter nos seus filhos um escudo de salvação. A cabeça loura de uma creança estremecida é o melhor amuleto que uma mulher pôde trazer sobre o peito. Quem ao sahir de casa abaixa a sua deliciosa fronte sobre um berço e depõe um beijo sagrado n'uns labios infantis, pôde sem medo afrontar os olhares seductores da rua e os galanteios traiçoeiros d'uma sala. A mais genuina nobreza de uma dama consiste na confiança que ella deposita na sua virtude. Abençoada a mulher honesta e forte, que pôde dizer — minhas filhas me salvaram mas eu tambem as salvei, porque as eduquei na religião do dever!

E com que tranquillidade e com que justo orgulho ella as verá entrar na sociedade, tonificadas n'este gymnasio do exemplo intemerato!

Não se pôde dizer que se sacrificasse, mas se porventura alguém tão leviano ou tão futil julgar que ella se sacrificou, que adoravel sacrificio e que sublimidade de exemplo!

Como é difficil saber viver

Ser pobre e fazer de rico é o mesmo que ser velho e querer apparentar de moço. Ah! se o verdadeiro elixir de Fausto apparecesse á venda, como tantos dariam de bom grado a sua alma a Mephistopheles, só para terem a mocidade e a riqueza!

Um dos grandes defeitos da sociedade é que a maioria dos seus membros não sabe, ou não quer desempenhar a character o papel, que a natureza ou o destino lhes distribuiu, e tentam por todos os modos disfarçar a sua posição, illudindo os outros e illudindo-se a si proprio. N'uma época em que se faz tamanho alarde de democracia, é frequente vêr o operario ter vergonha de confessar o seu officio, quando d'isso se devia mostrar orgulhoso, encobrando o verdadeiro nome da sua profissão com titulos pomposos, que quasi chegam a ser ridiculos. Assim, um sapateiro transforma-se, em *manipulador de calçado* e um padreiro em *manipulador de pão*. Acaso julgam que se nobilitaram com estes epithetos?

A ambição de ser rico e de querer subir ao apice da escaleira social, longe de ser condemnavel, é digna de applauso, pois que, sem semelhante estimulo, seria muito difficil progredir. Ha, porém, uma clausula que se impõe necessariamente e vem a ser, que a riqueza e a consideração social só se devem adquirir por meios legitimos, sem offensa aos direitos dos outros, á custa de um trabalho honrado e perseverante, sem quebra da dignidade propria. O que se pretende, porém, na generalidade dos casos, é adquirir fortuna, sem que a natureza dos meios cause o menor embaraço ou escrupulo. *Ser rico sem trabalhar* não é apenas o pregão dos cauteleiros, é o ideal e a divisa de quasi toda a gente.

Pobreza não é vileza, diz o proloquio, mas isto é mais uma verdade theorica que uma verdade pratica, pois o que vêmos no contacto social é que o homem de bem, que não faz ostentação da sua pessoa ou que não anda entrajado com elegancia, é sempre olhado de soslaio, ao passo que o embusteiro, que dá bailes á custa dos outros e deita poeira aos olhos de todos com o seu luxo enganador, é recebido affectuosamente e encontra aberta a porta das melhores casas. Ora, não admira, em presença d'estes factos, que são vulgares, que

se prefira a apparencia á realidade e que o numero dos comediantes, no theatro mundano, vá augmentando de dia para dia.

A luta pela vida é terrivel e por isso não é para estranhar que os fortes e os habeis imitem o polvo, que não só aferra tenaz os seus tentaculos, mas que, á semilhança do camaleão, até muda de côr, para melhor enganar a sua presa e apoderar-se d'ella.

Todo o cuidado é pouco com os polvos e camaleões humanos, que nos espreitam de todos os lados e estão á espera da primeira imprevidencia da sua victima. E os imprevidentes, os incautos, os insensatos de toda a especie, que desprezam os sorrisos da fortuna e desperdiçam a sua energia moral, não são menos numerosos que a chusma dos especuladores, que exercem sobre elles a sua terrivel superioridade magnetica.

Na lei fatal da concorrência, nada mais difficil que obter um logar, onde se adquiram os indispensaveis meios para se poder subsistir sem vexame. Ao principio, o que obtem este premio da loteria, julga-se feliz, na mais ineffavel das alegrias, mas não tarda que algumas nuvens comecem a toldar o azul daquelle ceu.

O estipendio já se julga diminuto, crescem as necessidades, augmentam as despezas, vem o desequilibrio e o primeiro recurso que lembra é o usurario, que, no primeiro momento, como um anesthesico, proporciona um allivio passageiro, que se transforma a seguir num pesadelo constante. Depois, na oppressão de todos os dias, não ha outro remedio senão lançar mão de expedientes que conduzem á vergonha e á desgraça.

Indubitavelmente, os parcos ordenados são causa originaria das irregularidades e desfalques, que se observam com tanta frequencia nas empresas particulares e nas repartições do Estado. Não são todavia a causa unica nem até a principal, pois muitos dos infractores e dos delinquentes não pertencem á cathegoria dos empregados de mais humilde esphera, antes estes são os que dão exemplos de moralidade e honradez. Esses que prevaricam, faltariam egualmente ao cumprimento dos seus deveres, porque não sabem moderar os seus gastos, nem se contentam com a aurea mediania preconizada pelo poeta romano.

Uma coisa, que talvez influa poderosamente para fazer alastrar o mal, é o exemplo que nos dá o Estado, com o seu deploravel systema de administração.

Quem vê gerir com tamanho desatino os dinheiros publicos, quem vê o constante abuso do credito, quem vê o Estado faltar aos seus

mais sagrados compromissos, como que sente a tentação de seguir pelo mesmo caminho, na cegueira da mais fallaz confiança, na imprevidencia mais completa do dia d'amanhã.

Na America, onde as fortunas se improvisam, ha banqueiros e especuladores, que veem desaparecer numa operação infeliz, todos os seus milhões, ficando-lhes apenas a esperança de que a onda que lh'os arrebatou, lh'os possa restituir em não remoto futuro. São peripecias naturaes do jogo febril da bolsa. Entre nós, onde tudo é limitado, o phenomeno só se pôde dar em proporções diminutas. Ai! porém, d'aquelle que tendo adquirido a sua modesta posição, não a sabe conservar, ou não se quer manter n'ella, não só arriscando os proventos que d'ella recebe, mas, o que é peor, porque é irreparavel, compromettendo a propria honra! E a honra perdida uma vez, difficilmente nos volta com a resaca.

5-2-1902.

Economico ou perdulario?

As revistas e folhas estrangeiras, e até algumas das nossas, costumam com frequencia formular diversos quesitos, com que pretendem espicaçar a curiosidade dos seus leitores. Alguns d'esses questionarios referem-se a questões palpitantes da actualidade, ao passo que outros se occupam de assumptos de diversa natureza, de alcance mais ou menos social. Muitas vezes, porém, esses interrogatorios fazem lembrar os themas caprichosos, que se debatiam nas «Academias», que tanto floresceram no seculo XVII, como a dos «Singulares» e a dos «Humildes Ignorantes», de burlesca memoria.

Aqui temos nós uma questão, que bem merecia ser proposta ao espirito dos mais atilados investigadores, conferindo-se premio áquelle que mais criteriosamente a julgasse :

«Qual é a caracteristica predominante do povo portuguez : — a economia ou o esbanjamento?»

O problema é espinhoso, pois é completo, entrando n'elle muitos factores e sendo necessario recorrer a numerosos e variados elementos de informação, que não se acham methodicamente coordenados e que, nem mesmo dispersos, são faceis de obter.

Se o Governo é o espelho moral, em que se reflecte o estado d'alma de um povo, bem triste seria a imagem que daria o thesouro portuguez do nosso espirito economico e do nosso tino administrativo. A situação do thesouro publico é deploravel e ai de nós que a fortuna dos cidadãos lhe fôsse correspondente! Costuma dizer-se que o estado é pobre e que o paiz é rico, e talvez que isto assim seja embora fôsse para desejar que houvesse a mais perfeita correlação entre uma e outra coisa, como succede em alguns paizes modestos, mas prudentemente dirigidos e equilibrados nas suas finanças.

A divida nacional não póde, em rigor, servir de termo de comparação para se avaliar, por este criterio unico, o desaforo economico de um paiz. E' incontestavel que o povo francez é dos mais trabalhadores e economicos, embora seja dos que mais sabem divertir-se. O seu «pé de meia», apesar de todas as castastrophes, nunca se esvasia, ou quando se esvasia, não tarda logo a encher-se ao contrario do que succedia com o tonel das Danaides. Pois a nação franceza é das mais individadas, rivalisando n'este ponto com a Inglaterra, que, sendo a mais poderosa nação do mundo, não teve nos recursos ordinarios meios sufficientes para acudir ás despezas da guerra com os boers. Esta luta com uma pequena republica obrigou-a a augmentar espantosamente os seus compromissos para com os seus credores.

Muitas vezes os estrangeiros nos accusam de insolvaveis, pecuniariamente falando, mas esses mesmos que nos atiram a pedra não se lembram que o telhado das suas finanças é tão fragil como o nosso, embora seja de vidro mais grosso.

Que o paiz vive n'um certo desaforo, é isso evidente pelas diversas manifestações da riqueza publica, posto que não falem as sombras a empannar a fulguração do quadro. Bastava indicar dois factos que saltam aos olhos de todos: a febre de construcções, que se observa por toda a parte, especialmente em Lisboa, e o movimento, cada vez mais accentuado, das linhas ferreas. Outra circumstancia comprovativa encontrar-se-hia no pequeno abalo que produziu o córte de trinta por cento no juro das inscripções.

O povo portuguez é sobrio, mas não é, digamol-o com franqueza, dos mais previdentes, nem dos que sabem melhor utilizar as suas economias nos commodos da vida. Muita vez o fructo do seu trabalho esvae-se em fumo, como bens de sacristão, que cantando veem, cantando vão. Os habitantes do campo levam quasi todo o anno a mourear; sustentam-se parcamente, com uma sardinha sobre a brôa, servindo-lhe apenas muitas vezes de iguaría uma celola. No entanto,

quando chega a época das romarias, lá vão cantando e bailando, disfarçando assim no prazer de um dia os dissabores e canceiras de todo o anno.

Com a população meuda das cidades acontece a mesma coisa. As classes populares affluem aos domingos consideravelmente a todos os pontos de diversão, qualquer que esta seja, assaltando á porfia os meios de transporte. Durante a semana pôde faltar o pão em casa, mas um momento de regabofe compensa tudo. E' a philosophia do sybaritismo grosseiramente interpretada.

Houve sempre entre nós uma tendencia para o luxo e para o apparatus e as classes elevadas não fôram das mais escassas em dar o exemplo. Quando se effectuou o enlace matrimonial do filho de D. João II, este convocou as côrtes afim de lhes pedir dinheiro para as festas, que fôram sumptuosissimas, como poucas vezes se realisaram entre nós. Evora teve a primazia de gosar esse espectaculo deslumbrante, que se prolongou por uns poucos de dias em opiparos banquetes, em requebradas danças de mourisca, em representações mimicas, em pistas e torneios. Não nos parece este facto um dos traços mais abonatorios do «character do Principe Perfeito» que, procurando reparar os danos que na fazenda real causára o genio dadivoso de D. Affonso V, por outro lado esbanjava em prazeres o dinheiro do povo.

O exemplo do rei foi em partes funesto, pois alguns fidalgos empenharam e comprometteram as suas propriedades, sendo necessario que D. Manuel, annos depois, accudisse a alguns d'elles, para os salvar da ruina.

Houve tambem, não ha duvida, em mais de uma época, fidalgos parcimoniosos, que sabiam fazer uso dos seus rendimentos, capitalizando, cada vez mais, os seus haveres. Citaremos para exemplo, uma dama de illustre linhagem, a avó materna de Affonso de Albuquerque, que foi uma das prestamistas do seculo xv, sendo da mais elevada cathegoria as personagens, incluindo o rei, que iam negociar a sua casa e deixar lá os seus penhores em pratas e joias.

Avaliando em breve synthese, e em rapido confronto, diversos factos historicos e sociaes, parece-nos que o balanço não sae desfavoravel inteiramente ao povo portuguez, e que este, trabalhador como é, não desconhece nem despreza as regras da boa economia.

Pena é que os poderes constituídos não lhe deem mais severo e proficuo exemplo, servindo a administração publica de norma regular e benefica na administração da vida particular.

Quando acabará o progresso?

Perguntar quando terminará o progresso, equivale a perguntar quando terá fim o mundo ou quando deixará de existir a humanidade.

O progresso, no seu conjuncto, é com effeito, indefinido. Symbolisa-o perfeitamente a lenda judaica de Ashaverus, cuja marcha é interessante. O eterno peregrino nem sempre avança na sua jornada; vacila muitas vezes como embrenhado n'uma floresta virgem, tendo de regressar cheio de fadiga e cheio de desanimo, ao ponto de partida.

O pharol, que lhe serve de guia, nem sempre o illumina, bruxuleando, apenas, quando não se apaga atravez de espesso nevoeiro. A incerteza, a duvida, a temeridade e o receio do perigo, o capricho e o espirito de aventura são tambem as bussolas de que se utiliza este viajante, ora cheio de fé, ora descrente, ora audacioso, ora desesperado.

Considerado todavia em alguns ou bastantes dos seus elementos parcellares, o progresso pôde dizer-se que já attingiu o limite maximo da sua méta de perfeição. Este phenomeno observa-se sobretudo nas bellas-artes.

Os grandes mestres da pintura como Van Eyck, Durer, Ticiano, Velasques, Rembrandt, o miraculoso prestidigitador do claro-escuro, Raphael e Murillo, os divinizadores do bello feminino nas *Madonas* e nas *Virgens* pôdem ter rivaes, pôdem ter quem os eguale em algumas das suas mais apreciaveis qualidades, mas não pôdem ser excedidos.

Com a architectura succede approximadamente a mesma coisa. Os gregos fixaram os tres typos das ordens classicas modificadas nas suas partes accidentaes pelos romanos e pelos artistas da Renascença.

Os principios estheticos são porém, fundamentaes e quasi immutaveis. A architectura moderna não faz senão reproduzir o antigo, accomodando-o ás circumstancias.

Os americanos do norte, não obstante todo o seu genio emprehendedor, apenas dão ás suas construcções o cunho de grandeza e de utilitarismo. Os vastos edificios de New-York de vinte e trinta andares, recordam os trabalhos cyclopes ajudados pela electricidade e pelos machinismos que lhes eram desconhecidos.

Alguns ramos das sciencias attingiram tambem a sua posição definitiva. Archimedes ainda hoje é considerado como um dos grandes mestres da physica e da mechanica. O genio admiravel de Euclides estatuiu de modo quasi inabalavel as regras da geometria.

Proferiria, porém, o maior dos absurdos quem tomasse á letra, dando-lhe o character de axioma, o *nihil sub sole novum*, que tantas vezes se applica aos descobrimentos modernos, querendo assim significar que não ha novidade na obra do homem, que tudo é mera repetição, succedendo com as invenções o mesmo que succede com as modas. Valha-nos Deus!

Roetegen e Curie não são por certo alfaiates e modistas de sciencia. O laboratorio de Pasteur não é nenhuma officina da elegancia mundana, onde as damas da alta sociedade vão receber as leis da arte de agradar.

Indubitavelmente a pujança intellectual dos antigos não era inferior á dos modernos; mas elles, por maior que fôsse o seu espirito investigador, não poderiam ter penetrado em todos os segredos da natureza. O fanatismo, a superstição e mais que tudo, a tendencia para o maravilhoso, obstaram até agora a que se atacassem com desassombro os mais subtis e arduos problemas da creação. Póde dizer-se que é nos nossos dias que a materia principia a ser sujeita a um verdadeiro auto inquisitorial. As suas propriedades começam agora a desvendar-se, sujeitas a um estudo minucioso e por isso nos apparecem de dia para dia surpresas fulgurantes como as que emanam do *radio*. As ideias predominantes, preconcebidas e tradicionaes, teem de curvar-se successivamente deante da evidencia dos factos, que se vão accumulando, n'uma velocidade adquirida, cuja rapidez vertiginosa difficilmente se calcula.

As applicações dos descobrimentos scientificos ás artes e ás industrias, essas então são extraordinarias, modificando profundamente, não só as condições da vida physica, mas até as condições da vida moral, como está succedendo com referencia á criminologia e direito penal em face das affirmações dos antropologos e physiologistas.

A sociologia, sendo a deducção, mais ou menos logica, mais ou menos acertada dos factos observados na natureza humana, é por consequinte uma das sciencias mais expostas aos vae-vens d'essa mesma observação, que luta ainda com muitas difficuldades e incertezas.

O que se passou em épocas remotas no tocante ao destino dos povos e dos seus governos ha-de repetir-se muitas vezes na actualidade e nos tempos mais proximos.

O apologo de Monte Aventino é uma historia de todos os dias, reeditada a cada momento com ligeiras variantes, em harmonia com a indole das épocas e dos povos. Os tres estados politicos, admiravelmente exemplificados durante a longa existencia da velha Roma, teem-se alternado da mesma sorte nas sociedades modernas, com a differença, porém, de que a democracia vae accentuando sempre a sua indomavel preponderancia.

Ha quem diga que a humanidade envelhece; ha quem affirme que ella não passa de creança. Uns e outros teem razão, porque as rabugicas da senilidade acompanham com frequencia as diabruras infantis.

O progresso participa muitas vezes d'estas duas inconstancias, obscurece-se com as nuvens do preconceito, cambaleia como os escravos embriagados, expostos á irrisão dos cidadãos de Athenas, são numerosas as suas quedas, mas todas as vezes que toca na terra, readquire novo vigor e vae mais seguro em busca do seu destino.

1-9-1906.

A vida popular e economica de Lisboa

Lisboa, pela sua admiravel posição geographica, foi sempre um natural e irresistivel fôco de attracção, mercantil e de recreio, desembarcadouro e sala de espera dos viajantes de todo o mundo, especialmente da America.

Desde que ella foi conquistada aos mouros, arvorando-se em capital da monarchia de Affonso Henriques, que o seu ambito se tem ido alargando, successivamente, embora a sua velocidade adquirida fique suspensa de quando em quando, como que readquirindo forças para dar maior impulso ao seu movimento expansivo.

As muralhas, que outr'ora a cingiam, fôram ruindo, augmentando cada vez mais de perimetro, até que hoje os seus limites se tornaram para assim dizer indefinidos, abrangendo grande numero das antigas povoações ruraes do termo e confundindo-se com outras a longa distancia.

O incremento de Lisboa coincidiu principalmente com os trabalhos dos nossos mareantes, que pouco a pouco fôram descobrindo as costas africanas. Então principiaram a vir os productos da Guiné, sendo

os escravos uma das principaes mercadorias, valendo quasi tanto como o ouro e a malagueta. A população de Lisboa principiou a ter um character mixto, notavelmente caracteristico e original pela diversidade de raças e de creanças.

Quando se effectuaram as sumptuosas festas da infanta D. Leonor, futura imperatriz da Allemanha, uma das coisas que mais surprenderam os embaixadores do seu noivo foi o apparecimento inesperado do gentio da Guiné e das Canarias a par dos mouros e judeus, que existiam cá, todos elles interessantissimos pelos seus costumes, trajos e danças.

O descobrimento da India e o do Brasil veio a ser a corôa fulgurante da obra, transformando Lisboa no grande bazar da Europa. E' certo que a expulsão dos mouros e judeus produziu um grande abalo economico em todo o paiz, mas os commerciantes e especuladores, que afluíram de Flandres, da Allemanha, da Italia e de outras partes, compensaram de algum modo, senão vantajosamente, aquella perda, aliás sensivel, e n'alguns pontos, irreparavel.

Um poeta da segunda metade do seculo XVI, Pedro de Andrade Caminha, n'uma ode dirigida a Sá de Miranda, pinta-lhe o bulicio de Lisboa, tão rumorejada com as suas empresas maritimas e com o seu commercio colonial. Caminha louva o seu amigo, invejando-lhe a sorte e a prudencia, por haver abandonado o tempestuoso viver da côrte, trocando-o pelo retiro campestre, onde pacificamente podia gosar o convívio das musas.

Que diria Caminha se voltasse agora ao mundo a presenciar as tranformações extraordinarias de Lisboa! Como elle ficaria estonteado, cerrando os ouvidos, para não ensurdecer de chofre com a vozearia insana, a orchestra nervotica de tantas e tão extranhas fórmulas da actividade! Quantos calafrios lhe não percorreriam a espinha dorsal, sentindo o rodar de tantos vehiculos, o sibilar das locomotivas, o tilintar irritante dos electricos, o ulular dos automoveis, monstros que a sua phantasia jámais houvera concebido! Ah! como elle se veria embaraçado para conter o seu nervosismo deante de um espectáculo tão inesperado!

Uma coisa, porém, não lhe seria difficil reconhecer como evocação antiga, familiarisando-se desde logo com ella, os pregões. O côro necessariamente deve ter experimentado variantes, mas no seu conjuncto conservar-se-ha o mesmo, reatando firme os élos da cadeia tradicional. Os pregões podem donominar-se a symphonia tempestuosa das ruas, a rude orchestra do trabalho onde se casam todas as vozes, desde a mais agreste até á mais argentina, admiravel rapsodia, onde

se traduzem todos os sentimentos e attribuições da canceirosa vida popular.

Não falta quem os tenha já estudado sob o ponto de vista folklorico e musical, sendo certo que alguns d'elles offerecem sob este ultimo aspecto motivos de consideração, dignos de apreço.

Uns, tristes e lamentosos, como o dos vendedores de ostras, fazem lembrar a melancolia do fado ; outros, parecem compassos de partitura, como o pregão dos morangos de Cintra. Existe, porém, uma phase sob a qual ainda não fôram encarados e que se presta a reflexões bem serias. A vida economica de Lisboa está resumida em grande parte no pregão. Se fizéssemos a analyse de cada um d'elles e de cada um dos pregoeiros, teriamos o mais realista e o mais instructivo de todos os romances. Como seria curioso e ao mesmo tempo pungente saber as difficuldades com que luta, as miserias que atravessa, essa enorme multidão ambulante de trabalhadores obscuros, que percorre as ruas de Lisboa, cantando sempre, talvez para espantar seus males, como diz a trova popular !

A maior parte d'esses trabalhadores cáe extenuada, mas alguns ha que conseguem elevar-se á custa de sacrificio e de pertinacia, conquistando um lugar invejavel na sociedade. Podem apontar-se exemplos, um dos quaes, de data bem recente, depois de ter alcançado o maior brilhantismo baixou ás trevas da maior ignominia. Escusamos de citar nomes porque o sinistro da rua da Magdalena os repercuta com a mais contrastadora viveza.

Um dos pregões que na actualidade se ouve com mais frequencia é o d'esses rapazitos, de voz estrangeirada, que vendem rendas. Escutando-os estremecemos, porque involuntariamente fulgura no nosso espirito a funebre scena das chammas e os infernaes planos dos incendiarios.

O pregão dá-nos a nota mais suggestiva da maneira como se nutre Lisboa e do papel tão soffredor como pittoresco, que desempenham os intermediarios da alimentação publica. Este vae-vem de uma parte do formigueiro humano é o mais verdadeiro, o mais interessante, o mais commovente e recreativo de quantos animatographos se possam imaginar. O seu estudo deve fornecer valiosos elementos para a resolução dos mais graves problemas sociaes.

Olhar com indiferença, julgando-os vulgarissimos, estes phenomenos da vida quotidiana, póde considerar-se criminoso desdem por parte dos moralistas e homens de estado, que se arvoram em arbitros do progresso e em reformadores da sociedade.

A virtude e o vicio — O premio e o castigo

O talento e a virtude, o vicio e a estupidez, são qualidades innatas, productos fataes do organismo, e, por consequente, nem sobre uns deve recahir a nota do merecimento proprio, nem sobre outros, o peso da responsabilidade absoluta.

Na opinião de certos philosophos e naturalistas o homem é um ser fatalmente impulsivo, sendo as suas funcções espirituaes e moraes a consequencia do seu organismo mais ou menos perfeito ou aperfeiçoado.

Estas doutrinas não são de hoje; fôram perfilhadas pelos gregos e pelos romanos, sobretudo por estes ultimos, que no poema de Lucrecio — *Da natureza das coisas* — fixaram artisticamente a sua philosophia materialista.

Na actualidade a corrente não tem afrouxado, buscando traduzir-se na pratica algumas d'essas theorias audaciosas, que já estão infinindo na concepção que se fórma do direito e da penalidade. O criminoso, no pensar de muitos sociologistas e de muitos medicos, é um inconsciente, ao qual se não póde nem deve exigir a responsabilidade dos seus actos.

E' um enfermo, que, em vez de ser punido pela imaginaria culpa, só deve ser tratado pela lesão de que soffre involuntariamente.

Como em tudo isto ha um grande fundo de verdade e ao mesmo tempo um grande fundo de incerteza! Como a duvida nos deixa perplexos na escolha e na affirmação dos verdadeiros principios! Como a nossa intelligencia se reconhece pequena deante da gravidade de um problema tão complexo!

Como estamos longe ainda do ponto culminante donde se possam observar imparcial e serenamente todos os factos, para d'elles depois se deduzirem as leis geraes que presidem aos phenomenos da natureza, da natureza physica e da natureza moral, se é possivel a demarcação exacta das respectivas fronteiras!

Se o homem, como pretendem alguns, é apenas o producto de uma funcção organica, mal se comprehenderia que elle podesse dirigir, melhorar, aperfeiçoar a sua machina, sendo, portanto uma inutilidade a educação, um paradoxo o progresso. E, todavia, as sociedades caminham, accumulando, como n'uma gigantesca pilha, a força galvanica

da civilisação. Embora se conteste o livre arbitrio, tendo provocado na propria igreja, entre os mais conspicuos doutores e theologos, os mais vivos debates, embora se negue o poder de discernir entre o bem e o mal, annullando por este meio a consciencia, o que é tambem indiscutivel é que os erros se vão depurando e que de seculo para seculo, á similhaça do que succede nos terrenos estratificados, se vae depositando uma verdade nova sobre outras verdades definitivamente adquiridas.

As flôres nascem bellas na sua exuberancia nativa, mas redobram de encantos quando a mão do habil jardineiro lhes prodigalisa os carinhos. Assim, a intelligencia humana recebendo uma cultura adequada, se desenvolve e fructifica, expandindo-se muitas vezes em manifestações geniaes.

De acordo que a nossa vontade não é soberana, que a nossa consciencia não é resoluta e infallivel, pois se tudo dependesse da nossa vontade não haveria ninguem que não fôsse o primeiro em qualquer, senão em todos os ramos da actividade humana. Em uns fallece a energia, o character, e em outros a lucidez de espirito e, quando fôsse possivel reunir no mesmo individuo estes dois predicados, jámais elle conseguiria tornar-se aos olhos dos seus semelhantes a perfeição absoluta.

Não falta talvez por ahi quem tal se imagine, mas ai d'elles quando tentam escalar as regiões celestes, batendo as azas de cera!

Os Icaros e os Phaetontes não são méras creações mythologicas.

Um litterato, ou um sujeito com a monomania das letras — quem ha ahi que não soffra d'esta doença! — publicando as impressões de uma sua viagem ao estrangeiro, principiava a sua pittoresca narrativa por estas phrases, pouco mais ou menos:

«Eu não sou o primeiro historiador, porque o primeiro historiador é o sr. Alexandre Herculano; eu não sou o primeiro romancista, porque o primeiro romancista é o sr. Camillo. . . .» e assim continuava a parlenda, que, se diria uma bernardice, se não fôsse uma ingenuidade e ao mesmo tempo um acerto. Não ha ninguem que seja aquillo que desejaria ser ou que suppõe ser.

Quaesquer, porém, que sejam as theorias em voga admittidas com sinceridade ou repellidas com firmeza, o que nos segreda a mais intima convicção é que o talento e a virtude — dois termos equivalentes — não pódem deixar de continuar a receber o preito que sempre lhes consagrou o sentimento universal. Respeitamos a virtude e admiramos o talento, como quem se extasia deante de um dos mais formosos quadros da natureza. Quando respiramos com delicia os aromas

de certas flôres, tão ricas de fórmulas como de perfumes, pouco nos importa saber se fóram ellas que se fabricaram a si proprias, ou se desabrocharam na completa ignorancia da sua formosura.

E se devemos curvar-nos deante do bem, applaudindo-o e incitando-o, cumpre-nos, pelo contrario, acantelar-nos do mal, resguardando-o convenientemente para que se não propague e não nos contamine e offenda. Não diremos que se combata o crime com o odio, o que se não póde nem deve é favorecel-o, acalentando-o ao seio como uma vibora. Se ha leprosos Moraes, não lhes falte o tratamento ; não lhes falte a gafaria. O que não póde ser é o desdem pela virtude e a benevolencia para o mal. Esta seria a mais irritante de todas as desigualdades e de todas as injustiças sociaes.

13-8-1907.

O goso da vida

A creença na vida futura, póde considerar-se universal e tem sido a base de todas as religiões. Algumas seitas philosophicas combatem esta doutrina, negando a universalidade do sentimento religioso, ao mesmo tempo que affirmam que o espirito é uma simples manifestação organica. Para elles tudo se resume em força e materia, expressões equivalentes.

No entanto, se o espirito é uma força e se as forças são immanentes, nada se perdendo da natureza, é indubitavel por conseguinte que o espirito não se extingue e que prosegue inalteravel, evolutivo apenas nas suas modalidades. Assim qualquer que seja a theoria que se adopte, espiritualismo ou materialismo, os resultados do trabalho intellectual do homem vão-se accumulando incessantemente, traduzindo-se na marcha progressiva das sociedades, na civilização emfim.

Longe de nós a pretensão, para não dizer petulancia, de querer tentar discutir, n'um breve artigo, e n'uma folha da indole do *Diario de Noticias*, tão grave, tão sublime, tão melindroso assumpto.

As questões religiosas quando não são acceitas dogmaticamente com a submissão de um crente ou nos extasis do amôr divino, arrastam quasi sempre os animos, ainda os mais pacificos, a lutas apaixonadas. A intransigencia, isto é, a parcialidade levada ao fanatismo, é uma das caracteristicas do sentimento religioso. No seio do catho-

licismo quantos combates terríveis se não teem pelejado entre os seus mais famosos e sinceros adeptos!

A vida futura tem sido considerada, embora sob diversos aspectos, como uma compensação aos amargos dissabores da vida presente. Nem sempre o viver de além-tumulo é o regosijo voluptuoso do paraíso mussulmano. O catholicismo não se limitou a fazer brilhar nos horizontes longinquos a estrella da bemaventurança. Para elle a trilogia dantesca é a cadeia algemando de continuo os pés da humanidade.

A divina comedia tem a sua representação firme no scenario do infinito. A penalidade eterna lança nos abysmos infernaes os que insultaram n'este mundo a bondade divina, ao passo que eleva ás regiões beatificas do céo os que praticaram em toda a sua plenitude as obras de misericordia. Resta ainda um atalho de regeneração, para os que se desviaram d'estes dois caminhos. No purgatorio se depuram os que não fôram inteiramente perversos.

O materialismo diz que tudo isto são imagens proprias de imaginações credulas, phantasmagorias que se desfazem ao mais leve sopro da critica. Assim será, mas o espirito humano tem uma tendencia irresistivel para o maravilhoso e busca no mysterio um lenitivo ás suas maguas, um refrigerio ao seu desespero, um ideal ás suas aspirações. A seita dos estoicos que foi uma das mais brilhantes manifestações do materialismo romano, só encontrava na morte voluntaria, como Lucrecia, a solução venturosa do seu destino irrequieto. O goso exclusivamente material convertia-se ordinariamente no tedio, na sacciedade, no desdem de todos e de tudo.

O sentimento religioso, tão admiravelmente consubstanciado no christianismo, não aconselha em absoluto o desprezo dos bons e da felicidade terrena, antes pelo contrario, segundo as proprias palavras de Christo, nos ensina a atravessar o mundo na romagem do amor fraterno.

Ajudemo-nos uns aos outros, façamo-nos mutuamente o maior bem possível, e a paz reinará entre todos os povos, entre todas as classes, no seio de todas as familias.

A moral do Evangelho, apesar da sua excellencia, não é todavia tão efficaç que produza a concordia universal, reduzindo as ambições desenfreadas, suffocando os instinctos bestiaes, suavizando os rigores da sorte e da adversidade, tão imperiosos, tão fataes, tão insubmissos.

A propria natureza, com a variedade dos seus climas, alguns dos quaes tão inhospitos, com as suas caprichosas ephemerides meteorol-

logicas, contribue poderosamente para tornar mais ardua a transitória passagem do homem sobre o globo terraqueo. A resignação, por mais risonhas que sejam as circumstancias que nos acompanham e rodeiam, torna-se portanto o elixir indispensavel, sem o qual difficilmente poderemos resistir ás vicissitudes e contrariedades que nos perseguem.

Sem banir o sentimento religioso e qualquer que seja o systema philosophico adoptado, parece-nos justo e natural que o homem procure não só amenisar a sua existencia terrena, mas tornal a propicia, agradável, quanto possível commoda. Já se vê que não é necessario appellar para os requintes do sybaritismo, porque não são os gosos materiaes os unicos a fornecer-nos o contentamento duradouro e infavel. Sem o verniz artistico a redourar os objectos mais triviaes, a vida não passa de uma diversão grosseira. Sem a delicadeza dos affectos, o convívio social não é mais do que um simples agrupamento e todo o encanto da familia se dissipou em bruma nauseabunda.

E se o sybaritismo não póde servir de nórma commum, muito me-se deve permittir a libertinagem boçal que leva o homem á mais completa abjecção, aos actos da mais repugnante animalidade, como esses que ultimamente se patentearam aos olhos estupefactos da povoação lisbonense. Que os animaes nos perdoem se os pomos em confronto com individuos que perderam não só toda a noção do decoro, mas até, ao que parece, a propria sensibilidade.

Gosemos a vida, sim, não na concorrência desleal e desenfreada, que por ahí tantas vezes se observa, mas no justo apreço de todas as coisas, na pratica de todos os deveres, no respeito de tudo o que é legitimo, na consagração de todas as virtudes. O bem é a unica base da felicidade e aquelle que procura no mal a satisfação dos seus appetites, esse merece que o eliminem pelo sequestro, como prevenção salutar e não como vingança, do convívio dos seus similhantes.

21-8-1907.

As lições da Historia

A Historia, no dizer unanime dos entendidos, é a mestra da vida. Sob o ponto de vista do raciocinio ou da theoria, esta definição é perfeitamente exacta, o que já não succede sob o ponto de vista pratico ou da realidade. As lições do passado não são aproveitadas como deverám ser e a Historia não passa d'uma ficção mais ou menos novelesca, d'um entretenimento de curiosos, d'um goso de eruditos, d'uma serie de occorrencias mais ou menos interessantes, como se as paginas d'um Plutarcho, d'um Froissart ou d'um Fernão Lopes não fôsem mais que a *reportagem* do seu tempo.

Diversas causas concorrem para este resultado que bem se póde considerar negativo, sendo das principaes a maneira de escrever a Historia e a maneira de a interpretar depois de escripta. O historiador, por mais alta que seja a sua capacidade, por mais pura que seja a rectidão do seu character, por mais intenso que seja o seu sentimento de imparcialidade, está sempre sujeito, já ás influencias das paixões dominantes da época, já ao influxo suggestivo do seu temperamento. Alexandre Herculano, o austero pensador, não raro vê os successos dos tempos idos atravez do prisma da actualidade.

Sob quantos aspectos não tem sido encarada e observada a revolução de 89, essa epilepsia moral, que tão fundo atacou o organismo do povo francez contagiando depois a Europa inteira! Para uns a trilogia de Marat, Danton e Robespierre não é mais que a representação symbolica das furias do paganismo ou do inferno dantesco; para outros é a mais bella synthese do espirito demolidor dos preconceitos seculares e tyranicos.

Ainda não ha muitos annos que um dos mais deslumbrantes estylistas francezes e um dos seus mais notaveis pensadores, Taine, procurando isolar-se de todas as correntes partidarias e politicas, baseando-se apenas no estudo consciencioso dos factos e dos documentos, apresentou sob uma fórmula captivante e nova as origens e desenvolvimento d'aquelle phenomenal successo, que assignala um dos periodos mais convulsionados da humanidade.

Pensam porventura que o trabalho de Taine foi acolhido se não com o entusiasmo geral, se não com o applauso unanime, ao menos com a approvação de todos os homens rectos e amigos da verdade?

Puro engano! A historia de Taine satisfaz sómente alguns espiritos raros e privilegiados, porque a maior parte dos leitores, não comprehendendo o criterio que presidiu á obra, ficaram descontentes, por não serem aduladas as ideias e opiniões preconcebidas.

A muitos individuos temos ouvido dizer que se fôsse permitido voltar á mocidade, outro gallo lhes cantára, pois, ensinados pela experiencia, outro rumo dariam á sua vida. Como se illudem! Se lhes fôsse permitido realisar esta phantasia, como tornariam a repetir os erros, de que se queixam agora, sem se lembrarem que as circumstancias momentaneas é que implacavelmente as determinaram! A mocidade pensa e sente d'um modo muito differente da velhice e quem fôr velho temporão, quem fôr a virtude recatada no tempo das paixões, espere-lhe pela volta, que terá então a primavera no inverno. O que succede com os individuos, dá-se egualmente com as grandes collectividades. Ah! se a experiencia impuzesse sempre os seus dictames, se a Historia fôsse a invariavel mestra da vida, como os exemplos do passado poderiam ter servido de ensinamento e correctivo aos desacertos do presente, evitando-os ou attenuando-os quanto possivel! Infelizmente a fatalidade dos factos é superior á lição que resulta do seu exame, e por isso os conselhos da prudencia, as palavras amigas dos bem intencionados, as reservas dos cautelosos, os avisos dos experimentados, são como gottas d'agua caídas num chão de brazas.

Desde 1820 que a sociedade portugueza tem sido revolvida quasi de continuo pelo embate das lutas politicas e partidarias. Quantas forças vivas, aniquiladas n'este redemoinho de paixões, não teriam proliferado generosamente em beneficio da prosperidade nacional, se tivéssemos aberto bem os olhos á luz d'esses acontecimentos, cuja repetição perniciososa se poderia ter evitado com um pouco mais de reflexão e de serenidade!

Bem sabemos que ainda não está methodicamente coordenado o elenco do constitucionalismo portuguez e que nos falta um guia seguro n'esta materia, existindo apenas em vez d'um corpo de historia, muitos fragmentos de character pamphletario. Ainda assim bastaria recordar alguns dos successos typicos para vêr que elles se repetem com uma frequencia incommoda, substituindo os rebates de peste, que outr'ora tanto devastavam a população portugueza. São epidemias moraes, que não fazem menos damno que as epidemias phisicas e que estão reclamando o emprego de medidas preventivas, segundo os preceitos da mais energica e efficaz hygiene.

Na nossa secção *Lisboa ha quarenta annos* tem tido o leitor ensejo de verificar que atravessavamos então tambem um periodo, se

não convulsivo, pelo menos agitado. O mal vem portanto de longe e ha-de prolongar-se indefinidamente ou por falta de therapeutica sensata, ou por falta de clinicos que não sabem medicar o enfermo e o deixam ao abandono, como se deixavam antigamente nas estradas os infelizes atacados de lepra, expostos apenas á caridade dos transeuntes.

Já que os exemplos da Historia se tornaram inuteis, já que ella deixou de ser mestra da vida, lancemos mão de outros expedientes e recorramos ao sentimento patriotico, se a fibra do patriotismo ainda vibra, como julgamos, no coração portuguez. Invoquemos essa divindade tutelar, que nos tem valido por vezes nos transes mais dolorosos da nossa tão longa existencia e cheios de confiança em tão maravilhoso sant'elmo empenhemos todos a nossa melhor vontade no proposito firme de conjurar os perigos que nos ameaçam e de concorrer para a prosperidade commum, demonstrando ao mundo civilisado que não demos nem damos motivo a perder a sua estima, consideração e respeito.

20-3-1908,

Heroismo e trabalho

As nações, como os individuos, atravessam tambem quatro épocas na vida, correspondentes ás quatro estações do anno: a infancia, a puericia, a virilidade e a velhice. Nem todos os povos offerecem na sua evolução, uma serie consecutiva, permanecendo estacionarios ou apathicos, indifferentes á marcha do progresso. Outros, porém, destacam-se pela sua actividade, pela sua insaciavel ambição do mundo, pelo desejo de exercer sobre os outros uma tutela a que se julgam com direito. Os que estão n'este caso, os que se evidenciam fortemente, registam nos seus annaes periodos de gloria e de heroismo, para declinarem depois do fastigio da sua grandeza na decadencia commum.

Nacionalidades de primeira ordem desapareceram para sempre, sem quasi deixarem vestigios do seu soberbo poderio, trasformando o solo que dominaram numa necrópole immensa. Outras, porém, á semilhança de Antheu, relembrando-se do seu passado fascinador, chegam a reconstituir-se de novo, ainda que em proporções mais modestas. Assim succedeu com a Italia que, depois de ter atravessado alguns

seculos de esphacelamento, recobra hoje, em grande parte, o seu vigor antigo, occupando um logar distincto entre as potencias que dictam a lei.

A outra phase similhante parece que vamos assistir agora. A Turquia, denominada o enfermo oriental, destinada a uma partilha que se afigurava imminente, procura evitar o perigo que tanto a ameaça, e conjugando os restos da sua energia, galvanizando as forças latentes e adormecidas, mostra-se disposta a entrar denodadamente na vida moderna, graças ao espirito renovador dos seus mais activos e intelligentes filhos. Effectivamente a Turquia não tem só elementos de resistencia, tem tambem elementos reconstituitivos, sendo justa e natural a aspiração da *nova Turquia*, e não se consola nem se satisfaz com a simples recordação dos feitos gigantes dos seus homens de guerra.

Nós tambem tivemos o nosso periodo de heroismo e como poucos podemos entreter as longas noites de inverno, á lareira, narrando as proezas homericas dos nossos avós. A raça dos conquistadores, a descendencia dos Albuquerque, não se extinguiu, o que passou foi o momento historico, apropriado ao desenvolvimento do nosso valor e da nossa audacia. Não se reproduzem facilmente as épocas extraordinarias e ao mesmo tempo propicias, em que um povo ou a humanidade são chamados a cumprir um dever supremo. Nós cumprimos o nosso, revelando o mundo desconhecido e tomando posse d'aquella parte que as circumstancias nos permittiam, para assim dizer legalmente, adquirir.

Que o nosso espirito bellicoso e aventureiro não afrouxou tem-oahi bem evidenciado nas ultimas campanhas de Africa, em que os nossos soldados ceifaram louros que bem se poderiam entretecer na corôa de Duarte Pacheco ou de D. João de Castro. Essas campanhas, porém, fôram mais de conservação que de conquista. Cumpre-nos manter o patrimonio herdado, desenvolvendo, sob o ponto de vista civilizador, os poderosos recursos que nos offerece.

Hoje, mais do que a fortaleza, devemos levantar a feitoria. Os baluartes de Diu são substituidos pelas trincheiras dos caminhos de ferro. O silvo das locomotivas, atravez das florestas virgens e dos sertões inhospitos, é que deve ser o nosso grito de guerra.

As correntes modernas tendem innegavelmente para o pacifismo, embora jámais cruzassem os mares esquadras tão poderosas, como as que vemos evolucionando todos os dias. Este espectáculo bellicoso não se ostenta unicamente no oceano. Em terra, os exercitos monstruosos asseguram a tranquillidade do mundo, ameaçando-a todavia constante

mente. Uma unica nação, patria gloriosa de alguns dos mais notaveis capitães, e que, durante tantos seculos, tem lançado o peso da sua espada na balança do destino, parece agora disposta a renegar o seu papel, combatendo o militarismo.

A França de Roland e dos doze pares, a França de Turenne e de Condé; a vencedora sob o prestigio napoleonico de Marengo e de Austerlitz, grita — abaixo o exercito!

O periodo heroico da nossa vida historica desapareceu, não ha duvida, e quando resurja será sob outra fórma para sustentar denodadamente a liberdade e a independencia.

Não falta, porém, onde empregar a nossa energia, e grande será a luta em que tenhamos de empenhar as nossas forças para sahir victoriosos.

Temos um inimigo terrivel na concorrência que nos fazem o commercio e a industria estrangeiras. Os nossos instrumentos de trabalho são grosseiros e deficientes, precisando por conseguinte aperfeiçoal-os quanto antes.

De que nos serviria armar outra vez o braço para conquistas como as de outr'ora, se ficassemos na dependencia moral dos outros povos, que nos chasqueariam pelo nosso abatimento?

Sejamos heroes, mas heroes do trabalho! Conquistemos, mas sejam as nossas conquistas as conquistas do progresso! Libertemo-nos do capital estrangeiro, cujo predominio não é menos compromettedor que o predominio politico ou militar.

A vida nova impõe-se e só pelo trabalho, para o qual urge fazer recahir todas as atensões, é que poderemos occupar um lugar honroso e digno entre as outras potencias. Riam-se de nós, já quando não precisemos d'ellas para coisa nenhuma! Grangeemos, sim, a sua amizade, mas não nos sujeitemos de modo nenhum, sob qualquer fórma, á sua tutela!

28-9-1908.

Os florões da coròa marcial

Nem só de pão vive o homem, resam as sagradas escripturas, e o que se diz do individuo póde-se applicar com tanta ou mais afouteza ás grandes collectividades.

Effectivamente não ha povo nenhum, que não dilate a sua vista por um vasto horisonte em busca de um ideal de grandeza, ou que, pelo meros, na impossibilidade de realizar essa aspiração generosa, não se contente com a lembrança das suas glorias passadas. São raros os que não se comprehendem n'esta regra e aquelles que se exceptuam é porque vieram a cair no desanimo da fatalidade historica.

As tradições que mais glorificam, que mais ennobrecem e exaltam um povo, são as que derivam das suas virtudes militares, das manifestações da sua força physica, do seu predomínio avassalador.

Tanto nos povos selvagens como nos povos civilizados, por uma irresistivel corrente de atavismo, os cantos bellicosos são os que mais impressionam a phantasia de quem os ouve ou de quem os lê. A poesia epica obtem um logar primacial em todas as litteraturas e os poemas de Homero, de Virgilio e de Camões, são como Biblias das nacionalidades, cujos heroes celebram.

Citamos Camões e bastaria elle para comprovar quanto a nossa historia é fertil de episodios em que se vem reflectir com todo o brilhantismo o valor dos nossos antepassados. Debaixo deste ponto de vista nada temos que invejar aos outros povos e se nos sobram motivos de orgulho nacional, devemos francamente confessar que todas ou quasi todas essas recordações se dissiparam como pó levantado no campo das batalhas, sem que deixassem um resultado deveras proficuo e humanitario. Uma excepção honrosissima temos a nosso favor; os feitos de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama, de Cabral, dos Côrtes-Reaes, de Fernão de Magalhães e de tantos outros, não se limitaram a pelepas cruentas com os homens. Fizeram mais do que isso; lutaram ousadamente com a natureza, e, descobrindo novos continentes, alargaram o ambito da geographia, multiplicando a actividade do commercio e da industria.

Liquidando os numerosos actos da nossa intrepidez e bravura fica-nos este saldo positivo, deveras honroso e invejavel. Se não fôra isto, a lista das nossas perdas, de tão extensa que é, deixar-nos-ia

desanimados, mostrando-nos como a victoria e a derrota se contrabalançam com frequencia, misturando sem cessar, no kaleidoscopio da historia, as cousas alegres e as cousas tristes. Quando resolvemos sahir do continente europeu e abater o nosso vôo conquistador sobre as costas de Africa, a primeira terra que empolgámos, arrancando-a do dominio mourisco, foi Ceuta. Hoje já não nos pertence, mas ao menos ficou sobre o poderio de uma nação christã, a Hespanha. Não é isto uma singularidade digna de nota?

Depois, n'um afan insaciavel, quantas fortalezas tomamos de assalto, quantas erigimos de novo! Fômos soldados e fômos architectos e ainda hoje em muitas muralhas derruidas e tisonadas, se observam simultaneamente os signaes do nosso valor e da nossa pericia. Que o digam os muros de Diu, que são o mais notavel livro de pedra a narrar o nosso heroismo inquebrantavel!

Sem de modo nenhum querer offender os conhecimentos historicos dos nossos leitores, estamos persuadidos que muitos d'elles estão longe de imaginar até onde chegou o cadastro das nossas possessões, o numero de praças que possuímos, n'uma extensão de milhares de leguas, desde Ceuta até aos confins do Oriente. Os nossos romancistas historicos, inventando intrigas amorosas, onde collocam os seus personagens mais imaginarios que reaes, prestariam talvez melhor serviço, se accommodassem o seu inquestionavel talento á descripção genuina das phases aventureosas por que passou essa interminavel cadeia de baluartes, que defendiam as nossas feitorias, as nossas alfandegas, as nossas igrejas e instituições de caridade. A Misericordia, depois de instituida pela rainha D. Leonor, não tardou a erigir o seu campanario e o seu hospital á sombra da torre de vigia.

Arzilla, Tete, Almedina, Tanger, Azamôr, Mazagão, a forte cadeia de pedra com que cingimos o imperio marroquino, S. Jorge da Mina, Ormuz, Malaca, Chaul, tudo isto que representa apenas uma parte do nosso antigo dominio ultramarino, tudo isto se perdeu, pouco e pouco, não sem da nossa parte se ter offerecido por vezes uma resistencia digna de melhor sorte.

Como seria interessante e deveras instructivo traçar num mappa os marcos milliarios dessa campanha secular, indicando os meios como entrámos na posse de tantos territorios e como os fômos alienando depois gradualmente, umas vezes pela fatalidade das cousas, superior a qualquer esforço, outras vezes — triste é dizello — pela propria incuria!

Estes florões da nossa corôa de gloria compramol-os á custa de muito sangue e ainda que hoje os quizessemos readquirir por igual

preço, seria de todo o ponto impossível e até absurdo. Não nos lastimemos porém, porque elles pôdem ser substituidos por outros mais duradouros e immarcesciveis, os que resultam do trabalho no campo da sciencia e da industria.

Se Affonso de Albuquerque, o remodelador de imperios, como lhe chamam, é um vulto gigantesco, e cuja memoria devemos acatar respeitosaente, como não seria ainda assim preferivel que a sua espada victoriosa fôsse substituida pelo telescopio de um novo Galileu, e pudesse soltar uma phrase semelhante á que proferiu aquelle gigante da astronomia, quando proclamou o movimento da terra!

30-9-1908.

O culto da natureza

Insensivelmente, sem ideia preconcebida, o pantheismo está sendo uma das bases da nossa educação popular. O principio de *que tudo é Deus e Deus é tudo* converte-se no culto da natureza. O plantio da arvore e a festa da Primavera são dois dogmas ou dois sacramentos d'aquella amavel religião contemplativa.

A plantação da arvore, como elemento pedagogico, é de origem moderna e de procedencia estranha. Já não succede o mesmo com a festa da Primavera, que tem raizes muito mais profundas e tradições muito mais longinquoas. Antonio Feliciano de Castilho foi quem entre nós introduziu essa poetica cerimonia, indo em festiva romagem, com os seus companheiros universitarios, á Lapa dos Esteios. O auctor das *Cartas de Echo a Narciso*, apesar de ter sacrificado tambem nas aras do romantismo, foi sempre um poeta classico, um dilecto das musas pagãs, um discipulo fiel da escola romana, um conviva dos Mecenas e um amigo intimo de Ovidio e de Virgilio. Não admira, portanto, que elle fôsse um continuador da civilisação materialmente encantadora da velha Italia, a legitima herdeira da civilisação atheniense.

Não succedeu o mesmo com Garrett, que abjurou as crenças antigas, invocando as crenças do christianismo, sem todavia se lembrar que a maior parte das superstições populares que tanto o seduziam não eram mais que uma nova fôrma dos sentimentos e costumes pagãos. A religião dos martyres, não obstante ter conseguido um triumpho quasi definitivo, julgou todavia mais sensato condescender e tran-

'sigir com os vestígios irreductiveis do crêdo pagão. Assim muitas festas e cerimoniaes que ainda hoje se praticam na igreja catholica, não são [mais que a adaptação dos ritos pagãos e das solemnidades mythologicas. N'este caso, por exemplo, a festa da Candelaria ou de Nossa Senhora das Candeias, que foi instituida para se substituir a adoração prestada a uma divindade olympica.

O espectáculo da natureza é, sem duvida, uma das cousas mais bellas que se possam offerecer á nossa vista e á nossa contemplação, embora muitas vezes o scenario se transforme, e do prospecto risonho d'um idyllio passemos ao quadro pavoroso da tragedia. Os accidentes, a que ultimamente temos assistido e que ainda não cessaram, bem demonstram quanto é fragil a existencia do homem e como está sujeita aos riscos mais inesperados, aos caprichos mais estonteadores. Um abalo qualquer da crosta do globo derruba em breves instantes as obras que julgavamos mais perduraveis e solidamente construidas, sepultando nas suas ruinas milhares de victimas inoffensivas. E a terra, passado este ligeiro ataque de epilepsia, continua impassivel, na sua inconsciente ironia, como se fôsse uma creança que se entretivesse innocente a deitar ao chão castellos de cartas. A aspereza e irregularidade dos climas, a inconstancia das estações, o desatino dos phenomenos meteorologicos, tudo isto concorre para lançar no fundo da alma humana o germen do desespero, que se traduz em gritos de blasphemia. No entanto, o homem, á semelhança do marinheiro, que se affeiçoou á musica das ondas e dos ventos, bem rapido esquece as impressões da tempestade, para só gosar as delicias da bonança, a serenidade do porto de salvamento.

E não é só o homem que soffre e que tem de arcar com as maiores difficuldades e de vencer os mais sérios obstaculos, para levar a cabo a sua travessia. Os animaes e as plantas estão sujeitos ás mesmas leis, tanto physiologicas como psicologicas. A luta entre todos é evidente e mesmo a olho desarmado se observa, sem ser necessario recorrer ao auxilio da sciencia. O passaro que nos parece mais inoffensivo, a flôr, que imaginamos destituida de acção, não escapam á lei fatal da luta pela vida. As theorias de Darwin confirmam que a selecção é a consequencia logica dessa luta e que o mais forte ou o mais habil cantam victoria sobre os entes destituidos de menores recursos. Tempo virá, na esteira destes principios, em que as especies fiquem reduzidas, embora os infinitamente pequenos, unindo as suas forças, constituam phalanges da mais solida resistencia.

Sem embargo de todas estas restricções perigosas, de todas estas nuvens que obscurecem o brilhantismo da paisagem, envolvendo os

raios mas fulgurantes em noite calliginosa, a contemplação e estudo da natureza hão-de ser sempre um regalo para os sentidos, um deleite para a intelligencia, um mimo para o sentimento. Em contacto com a natureza, o homem como que se purifica, acrisolando-se a sua bondade.

Dizia Lamartine que quanto mais conhecia os homens, mais apreciava os cães. O poeta das *Meditações* tinha destas ironias delicadas, quando não deixava rugir a blasphemia nas estrophes do *Desespero*. A sua lyra, porém, possuia outras cordas mais suaves e outras vibrações mais consoladoras. Elle amava a natureza e via nella o reflexo de uma Providencia cheia de luz e de amôr.

Continuem, pois, as creanças a plantar as arvores, que serão um dia as nossas melhores amigas, cobrindo-nos com a sua sombra, enternecendo-nos com as suas musicas, e continuemos festejando a Primavera, pois a festa da natureza, generalisada ainda a outras estações, será a melhor garantia da bonança social e da paz entre os homens !

30-6-1909.

O passado e o presente

Quem, ha cincoenta annos, penetrasse no interior duma casa, já não diremos de Lisboa, mas do Porto ou de qualquer outra cidade da provincia, veria que todas a pessoas de familia, além dos serviçaes, depois das competentes refeições, se entregavam, numa communitade patriarchal, a diversos trabalhos.

Umas, de roca á cinta, fiavam o linho. Outras dobavam as massarocas ; estas, de agulha de meia em punho, faziam peugas, aquellas talhavam e cosiam. A' noite, nas longas noites de inverno, á luz da candeia, ao lado do brazeiro, seroava-se, contando-se ao mesmo tempo historias de fadas e da carochinha, lendas mysteriosas de lobishomens.

Estes quadros desappareceram por completo, para se reflectirem apenas, pallidamente, na memoria dos que fôram rapazes e creanças daquelle tempo, e que são hoje respeitaveis octogenarios. O ruido da machina de costura, que se encontra em algumas casas modestas, substituiu aquellas palestras familiares, encantadoras, apesar de monotonas e rotineiras. A officina familiar tem o seu succedaneo nos armazens da roupa branca. Já ninguem se preoccupa em preparar o

bragal, porque se julga desnecessario, deante da concorrência das fabricas e das lojas.

A rapida e profunda transformação da industria modificou a vida domestica, que deixou de ser sedentaria, embora trabalhadora e productiva, para ser mais agitada e mais espaventosa. Hoje tudo vem para a rua na vertigem do movimento, na attracção irresistivel dos electricos. As praias, as thermas, as estações veranescas de toda a naturêza, estão provocando os forasteiros, que já não precisam de inventar pretextos de doença para acudirerem áquelles fôcos de diversão. O feminismo, reivindicando os seus direitos de liberdade, canta victoria por esta maneira, equiparando-se ao sexo forte.

E' isto um bem? é isto um mal? Não nos atrevemos a dar uma resposta definitiva, porque a balança do criterio mais sensato ora se inclina para um, ora para outro lado.

O que sabemos é que não ha aqui mais nada senão a consequencia logica dos factos, o desdobraimento fatal das cousas. A metamorphose dos costumes vae-se operando, ora lentamente, ora com violencia, segundo os impulsos da civilisação, segundo a marcha evolutiva da industria e da sciencia.

Antigamente dominava a vida recatada, quasi reclusa, conventual cheia de preconceitos, mas nem por isso se pense que não havia, como ha hoje, a ancia mais ou menos soffrega do prazer. Todas as classes se divertiam e ás vezes até desenfreadamente, como se estivessem numa sociedade pagã. Os devotos não precisavam de tirar a mascara da hypocrisia para se recrearem á farta.

A realeza e a fidalguia é que tinham a melhor partilha, mas o *Zé-Povinho* não deixava de sêr um importante comparsa. Ainda não se obliteraram algumas das designações das ruas de Lisboa, que bem nos demonstram quanto a vida desportiva era antigamente praticada. Citaremos a *Carreira dos Cavallos* e a *Calçada do Jogo da Pellu*.

As touradas, assim como os combates de outros animaes, eram frequentes e n'esta categoria se devem incluir as justas, os torneios, os jogos de cannas. As caçadas, sobretudo, quando eram feitas com o açôr e outras aves de presa, revestiam um character deslumbrante. D. Manuel, quando ia para estes passatempos, levava sempre os seus musicos e no seu cortejo, quando atravessava, como um principe oriental, as ruas de Lisboa, desfilavam os elephantos.

As festas religiosas tinham attractivos irresistiveis. As procissões deixavam a perder de vista os nossos cortejos civicos. A do *Corpo de Deus* era um auto prolongado pelas representações e danças dos diversos officios mechanicos. As selemnidades, que se realisavam na

Patriarchal em tempo de D. João v, offuscavam as operas mais apparatusas dos theatros régios. E como se isto não bastasse, as fogueiras inquisitoriaes, as execuções na forca eram espectaculos aperitivos para a côrte e para a populaça.

Como o espirito humano é cheio de contradicções, não nos devemos admirar que certos individuos e certas épocas, aliás de character tenebroso, se prestem facilmente á folia. Quem nos houvera de dizer que D. João II, o austero, o que não se pejava de exercer por suas mãos o officio de algóz, era tambem um apaixonado da vida alegre e faustosa? Quando foi por occasião do casamento de seu filho, elle convocou as côrtes para lhes pedir valiosas sommas para os gastos da festa.

E se as artes e officios tiveram muito que fazer, ganhando bastante dinheiro não faltaram fidalgos que, na rivalidade da ostentação, se arruinaram por completo.

Julga-se, e na verdade assim é, senão em todo, pelo menos em parte, que a côrte de D. João III era um conjunto de fanaticos e de devotos. E no entanto, nos serões dramaticos do paço, a musa zombeteira de Gil Vicente tinha audacias inacreditaveis contra a cleresia e contra a igreja de Roma. Fundava-se a Ordem de Jesus, estabelecia-se a Inquisição e ao mesmo tempo convidavam-se Erasmo e outros professores notaveis das academias europeias para virem ensinar em Portugal. Assistia-se aos autos de fé e presenciava-se ao mesmo tempo o esplendoroso torneio de Xabregas, descripto no *Memorial da Tavola Redonda*, como se fôsse um notavel episodio de romance de cavallaria andante.

D'este rapido esboço, d'estas pinceladas ao acaso, deduz-se infalivelmente que a alegria da vida, que a aspiração do goso são innatos no homem, não obstante todas as difficuldades que o rodeiam, ou por isso mesmo, como uma compensação ás rudes lutas do trabalho quotidiano.

Divirta-se pois a humanidade! Antes isso do que transformar o mundo n'um coliseu immenso, onde os homens se despedaçam mutuamente em guerras fraticidas, como ontr'ora as bestas feras e os gladiadores no Circo de Roma, sob o olhar impassivel dos Cesares!

O Nú em exposição permanente

O Nú é um dos generos que apparecem com mais exhuberancia nas exposições artisticas parisienses. Um espirituoso escriptor, Armand Sylvestre, publica, ou publicava todos os annos, um volume intitulado *Le nu au salon*, como se fôsse um supplemento indispensavel ao catalogo geral.

Os quadros traçados á penna eram mais frescos e picantes ainda do que os proprios quadros feitos a pincel e de que as estatuas, apenas cobertas com a pudibunda e classica folha de vide.

As artes plasticas francezas, como a sua litteratura, reflectem o genio d'um povo alegre, cançonetista, desenvolto, sacrificando tudo ao gracejo, ainda que este muitas vezes macule as suas azas no lodo da obscenidade.

A litteratura franceza tem obras, que se podem dizer impeccaveis, animadas de um sopro divino, mas, na sua generalidade, obedece á corrente do sarcasmo e da facecia, que nada poupam e nada respeitam, por mais sagrado que seja.

O genio de Rabelais manifesta-se mais ou menos disfarçadamente em todas as producções. Se Voltaire profana a memoria de Joanna d'Arc, que admira que Offenbach e os seus collaboradores ridicularissem, deprimindo-a, a sociedade que os rodeia?

Quem frequenta o theatro do *Palais Royal* encontra no *Divorçons!* e nas outras comedias de Victorien Sardou, que ainda assim é dos mais delicados, a reproducção das obras dos pintores. O theatro francez é uma especie de animatographo do *Salon* parisiense.

Ora nós, que tanto macaqueamos tudo o que é francez, n'este ponto não deixamos de ser uns fieis e devotissimos imitadores. Pena é que importemos d'aquella brilhante civilisação o que ella tem de peor, o que ella considera, com desprezo para nós todos, producto especial para o estrangeiro. Ha entre nós quem julgue Julio Diniz como um ingenuo e a leitura dos seus romances mais propria para creanças, dando preferencia aos de Eça de Queiroz, embora n'elles se notem paginas d'um realismo, que não só fariam córar uma donzella timida, mas até um porta-machado de saudosa memoria.

Gosamos nós, os que pertencemos ao sexo masculino, de um triste privilegio, tão triste como condemnavel. Muitos livros apresentam este

rotulo preventivo: *leitura para homens*. Bem sabemos que isto não passa, em grande numero de casos, d'uma artimanha provocadora, mas é triste que se recorra a semelhante expediente, que se traduz n'uma offensa e n'um ferrete humilhante para o nosso character. Sômos tão depravados, são os nossos sentimentos tão baixos ou é o nosso organismo de tal modo constituido, que podemos respirar impunemente aquella atmospherá mephitica?

Quem atravessa as ruas mais brilhantes e movimentadas de Lisboa observa em posição evidente e ostensiva, em grande numero de estabelecimentos, photographias e estampas, que decerto não poderiam servir para adornar as paginas do *Thesouro de meninos* ou da *Moral em acção*. E' o nú em exposição permanente.

Mas que nú! Não é só a reprodução da plastica, que tantas vezes admiramos e nos encanta pela delicadeza das fórmas. E' o nú grotesco, subordinado a um pensamento grosseiro. Não é a arte do gabinete; é a arte do alcouce; é a vida do bordel em galerias d'uma sensualidade animal; é o museu da licenciosidade pagã de Napoles, aberto sem a menor precaução.

Isto, porém, não é tudo. Rapazes e raparigas circulam nas ruas, apregoando descaradamente publicações e objectos, offensivos do pudôr, demonstrando assim quanto essas creanças já estão afinadas no vicio.

Nós não pretendemos reformar o mundo, nem prégar moralidade, porque, além de perdermos o tempo, talvez nos dissessem que o nosso latim era do conselheiro Accacio. Parece-nos, todavia, que se poderia dar algum remedio a tantos desmandos e desbocamentos e que a policia, sem reprimir em absoluto a liberdade de alguns vendedores menos honestos, pelo menos os obrigasse a ter mais recato.

Quando não sejam castos, sejam pelo menos cautos.

29-9-1909.

A Reforma e Erasmo em Portugal

Tres grandes acontecimentos, de caracter bem diverso, coincideram no principio do seculo XVI para transformar a marcha do mundo e impulsionar a civilisação moderna: — os descobrimentos maritimos, o renascimento da litteratura e da sciencia antiga e a reforma lutherana. O movimento iniciado por Luthero na Allemanha abalou o orbe catholico e repercutiu-se na peninsula iberica, embora a Hespanha fôsse a potencia que mais obstaculos lhe oppoz e mais a hostilizou.

Portugal tambem não ficou insensivel, ainda que nenhum homem de vulto abjurasse o catholicismo, se alistasse ostensivamente nas fileiras protestantes ou escrevesse alguma obra especial em favor das suas doutrinas.

Dizem os nossos criticos modernos que Gil Vicente obedecera ao impulso que vinha da Allemanha, e que os seus Autos, mettendo por vezes a ridiculo os ecclesiasticos, estão cheios de diatribes contra a igreja de Roma. O sr. Menendez y Pelayo contesta similhante parecer, affirmando que o espirito de revolta do nosso grande poeta comico era commum a outros auctores dramaticos, o que não quer dizer que elles fôsem heterodoxos. O argumento prova de mais, pois demonstra que as ideias de Luthero não eram exclusivamente suas mas antes muito vulgares. Verdade é que Gil Vicente não atacava os dogmas nem os pontos essenciaes de doutrina, limitando-se a censurar com a maior desenvoltura os excessos da cleresia.

Com effeito os abusos da classe ecclesiastica tinham impressionado os propios catholicos a tal ponto que D. Manuel, nos fins do seculo XV, no principio do seu reinado, de accordo com seu sogro, mandou a Roma uma embaixada ao papa Alexandre VI, pedindo-lhe que tratasse de reformar os costumes da igreja. Muitos annos depois proclamava D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, que os *eminentes* cardeaes estavam a pedir *eminentissima* reforma.

Pelos documentos do Santo Officio se vê tambem que entre os populares lavrava intenso o fogo da heresia, atiqado sobretudo pelos estrangeiros que estacionavam no reino, sendo necessario reprimil-o com violencia.

A par de Luthero apparece outra individualidade poderosa, que exerceu extraordinaria influencia sobre os espiritos do seu tempo, não

sendo talvez menos fatal para a igreja, embora não rompesse abertamente com ella e não renegasse os seus principios fundamentaes. Natural de Rotterdam, na Hollanda, Erasmo era um erudito de primeira ordem e um polemista mais notavel ainda. O pamphletario prevaleceu sobre o erudito. Escrevendo em latim, na lingua da igreja, o auctor do *Elogio da loucura*, derramando ás mãos cheias o sarcasmo e a ironia, sem ser atheu como Voltaire, pôde dizer-se, com justificado motivo, que foi um dos seus predecessores. Character orgulhoso e ambiguo, lisongeava-se do acolhimento que lhe faziam alguns dos homens mais notaveis do catholicismo, os principes e até a propria egreja, que não o declarou seu inimigo formal, na esperança talvez de que fôsse um elemento conciliador, trazendo ao rebanho commum as ovelhas desgarradas. A expectativa, porém, foi illusoria.

Erasmo foi muito lido na peninsula, e algumas das suas obras fôram traduzidas na lingua de Cervantes. Em Portugal, crêmos que não se deu este factó e apenas temos noticia de que em 1773 se publicára em Lisboa um livrinho seu, *De copia verborum*, para uso dos estudantes de latim. No entanto, sabemos que no seculo XVI um Luiz Antunes fôra denunciado á Inquisição por estar escrevendo um livro em defeza de Erasmo.

Que o seu nome e as suas doutrinas eram correntias em Portugal, prova-se por uma passagem de João de Barros na dedicatória da sua obra *Ropica Pnema* ou *Mercadoria Espiritual*, impressa em Lisboa, em 1532, na qual, alludindo aos *Colloquios* de Erasmo, «que já são velhos», acrescenta que entre nós se falava tão solto, como se estivessemos na Allemanha nas rixas de Lutheró.

João de Barros talvez fôsse um livre-pensador, tanto quanto lh'o permittia o ambiente que o rodeava, e as doutrinas do philosopho hollandez não deixariam de ser por elle perfilhadas. Na obra citada põe elle na bôca da *Vontade* uma invectiva da Lei Antiga (Velho Testamento) contra a diversidade das ordens religiosas, que se diria dictada pelo proprio Erasmo, terrivel antagonista dos frades, ou por algum rabbino. Quem sabe se o auctor das *Decadas da Asia* não teria pinta de sangue judeu !

Outro escriptor eminente do seculo XVI, Damião de Goes, tem sido suspeitado de heterodoxo, posto que no seu processo inquisitorial elle confesse que nunca deixára de cumprir com exactidão os deveres de bom catholico.

E' possivel, porém, que elle, se não regressasse ao reino, talvez se deixasse arrastar pela corrente da reforma, sendo certo que teve relações com alguns dos seus corripheus. Com quem todavia conviveu

mais de perto e mais longamente, n'uma fraterna amisade, foi com Erasmo, a quem, segundo declara, D. João III, por intermedio de André de Rezende, desejou attrair a Portugal para aqui exercer o ensino. Damião de Goes, correspondendo-se com alguns sabios italianos, como Sadoletto e Bembo, parecia ser um mediador entre Roma e Allemanha.

Damião de Goes não foi o unico escriptor portuguez que frequentou a amisade de Erasmo. Na correspondencia deste se encontram cartas de mais compatriotas nossos. Diogo Pires, natural de Evora, poeta hebraisante, dedicou-lhe dois epitaphios, um em grego, outro em latim. Apesar de tudo isso, o pamphletario de Rotterdam não gosava entre nós do cheiro de santidade, no seculo xviii. Em janeiro de 1755, no anno do terremoto, o dr. Lourenço Boullier, francez, vindo para ensinar a sua lingua em casa do conde de Castello Melhor, assim que chegou a Lisboa foi logo apresentar-se á Inquisição, denunciando o pintor Pillement, e na mesma occasião declarou que lêra no estrangeiro, para o que tinha licença, livros prohibidos, que não trouxera consigo, exceptuando Erasmo, que todavia já entregára.

Pomos ponto, por aqui, a estas considerações, que já vão um pouco longas e talvez pareçam enfadonhas ao leitor, ainda que diligenciássemos ser o mais concisos possivel, persuadidos de que estes indicios talvez possam aproveitar alguma coisa a quem um dia se abalance a escrever, com alto criterio e imparcialidade, a historia das ideias religiosas em Portugal.

6-10-1909.

O argueiro e a trave

Toda a gente, com rarissimas excepções, vê o argueiro no olho do visinho sem vêr a trave no seu e d'ahi resulta, que não ha ninguem que não censure, sob fingida lastima, os defeitos dos outros, apontando-os á vindicta publica! Ah! se todos procurassem corrigir os proprios vicios em vez de emendar os dos outros, como este mundo andaria direitinho, attingindo a perfeição possivel, porque da perfectibilidade das partes resultaria infallivelmente a perfectibilidade do todo!

O contrario, porém, é o que succede e quantos andam afanosos na salvação dos outros, sem considerarem que se perdem a si pro-

prios! Uns procedem assim por mero impulso de generosidade, mas outros não o fazem senão por apparente dedicação, á similhaça d'aquelle procuráador satyrisado nos epigrammas de Bocage.

Bem sabemos que se cada qual tratasse exclusivamente da sua pessoa, o egoismo é que triumpharia e o bem estar commum muito teria a perder com similhante procedimento. E' indispensavel, com effeito, que todo o cidadão abdique alguma cousa da sua personalidade em favor do proximo, d'outro modo a harmonia e o bem estar social seriam cousas intangiveis, mas essa abdicacão deve ser sincera e sem pensamento reservado.

E' sobretudo na religião que se observam com mais frequencia esses actos de abnegação heroica, em que tantos martyres sacrificam a vida, e com ella todos os gosos e riquezas mundanas, no intuito, deveras sublime, de propagarem a bôa doutrina, imaginando salvar as almas dos seus similhantes. Admiramos essa heroicidade, mas não podemos deixar de reconhecer como ella tantas vezes se transforma em fanatismo, dando origem a essas terriveis contendias que ensanguentam a humanidade. Por quantos seculos a onda invasora de Mahomet não assolou os campos do mundo antigo, despertando a tremenda reacção do christianismo!

Uma bôa parte da litteratura portugueza offerece um especial encanto pelo tom dramatico das suas narrativas, pelo pittoresco das suas descripções: é a que se refere ás viagens e descobrimentos maritimos dos nossos antepassados, odysseia grandiosa que deixa na sombra as aventuras de Ulysses cantadas por Homero. Entre tantos, seja-nos permittido citar um livro, que não é dos mais antigos, e onde já se reflecte saudosamente, com as melancolicas tintas da tristeza, a perspectiva da nossa decadencia colonisadora.

E' o itinerario da travessia que da India a Portugal fez por terra o padre Manuel Godinho, incumbido de communicar á nossa côrte o que pensava o governador da India ácerca da entrega de Bombaim aos inglezes.

Manuel Godinho foi embarcar-se n'uma nau de Sorrate com destino ao golpho Persico. Para não ser molestado, viu-se constrangido a disfarçar-se em mouro. Já não eramos os dominadores exclusivos do Oriente. A nau, além de muita carga, conduzia passageiros de diversas castas e crenças; mussulmanos e budhistas. O que n'ella se passou até chegar ao seu destino dá um quadro cheio dos mais curiosos attractivos e incidentes. O leitor commove-se e ri-se porque a tragedia baralha-se com a comedia. N'aquelle scenario está o mundo em

ponto pequeno: um divertido e edificante *microcosmo*. Os ventos e as tempestades açontaram o navio e os perigos fôram tão iminentes, que a morte seria o menor mal de todos, no dizer do nosso Camões. Nos momentos angustiosos, cada qual fazia as suas supplicas e praticava as suas superstições, segundo as suas crenças, olhando-se de soslaio uns para outros, penalizados ou aborrecidos de que não reconhecessem toda a bondade da mesma doutrina. E o nosso padre, que era quasi o unico representante do catholicismo, observava, ora com desdem, ora com piedade, as praticas supersticiosas d'aquelles homens, aliás seus irmãos, que elle considerava irremediavelmente perdidos por não professarem a mesma fé, desesperado de não os poder converter com a sua palavra evangelica. Este capitulo da obra do padre Manuel Godinho vale de per si só todo o livro, pois nos offerece um espectáculo ao mesmo tempo pittoresco, dolorido e do mais profundo ensinamento moral.

Desviados os olhos d'esse quadro aventuroso, que nos se apresenta tão ao vivo as peripecias de uma viagem marítima no seculo XVII, recordemos agora um episodio, em que tão singularmente se vê exemplificado o proloquio popular de que *todos veem o argueiro no olho do visinho e ninguém vê a trave no seu*.

Levantou-se na Sé de Elvas um grave conflicto entre o cabido e o prelado por causa de uma questão de méra pragmatica. Os protocolistas de hoje parecem não terem esquecido as lições dos rigorosos observantistas de outr'ora.

O hyssope, isto é, o direito primacial de espargir, foi o pômo da discordia, originando as mais accesas inimidades em toda aquella familia ecclesiastica e entre os seus amigos e parciaes. Antonio Diniz da Cruz e Silva, magistrado e poeta notavel, viu a scena através da ironia e do sarcasmo e metten-a a ridiculo no seu poema heroe-comico, o *Hyssope*, joia da nossa litteratura, digna de rivalisar com a *Estante do côro*, de Boileau.

Quem nos havia de dizer que este mesmo Diniz, o correcto magistrado, havia de incorrer mais tarde no mesmo delicto, que tanto motejou? Pois foi o que aconteceu. Fazendo parte do tribunal da Relação da Bahia, por causa tambem de irregularidades pragmaticas, de certas faltas de precedencia, que elle julgava offensivas, motivou um litigio com a auctoridade superior, que o governo da metropole teve de resolver superiormente.

O auctor do *Hyssope* pôde, porém, julgar-se feliz, porque o successo adormeceu nos archivos e só ha pouco accordou do seu grande

somno, e ninguém ainda se lembrou de manifestar estas contradições, nem appareceu ainda um poeta que celebrasse comicamente a *hyssopada* da Relação da Bahia.

22-12-1909.

Em camisa

Crêmos fazer justiça aos nossos leitores, suppondo que para a maior parte d'elles não são desconhecidos nem o nome nem a obra de Hans Christian Andersen, que soube adquirir fama universal pelos seus *Contos*, ao mesmo tempo ingenuos e maliciosos, de uma simplicidade encantadora, resumindo sempre como lição de moral, uma ideia poetica e philosophica.

Filho de uma nação pequena, a Dinamarca, e de uma familia pobre e humilde, Andersen passou a sua infancia e o melhor da sua mocidade n'uma situação obscura, que nada fazia prevêr o brilhante futuro que o esperava.

Sem aptidão para qualquer industria ou trabalho manual, sem mesmo demonstrar uma d'estas intelligencias vivas e perspicazes, a sua educação litteraria só tarde, depois dos vinte e tres annos, é que principiou a effectuar-se, revelando-se então um poeta delicado, que suppria as deficiências da fórma pelo mimo do sentimento. O sonhador começa a despertar dos seus devaneios.

Andersen não foi por conseguinte uma creança prodigio e a sua biographia pôde servir de modelo e de incitamento áquelles, cujo espirito é moroso no seu desenvolvimento e cuja actividade mental só mais tarde se patenteia. Apesar do seu temperamento melancolico, quasi de um misantropo, Andersen gostava de viajar e visitou o nosso paiz, residindo por algum tempo n'uma formosa quinta de Setubal, cujos pittorescos arredores lhe fizeram entrevêr um recantosinho do Paraiso. A vida do litterato dinamarquez está portanto, ainda que ligeiramente, ligada á nossa, e não pôde, por esta circumstancia, quando outras não se impuzessem, deixar de nos ser interessante.

Um dos contos mais apreciados de Andersen é o que se intitula *A camisa* ou *O vestido novo do rei*. O fundo d'esta deliciosa narrativa de uma contextura tão finamente humoristica, não pertence todavia ao celebrado dinamaquez. Elle não fez mais que paraphrasear,

não, modificando a essencia e alterando até pouco a fórma, um apoloço' que se perde nos tempos longinquos.

A peninsula iberica póde reivindicar até certo ponto a sua prioridade.

Ha mais de quinhentos annos que um homem de alta linhagem, tão dado ás letras como ás armas, o principe D. João Manuel compilou um livro de contos ou apologos, conhecido vulgarmente sob o titulo de *El Conde Lucanor*, uma especie das *Mil e uma noites* ou do *Decamerone* de Boccacio.

D. João Manuel, se inventou alguns dos seus contos, não fez mais que recopilar os restantes, colhendo-os talvez na tradição mussulmana, pois a sua origem oriental é incontestavel. A gloria de D. João Manuel consiste sobretudo em ter dado ás suas narrativas uma fórma concisa, elegante e conceituosa, n'uma linguagem que ainda hoje é aprazivel, não obstante a sua antiguidade.

El Conde Lucanor é uma das mais preciosas joias da litteratura hespanhola, e, com algumas ligeiras adaptações, poderia passar por um livro moderno, na perpetua juventude das obras primas.

Não sabemos se existe algum trabalho de critica, em que se procurem investigar as fontes, onde Andersen foi beber mais ou menos directamente a sua inspiração.

E' possivel que não tivesse lido o *Conde Lucanor*, mas o que é incontestavel é que elle, por esta via litteraria ou pela tradição, teve conhecimento do apologo oriental, de que se aproveitou talvez como um thema commum pertencente ao dominio da humanidade. Vê-se que fez como La Fontaine ou como Molière a quem se attribue esta phrase: *Je prends mon bien où je le trouve*.

Como quer que seja, o alludido conto ha-de ser sempre saboreado com indizivel encanto. A' côrte de um rei, que muito gostava de se apresentar com opulencia deante do seu povo, chegaram um dia uns artifices maravilhosos que se comprometteram a fabricar, no seu tear de nigromantes, a fazenda para um vestuario, tão rico, tão deslumbrante, de um desenho tão novo, de uma transparencia tão rara, que só os imbecis o poderiam vêr. A proposta pareceu ao rei tão original e tão tentadora, que a acceitou, concedendo aos desconhecidos tecelões todos os materiaes preciosos que elles pediam, o ouro e a seda, o ouro sobretudo. Deu-se-lhes uma casa, onde armaram o seu tear invisivel e no qual pareciam trabalhar afanosamente. Passado algum tempo, o rei mandou informar-se do estado da obra por um homem da sua confiança o qual, por mais que abrisse os olhos, nada viu, mas, como não quizesse passar por imbecil, affirmou ao rei que nunca vira coisa tão es-

pantosa. Succederam-se episodios identicos, até que os tecelões deram a obra por finda e talharam o vestido, com que o rei se havia de apresentar em publico, em festiva solemnidade. Despiu o monarcha o fato usual até ficar em camisa, e os nigromantes fingiram envergar-lhe o sumptuoso vestuario, cuja cauda os cortezãos simulavam apanhar.

O rei saiu á rua no meio de um deslumbrante cortejo, e toda a gente soltava exclamações de pasmo em presença do brilhante trajó, até que uma creança exclamou: *Olha o rei vae em camisa!* E' verdade! é verdade! sussurrou então um côro unisono e o rei não teve outro remedio senão recolher-se ao paço envergonhado e confessar o ludibrio e burla que lhe pregaram os dois nigromantes, que em vão fôram procurados, tendo-se posto a bom salvamento

Andersen não tira a moralidade do seu conto, o que não é preciso, pois mais de um corollario se póde deduzir d'elle, sendo muitas as considerações a que se presta.

Ah! Como a presumpção de não passar por tolo conduz ás mais irrisorias tolices e como a verdade é difficil de reconhecer e de confessar, a não ser pela bôca de uma ingenua creança!

Os dois embusteiros fazem lembrar os exploradores da credulidade publica, que lhe promettem mil venturas e se vão locupletando á custa da bôa fé dos outros, que tão facilmente acreditam nas suas enganosas palavras.

Dá vontade de ser a creança do conto e de avisar por esta fórma os incautos:

Revê-te, povo, na tua nudez e agradece por cima aos que te deixam ainda a camisa!

13-9-1910.

Paciencia!

Um viajante francez, que visitou ultimamente Portugal, observou que nos labios do nosso povo borboleteava ameudo a palavra — *paciencia!*

Se um pobre nos vem pedir esmola e não o podemos soccorrer, em troca do pequeno obulo, proferimos mais ou menos carinhosamente: tenha paciencia!

Se algum amigo vem desabafar comnosco, contando-nos as suas desditas, pedindo o nosso auxilio ou o nosso conselho, a consolação que lhe damos é esta: tenha paciencia!

Se sômos nós proprios as victimas do infortunio, se as coisas não correm consoante os nossos desejos, quantas vezes não exclamamos baixinho: paciencia!

A observação do viajante francez é exacta e justa, e d'ella com effeito se pôde deduzir que sômos um povo paciente, soffrendo com resignação, os desgostos, contratempos e intemperies da vida. Ha outra phrase ainda que se conjuga com aquella, e que é para assim dizer o seu complemento natural e que traduz d'um modo bastante significativo alguma coisa fundamental da nossa indole e do nosso character, é o — *não vale a pena!*...

Este *não vale a pena* é um dos aphorismos da philosophia do *não te rales*, com que tantas vezes procuramos resolver ou adiar alguma situação critica, paralisando assim a nossa actividade e energia mental.

Isto explica até certo ponto a nossa falta de iniciativa, a nossa falta de concorrência, em rivalidade com outros povos, para a resolução dos graves problemas da civilização actual, collocando-nos assim, sob diversos pontos de vista, n'uma sensível inferioridade relativa.

Duas raças, durante seculos, actuaram profundamente sobre a nossa existencia historica e ethnographica, e d'esse predominio, e d'essa influencia constante ainda hoje não se apagaram por completo os vestigios, sendo até muito natural que perdurem indefinidamente. Dos judeus e dos mouros herdámos e retemos muitos traços caracteristicos do genio nacional.

Os judeus, a quem a sorte tem perseguido tão cruel e pertinaz-

mente, considerando-se sempre exilados na propria terra que lhes dá o berço, unidos apenas pela crença religiosa, cosmopolitas e errantes quasi sempre, como o Ashaverus da lenda, por todas estas circumstancias, por todas as vicissitudes, a que teem estado de continuo sujeitos, sentiram a imperiosa necessidade de se curvarem perante o inexhoravel destino, soffrendo silenciosamente os ultrajes e desforrando se apenas da sua humilhação, pela supremacia monetaria de que dispõem.

Elles teem, para allivio das suas maguas, para balsamo das suas dôres, a leitura de umá obra, que é um dos mais primorosos trechos da Biblia e que em todas as litteraturas seria considerada uma obra prima. E' o livro de Job, o modelo mais puro da resignação, o simbolo mais acrisolado da paciencia. Ora nós, se não sômos seus descendentes directos, temos pelo menos uma costella d'aquelle santo homem.

O sentimento da fatalidade, a falta de confiança em nós proprios para nos livrarmos de situações criticas, a imprevidencia de não aproveitarmos o momento opportuno, deixando a resolução das coisas graves para o dia d'amanhã, isso herdamos dos mussulmanos, que parece ainda não terem abandonado a peninsula.

A paciencia é incontestavelmente uma virtude, quando não é levada ao extremo, quando não se traduz em inercia, em falta de energia, para resistir aos males que nos affligem, aos perigos que nos ameaçam.

A paciencia, bem entendida, soffrendo o desalento, converte-se em heroismo, e assim se explica como nós sustentámos, com indizível denodo, com sublime constancia, os horrores dos cêrcos nas fortalezas da Africa, da India e do Brasil.

Fômos e sômos pacientes, mas esta qualidade ou defeito, segundo as circumstancias ou segundo a maneira como actua, não é tão preponderante e tão exclusiva no nosso character, que nos prive de toda e qualquer iniciativa fecunda. A historia assim o demonstra: a historia de hoje e a historia de hontem.

Se sômos pacientes sômos tambem audazes, e assim como do estanho e do cobre se fórma o bronze, assim da paciencia e da audacia se fórma a admirável liga moral do nosso character.

13-12-1910.

Patriotismo e trabalho

O povo portuguez tem hoje na sua mão uma das mais graves responsabilidades da sua historia.

Pela primeira vez, depois d'uma existencia de seculo, elle assume como senhor unico a direcção dos seus destinos, exerce a soberania da sua vontade, liberto da tutela de qualquer usurpador, casta ou familia privilegiada.

Só por si e para si trabalha, mas tambem sobre elle apenas recairão directa e immediatamente, as consequencias de qualquer erro que possa praticar.

A sua soberania affirma-se sem coacção, o poder que conquistou pela revolução, dentro em breve o exercerá pelo suffragio, e a sua actividade não encontra outros obstaculos senão os que a solidariedade social exige. Mas ninguem senão elle terá que resolver as difficuldades que surjam e a ninguem senão a si proprio será licito pedir contas das suas decisões.

Esta é a responsabilidade pelo que a si respeita. Todavia não é unica; a sua responsabilidade vae mais além.

A causa que a revolução portugueza serviu não interessa apenas a nós portuguezes. Interessa a Humanidade inteira.

A arrojada convulsão politica patrioticamente levada a cabo em Portugal no mez de outubro passado, é um episodio da marcha para a democracia das sociedades modernas, que integrando o nosso paiz n'esse movimento, integron o povo portuguez na historia da Humanidade.

Por isso ella nos tem olhado com intensa sympathia desde os primeiros momentos, com espectante curiosidade nos ultimos dias.

D'esta fôrma a nossa responsabilidade attinge proporções que nenhum cidadão póde ignorar.

A vida nacional corre normalmente, assegurando viabilidade ás novas instituições e aprestando o paiz para se engrandecer pela expansão dos maravilhosos elementos de que dispõe?

N'esse caso, além das vantagens materiaes que d'ahi resultam para nós, da nossa acção, do nosso exemplo partirá o alento e o prestigio dos principios democraticos aos olhos de todo o mundo, e teremos concorrido poderosamente para a consagração dos seus generosos ideaes.

Mas surgem perturbações que dificultam o exercício do poder, levantam-se obstáculos à acção do primeiro governo de delegados directos do povo, por elle escolhidos para exercerem o poder que elle proprio conquistou ?

Apparecem complicações n'este periodo inicial em que é necessario assentar as bases do novo regimen democratico, compromettendo sensivelmente a solidez d'essas bases ?

N'esse caso isso, avolumado e exaggerado pelas correntes conservadoras do mundo inteiro, será mais que sufficiente para desprestigiar, não só a nobreza do nosso movimento revolucionario, mas tambem os proprios principios que a revolução portugueza procurou servir.

Esta é pois a nossa responsabilidade para com a Humanidade.

Não só pelo sentimento mas tambem pelo raciocínio, as instituições republicanas em Portugal devem ser acatadas, defendidas e consolidadas por todos os portuguezes como a mais alta expressão do patriotismo, reduzindo-se ao minimo as preoccupações de caracter politico do seu primeiro governo, a fim de que elle possa dedicar-se com exito á necessaria obra de reconstrucção.

As perturbações que ultimamente teem surgido denunciam a existencia de dois erros : Um de caracter politico ; o outro de natureza economica.

O primeiro resulta de se suppôr que uma transformação politica pôde rapida e immediatamente operar a transformação social correspondente, erro aggravado com a convicção de muitos que pensam bastar a politica por si só e sem o concurso de outros agentes, para assegurar solidamente as prosperidades que todos ambicionam.

O outro consiste em se julgar isoladamente a situação de certas industrias e determinadas classes, não se querendo vêr n'esses campos de actividade um episodio apenas das más condições geraes do trabalho entre nós, um promenor, um aspecto do mal estar e das difficuldades que attingem toda a vida nacional.

O trabalho é geralmente mal remunerado entre nós. O funcionalismo vive difficilmente, a magistratura tem honorarios deficientes, o professorado é ridiculamente pago, a agricultura soffre todas as inclemencias, e isto não pôde evidentemente modificar-se senão por uma acção que para ser efficaz e solida deve necessariamente ser lenta e progressiva.

Pelo que especialmente diz respeito ás industrias, a sua situação resulta de factores de ordem economica que a politica é impotente para transformar n'um dia.

Em Portugal as industrias não podem deixar de ser artificiaes, como é logico n'um paiz onde falta o carvão, o ferro e grande parte das materias primas.

Só á custa d'um proteccionismo exaggerado e inconveniente para a barateza da vida ellas podem conservar-se.

Ha-de ser necessario, com o tempo e gradualmente, modificar este regimen de excessiva protecção industrial, transformando-o em outro de maxima protecção agricola, porque o que a natureza, o clima e o sol fizeram de nós foi um povo principalmente de agricultores e de pescadores e não de industriaes ; mas para um seguro exito é necessario tempo, vagar, estudo e criterio de modo que nenhuns interesses sofram, inclusivamente os das classes que hoje das industrias vivem.

O paiz ha-de engrandecer-se e prosperar pelo trabalho e depois que o agudo problema politico dos ultimos tempos acaba de ter soluçãõ n'uma forma que bem poderemos chamar-lhe — «a soluçãõ nacional» — agora só um caminho resta a todos os patriotas para que a patria se torne forte, rica e prospera — o trabalho sereno e persistente.

25-1-1911.

INDICE

	Pags.
PREFACIO.....	v
Artigos sobre arte	
A arte portugueza e as suas manifestações historicas e patrioticas	3
Galerias de pintura em Lisboa — Damião de Goes.....	6
Uma peregrinação patriotica e artistica — A Batalha	8
A fabrica de louça de Bordallo Pinheiro.....	11
Protecção ás obras de arte e da natureza	13
Os museus civicos ou municipaes.....	15
O Museu de Bellas Artes.....	18
Preciosidades artisticas — Os quadros de S. João de Tarouca	20
A photographia e o inventario artistico nacional	23
As collecções artisticas	25
O Museu Nacional e os productos artisticos do Oriente — Os tapetes persas.....	28
A educação esthetica do povo portuguez.....	30
Artigos sobre industrias	
As industrias caseiras e populares portuguezas — Adaptação e generalisação das suas fórmas	35
Influencia do progresso nas industrias caseiras e domesticas.....	38
A archeologia da industria	40
O Natal e as industrias nacionaes.....	42
Artigos sobre theatros	
A religião e o theatro	47
Vicissitudes do theatro nacional	49
O futuro do theatro	52
O direito de patear	54
Artigos sobre educação	
Educação musical do povo portuguez.....	59
Ensinar brincando.....	61
Processos de educação paterna.....	64
A leitura na escola primaria	66
Principios educativos. Bons e maus exemplos.....	69

	Pags.
O melhor modo de educar creanças.....	72
A mulher educadora	74
A direcção do ensino	77
A educação luxuosa	79
A quem pertence a escola	81

Artigos sobre educação da mulher e feminismo

A educação da mulher e a sua emacipação pelo ensino.....	87
A operaria lisboeta	89
A cozinha domestica	91
A independencia da mulher. Qual o verdadeiro typo da mulher moderna ?	93
O trabalho e a educação das mulheres.....	95
Epidemia moral.....	98
O trabalho nacional e a mulher do norte	100
O respeito pela mulher.....	102
Valor social da mulher.....	104
As qualidades essenciaes da mulher	107
A mulher e a infancia — Protecção a uma e a outra.....	109
O feminismo	111

Artigos sobre indigencia e beneficencia

Auxiliemo-nos uns aos outros.....	117
As industrias da miseria em Lisboa	119
A mendicidade e as creanças. Vicios de educação popular.....	121
Tudo pelos ceguinhos !.....	124
As instituições de beneficencia em Lisboa.....	126
A exploração das creanças	129
Indigencia e beneficencia	131
A protecção aos menores.....	133

Artigos commemorativos

Santo Antonio de Lisboa.....	137
O centenario de Garrett	139
O quarto centenario de Damião de Goes.....	142
Luiz de Camões — 10 de Junho de 1580	144
O dia 24 de julho	146
O centenario de Victor Hugo	148
Gil Vicente — O 4.º centenario da creação do theatro portuguez	151
Uma data memoravel	154
O centenario da guerra peniusular	157

Artigos festivos

O dia de Natal.....	163
Alleluia !	165
O 1.º de maio	167
Terça feira gorda	169
A paixão de Christo	171

Artigos necrológicos

El-rei D. Luiz — A ultima viagem de el-rei.....	175
João de Deus	176
Eça de Queiroz.....	179
Thomaz Ribeiro.....	181
José Germano da Cunha	184
Raphael Bordallo Pinheiro	186

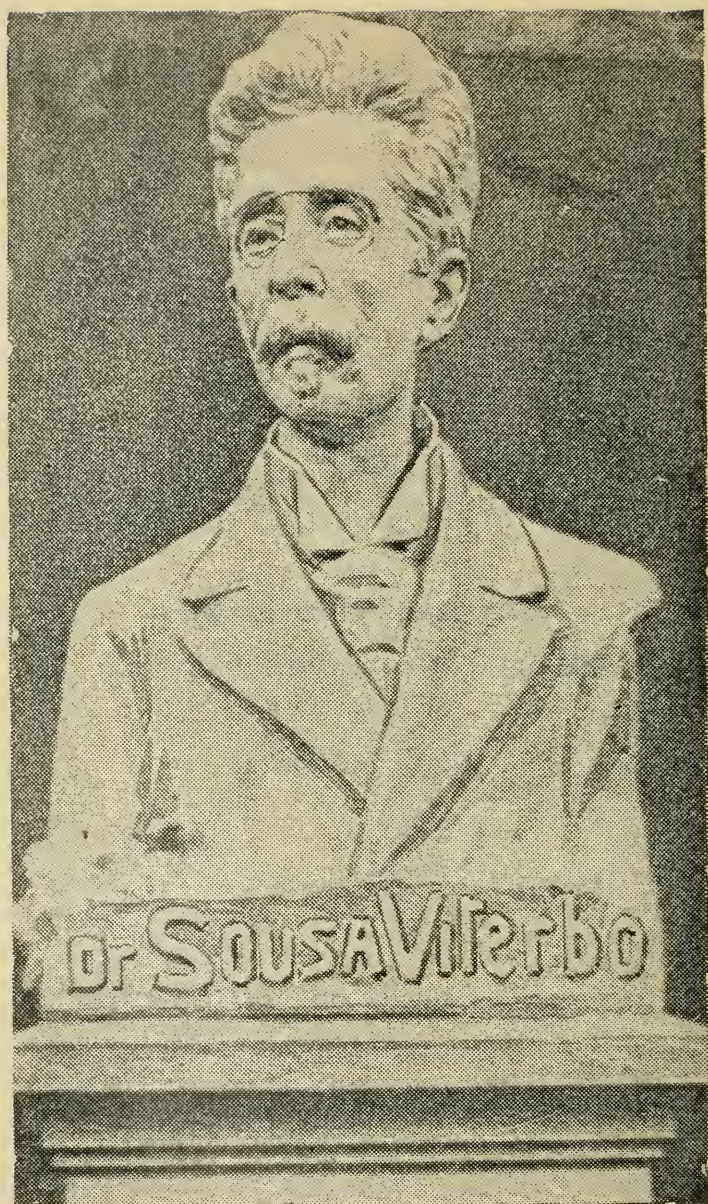
Artigos doutrinarios, historicos e litterarios

As corridas de touros.....	191
A bandeira portugueza — O respeito que se lhe deve	193
Um apologo e um proverbio — Como se poderiam applicar convenientemente ao nosso paiz.....	195
O que fômos e o que sômos — Virtudes perdidas, vicios herdados	197
Meios de ganhar a vida... honradamente	199
A linguagem — Espelho dos costumes	202
Ninguem e Todo o Mundo	204
Aspectos da vida.	206
O não te rales.....	208
A vida portugueza na realidade e á superficie	210
A historia de Portugal.....	213
O saber não occupa lugar	216
Respeito pelos filhos.....	218
Como é difficil saber viver	221
Economico ou perdulario?.....	223
Quando acabará o progresso?.....	226
A vida popular e economica de Lisboa	228
A virtude e o vicio — O premio e o castigo	231
O goso da vida.....	233
As lições da Historia	236
Heroismo e trabalho.....	238
Os florões da corôa marcial.....	241
O culto da natureza	243
O passado e o presente	245
O nú em exposição permanente	248
A Reforma e Erasmo em Portugal	250
O argueiro e a trave.....	252
Em camisa	255
Paciencia !	258
Patriotismo e trabalho.....	260

ERRATAS

<i>Paginas</i>	<i>Linhas</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
4	25	ncendio	incendio
12	2	nbjectos	objectos
"	5	obsorvido	absorvido
13	11	receacemos	receassemos
61	1	se se	se
"	34	esoço	esboço
73	57	passava	e passava
91	15	mestres	mestras
95	35	era casa	era a casa
96	19	adversva	adversa
97	14	A lojas	As lojas
"	20	No regios	Nos regios
103	34	robriões	vibriões
175	40	n'outa	n'outra
127	29	a despezas	as despezas
133	11	sociedade	saciedade
143	32	Varzia	Varzea
169	23	disfarces	disfarces
194	28	o interrogaram	a interrogaram
195	24	pelas circumstancia	pelas circumstancias
201	20	essas montados	esses montados
205	38	pleiteam	pleiteiam
245	1	mas	mais
251	23	terem	ter

APOSTILA
AO LIVRO
CEM ARTIGOS DE JORNAL
DE
SOUSA VITERBO
PUBLICAÇÃO DE HOMENAGEM DA EMPRESA
LO
Diario de Noticias



APOSTILA

Como explicação dos motivos por que o produto integral da venda d'este livro se destina ás despesas da fundição em bronze do busto de Sousa Viterbo, modelado pelo escultor Francisco Santos e destinado á sala das sessões da Sociedade dos Arqueólogos Portugueses, no museu do Carmo, em seguida se reproduzem alguns documentos elucidativos, assim como dois artigos insertos no *Diario de Noticias*, e nos quaes se condensam os comentários e criticas que na imprensa, em diversas colectividades scientificas e no espirito das pessoas ilustradas e inteligentes sugeriu a resolução da maioria do Senado portuguezs.

Projecto de lei n.º 28 B

Passa hoje o primeiro aniversario sobre a morte do dr. Sousa Viterbo. Recordalo é trazer a evocação saudosa d'um dos filhos dilectos da nossa terra, d'uma autentica gloria nacional.

Verdadeiro espirito de eleição, a um tempo poeta e erudito, a sua vida foi um exemplo nobilissimo de trabalho incessante e indefectivel.

A sua obra é um monumento imorredouro de sensibilidade e de saber, porque foi tão solidamente documentada como profundamente sentida; porque as aladas fugas da sua fantasia partiam sempre, consciences, seguras, do conhecimento proximo dos homens e da investigação paciente das coisas.

Um dos aspectos mais nobres e patrioticos da grande missão que a Republica se impoz é, certamente, nobilitar a memoria dos seus grandes homens, arranca-los ao iniquo, ao brutal esquecimento a que o sibiritismo egoista do regimen extincto os condenava, para os exaltar, para os oferecer, para os impor, em toda a sua iluminada evidencia, ao exemplo, á comovida consideração do povo, e para lhes dar o merecido lugar na Historia.

O dr. Sousa Viterbo está seguramente neste caso. Ele não é um nome re-tumbante, não, porque foi sempre um solitario, um retraído, um sonhador; porque a sua modesta isenção igualou em grandeza o seu subtil talento; porque ele tinha o suave, o caudido orgulho das almas simples. Não foi um nome re-

tumbante, mas foi um dos nossos grandes cabouqueiros na laboriosa escavação do Passado, foi um dos mais claros e comovidos e profundos anotadores das glórias patrias.

O seu monumental *Diccionario documental e historico dos architectos* bastava para lhe assegurar uma reputação perduravel; mas os poemas da sua mocidade são obras primas, e, depois, é colossal a abundancia das suas investigações archeologicas e artisticas, prodigamente dispersas por toda a sorte de publicações, amorosamente, entusiasticamente, com uma perseverança incansavel, sempre com uma ardencia de evangelizador e uma paciencia de beneditino.

Para em tudo ser interessante esta nossa grande figura literaria, nem escapou á historia tragica do genio. Cego e paralitico, prematuramente inutilizado quasi para a vida material, não o feriu assim o Destino apenas por efeito d'esta ironia paradoxal com que ele de ordinario castiga os seus eleitos; o Destino quiz assegurar a esse isolado por temperamento, uma solidão, uma paz, um isolamento maior ainda; quiz liberta-lo das contingencias dispersivas do exterior, para que, dentro da sua alma, essa como que eliminação do mundo objectivo se transmudasse em mais ampla e mais límpida claridade; quiz que, assim pela inacção e pela treva colocado fóra das paixões e dos appetites, esse novo asceta espiritual melhor pudesse visionar o mundo, tranquilamente, de alto, como uma grande planicie, como um vasto mar sem perfidias e sem sombras.

Dentro da sua habitação modestissima, que quadro soberbo, emocionante! Inolvidavel ficou para quantos alguma vez lograram ve-la, a tenue, a emaciada figurita d'esse valetudinario precoce, inalteravelmente rodeado por um dos mais admiraveis exemplos de piedade conjugal e filial, — e que nos acolhia carinhosamente, dando-nos, generoso e pronto, a lição das coisas, em frases saltantes como toques de pincel, com a vida toda no cerebro, numa voz clara e convicta, enquanto movia animadamente a cabeça, e com as fundas orbitas cheias tambem de ligeiras sombras moveiças, que eram como que um reflexo vago do infinito...

A Republica tem que reconhecer oficialmente os serviços do dr. Sousa Viterbo, por uma fórmula tangivel e perduravel, que não apenas pela demonstração platonica de meia duzia de frases banais. A Republica deve-lhe uma demonstração, modesta embora, como a sua vida, mas que seja bem significativa na sua mesma singeleza. É o que se pretende traduzir no presente projecto de lei, o qual tem aliás a valorisal-o o nome do illustre senador sr. Bernardino Machado, que tambem quiz subscrive-lo. Perfilhando este projecto de lei, o Senado não honrará sómente o nome de Sousa Viterbo, honrar-se-á a si proprio e honrará a Republica.

O projecto de lei é como segue :

Artigo 1.º — É o governo autorizado a conceder o bronze necessario, e a mandar proceder á fundição no mesmo metal, dum busto do escritor Sousa Viterbo, que será colocado na sala das sessões da Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses no museu do Carmo.

Art. 2.º — Os moldes para esta fundição serão feitos sobre um busto do aludido escritor, obtido pela mesma Associação dos Architectos e Archeologos, e precedendo consulta do Conselho de Arte e Archeologia da 1.ª Circunscrição.

Art. 3.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Bernardino Machado — Abel Botelho.

Parecer n.º 68

Senhores Senadores. — A vossa comissão de finanças, ao ter de dar parecer relativamente ao projecto de lei que vai junto, o qual tem por fim autorizar o Govêrno a mandar fundir em bronze, á sua custa, um busto do honrado e erudito escritor, já falecido, Francisco Marques de Sousa Viterbo, encontra-se entre as pontas dum dilema. Se der parecer desfavorável, isso poderá injustamente parecer menos consideração e menos elevado preito pela memória do benemérito e proficiente escritor, que, aos seus altos dotes de estudo, pesquisa e saber, juntava a mais natural e despretensiosa modéstia. Se der parecer favorável, terá assim a vossa comissão mostrado por um lado que não zela com afiço e tenacidade os interesses do erário público, e mostrará, por outro lado, que descuidada ou não compreende a levantada e proficua orientação que, modernamente e em todos os tempos, deve ser dada ao espirito público, em um Estado governado por uma Constituição liberal, democrática e progressiva, e que deve ser conducente ao desenvolvimento das iniciativas individuais e ao mútuo e recíproco auxílio e concurso dessas iniciativas para todos os assuntos que tenham em mira o bem público e para todas as idéias generosas e estimuladoras de nobres manifestações.

Em todas as nações civilizadas e em que exista a alta compreensão do espirito de solidariedade dos seus membros, o preito de subida consideração pela memória dos homens ilustres falecidos deve receber a sua sanção, não do Estado, mas sim dos cidadãos em geral e especialmente dos que de perto puderam apreciar os altos dotes dos falecidos. A iniciativa por parte do Estado faz perder a essas manifestações o cunho de espontaneidade que devem ter, e por assim dizer amesquinha-as e deprime-as; enquanto que a iniciativa voluntária e espontânea dos admiradores dos homens ilustres falecidos, acompanhada também do auxílio e concurso voluntários e espontâneos do público, faz surgir a imagem desses homens ilustres por entre a auréola luminosa que refulge brilhante e imaculada de milhares de corações e de milhares de cérebros.

Ponderando, pois, as considerações anteriores, pró e contra, a vossa comissão de finanças é de parecer que não deve ser aprovado o referido projecto de lei. — Senado, 4 de Março de 1912. — *José Maria Pereira.* — *Alfredo Botelho de Sousa.* — *Tomás Cabreira.* — *Indácio Magalhães Basto.* — *José Nunes da Mata.*

**Declaração de voto do sr. Anselmo Braamcamp Freire,
presidente do Senado**

Declaro que, se tivesse estado presente quando, no final da sessão passada, foi posto á votação o parecer n.º 63 tel o-ia rejeitado :

1.º Por não concordar com a doutrina de não competir tambem ao Estado sancionar e prestar a homenagem á memoria de cidadãos ilustres ;

2.º Por considerar, n'este caso, a recusa de uma despesa de 120 a 150 mil reis exagerada preocupação e não zelo pelos interesses do Erario Publico ;

3.º Finalmente, e principalmente, porque a obra literaria e historica de Sousa Viterbo se impõe a todos pela sua vastidão, indiscutivel importancia e inflexivel seriedade, tais que no estrangeiro, onde é bem conhecida, serve como poucas, para honrar a sciencia a e literatura portuguesas. — *A. Braamcamp Freire.*

(Do «Diario de Noticias» de 10 de março de 1912)

Reproduzindo ontem o parecer da comissão de finanças do Senado referente ao projecto dos srs. dr. Bernardino Machado e Abel Botelho para que fosse autorizado o governo a mandar fundir á sua custa um busto do dr. Sousa Viterbo, acrescentámos-lhe algumas rapidas palavras de comentario.

Esse parecer pretende justificar a recusa de tal autorização com argumentos que poderão talvez impressionar pela novidade, mas que se singularizam principalmente pela extravagancia.

Infelizmente, nem o sr. dr. Bernardino Machado, por incomodo de saude, nem o sr. Abel Botelho, por ausencia do paiz, puderam defender o seu projecto contra os peregrinos considerandos da comissão, que áqueles dois illustres homens de sciencia e de letras, e ao publico em geral, veiu ensinar a doutrina moderna de honrar as memorias dos homens notaveis. Permita-se-nos, portanto que não deixemos nós, que temos especiais deveres a cumprir neste assunto, passar sem reparo uma tão original maneira de glorificar personagens illustres e benemeritas.

E como convêm fixar, para edificação e estimulo dos que ainda ingenuamente se empenham em bem servir a sua patria, a ultima palavra no que respeita ao modo como o Estado deve prestar homenagem aos seus bons servidores extintos, relembremos que a comissão de finanças do Senado entende que o preito de consideração pela memoria dos homens illustres falecidos **não deve receber a sua sanção do Estado.**

Talvez custe a acreditar que isto se escrevesse, mas quem tiver duvida pode ler o parecer e lá encontrará, envolto em vistosas roupagens de empolado estilo, aquelle alto e nobre pensamento clara e nitidamente expresso.

Talvez o mesmo se não pensasse e escrevesse, se se tratasse de considerar e contemplar vivos. E talvez tambem com equal criterio se não houvesse já procedido em relação a outros mortos de não mais benemerita fama.

Mas este de que se trata foi tão grande pelo trabalho e pelo talento, como foi pela modestia e pela despretenção, e esta circumstancia talvez explique as considerações do parecer...

Os sentimentos democraticos de Sousa Viterbo não eram de afivelar hoje e de desafivelar amanhã: não constituíam nele um artificio, porque estiveram sempre, desde a sua adolescencia até á sua velhice, nas suas convicções mais radicadas e mais sinceras. Ele, que, aos 20 anos, em prosa e em verso, saudava entusiasticamente a Republica, morria aos 65, enlevado nos mesmos ideais de democracia redentora e havendo sempre exemplificado, pela singeleza e simplicidade do viver e pelo desprendimento de ambições, que viera ao mundo para defender e patrocinar a causa do povo e não para viver e se locupletar á custa do povo.

Ora quem assim é, vem fatalmente condenado pelo destino a nunca beneficiar das grandezas da terra. Por isso ele, em vida, jámais obteve do Estado galardão condigno dos seus meritos, e, depois de morto, ainda provoca a estranha doutrina de que o Estado nada tem nem deve ter com os preitos que merecem homens da sua envergadura intelectual e moral!

Que primoroso artigo de jornal ou que fino e humoristico epigrama lhe não inspiraria a ele, se vivo fosse, este assunto que por igual se presta á severidade da critica e á ironia da sátira!

Por ultimo, convém esclarecer, para que não se imagine que o projecto dos srs. Bernardino Machado e Abel Botelho importava pesados sacrificios para o tesouro, que não se trata de um grande monumento, como os da estatua de D. José I ou de D. Pedro IV, mas da simples e comestiva reprodução em bronze de pouco mais de que uma cabeça de homem em tamanho natural.

O principal e mais custoso trabalho, o da modelação em gesso, executou-o generosamente um escultor pobre, que no seu talento e no seu coração achou recursos para realizar a obra.

Para a mera reprodução em bronze dessa mesma obra de valor artistico, o Estado não pode dispensar um pedaço de canhão inutilisado e alguns dias do trabalho de operarios sem muito que fazer!

Por tudo isto lamentavamos ontem e lamentaremos sempre que a commissão, por honra do proprio parlamento e do paiz que este representa, não orientasse o seu parecer em sentido menos mesquinhamente economico e mais larga e nobremente patriotico.

Zelo e preocupação

(Do «Diario de Noticias» de 15 de março de 1912)

Fazendo a sua nobre, justa e fundamentada declaração de voto no Senado, com referencia á rejeição do projecto que tinha por fim autorizar a fundição do busto do dr. Sousa Viterbo, á custa do Estado, justificou o illustre presidente daquela casa do parlamento a sua discordancia do parecer da commissão de finanças, com a judiciosa consideração de que, num caso como o de que se tratava, a recusa de uma despesa de 120 ou 150 mil réis revelava «*exagerada preocupação e não zelo pelos interesses do Erario Publico*».

Nada mais verdadeiro, e nada tambem mais lamentavel do que o esquecimento e desprezo de tão assisada opinião. E pena foi que, num final de sessão, á pressa e quasi sem conhecimento de causa, e ainda com preterição das deferencias devidas a um dos signatarios do projecto, o illustre senador e parlamentar sr. dr. Bernardino Machado, que, por doença, estava ausente da camara, e portanto não podia defender o mesmo projecto, se resolvesse, como se resolveu, tão melindroso assunto.

E chamamos-lhe melindroso, porque não se tratava de uma impertinente sollicitação a favor de algum vivo de duvidoso merito, ou de se exaltar a memoria de qualquer desconhecido sem prestimo, mas porque todos os melindres seriam poucos ao recusar-se tão mesquinho preito a um morto notavel e glorioso por tantos titulos, sem esquecer os do seu desinteresse e abnegação, que o levaram a tão pouco beneficiar dos favores do Estado e a viver sempre na escassa mediania daqueles a quem não bafeja a protecção dos poderes publicos.

O parecer da commissão de finanças e o voto confirmativo do Senado não denunciaram portanto um zelo, sempre louvavel, pelos interesses do Erario, por vezes sacrificados a causas de bem mais difficil defeza. Trahiram apenas a indesculpavel preocupação de ostentar rigores de economia á custa do bom credito das proprias instituições e com desrespeito pelo nome de um homem que é

uma gloria do paiz e pela memoria de um cidadão a quem a sua patria ficou devendo serviços e dedicações que se não pagam com a mesquinha e regateada importancia de um busto, porque, pela sua grandeza e magnitude, imperfeitamente poderiam ser avaliados pelos mais peritos contabilistas da mais abalisada comissão de finanças.

Nada mais plausivel do que o zelo inteligente e bem orientado; mas nada mais deploravel do que as preoccupações exageradas, por timidez ou por deficiente conhecimento dos assuntos.

Não duvidamos um momento das boas intenções da comissão de finanças do Senado, nem dos senadores que lhe deram tão facil e preeipitadamente o seu voto. Mas de boas intenções está o inferno calçado e é com elas, e apezar delas, que se cometem injústiças e se praticam afrontas como as de que é vítima a memoria de Sousa Viterbo.

Nada mais respeitavel do que o zelo, porque só as pessoas zelosas se esforçam por não agravar mortos nem vivos, por ser justos e equitativos para com todos, grandes e pequenos, poderosos e desprotegidos; mas nada que menos se imponha ao respeito e á consideração do que as exageradas preoccupações sistematicas de quem quer que seja, porque ás pessoas exageradamente preocupadas falta a razão serena e o criterio seguro que fazem distinguir um Sousa Viterbo dum qualquer socio inutil mas espaventoso de qualquer dessas corporações pseudo-scientificas que enxameiam o paiz.

Com tanta finura como bom senso distinguiu, pois, o nobre presidente do Senado, sr. Anselmo Braamcamp Freire, entre o zelo, que é apanagio dos animos fortes, e a «exagerada preocupação», que é uma caracteristica doentia dos espiritos desconfiados.

Convencidos estamos de que se, por uma desgraçada coincidência, aquele illustre parlamentar, que tão bem e tão de perto apreciou o altissimo valor e os inestimaveis serviços de Sousa Viterbo, não se houvesse retirado da camara antes da votação do malfadado parecer, este teria outra sorte e o Senado poderia contar no seu activo uma alta e nobre acção, tão dignificadora da memoria de um portuguez verdadeiramente benemerito, como de si proprio e do pais que representa e cujo nome e creditos lhe cumpre zelar.

E o zelo aqui — ainda, como ninguem, lh'o saberia explicar o seu sabio presidente — não seria a preocupação estreita de não gastar uma duzia de dezenas de mil réis com uma homenagem justissima como poucas o seriam tanto, mas a de votar e aprovar essa miseravel despeza, com mais pressa e desembaraço ainda do que a pressa e desembaraço que demonstrou... em a recusar.

**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

AC
75
S65

Sousa Viterbo
Cem artigos de jornal

O produto da venda desta obra destina-se ás despesas com a fundição em bronze do busto do Dr. Sousa Viterbo que o escultor sr. Francisco Santos modelou para a Associação dos Arqueólogos Portugêses, e que em fotogravura se reproduz na Apostila a este livro.

O excedente reverterá para institutos de beneficencia.